

He's rich, powerful, and he owns me...
But I don't even know who he is:

ALPHA

New York Times and *USA Today* Bestselling Author

Jasinda Wilder

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Índice

[Sinopse](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo Extra](#)
[Playlist](#)

Sinopse

A primeira vez que isso aconteceu, parecia um milagre impossível. Dívidas foram se acumulando, somando mais dinheiro do que eu poderia conseguir. Contas hospitalares da mamãe. Aula do meu irmão mais novo. A taxa da minha matrícula. Aluguel. Eletricidade. Tudo isso em meus ombros. E eu tinha acabado de perder meu emprego. Não havia esperança, não havia dinheiro em minha conta, sem trabalho para ser encontrado. E então, quando pensei que toda a esperança estava perdida, encontrei um envelope no correio. Nenhum endereço de remetente. Meu nome na frente, meu endereço. Dentro havia um cheque, nominal para mim no valor de dez mil dólares. O suficiente para pagar as contas e me deixar alguma sobra para viver até que encontrasse um emprego. O suficiente para me deixar concentrar nas aulas. Não havia nenhum nome no cheque, apenas “VRI Inc.”, e um endereço de caixa postal de algum lugar da cidade. Nenhum indício de identidade ou o motivo para verificação ou qualquer coisa. Nenhuma menção de reembolso, juros, nada... a não ser uma única palavra: “Você”. Apenas aquelas quatro letras.

Se você receber um cheque misterioso, dinheiro suficiente para apagar todas as suas preocupações, você iria descontá-lo?

Eu o fiz.

No mês seguinte recebi outro cheque, novamente vindo de VRI Incorporated. Ele também continha uma única palavra: “Pertence”.

Um terceiro cheque no mês seguinte. Desta vez, duas palavras. Quatro letras. “A mim”.

Os cheques continuaram chegando. As palavras pararam. Dez mil dólares, todo mês. Uma garota se acostuma com isso, bem rápido. Isso fez com que eu pagasse as contas sem me endividar. Fez com que eu mantivesse meu irmão mais novo na escola e os cuidados da mamãe pagos. Como você dispensa o que parece ser dinheiro livre, quando está desesperado? Você não faz. Eu não fiz.

E então, depois de um ano, houve uma batida na minha porta. Uma limusine preta elegante parada na calçada em frente a minha casa. Um motorista ficou na minha frente e falou sete palavras: “É hora de pagar a sua dívida”.

Você teria feito isso?

Eu fiz.

Acontece que 120.000 dólares não vem de graça.

Capítulo 1

O Envelope

— **S**enhorita St. Claire. Entre, por favor. — meu chefe, Sr. Edwards, acenou com a mão para as duas cadeiras de frente para sua mesa. — Sente-se, Kyrie. — ele disse isso errado, como sempre, pronunciando *Kye-ree*.

— Meu nome é *Keer-ee*. — eu não podia deixar de corrigi-lo pelo que deve ter sido a décima oitava milésima vez.

Sr. Edwards deslizou em sua moderna cadeira de couro preto e em seguida, desabotoou o paletó. — Sim. Claro. — ele puxou os punhos da camisa branca de botão apertada, e limpou a garganta. — Bem, senhorita St. Claire, eu vou direto ao assunto. Estamos liberando você, desculpe. Não tem nada a ver com você - é simplesmente que estamos agilizando nosso fluxo de trabalho, e como o mais novo e menos experiente membro da nossa equipe... Bem, seus serviços se tornaram um pouco supérfluos.

Eu pisquei. Duas vezes. Três vezes. — Eu sou... O quê?

— Supérflua. Significa...

— Eu *sei* o que significa supérflua. Eu só não entendo *por que* isso está acontecendo. Na semana passada, Don disse que eu era a próxima na fila para uma posição permanente...

Sr. Edwards me cortou com uma mão levantada. — Don estava errado e eu peço desculpas pelo mal-entendido. Você vê, Don tinha o hábito um pouco infeliz de fazer promessas que não tinha autoridade para fazer, e nenhum recurso para mantê-las. Ele também foi dispensado. — uma discreta limpeza de sua garganta indicou que o assunto estava encerrado. Ele abriu uma gaveta e retirou um envelope. — Seu salário final, senhorita St. Claire. Ele inclui uma indenização de subsídio de duas semanas. Você pode limpar sua mesa imediatamente. Caso necessite de uma referência, você pode apresentar um pedido por escrito, através dos canais apropriados.

Eu balancei minha cabeça. — Não, por favor... Sr. Edwards, você não pode fazer isso. Eu preciso deste emprego, você não faz ideia. Eu nunca cheguei atrasada, nunca deixei de fazer o meu trabalho melhor do que qualquer outra pessoa no meu grupo. Por favor, me dê uma chance...

— Senhorita St. Claire. Implorar não vai mudar os fatos. O assunto está encerrado. Você foi designada para nós através de uma agência de empregos temporários. Empregos temporários, ou seja, *temporária*. Como eu disse, isso não é um castigo. Não estamos demitindo você... Estamos simplesmente lhe liberando, agora que a sua posição não é mais necessária. Agora, se você não se importa, eu tenho uma chamada de conferência dentro de instantes. — Sr. Edwards arqueou uma sobrancelha para mim com expectativa.

— Tudo bem. — eu me levantei alisando minha saia lápis marinha sobre meus quadris me virando. — Babaca^{1}.

— Desculpe-me? — Sr. Edwards ficou de pé, punho cerrado ao seu lado. — O que você disse?

Eu levantei meu queixo. — Eu disse *babaca*. — eu usei o mesmo tom condescendente que ele tão frequentemente usava. — É um termo pejorativo que significa pênis. Ou seja, você... é... um... babaca. — eu me virei outra vez, agarrei a maçaneta e a girei.

Eu fui parada por uma mão no meu pulso. — Ora, ora, senhorita St. Claire. Você não quer ir pelos xingamentos, não é? Eu posso muito facilmente ligar para a sua agência de empregos temporários e me certificar de que você nunca trabalhe em seu grupo novamente. — seus dedos apertaram no meu pulso e eu senti sua respiração no meu pescoço. — E... Sabe, pode haver *uma* maneira que você possa manter o seu emprego. Possivelmente até conseguir essa posição permanente que você mencionou.

Eu o senti pressionar contra mim, senti a evidência do que ele queria de mim. E, eu não vou mentir, o pensamento passou pela minha cabeça. Uma vez. Muito, muito brevemente. Eu precisava desse emprego. Eu já tinha dois meses de aluguel atrasado, três meses de conta de energia elétrica atrasadas, em dia apenas com a minha mensalidade escolar e a do meu irmão, mais os custos sempre crescentes dos cuidados da minha mãe. Eu poderia fazer o que este idiota queria, e manter o meu emprego. Não levaria muito tempo. Poucos minutos desagradáveis, se tanto. Ele era velho, perto de sessenta anos, eu acho. Adequado o suficiente para a sua idade, mas de nenhuma maneira viril.

Mas... Não importava quão desesperada eu poderia estar, isso nunca iria acontecer. Não desse jeito. Não com esse cara. Se ele fosse gostoso e eu quisesse, talvez. Seria uma coisa se esse fosse um emprego incrível que realmente pagava as contas. Mas era um emprego temporário. Horista e uma taxa horária de merda. Mal dava para cobrir *uma* conta, muito menos todas as contas que eu tinha que pagar.

Eu me virei, deixando-o segurar meu pulso. Por enquanto. Ergui meus olhos para ele, colocando a minha melhor cara de pôquer. — É? Só isso? Que fácil, não é? Eu o chupo, e você vai me deixar ficar com o meu emprego? Deixo você me foder sobre a mesa, e vou conseguir a posição permanente, também, aposto.

Ele não notou a calma perigosa em minha voz. — Agora você está pensando. — ele lambeu os lábios, levantou um dedo para tocar o ápice do meu decote - o pouco do que mostrava minha roupa de trabalho conservadora. — Você é uma jovem muito atraente, senhorita St. Claire. Eu tenho certeza de que podemos chegar a um arranjo agradável.

Deus, eu odiava a maneira maliciosa, um *falso* formal que ele falou. *Um arranjo agradável*. Eu forcei a minha repulsa para baixo por mais alguns segundos. — O que você tem em mente, Sr. Edwards?

Minha coluna arrepiou com nojo enquanto seus olhos cobiçavam e sua língua estalou sobre seus lábios finos e pálidos. Ele teve pouco trabalho com o cinto e eu ouvi o *zzzzhrip* revelador de seu zíper descendo. Eu não olhei, não queria ver o que ele tinha acabado de puxar para fora.

— Bem, vamos ver como você faz e nós vamos a partir daí. — ele encostou-se à borda da escrivaninha, com um sorriso guloso em seu rosto. — E... Desabotoe a blusa um pouco.

Eu brinquei com o botão da minha camisa, olhando fixamente em seus olhos castanho claro. — Você quer um pequeno show, hein, Sr. Edwards? — eu liberei o botão de cima, o que eu teria feito no elevador de qualquer maneira. Eu senti os meus seios afrouxarem

um pouco, já não tão apertados. Seus olhos devoraram a extensão do decote. — Que tal assim?

— Muito agradável. Mas... Que tal um pouco mais?

Eu assenti, como se isso fosse perfeitamente razoável, ainda me recusando a olhar para sua virilha. E então, sem aviso, eu joguei minha cabeça para frente, senti minha testa se conectar com seu nariz e senti a cartilagem se quebrar. Eu me afastei conforme o sangue carmesim escorria de seu nariz. — E que tal *foda-se*, Sr. Edwards?

Deixei-o sangrando, flácido contra sua escrivaninha. Estremeci quando peguei um vislumbre accidental de seu pênis agora flácido, enrugado, cheio de veias, pendurado sobre seu zíper. *Deus, eu poderia ter passado o resto da minha vida sem ver aquilo.*

Eu abri a porta e saí, olhei para minha camisa e amaldiçoei quando percebi que tinha algumas gotas de sangue nela. Eu parei no banheiro feminino e passei a água fria sobre a mancha, então fui buscar meus pertences da minha mesa. Eu não tinha muito para pegar, algumas barras de granola, alguns absorventes internos reservas e - o mais importante - a foto emoldurada da minha mãe, meu pai, meu irmão mais novo Cal e eu. Ela foi tirada há vários anos. *Antes.* Antes que meu pai fosse assassinado. Antes que minha mãe ficasse doente. Antes de eu ir de uma inocente e ingênua garota da faculdade privilegiada para o principal ganha-pão para três pessoas, uma das quais nem sequer me reconhece na maioria dos dias. Antes que a vida fosse completamente pelo ralo, colocando todos os meus sonhos fora do alcance, deixando-me desesperada, exausta, estressada e frustrada.

Enfiei minhas coisas na minha bolsa e caminhei com toda a dignidade que eu possuía em direção a fileiras de elevadores, escondendo minha alegria quando vi o Sr. Edwards sendo escoltado para fora por seguranças. Suas calças estavam abotoadas, mas o zíper estava aberto e seu terno uma vez impecável estava sujo de sangue. Mais dois membros da equipe de segurança estavam indo de cubículo em cubículo, procurando por mim, eu supunha.

Peguei as escadas e saí do prédio.

Desde que a minha agência de empregos temporários nunca tinha quaisquer vagas de estacionamento disponíveis, peguei o ônibus para os seu escritório, na esperança de que eu seria capaz de encontrar outro emprego imediatamente.

Meu contato, Sheila, mexeu em seu computador por alguns minutos, em seguida, virou-se para mim com uma leve carranca. — Eu sinto muito, Kyrie, mas nós simplesmente não temos mais nada agora.

— *Ele me agrediu sexualmente, Sheila.*

Sheila soltou um longo suspiro. — Eu entendo, Kyrie e isso será tratado adequadamente, mas isso não muda o fato de que eu não tenho nenhum trabalho disponível no momento.

Tentei continuar respirando. — Você pode verificar de novo? Vou pegar qualquer coisa. Literalmente qualquer coisa.

Ela olhou novamente, e então olhou de volta para mim com um encolher de ombros. — Nada. Eu sinto muito. Talvez tente novamente em algumas semanas.

— Eu não vou ter um apartamento em algumas semanas.

— Sinto muito, querida. As coisas estão apertadas. O que eu posso dizer? — ela colocou a mão bem cuidada na minha. — Você precisa de algum dinheiro? Eu posso ceder a você...

Eu me levantei. — Não. Obrigada. — eu preciso do dinheiro, desesperadamente. Eu não almocei hoje, apenas para ter um pouco mais de dinheiro para pagar o aluguel. Mas eu não iria aceitar esmolas de piedade. — Eu vou pensar em alguma coisa.

Lentamente, eu voltei para pegar meu carro no estacionamento. Eu o liguei, em seguida, me lembrei de que, só porque eu tinha acabado de ser demitida, eu não teria o meu talão de estacionamento validado. Merda. Lá se foram mais quinze dólares que eu não podia dispensar.

A viagem para casa foi longa de diversas maneiras. Eu estava trabalhando em um escritório no centro da cidade, mas morava mais de quarenta e cinco minutos nos subúrbios ao norte de Detroit. Meu carro estava ficando sem combustível quando cheguei em casa e meu estômago estava vazio, retumbando, roncando e murmurando.

Eu me esforçava para segurar as lágrimas enquanto eu checava a correspondência. Eu estava mexendo nos envelopes, murmurando - porra... *porra... porra* - sob a minha respiração em cada nova conta. Havia DTE Energy, Consumers, AT & T tv a cabo e internet, água, gás, mensalidade escolar de Cal, a minha mensalidade escolar, conta da casa de repouso da minha mãe... E um envelope branco, sem remetente, apenas o meu nome - Kyrie St. Claire - escrito à mão em uma caligrafia limpa preta no centro, junto com meu endereço. Eu coloquei as outras contas em minha bolsa e o

envelope entre meus lábios enquanto eu inseria a chave na fechadura.

Isso, é claro, foi quando eu vi o aviso branco colado à porta do meu apartamento.

Aviso de despejo: pagar o aluguel ou sair dentro de 3 dias.

Ainda faltava uma centena de dólares para acertar o aluguel. Ou melhor, acertar um mês de aluguel que eu poderia pechinchar. Eu tinha esperança de evitar o despejo por tempo suficiente para ser capaz de pôr em dia o valor devido em atraso. Mas isso não ia acontecer agora. Eu tinha acabado de ser demitida.

Ainda segurando as lágrimas, eu abri minha porta, fechei-a atrás de mim, e abafei um soluço. Eu deixei o envelope cair no chão aos meus pés e cobri minha boca com a mão, lágrimas quentes e salgadas nos meus olhos. Não. Não. Sem lágrimas, sem remorso e sem auto piedade. *Resolva essa porra, Kyrie. Resolva isso.*

Eu me empurrei para longe da porta, ajoelhei para recuperar o envelope bizarro e liguei o interruptor da luz.

Nada.

É claro que a eletricidade tinha sido cortada.

Acima de tudo, eu estava morrendo de fome. Eu comi uma das minhas barras de granola durante a viagem para casa, mas eu precisava de algo mais. A única comida que eu tinha na cozinha era um pacote de macarrão instantâneo, um pouco de ketchup, comida

chinesa vencida há duas semanas e um saco de mini cenouras. E um único e solitário copinho de cereja preta Chobani.

Obrigada, Jesus e todos os Gregos pela Chobani. E obrigada pelo fato de que o iogurte ainda estava frio.

Eu peguei meu iogurte na escuridão, a geladeira ainda fria, o abri, peguei uma colher da gaveta e o agitei. Eu abri minha blusa até o fim, abri o zíper da minha saia e me debrucei no balcão comendo meu iogurte, saboreando cada mordida. Além da quantidade insuficiente de alimento, eu tinha um salário insuficiente de oitocentos dólares por duas semanas de trabalho de escritório temporário, além de minha indenização. Era isso.

Finalmente, eu não consegui segurar os soluços por mais tempo. Eu desisti e me deixei chorar por uns sólidos dez minutos. Eu arranquei um pedaço de papel toalha - meu último rolo - e enxuguei o nariz e os olhos, fazendo-me parar. Eu tinha que resolver isso. De alguma maneira.

O envelope estranho chamou minha atenção. Ele estava jogado onde eu o tinha deixado em cima do micro-ondas. Estendi a mão e o agarrei, deslizei o dedo indicador por baixo da aba. Dentro havia... Um cheque?

Sim, um cheque. Um cheque pessoal.

De dez mil dólares.

Feito para mim.

Eu respirei fundo, coloquei o cheque no meu colo e pisquei várias vezes. Difícil. Ok, olhe novamente. Sim. Ele dizia: *Pagar a ordem de Kyrie St. Claire, o valor de dez mil dólares e zero centavo*. No canto superior esquerdo do cheque estava o ordenante: VRI Inc., e um endereço de caixa postal em Manhattan.

E lá, no canto inferior esquerdo, na linha em frente à assinatura ilegível, estava uma única palavra. *VOCE*. Tudo em letra maiúscula, tudo na mesma ousada caligrafia limpa que apareceu no envelope. Examinei a assinatura de novo, mas era pouco mais que uma linha preta rabiscada. Eu pensei que poderia haver um “V” e talvez um “R” mas não havia nenhuma maneira de ter certeza. Eu achei que isso faria sentido, dado o fato de que o ordenante era VRI Incorporated. Mas isso não me disse muito.

Sem bilhete, nada no envelope exceto o cheque. De *dez mil dólares*.

O que diabos eu deveria fazer? Descontá-lo? Dez mil dólares pagaria a dívida do aluguel atual, bem como o montante em atraso; ele iria religar a energia elétrica depois de pagar o que eu lhes devia... Dez mil dólares pagariam todas as minhas contas e ainda me sobrava o suficiente para conseguir arrumar os freios do meu carro.

Dez mil dólares.

De quem? E por quê? Eu não conhecia ninguém. Eu não tinha outra família além de minha mãe e meu irmão. Quer dizer, sim, eu tinha a vovó e o vovô na Flórida, mas eles estavam vivendo do Seguro Social e estavam próximos de se mudarem para uma casa de repouso... Que eu não podia pagar. Eles me pediram dinheiro no ano passado. E eu tinha dado a eles.

E se eu descontasse isso, e era... Tipo, uma Máfia? E eles vêm pelo que eu lhes devia e quebrariam meus joelhos. Ok, isso era estúpido. Mas, de verdade, quem na terra que me enviaria o dinheiro afinal de contas, muito menos tanto assim? Eu tinha uma amiga, Layla. E ela estava quase tão desesperada quanto eu.

No entanto, eu liguei para ela. Ela atendeu no quarto toque. — Ei, vadia. O que está acontecendo?

— Será que você - isso vai parecer muito idiota, mas você não me enviou um cheque? Enviou? Tipo, você secretamente não ganhou na loteria? — eu ri como se fosse brincadeira. — Quer dizer, não, certo?

Layla gargalhou. — Você andou bebendo? Por que diabos eu iria lhe enviar um cheque? Eu nem sequer *tenho* cheques. E se eu tivesse, e se eu tivesse dinheiro para dar a você, por que eu iria *enviá-lo* para você?

— Sim, certo. Isso... Isso é o que eu pensei.

Layla pegou o tom na minha voz. — O que está acontecendo, Key?

Eu não tinha certeza do que dizer. — Eu. Hum. Posso ir aí? Por... Alguns dias?

— Sua eletricidade foi cortada?

— Eu também fui despejada.

— Não. — ela respirou.

— E despedida.

— *O quê?* — Layla gritou. — Você não acabou de me dizer que iria conseguir o trabalho permanente?

— Fui assediada sexualmente pelo Sr. Edwards.

— Cale a boca.

— Ele disse que eu poderia manter meu emprego se eu chupasse seu pau. Quer dizer, ele não disse isso com todas as letras. Mas ele deixou claro... Puxando o pau para fora.

— Key. Você *tem* que estar brincando comigo. — a voz de Layla era sem vida, incrédula.

— Gostaria de estar. Eu nunca vou conseguir tirar *aquela* imagem da minha cabeça. Ugh. — eu não finjo o estremecimento de repulsa. — Sabe o que eu fiz?

— O quê?

— Eu dei uma cabeçada nele. Quebrei seu nariz.

— *Você não fez isso!*

Eu assenti, em seguida, percebi que estava no telefone. — Eu fiz. Eu absolutamente fiz.

Layla ficou em silêncio por um minuto. Então: — Porra, Kyrie. Isso é um inferno de um dia de merda. — eu ouvi uma lâmpada se apagar. — O que foi isso de cheque?

— Posso ir aí? Você não acreditaria em mim se eu lhe disse. — eu tive que forçar minha voz para manter a calma.

— Claro. Traga o seu cobertorzinho, cadela. Vamos dar uma festa do pijama.

Layla nunca iria me decepcionar. Quer dizer, ela não podia pagar o meu aluguel para mim, mas ela me deixaria ficar em seu sofá até o Juízo Final se eu precisasse. Ela morava com o namorado, Eric, por isso nós não podíamos mais ser companheiras de quarto, mas ela sempre me acolheu. Eu troquei de roupa, arrumei minhas malas - o que não demorou muito tempo - e deixei as minhas merdas, móveis de terceira mão onde estavam. Eu seria capaz de voltar para eles, ou não. Nada a fazer sobre isso agora.

Na Layla, chutei os meus sapatos e aceitei a Bud Light que ela me entregou. Layla era meio negra, meio italiana, toda atitude e curvas. Longos cabelos negros, olhos castanhos escuros e pele mocha impecável. Nós éramos melhores amigas desde o primeiro dia de faculdade, companheiras de quarto por dois anos, até que ela conheceu Eric e ficou sério o bastante para morar com ele. Eric era... Ok. Inteligente, bonito, agradável... E um pequeno traficante. Eu não desgostava dele ativamente, mas eu não conseguia entender o que Layla viu nele. Ele não era um cara mau, apenas não me interessava. Ela sabia disso e não se importava. Ela gostava dele, ele gostava dela e funcionava para eles. Tanto faz.

Sentei-me no sofá surrado, metade da minha cerveja drenada e em seguida, entreguei o envelope a Layla. Ou, como eu pensei nisso, *O Envelope*. — Eu recebi isso pelo correio hoje. Assim, de repente. Do nada. Abra-o.

Layla franziu o cenho para mim, então examinou o lado de fora. — Caligrafia bonita.

— Eu sei. Mas olhe dentro. E... Talvez seja melhor se sentar. — tomei outro gole da minha cerveja.

Layla empoleirou sua bunda no braço do sofá ao meu lado e retirou o cheque. — Puta *merda!* — ela olhou para mim com os olhos arregalados. — Key, isto são *dez mil* dólares. Você sabe o que você poderia fazer com isso?

— Sim. Eu sei. Mas... De onde ele veio? Quem mandou? Por quê? E o mais importante... Eu me atrevo a descontá-lo?

Layla suspirou. — Eu entendo seu ponto. Quer dizer, parte de mim diz: Duh, isso é dinheiro vadia! Mas a parte desconfiada de mim diz: Um momento, irmã.

— Exatamente. Eu nunca seria capaz de pagar isso de volta. Nunca. — terminei a minha cerveja e me levantei para pegar outra, encontrei uma caixa de pizza velha na geladeira. — Posso? — eu levantei a caixa.

Layla deu de ombros. — Vá em frente. Então o que você vai fazer?

— Eu não sei, Layla. Gostaria de saber. Eu... Eu estou no meu limite. Se eu não tivesse você, eu estaria vivendo no meu carro agora. A apólice do seguro de vida do meu pai acabou há seis meses. Eu estou sem renda e todas as minhas outras contas estão vencidas. Preciso pagar a mensalidade de Cal e então, a minha. Foda-se, *tudo* está vencido. E eu não tenho um emprego. Procurei por *semanas* para encontrar até mesmo este trabalho temporário. Eu nunca vou encontrar outro. E agora... Bem quando eu mais preciso, *isto*... — peguei o cheque de Layla e o sacudi. — Aparece. Eu não vejo como eu *não* possa descontá-lo. Eu só espero não acabar devendo, como, Sal the Slicer^{2} ou algo assim.

Layla assentiu. — Isso é um risco. Você não sabe quem é. — ela pega o cheque. — Você pesquisou no Google esta VRI Incorporated?

— Sem eletricidade, lembra? Eu não poderia usar meu computador. E eu estou sem dados no meu plano do celular.

— Oh. — Layla caiu na cadeira em frente ao seu PC, que era quase tão antigo quanto o meu. Ela abriu o Google, digitou o nome e endereço, e rolou através dos resultados. — Nada. Quer dizer, há toneladas de empresas com esse nome e o fato de que ele está em uma caixa postal significa que seja quem for não quer ser encontrado.

— Não brinca, Sherlock. Falta contratar um maldito detetive particular ou algo assim, eu não vejo como posso descobrir quem é.

— Então você o desconta.

— Então, eu o desconto.

Passamos a noite bebendo. Eu fiquei arrasada em cerca de oito cervejas e desmaiei no sofá, já que eu não tinha que acordar na parte da manhã. Layla e eu tínhamos uma aula a tarde, então dormimos até quase onze, o que foi legal. Após o café da manhã e um chuveiro, Layla e eu fomos juntas ao banco. Eu estava na frente do caixa, dois cheques na minha mão, tremendo como uma folha. Eventualmente, eu consegui entregá-los ao caixa. Pedi-lhe para depositá-los, e dar-me de volta mil dólares em dinheiro.

Quando isso foi feito, a caixa me entregou um recibo e um envelope cheio de dinheiro que ela tinha contado para mim. Coloquei duzentos dólares em notas de vinte na minha bolsa, e deixei os outros oitocentos no envelope. Olhei para o saldo bancário no recibo: \$ 9.658,67. Saímos do banco, entrei no meu carro e fui para a universidade. Fiel à forma, Layla não fez nenhuma menção ao dinheiro, sem indícios de quantas contas que ela devia, o quanto ela poderia usar até mesmo algumas centenas de dólares. Algumas centenas? Merda, para garotas em nossa situação, mesmo vinte dólares seria uma dádiva de Deus. Ela não pediria, nunca, não importa quanto dinheiro eu tinha. Assim como eu não iria lhe pedir se a situação fosse inversa. Ela nunca pediria nada a não ser que ela estivesse em apuros, como eu estava agora. Antes de nós sairmos e ir para a aula, eu coloquei o envelope de dinheiro na mão de Layla.

— Aqui. — eu dobrei os dedos sobre a borda. — Eu sei que você precisa.

Layla olhou para mim. — Hum. Não.

Eu balancei a cabeça. — Hum, sim. Você não acha que eu não iria compartilhar com minha melhor amiga, não é?

— Kyrie. Você não pode me dar isso. Você precisa dele.

Eu sorri para ela. — Você também. Eu tenho o suficiente agora. Você não é apenas a minha melhor amiga, Layla. Você é... Você é como da família. Então, basta aceitar e dizer obrigado.

Ela fungou. — Você vai me fazer manchar meu rímel, vou ficar com cara de prostituta em final de noite. — Layla respirou fundo, piscou e visivelmente forçou para conter as lágrimas. — Obrigada, Kyrie. Você sabe que eu te amo, certo?

Era um grande negócio para ela dizer isso. Ela cresceu em um lar difícil. Sem abuso, apenas frio e fechado, não o tipo de família que trocavam declarações de amor em uma base regular. Eu sabia que ela amava Eric, mas eu nunca a ouvi dizer isso. Eu era um pouco do mesmo, crescendo num lar estável e feliz, mas não aqueles onde todos davam abraços frequentes ou o eu te amo. Layla e eu éramos melhores amigas por mais de três anos. Tínhamos passado por bons e maus momentos juntas, enfrentado quase fome, enfrentado namorados imbecis e professores idiotas e traindo ex-amigos, brigas de bar e Cat fight^{3} e arrombamentos de apartamentos. Eu tinha estado lá para ela quando ela foi abusada sexualmente por um ex-namorado ciumento e ela esteve lá para mim quando minha mãe teve seu colapso, precisando de hospitalização prolongada. No entanto, por tudo isso, apesar do fato de que nós levaríamos um tiro pela outra, nós não dizemos que amamos a outra.

Minha vez de piscar para conter as lágrimas. — Eu também te amo.

— Agora pare com essas besteiras femininas. Eu tenho que ir para a aula. — ela se inclinou e me abraçou, e então deixou meu carro, clicando em frente ao estacionamento em seus saltos de sete centímetros.

Sentei-me por mais alguns minutos. Minha aula era uma palestra, então eu poderia facilmente escorregar na parte de trás e pegar o que perdi, se eu precisasse. Puxei o recibo do banco da minha bolsa e olhei para ele, perguntando se eu tinha acabado de cometer o maior erro da minha vida pegando esse dinheiro. Quer dizer, eu precisava muito, desesperadamente. Não havia dúvida sobre isso. Eu estava no ponto onde eu teria que recorrer ao strip ou prostituição muito em breve, e isso não era um exagero. E isso seria apenas para me alimentar, sem falar manter um teto sobre minha cabeça. Esse dinheiro era literalmente um salva-vidas.

Mas uma lição de vida que eu aprendi, foi que *nada* jamais era de graça. Algum dia, alguém viria à procura do que eu lhe devia. Eu só tinha que aceitar isso, mantê-lo em mente, e tentaria não ficar muito surpresa quando meu devedor aparecesse.

Eu escondi o recibo e fui para a aula. Depois disso, eu apareci no escritório de mensalidades para pagar minha conta, depois parei na imobiliária no caminho de casa e paguei o que eu devia, mais o aluguel do próximo mês. Era uma sensação incrível saber que eu estava segura por todo o próximo mês. Eu emiti os cheques e passei a noite no telefone com as empresas de serviços públicos, que foram pagas. No momento em que todas as minhas contas foram pagas, meu registro de talão de cheques dizia que eu tinha um pouco menos de dois mil, incluindo o meu último salário. Meus freios custariam algumas centenas para substituir, o que me deixaria com uma minúscula reserva para viver.

Obrigada, quem me enviou esse dinheiro. Eu empurrei o pensamento fora das nuvens, pensando, não pela primeira vez, e certamente não pela última, quem estava por trás do cheque misterioso. E o que ele, ou ela, ou eles iriam querer em troca.



No meio do mês seguinte, eu estava coletando as correspondências no caminho do trabalho para casa. Eu finalmente, depois de semanas de preencher candidaturas por horas todos os dias, encontrei um emprego. Como hostess no Outback. Eca. Mas é pago. Não muito, mas alguma coisa. Eu tinha esticado a reserva daquele grande cheque anônimo o maior tempo possível, mas ela já tinha acabado. Eu estava em dia com minhas contas e não teria que pagar aluguel por mais algumas semanas, mas o pânico ainda estava lá.

Então, imagine minha surpresa quando, escondido entre uma conta de serviço público e um cupom circular, estava O Envelope. Mesma caligrafia, sem remetente. E por dentro? Outro cheque de dez mil.

Na linha de notas, outra única palavra: *pertence*.

Você pertence.

Merda. Não era bom. Não era bom. Não era nada bom. Liguei para Layla, e ela concordou que o significado poderia ser ameaçador, mas ela também concordou que desde que eu tinha sacado o primeiro, eu poderia também sacar o segundo. Eu estava completamente comprometida; eu já devia a quem quer que fosse mais dinheiro do que eu jamais seria capaz de pagar de volta, então porque não me cavar nisso muito mais profundo? Se eles vierem cobrar a dívida eu estaria apenas fodida, então eu poderia muito bem apreciar enquanto durasse, certo?

Então eu o descontei. Contas pagas. Arrumei o ar condicionado do meu carro e substitui o rádio quebrado há muito tempo. Eu fui atrás de Layla e paguei o aluguel dela. Frequentei a classe, fui para o trabalho, implorei por turnos extras, implorei para ser treinada como atendente. E, finalmente, eu tinha a posição de atendente, o que ajudou muito. O mês passou e logo estava no meio do mês novamente. Conforme os dias dobravam um para o outro, eu tentei ignorar a esperança de que eu pegaria outro Envelope.

E eu fiz.

Minhas mãos tremiam, como sempre fizeram, quando eu o abri. Desta vez, havia duas palavras sobre a linha de notas: *a mim*.

Ohmerda. Merdaohmerdaohporraohmerda.

Você pertence a mim.

Layla estava justificadamente assustada, como eu.

Mas ainda assim, não havia nenhuma dica quanto a quem eu pertencia.

Assim, com mais nada a fazer, eu continuei vivendo. Paguei minhas contas, guardei algum extra e ajudei Layla.

Eu tive um dia livre - uma classe cancelada e eu não estava escalada para trabalhar. Então, eu visitei minha mãe. O que eu odiava. Era meu dever como sua filha visitá-la de vez em quando, mas eu não via o ponto na maioria das vezes.

Eu estacionei fora da casa de repouso, fiz meu caminho pelos moradores idosos enquanto eles desatentos assistiam TV na sala de recreação, passei por portas abertas com doentes, frágeis seres humanos em camas mecânicas, passei por portas fechadas. Parei em frente à porta da minha mãe, que sempre estava fechada. Respirei fundo, me preparei com tanta força quanto eu podia invocar e empurrei.

Mamãe estava sentada em sua cama, joelhos dobrados contra o peito, cabelo liso contra seu crânio, sujo e gorduroso. Ela odiava chuveiros. *Eles* podem passar o chuveirinho em você, minha mãe alegava. Deixá-la limpa geralmente precisava de vários enfermeiros e um sedativo.

— Oi, mamãe. — eu dei um passo hesitante mais perto, esperando para ver como ela estaria hoje, antes de tentar abraçá-la.

Alguns dias, a paranoia tornava perigoso ficar muito perto dela.

— Eles estão rindo de mim. Eles estão mais perto hoje. Mais perto. Entrando pelas janelas. **FECHE AS CORTINAS!** — ela gritou de repente, se lançando para fora da cama e arranhando a janela com as unhas, arrancando a corda inexistente.

Agarrei-lhe os pulsos e a puxei para longe. — Eu vou fechá-las para você, mamãe. Está tudo bem. Sshhh. Está tudo bem.

Ela hesitou, me analisando. — Kyrie? É você?

Senti minha respiração travar. — Sim, sim, mamãe. Sou eu.

Seus olhos se estreitaram. — Como sei que é você mesmo? Eles tentam me enganar, às vezes, sabe. Eles enviam agentes. Sósias. Às vezes, as enfermeiras nesta terrível prisão em que você me jogou, fingem ser você. Elas se vestem como você e elas falam como você. Diga-me uma coisa que só minha filha saberia. *Diga-me!* — ela sibilou, arreganhando os dentes para mim.

Tentei manter a calma. — Eu caí da bicicleta quando eu tinha nove anos, Mamãe. Lembra-se? Eu cortei meu joelho e tive que andar quatro quarteirões de volta para casa. Minha meia estava tão cheia de sangue, que eu tive que jogar meu sapato fora. Você me deu um picolé. De uva. Só que eu estava chorando tanto, que eu deixei cair o picolé na banheira. Você me fez lavá-lo e comê-lo de qualquer maneira. Lembra?

— Talvez seja você. O que você quer? Cortar minhas rações? Tomar meus privilégios?

Eu senti meu coração quebrar um pouco. — Eu só estou aqui para ver você, mamãe. Você sabe que isso não é uma prisão. É uma casa de repouso. Eles cuidam de você.

— Eles me *bateram!* — ela puxou a manga, me mostrou hematomas de dedos em seus braços.

Eu me apavorei a primeira vez que ela me tinha me mostrado aquilo. Ela fez isso a si mesma, as enfermeiras disseram. Eu não acreditei nelas no início, mas depois eu vi minha mãe cravando os dedos em seu próprio braço, eu a tinha visto se bater com tanta força que ela teve que ser sedada.

— Mamãe, eu sei que você fez isso em si mesma. Eles não te machucam aqui. Eu prometo.

— Você promete, não é? Eles me fazem me machucar. Controle da mente. São os remédios que eles me dão. Controlam a mente, para me fazer me machucar. Você diria qualquer coisa para se livrar de mim. Você me odeia. É por isso que você me mandou para a prisão. Você me odeia. Você sempre me odiou. — seu lábio se enrolou e seus olhos ganharam um brilho frenético que eu conhecia muito bem.

Eu me preparei para o inevitável.

Eu senti uma lágrima arder em meu olho. — Não, mamãe. Eu te amo. Você sabe que eu te amo.

— Você me ama. A minha filha nunca diria isso. Você é uma impostora! Uma farsa! Você é *seu* agente! Sai fora! Fique longe de mim! — minha mãe correu para mim e eu tive que recuar rapidamente para evitar a que sua mão me acertasse.

Eu empurrei a porta aberta e caí para trás por ela, fui pega por uma enfermeira.

— Nós vamos cuidar dela, querida. Ela vai ficar bem - ela está apenas tendo um dia difícil. Ela não dormiu bem a noite passada. Ela não tomou os remédios ainda e nós temos que dar-lhe um banho hoje. — a enfermeira me deu um tapinha no ombro. — Ela sabe que você a ama. Ela estava pedindo por você no outro dia, sabe. Perguntado se você viria visitá-la em breve.

— Ela, ela perguntou? — eu ouvi a pausa em minha voz.

— Sim.

— Bem, se ela perguntar de novo, diga a ela que eu a amo. Diga-lhe - diga que virei visitá-la novamente em breve.

Dentro do quarto, outra enfermeira estava falando baixo com minha mãe. Eu assisti por um momento e, em seguida, me virei, acenando para a enfermeira.

Eu chorei no caminho de casa, como sempre fazia depois de visitar minha mãe. Depois do assassinato do meu pai, ela tinha ido de mal a pior, e depois de pior à impossível. Ela sempre teve alterações de humor e crises de paranoia, mas era gerenciável, especialmente desde que ela tomasse seus remédios. Mas, então, meu pai foi morto e a esquizofrenia tinha assumido, e nenhuma quantidade de medicação poderia manter o seu nível. A apólice de seguro de vida do meu pai tinha pago as contas por vários anos, mas eventualmente, ela acabou, e isso me deixou em uma situação muito ruim. Eu não conseguia persuadi-la a tomar os remédios para o seu bem-estar e meus pedidos de empréstimos estudantis, subsídios e bolsas de estudos ainda estavam em análise. E, enquanto isso, mamãe ficou cada vez pior.

Meu irmão Cal tinha a cabeça na areia sobre tudo. Ele foi para a escola em Chicago, nunca voltou para casa, nunca visitou a mamãe e nunca me ligou. Ele tinha sua vida e enquanto eu o ajudasse a pagar a sua mensalidade, ele estaria bem. Ele trabalhava também, pagando por sua própria casa e comida, mas eu sempre jurei que ia cuidar dele, não importa o quê. Crescendo, eu havia cozinhado e limpado para ele, o mandava à escola, arrumava suas refeições e o ajudei se candidatar à Universidade de Columbia, o ajudei a encontrar um apartamento e um emprego e o ensinei como fazer um orçamento. Então não era que ele não era grato a mim por tudo o que eu tinha feito para ele - ele simplesmente não conseguia lidar com a mãe. Eu não o culpava.

Enviei-lhe algum dinheiro extra quando cheguei em casa depois de visitar minha mãe, e, em seguida, despachei um e-mail rápido para ele, perguntando como estava. Ele responderia depois de um ou dois dias, provavelmente.

Enquanto isso, os cheques continuavam chegando. Um por mês, dez mil de cada vez. Porém, as palavras pararam, depois daquela mensagem curta, enigmática e assustadora. Continuei a descontá-los, continuei guardando uma reserva, tanto quanto eu podia me dar ao luxo de poupar. Eu nunca parei de pensar quem os estava enviando, mas nunca houve qualquer indício. Eu tentei procurar on-line novamente, mas nunca fiz qualquer progresso.

Meses se transformaram em um ano e eu estava a um semestre de terminar a minha licenciatura em serviço social. Eu precisava de um mestrado para o que eu queria fazer, então eu ainda teria um monte de aulas pela frente.

E agora eu devia ao meu benfeitor misterioso \$ 120.000,00.

E então, no aniversário de um ano do primeiro cheque chegar pelo correio, houve uma batida na porta do meu apartamento. Eu tinha acabado de sair do chuveiro, então eu enrolei uma toalha em volta do meu corpo e outra em volta do meu cabelo, deslizei a corrente de segurança no lugar e abri a porta.

— Sim? Posso ajudá-lo? — perguntei.

Havia um homem alto e magro, de idade indeterminada de pé do outro lado. Ele estava vestido com um terno preto com uma camisa branca e uma gravata preta. Ele estava segurando o tipo de chapéu que usava um motorista de limusine. Ele também tinha um par de luvas de couro de condução pretas, e, se eu não estava

enganada, havia uma protuberância em seu peito que indicava que ele estava carregando uma pistola.

Seus olhos eram verdes claros, duros, frios e assustadoramente inteligentes.

— Kyrie St. Claire. — não era uma pergunta. Sua voz era baixa, suave e fria como aço lavada pelo vento.

— Sim?

— Vista-se, por favor. Use suas roupas mais bonitas.

— Desculpe-me?

— Se você possui qualquer lingerie, a coloque. Um vestido de noite. O azul.

Olhei para o homem através da fresta da porta. — O quê? O que você está falando?

Seu rosto permaneceu impassível. — Meu nome é Harris. Estou aqui para lhe recolher.

— Me *recolher*? — eu cuspi a palavra. — O que eu sou, um pedaço de joias?

— Você descontou ou não doze cheques, dez mil dólares cada, dando um montante total de 120 mil dólares?

Engoli em seco. — Sim, eu fiz.

— Você tem os fundos disponíveis para pagar isso?

Eu balancei minha cabeça. — Eu não. Não tudo isso.

— Então você vai obedecer. Agora. Por favor, vista-se. Sua melhor lingerie, o vestido de noite azul e joias. Penteie o seu cabelo. Aplique maquiagem.

— Por quê?

— Eu sou incapaz de responder a quaisquer perguntas. — ele deu um passo mais perto da porta. — Posso entrar, por favor?

— Eu... Eu não estou vestida.

— Eu estou ciente disso. Vou embalar seus pertences enquanto você se veste.

— Embalar os meus pertences? Para onde vou?

Ele levantou uma sobrancelha. — Longe.

Engoli em seco novamente. — Por quanto tempo?

— Indefinidamente. Agora, sem mais perguntas. Você vai me deixar entrar, por favor. — isso foi formulado como uma pergunta, mas não foi. Ele poderia facilmente quebrar a porta - disso eu estava

certa. E ele tinha uma pistola. Seus olhos perfuravam os meus. — Por favor, senhorita St. Claire. Eu sei que esta é uma situação incomum. Mas você tem que entender. Estou aqui não só para recolher você, mas para protegê-la. Eu não vou machucá-la, juro. Eu não vou tentar vê-la se trocando. Vou arrumar suas roupas e outros pertences e a acompanharei em sua jornada. Eu não posso responder a mais perguntas.

— Eu só... Eu não entendo o que está acontecendo.

Harris piscou para mim e depois soltou uma respiração rasa. — Tenho certeza de que você se lembra da mensagem dos três primeiros cheques.

Eu não conseguia respirar, não conseguia engolir o caroço de medo na minha garganta. — Você pertence a mim. — eu sussurrei.

— Sim. Isso é o que está acontecendo. Meu empregador me enviou para recolher o que é dele.

— Eu.

— Exatamente.

— O que ele quer comigo? Quem é ele?

Os olhos de Harris estreitaram em irritação. — Eu disse a você, senhorita St. Claire, eu não posso e não vou responder a quaisquer perguntas. Agora, deixe-me entrar. Essa corrente é um incômodo e meu trabalho inclui a remoção de perturbações. Não dificulte as coisas, por favor.

Fechei os olhos, contei até cinco e depois percebi que não tinha escolha. Eu sabia que ele estava armado e sabia que não tinha como sair dessa. Ele prometeu que não iria me machucar, mas isso era um consolo pequeno. Ele era um homem assustador-como-a-porra e eu era uma garota sozinha, em um não-tão-grande apartamento em um bairro bastante obscuro. Ninguém, exceto Layla iria sentir minha falta se eu desaparecesse.

— Posso ligar para minha amiga e lhe dizer que estou - indo embora?

— Depois que estivermos *no caminho*.

— O que você vai fazer se me recusar a cooperar? — eu perguntei.

Harris levantou um canto de sua boca em um sorriso que gelou meu sangue. — Isso seria... Imprudente.

Mantive-me firme. — O que você faria?

— Eu poderia abrir a porta, dominá-la, sedá-la e levá-la de qualquer maneira.

— E se eu chamar a polícia?

Harris suspirou. — Senhorita St. Claire. Isso é totalmente desnecessário. Não é uma coisa ruim que está acontecendo com você. Eu não sou um capanga da máfia. Eu não vou quebrar suas pernas. Estou aqui para levá-la para conhecer o meu patrão, que tão

gentilmente proveu você no ano passado. Ele só quer providenciar... O reembolso.

— Eu não tenho o dinheiro para pagá-lo. Eu nunca terei.

— Ele não está interessado em dinheiro.

— Ele. Você disse, *ele*. Então, ele quer... A mim?

Harris lambeu os lábios, como se tivesse cometido um erro. — Você vai cumprir voluntariamente. Nada vai ser forçado a você.

— Mas eu não quero ir com você.

— Não? — ele levantou uma sobrancelha. — Certamente você deve estar curiosa.

— Não é o suficiente para ir com você. Você me assusta.

— Bom. Isso é parte do meu trabalho. Mas eu prometo a você, não vou machucá-la e não vou permitir que qualquer dano aconteça a você. Você está segura comigo. Mas o tempo é curto. Se você vai recusar, serei forçado a voltar ao meu patrão e relatar sua obstinação. O próximo passo provavelmente envolveria métodos forçados de recuperação. Apenas venha comigo. Será mais fácil para todos nós.

Eu suspirei. — Tudo bem. — eu fechei a porta, destranquei a corrente e deixei Harris entrar.

Ele olhou para o meu apartamento com diversão. — Devo dizer, eu esperava encontrar você em um lugar melhor com o dinheiro que você recebeu.

— Nada dura para sempre. Eu não tinha nenhuma garantia de que os cheques continuariam chegando. Eu posso pagar esse lugar sozinha. Mais ou menos.

— Sensato.

Tentando atrasar as coisas, eu perguntei: — Posso lhe pegar algo para beber?

Harris piscou para mim. — Não. Obrigado. Nós não temos muito tempo. Vista-se, por favor.

Fui para o meu quarto, vasculhei meu armário até que eu encontrei o vestido azul que eu tinha usado em uma festa de gala de angariação de fundos com meu último namorado. Harris sabia que eu tinha um vestido azul e isso em si era aterrorizante. Não era um vestido caro, mas me caía como uma luva, mostrava minhas curvas e acentuava minha pele e cabelo. Olhei para Harris, que tinha a minhas duas malas - a velha mala da minha mãe e do meu pai - na minha cama e estava arrumando todos os meus jeans, calças de yoga, saias, blazers, vestidos e blusas com eficiência militar.

Eu levantei o vestido. — Será que isto vai servir?

Harris olhou, examinou o vestido, então assentiu uma vez. — Sim.

Procurei por um conjunto de lingerie que eu tinha em uma gaveta inferior. Não era caro, mas, novamente, era perfeito para mim. Renda vermelha profundo, o tom perfeito para compensar a minha pele bronzeada e cabelos loiros. Entrei no banheiro, tranquei a porta e deixei cair a toalha. Eu me examinei no espelho.

Eu era de estatura média, um pouco mais de um metro e setenta, com a pele naturalmente bronzeada e cabelo loiro grosso. Eu era cheia de curvas, mais encorpada que a média, para o meu tipo de estatura. Eu me via como sendo bonita na maioria dos dias e sexy se eu me esforçasse o suficiente em um bom dia. Nada de especial, mas não feia.

Eu coloquei a lingerie, então comecei a fazer o meu cabelo. Eu fiz isso em cachos soltos, em espiral, prendendo a franja para o lado. Eu escorreguei meu vestido, fechei a parte de trás, em seguida, apliquei a maquiagem. Eu não usava muito, apenas um pouco de base, blush, sombra e uma cor nos lábios. Nada pesado ou exagerado. Coloquei um par de brincos lágrima de diamante e um colar combinando, um presente de formatura do ensino médio do meu pai. Finalmente, após cerca de 30 minutos, eu estava pronta. Olhei-me no espelho novamente.

Nada mau, Kyrie. Nada mal mesmo. Eu assenti para o meu reflexo, reuni meus nervos, e saí.

Harris tinha minhas malas prontas, e estava fechando as gavetas da minha cômoda. Ele me olhou. — Você está muito bonita, senhorita St. Claire.

Eu abaixei minha cabeça, estranhamente satisfeita com seu elogio. — Obrigada, Harris.

Ele assentiu. — Agora, se você estiver pronta?

— Está tudo embalado?

— Todas as suas roupas e roupas íntimas, joias e o carregador do celular. Eu assumo que tudo o que você precisa está na sua bolsa. — ele ergueu as malas e foi em direção à porta da frente.

Eu o segui, em seguida, fiz uma pausa quando ele abriu a porta. — E o meu apartamento?

Ele colocou as malas no corredor, esperando que eu sáísse para que ele pudesse fechar a porta atrás de mim. — Tudo está sendo cuidado.

— O que... E Cal? E a minha mãe? E...

— Eu repito, senhorita St. Claire: Tudo está sendo cuidado. Tudo que você precisa fazer é me seguir. — ele me olhava com seus olhos verdes claro calmos e pacientes.

Deixei escapar um suspiro trêmulo. — Tudo bem, então. Vamos. — eu ajustei minha bolsa, apaguei as luzes e tranquei a porta.

Segui Harris para fora à luz do pôr do sol. Havia um pequeno, elegante Mercedes-Benz preto estacionado longe dos outros carros, em ângulo para ocupar duas vagas. Ele estabeleceu as malas pelo tronco e retirou um chaveiro do bolso. O porta-malas se abriu, e, em seguida, ele colocou as malas dentro. Ele tinha feito tudo isso antes que eu tivesse a chance de colocar a mão na porta.

Harris abriu a porta traseira do passageiro, segurou-a para mim enquanto eu entrava e depois a fechou suavemente. Em poucos segundos, ele estava no banco da frente e o motor rugia para a vida.

Ele nos levou para um pequeno aeroporto, passando por um posto de controle de segurança e então estacionou na pista ao lado de um jato particular enorme. Engoli em seco enquanto eu olhava pela janela matizada para o avião. Isso estava realmente acontecendo? *Ohdeusohdeusohdeus*. Eu estava nada menos do que apavorada.

— Se você quiser fazer uma ligação, agora é a hora, senhorita St. Claire. — disse Harris.

Procurei meu telefone na bolsa e liguei para Layla.

— O que está acontecendo, Key? Quer encontrar para bebidas?

Deixei escapar um suspiro. — Eu... Não posso.

— Por que não? O que está acontecendo?

Pisquei com força. — Eu estou indo embora.

— O - o quê? O que quer dizer? Onde? Por quê? Por quanto tempo?

— Eu não sei, Layla. Eu não sei. Os cheques? Todo esse dinheiro? Estou prestes a conhecer o homem que os enviou.

— Quem é? — Layla exigiu.

— Eu não sei. Eu não sei de nada. Um homem apareceu na minha porta uma hora atrás e disse que estava aqui para me buscar. Eu fui *recolhida*, Layla.

— Ele sabe que você está me ligando? Você está, tipo, em perigo?

Obriguei-me a respirar com calma. — Eu não... Eu acho que não. Eu realmente não tenho uma escolha, mas não estou em perigo. Tipo, eu não acho que alguém vai me matar. No entanto, estou com medo. O que vai acontecer comigo? — eu sussurrei a última parte.

— Kyrie... Jesus. Isso só poderia acontecer com você. — eu a ouvi respirar, soando tão instável quanto eu. — Onde você está?

— Aeroporto Internacional Oakland County. Embarcando em uma porra enorme de um Gulfstream^{4} ou algo parecido. Um grande jato particular. Agora eu estou sentada em um Mercedes-Benz.

— Ohmeudeus, Kyrie! Então, seja quem for esse cara, ele é rico.

— Sim.

— E você deve a ele - o que, cento e vinte mil?

— Sim.

— Como é que você vai pagá-lo? — perguntou Layla.

Pisquei com força, lutando contra as lágrimas de medo. — Esse cara, Harris, ele disse que meu benfeitor não está interessado em dinheiro.

Layla sugou uma respiração afiada. — Ele está interessado em você, então. Algo me diz que você vai ter que colocar para fora um inferno de uma situação para pagar tanto dinheiro, querida.

— Layla!

— Só estou dizendo, querida. É verdade.

— Eu não sou uma prostituta. Eu não vou usar o sexo para pagá-lo. — minha voz tremeu.

— Você pode não ter uma escolha.

— Eu sei. É por isso que estou tão assustada. Quer dizer, eu não sou puritana. Você sabe disso. Mas... E se ele tem, tipo, oitenta anos? Ou algum tipo de... Sultão? Sabe? Aquelas garotas que acabam na escravidão na Arábia Saudita?

— Estou com medo por você.

Uma batida na janela me assustou. Harris abriu a porta do carro. — Está na hora, senhorita St. Claire.

— Eu tenho que ir, Layla.

— Te - tenha cuidado, ok? Ligue-me, tanto quanto você possa, então eu saberei que você está viva.

— Eu vou.

— Então... Eu vou falar com você depois, Key. — ela tentou parecer casual por não dizer 'adeus'. Eu a amava intensamente por isso.

— Até mais, baby. — eu usei o sotaque falso que sempre a fazia rir.

Ela riu e então desligou na minha cara. Funguei, sorrindo, sentindo-me de alguma forma tranquila ao falar com Layla.

Harris fechou a porta atrás de mim e então apontou para a escada móvel que levava até a porta do jato. — Pronta?

Eu balancei minha cabeça. — Nem de perto.

— Compreensível. Há champanhe e outras bebidas no avião. Vamos? — ele tocou as minhas costas com três dedos, um pequeno empurrão.

Eu subi os degraus com joelhos fracos como gelatina e entrei no jato. Era... Deslumbrante. Como em um filme. Bancos de couro creme, televisões de tela plana, carpetes grossos, um balde de gelo de prata sobre uma bandeja especial perto de um conjunto de assentos, com uma garrafa que eu assumi que era champanhe terrivelmente caro. Uma comissária de bordo em um terno azul marinho já estava a bordo, pronta esperando por mim.

Olhei para Harris em choque.

— Você está entrando em um novo mundo, senhorita St. Claire. — disse ele. — Um com muitos privilégios. Sente-se, relaxe e tente se acalmar. Você não será machucada, não vai entrar em qualquer tipo de escravidão. Você está apenas... Mudando as situações.

Eu assenti incapaz de falar. Sentei-me, prendi o cinto de segurança e segurei nos braços do assento quando o jato taxiou e decolou. Quando estávamos no ar, a aeromoça me serviu uma taça de champanhe, que bebi devagar e com cuidado. Eu precisava aliviar meus nervos, mas eu precisava estar consciente para o que quer que viesse a seguir.

O voo foi um pouco mais de três horas e, então, pousamos com uma batida suave em um campo de pouso privado. Eu não tinha ideia de onde estávamos.

Eu saí do avião e segui Harris para um carro esperando, uma limusine. Ele segurou a porta para mim, fechou-a e depois deslizou para o banco do motorista. Ele não disse nada, apenas esperou que alguém carregasse minhas malas no porta-malas.

Eu meio que esperava ver alguém sentado nas sombras da limusine, mas não havia ninguém. Somente longas extensões de couro preto, luzes, rádio e mais champanhe. Eu cruzei as mãos no meu colo e esperei enquanto Harris dirigia. Foi uma longa viagem e chegamos mais perto do que parecia ser Nova York. Fomos para a ponte do Brooklyn e para Manhattan. Nós tecemos através do espesso tráfego, indo para a cidade.

Depois de quase uma hora dirigindo, arranha-céus perfurando o céu a noite toda ao redor, Harris virou a limusine para uma garagem subterrânea.

Meu coração estava martelando quando Harris me levou, sem malas, para o elevador. O elevador subiu rapidamente, deixando meu estômago em meus calcanhares. Harris estava em silêncio, parado ao meu lado, as mãos cruzadas atrás das costas. O elevador parou, as portas se abriram e saímos. Estávamos no foyer do lado de fora do que eu imaginei que era uma cobertura. Com carpete escuro e espesso azul ardósia, paredes azuis marinho, grandes portas francesas de mogno, uma árvore florida em um canto e uma janela do chão ao teto, revelando uma vista deslumbrante da cidade de Nova York.

Harris parou junto às portas e se virou para mim. — É isso. Até onde eu vou. — ele enfiou a mão no bolso do paletó e retirou um pedaço de pano branco. — Se você concordar, eu colocarei esta venda em você. Ao permitir-me colocá-la, você está concordando em seguir de bom grado todas as instruções dadas sem hesitação. Se você não concordar, vou levá-la para casa e o pagamento dos fundos será esperado sem demora. — ele piscou para mim, esperando. — Então você concorda? — sua voz era formal.

Eu respirei fundo. — Eu não tenho escolha, tenho?

Harris levantou um ombro. — Há sempre uma escolha.

Eu indaguei a mim mesma. Eu poderia fazer isso, sabendo o que provavelmente seria esperado de mim?

Eu levantei meu queixo, reuni minha coragem. — Eu concordo.

Harris assentiu uma vez, e, em seguida, mudou-se atrás de mim. Eu o senti colocar a venda nos meus olhos, o pano branco, dobrado várias vezes para que eu não conseguisse ver nada. Ele amarrou-o com cuidado, mas com firmeza atrás da minha cabeça e então senti sua mão nas minhas costas, os mesmos três dedos que ele tinha usado para me deslocar para o jato. Ouvi uma vez a maçaneta girando e um ténue silêncio de uma porta correndo em todo tapete espesso.

Um empurrão e eu fiz meus pés me levarem para frente. Dois passos, três, quatro, cinco.

— Até a próxima vez, senhorita St. Claire. — eu ouvi Harris dizer atrás de mim e então o *clique* da porta se fechando.

Era um som decididamente final.

Eu fiquei parada, sacudindo, tremendo, com os olhos vendados, esperando.

Ouvi um passo em meu lado esquerdo. — Olá? — eu perguntei com a minha voz trêmula, ofegante.

— Kyrie. Bem-vinda. — a voz era profunda, suave, lírica, hipnótica, retumbando em meus ossos e vibrando em meu ouvido.

Um dedo tocou minha bochecha, quente e um pouco áspero. A ponta dos dedos arranhando, sempre muito gentil em meu rosto, até minha orelha, afastando uma mecha solta de cabelo.

— Por favor, não tenha medo. — ele estava perto. Eu podia sentir o calor que emanava dele. Eu podia sentir o cheiro dele - picante, perfume masculino e sabão. Sua voz, Deus, a sua voz. Isso me fez tremer. Confiante, quase gentil, calorosa. — Esperei muito tempo por este momento, Kyrie.

— Quem... Quem é você? Por que estou aqui?

Uma pausa.

— Você não precisa do meu nome ainda. Quanto ao porque de você estar aqui? — sua voz baixou, silenciada, um murmúrio rosnando que fez meu estômago se apertar. — Você está aqui porque eu sou seu dono, Kyrie.

— O que - o quê você vai fazer comigo? — eu odiava o quão fraca, quão assustada que eu soei.

— Tudo. — sua voz era grossa com promessa. — Mas nada que você não vá gostar.

Capítulo 2

Apresentações; o arranjo

Engoli em seco, provavelmente alto o suficiente para ele ouvir. — Se você não vai me dizer o seu nome, do que eu devo chamá-lo?

Ele riu e o som de sua risada me acariciou, me zombou. — Você e eu estamos completamente sozinhos, Kyrie. Se você falar, só pode ser para mim. Você não precisa me chamar de nada.

— Então, eu não tenho que chamá-lo de 'senhor' ou 'mestre'?

Sua voz era cortante e fria. — Eu não sou um dominante, Kyrie. Você não é minha escrava, nem a minha submissa. — ele se moveu, agora de pé atrás de mim. Ele estava perto do meu ouvido e eu o senti em minha espinha. — Eu possuo você, mas você vai se submeter a mim de bom grado.

— Eu vou?

— Você vai.

— Por quê? — eu queria virar, para tocá-lo, para tirar a venda. Algo me impediu e eu não ousei examinar o que era.

— Pelo período de um ano, eu enviei a você cheques de dez mil dólares, um a cada mês. Você descontou e usou todos eles. Você gastou o meu dinheiro, Kyrie. Você viveu de minha generosidade. Minhas razões para isso continuarão a ser um mistério para você... Por agora. Mas você está em dívida comigo. Você teria sido despejada e faminta sem mim. Sua mãe não teria recebido os cuidados que ela precisa sem mim. Seu irmão não teria uma casa ou uma educação sem mim. Então... Eu não apenas sou *seu* dono, Kyrie. Eu possuo sua mãe e seu irmão. Ambos são totalmente dependentes de você, e assim, de mim.

Engoli em seco novamente, pisquei as lágrimas. — O que você quer de mim? — as palavras eram quase um sussurro, quase inaudível.

— Kyrie... Kyrie... — sua voz acalmou e me acariciou, profunda e suave com ternura. Este homem, sua voz... Era mágico, tão expressivo e tão mutável. O poder de sua voz me apavorava. Ele podia me manipular com o mero tom de sua voz, assustar ou me acalmar com meras palavras. — Você não precisa ter tanto medo. Permita-me tranquilizá-la um pouco. Como eu disse, não sou um dominante. Eu não tenho prazer ao infligir ou receber dor. Eu tenho prazer pelo controle, pela obediência. Você vai fazer o que eu digo, cumprir a minha vontade, mas eu prometo a você, você sempre vai encontrar os meus desejos sendo para o seu próprio prazer e para o seu próprio benefício. Eu nunca vou te machucar. *Nunca*. Eu não te ferirei. Eu não vou te amarrar, ou se eu fizer isso, vai ser sua própria concordância que a manterá amarrada.

— Por quê? — eu pisquei por trás da venda, fechei os olhos e senti uma gota de lágrima no meu rosto. — Por que eu? Por que eu vou obedecê-lo?

Obedecer. Eu odiava essa palavra. Eu nunca fui obediente. Nem sempre eu faço o que me foi dito - ou pelo menos não facilmente. Mesmo quando era uma menina pequena, meus pais aprenderam que era melhor me pedir com educação, em vez de me ordenar. Obrigando-me a algo com comandos brutais traria o lado acentuado do meu temperamento muito curto e muito explosivo. Este homem, invisível, sem nome, esperava que eu lhe obedecesse. Parecia que eu *pertencia* a ele.

Agora minhas lágrimas eram de raiva impotente, por que... Eu tinha a sensação de que ele estava certo.

— Porque você se importa. Porque você tem honra. — aquela mesma áspera, ainda tenra, ponta de seu dedo deslizou pela minha bochecha, perto do canto da minha boca, enxugando minhas lágrimas. — Você vai me obedecer porque você deve. Eu nunca, jamais esperarei que você me pague monetariamente...

— Não. — eu não podia deixar de retrucar. — Você só espera que eu me *foda* para sair dessa dívida.

— Errado, Kyrie. — ele respondeu. Sua voz era calma, mas afiada como navalha e fria como o vácuo do espaço. — Aqui vai outra promessa que vou fazer a você: Você e eu não vamos nos envolver em relações sexuais com penetração, a menos que você peça por isso. E você pedirá, Kyrie. *Essa* é a minha promessa, aqui. Você vai pedir. Você vai me implorar por isso. Mas isso não vai acontecer até, e a menos que, você me peça.

— Você é muito seguro de si mesmo. — eu disse, tentando soar mais forte do que me sentia. Na verdade, a sinceridade crua e garantia absoluta em sua voz me sacudiu até a medula. Ele

acreditava que o que ele disse não era nada mais do que a verdade inquestionável.

— Sim, eu sou. — agora sua voz era um mero sopro de calor na concha da minha orelha. — Eu vou ter certeza que você me implora por isso.

Putá merda. O que eu deveria dizer sobre isso? Eu mal podia ficar de pé. A potente mistura de emoções que este homem atçou em mim me fez tremer, os joelhos batendo. Eu estava excitada, eu tinha que admitir. E isso me assustou. Muito. Eu não queria desejá-lo. Eu não queria ser possuída por ele. Mas de alguma forma, com nada além de algumas palavras e toques, ele me tinha desejando de maneiras que eu nunca tinha pensado ser possível.

— Está vendo? — seu dedo traçou a maçã do meu rosto, correu sob a curva do meu lábio inferior. — Você já começa a entender. Você está excitada, Kyrie. Eu posso sentir isso em você. Suas narinas estão queimando. Você está tremendo e corando. Você odeia isso, no entanto, não é?

Eu não respondi.

— Não odeia? Se eu te fizer uma pergunta, espero uma resposta, Kyrie.

— Sim.

— Tudo bem. Odeie tudo o que quiser. Combata. Tente como puder, você não pode evitar. Eu possuo você, Kyrie St. Claire. E logo você vai aceitar isso.

— Nunca.

— Ah. Rebeldia. Aí está o seu espírito. Esse seu temperamento, Kyrie. Isso te colocou em tantos problemas, não é? — ele parecia divertido. — Sr. Edwards ainda está se recuperando, sabe. Você quebrou o nariz dele em pedacinhos.

Eu cambaleei. — Você... Você *sabe* sobre isso?

— Claro que eu sei sobre isso. Eu sei tudo sobre você. — ele se afastou, sua voz um pouco distante. Ouvi o tilintar de vidro, o derramamento de líquido. Ele pegou a minha mão na sua, apertou um copo nela e levou-a aos meus lábios. — Beba.

Toquei o líquido em meus lábios, provei a queimadura ardente do uísque caro. — Eca. Não.

— Beba. — sua voz era um chicote. — Eu não gosto de me repetir.

Eu bebi. Meu esôfago foi revestido em lava e então bateu no meu estômago como um tijolo. Meu sangue virou fogo e minha cabeça girou. — Deus, isso é nojento. — mas, mesmo quando eu disse isso, senti meu corpo ficar mais leve, aquecido pelo Scotch e levantou-me como se eu fosse um balão de ar quente. Bebi de novo e não foi tão ruim.

— No entanto, você bebeu mais uma vez, por sua própria vontade. — eu ouvi um sorriso em sua voz. — Você beber o uísque é uma metáfora muito oportuna para a forma como você reage a mim. Você não gosta em um primeiro momento, mas queima a sua resistência e em breve você vai encontrar-se voltando para mais.

Eu bebo mais uma vez, um pequeno gole e a lava em minha garganta, no estômago, o fogo em meu sangue, não era tão ruim. Isso me encorajou. — Você disse que não espera que eu te pague monetariamente. No entanto, disse que não vai fazer sexo comigo se eu não pedir por isso. Então, o que quer de mim?

— Simplesmente você. Sua obediência absoluta e imediata em todas as coisas. Sua vida. — eu o ouvi engolir. — E aqui está o porquê você vai se ver obedecendo. Além do calor em seu ventre que sente e da forma como você reage ao simples som da minha voz... Você vai obedecer, porque sabe o poder que eu tenho em você. Vou continuar a sustentar sua mãe e seu irmão, enquanto você me obedecer. Eles serão muito bem cuidados, em todas as coisas. Assim como você. O tipo de tratamento que você recebeu no jato é um mero vislumbre da vida que irei fornecer para você.

— E se eu não cumprir todos os seus caprichos?

— Eu vou mandar você para casa. Você iria assinar um acordo de confidencialidade e estaria livre para ir.

— Só isso? — eu coloquei todo o sarcasmo e amargura que eu possuía nessas duas palavras.

— Só isso.

— E eu não teria que pagar-lhe?

— Não. — ele fez uma pausa para o efeito. — Porém, você não receberia nem mais um centavo. E você ainda tem um longo caminho a percorrer para terminar o seu mestrado. Os postos de trabalho que você está treinada agora nunca vão oferecer os recursos necessários

para que você possa cuidar de sua mãe e seu irmão. E mesmo que você pudesse se manter à tona tempo suficiente para conseguir o seu diploma e conseguir um emprego em sua área, você realmente acha que uma assistente social poderia sequer ganhar dinheiro suficiente para pagar os tipos de contas que tem pairando sobre sua cabeça?

— Eu daria um jeito.

— Sim, Kyrie. Eu acredito que você iria se matar tentando. — ele fez uma pausa para saborear a bebida de novo e eu tomei outro gole também. — Você poderia tomar esse caminho. E você pode ser capaz de fazê-lo funcionar. Mas... Suas escolhas são limitadas. Muito limitadas. Quanto tempo você acha que levaria antes de acabar em um clube de strip? Antes de você vender o seu corpo? Antes de começar a fazer o que o porco vil do Edwards pediu a você, simplesmente para manter um emprego que tão desesperadamente precisava?

Eu não podia responder. Ele estava muito certo. Baixei a cabeça com a derrota e estendi o copo, incapaz de segurá-lo por mais tempo. Ele o tirou de mim.

— Exatamente. — sua voz se afastou e ouvi o vidro na madeira quando ele colocou o meu copo para baixo. — Ou você pode ficar aqui comigo. Seguir junto com o meu pequeno jogo e ter todas as suas contas pagas.

— Como isso é diferente de prostituição? — eu exigi com a minha voz tremendo. — Estou vendendo minha vida, meu corpo, a porra da minha alma para você, para pagar as contas.

— Se você quiser considerar como prostituição, então eu suponho que poderia ser feito. Mas não é. Considere, em vez disso...

Comércio.

— Comércio? Um negócio?

— Exatamente. Um negócio. Mas este não é um negócio sexual, Kyrie. Eu devo me esforçar para estimular os seus sentidos, para te excitar. Eu não nego que eu me sinto atraído por você e que tenho sido por muito tempo. Mas eu não estou tentando força-la a fazer sexo comigo. Vou convencê-la, um passo de cada vez. E isso, Kyrie, não é diferente do que se passa em bares e clubes todas as noites. Não é diferente do que você mesmo já se envolveu.

Ele estava perto de mim de novo, me circulando, bebendo e falando.

— Você vai a um bar, encontra um jovem cavalheiro provável, atraente, bem vestido, com certo brilho nos olhos e com ar de superioridade. Você o deixa iniciar uma conversa. Ele compra uma bebida ou duas ou três. Talvez você lhe dê o número de telefone celular, ou talvez simplesmente vá com ele para a casa dele naquela mesma noite.

— Ou talvez você vá a alguns encontros com ele primeiro. Você iria flertar. Fazer algumas perguntas, determinar ou não a sua personalidade com a sua própria em uma maneira satisfatória - se a atração inicial permanecer. Eventualmente, se todas as condições forem atendidas, você acabaria na cama com ele. E, talvez, isso iria durar por algumas semanas ou mesmo alguns meses.

Ele fez uma pausa e aqui sua voz parecia quase amarga, parecendo cada vez mais como uma palestra depreciativa. — Tudo isso está baseado em um conjunto de acordos tácitos socialmente pactuados. Você está envolvida em comércio social. Ele compra-lhe

bebidas, compra-lhe o jantar. Flores, talvez. Se ele é particularmente bem educado, vai abrir as portas e puxar sua cadeira. Mas você está em um jogo. Se ele fosse para a etapa além dos parâmetros deste código previamente combinado, você iria rejeitá-lo de imediato, o mais provável. Se ele simplesmente caminhar até você e disser que gostaria de levá-la para casa e fodê-la, como você responderia?

Engoli em seco, duro. — Eu... Eu provavelmente ficaria puta. — eu admiti. — Isso é... Grosseiro.

— Exatamente. — sua voz se suavizou, sua respiração mais uma vez no meu ouvido. — Não é que você se oporia a ele levá-la para casa e fodê-la. Oh, não. Isso, afinal, é justamente o objetivo do jogo que a nossa sociedade justa criou: foder. Mas a maneira de sua abordagem faz toda a diferença, não?

— Sim. — eu disse. — Basicamente.

— Diga-me, Kyrie. Qual é a diferença entre sexo, fazer amor e foder?

— É... Subjetivo, eu acho. A diferença na definição varia de pessoa para pessoa.

— Sim, eu sei. É por isso que estou perguntando o que você pensa.

Pisquei por trás da venda, uma reação instintiva ao pensamento. — Eu poderia... Sentar-me? Por favor?

— Claro. Que indelicadeza minha nos deixar aqui em pé no foyer. — ele pegou minha mão. — Vem.

— Espera... A venda... Você não vai tirá-la? — afastei-me contra a mão dele, estendi a mão para o tecido que cobre os olhos.

Dedos fortes prenderam meu pulso, me parando suavemente, mas com firmeza. — Não. Ainda não. Não por um tempo, eu acho.

— O quê? O que quer dizer, não por um tempo? — eu puxei minha mão, virei-me para onde eu achava que ele estava de pé.

— Eu quero dizer que vou remover a venda quando eu estiver pronto para fazer isso. Eu ainda não estou pronto para você me ver. Você tem outros quatro sentidos, Kyrie. Concentre-se neles.

— Você é tipo, feio ou desfigurado ou algo assim?

Ele riu e o som era alto com diversão crua. — Como você é direta, Kyrie! — ele pegou a minha mão mais uma vez, e eu não pude evitar um arrepio correndo por mim. A mão dele era enorme, engolindo a minha completamente. Áspera com calos, mas suave. — Não, não acredito que eu seja visto como feio por aqueles que me veem. E não estou de forma alguma desfigurado. Eu não sou particularmente velho ou jovem.

— Então, por que não posso vê-lo?

— Porque isso faz parte do meu jogo. Isso me agrada. Gosto da maneira como a venda fica em você. Eu gosto do controle que me dá, de quão dependente de mim faz você. Você pode, a qualquer

momento, removê-la. Você não está algemada, afinal de contas. Mas você não tirou, não é? Nem vai. Você vai deixá-la. Você *quer* dar o controle a mim, Kyrie. Você está com medo de fazê-lo, mas você *quer*.

— *Estou* com medo. — admitir isso em voz alta para ele, fez o meu medo mais real, no entanto, estranhamente, menos em pânico.

— Eu sei. E isso é bom. O medo nos faz cautelosos. Eu não espero o cumprimento total e imediato. Não espero que você confie em mim ainda. Eu tenho que ganhar isso. E eu vou. Você vai aprender a confiar em mim. E quando eu sentir que você aprendeu a confiar em mim e quando eu sentir que, por sua vez, eu posso confiar em você, será quando a venda vai sair.

Senti suas mãos levemente apertarem meus ombros por trás e eu o deixei me guiar para um passeio. Ele me guiou para o que pareciam ser cem passos, então ele me virou para a esquerda e nós andamos outros cem passos. Ele me virou e me empurrou para trás até que eu senti um sofá ou uma cadeira tocar a parte de trás dos meus joelhos. Sentei-me em uma poltrona de couro e suspirei de alívio quando o meu medo e nervosismo enfraqueceram, e minhas pernas relaxaram. Seus dedos levantaram um dos meus tornozelos e eu senti um pufe escorregar debaixo dos meus pés. Eu afundei ainda mais na poltrona, achando que ela era imensamente confortável.

— Um momento, se você me permite. — disse ele e eu ouvi seus passos recuarem, de volta na direção da qual tinha vindo. Ele voltou em alguns minutos. — Aqui, Kyrie. O seu Scotch.

Eu estendi minha mão e ele apertou o copo de vidro frio em minha palma. Eu o levei aos meus lábios, engoli o calor ardente e desta vez apreciei o sabor.

— Agora, onde estávamos? — eu ouvi a voz dele vindo do meu lado esquerdo.

Eu me virei na cadeira um pouco, então eu estava de frente para ele. Eu percebi mesmo que eu fizesse isso, quão arbitrário esse acordo era. Diante de uma pessoa quando você falava, era um hábito ter contato visual. Eu estava com os olhos vendados e, portanto, enfrentá-lo era inútil. Eu fiquei como eu estava. Apesar de tudo.

— Você estava me pedindo para definir a diferença entre sexo, fazer amor e foder.

— Sim, exatamente.

Pensei por alguns instantes compondo a minha resposta. Meu ‘anfitrião’ era um homem articulado, inteligente, falando como se tivesse sido muito bem educado. Ele tinha uma pitada de sotaque, de algum lugar no Reino Unido, eu pensei, embora fosse fraco o suficiente para que eu não pudesse ser mais precisa. Eu tinha uma sensação de que ele gostaria de receber uma resposta à altura de sua pergunta. Por que eu me importava se ele apreciava a minha resposta era, mais uma vez, algo que eu não desejava examinar. Eu fiz, embora, e eu não podia negar.

— Trata-se de emoção, eu acho. — eu disse. — Sexo é o termo clínico, a palavra sem contexto para o ato. Isso significa nada mais, não detém nenhum significado ou importância além do simples ato físico de se envolver em relações sexuais. Fazer amor é... Bem, obviamente, é sobre o amor. É sobre a expressão da maneira como você se sente sobre alguém. Foder é... Eu acho que eu penso sobre isso como algo bruto. Áspero e vazio de emoção. Forte e rápido. Embora eu ache que não *tem* que ser duro ou difícil, apenas... Desprovido de troca emocional. Você foderia com alguém que acabou

de conhecer no bar. Você não faria, e, eu acho, que *não poderia* fazer amor com alguém que acabou de conhecer. Você tem que conhecê-los, compreendê-los, se preocupar com eles, realmente amá-lo para fazer amor, enquanto você pode transar com qualquer um, a qualquer hora, sem emoções ou conexões necessárias.

— E você já experimentou pessoalmente as duas coisas?

Hesitei em responder. — Eu... Eu não sei. Eu acho que sim? Eu pensei que eu estivesse apaixonada uma vez. Eu pensei que o que tínhamos *significava* alguma coisa. Eu tive sexo, obviamente. Eu fiquei até com caras que eu não conhecia muito bem, mas eu nunca dormi com nenhum deles imediatamente. Isso teria que ser depois de alguns encontros. Eu acho que eu tenho um mínimo de três encontros, pode-se dizer. Não é algo que eu já estabeleci em palavras, mas, agora que estou pensando nisso, é verdade. Eu nunca tive sexo com alguém que eu não tenha visto em pelo menos três encontros - no mínimo. E eu nem sempre durmo com caras que estou namorando.

— Você não respondeu minha pergunta, Kyrie.

Eu suspirei. — Eu não sei ok? Eu acho que sim, eu experimentei as duas coisas. Com Matt era doce e significativo, embora nós nunca disséssemos 'eu te amo'. Mas com outros caras que já dormi foi apenas sobre o ato, na verdade, assim, de acordo com a minha própria definição, isso teria sido foder. — fiquei chocada ao ouvir-me responder, tão abertamente, tais questões profundamente pessoais. Eu geralmente não era tão aberta. — E quanto a você? Você já experimentou os dois?

A minha pergunta foi recebida com um longo momento de silêncio. Eu não sabia se ele iria responder. Mas, então, ele fez. Sua

voz era lenta, como se ele estivesse pensando em suas palavras ao falar. — Não, eu devo confessar que não. Eu nunca fiz amor antes. Eu apenas fodi. Se estivermos usando as suas definições.

— Qual é a sua definição, então?

Outro silêncio longo e a resposta lenta veio. — Sempre houve o ato para mim. Sempre foi desprovido de significado, desprovido de emoção. Isso foi estabelecido, no entanto. Ninguém nunca significou nada para mim. Eu nunca permiti ou queria que elas significassem. Minhas parceiras sexuais sempre foram muito cuidadosamente escolhidas por sua vontade de se envolver em relações sexuais comigo sobre os meus termos. Por contrato, na verdade. Não um contrato financeiro, pois eu nunca paguei por sexo, mas um contrato de silêncio. Ou seja, elas não podem falar do seu tempo comigo.

— Você é muito reservado, então.

Na verdade, ele riu. — Oh, Kyrie. Você não tem ideia de quão reservado eu sou.

— Por quê? — a pergunta saiu da minha boca antes que eu pudesse impedi-la.

Mais uma vez o silêncio longo e pensativo. — A única razão pela qual eu estou respondendo suas perguntas é para deixá-la à vontade. Normalmente, eu não iria responder a tais artimanhas de conversação interrogatórias. — ele suspirou. — Eu não confio, Kyrie. Em ninguém. Nunca. Eu não dependo de ninguém. Eu não permito que ninguém passe pelas minhas paredes. E por paredes, quero dizer as paredes literais de minha casa e as paredes metafóricas ao redor do meu coração e da minha vida.

— Você já foi ferido. — mais uma vez as palavras saíram de meus lábios antes que eu pudesse detê-las.

— Não fomos todos?

— Sim, acho que sim. — eu tomei um longo gole da minha bebida. — Eu ainda não entendo o que você quer de mim. Por que estamos fazendo esse jogo.

— Tudo o que eu quero de você, Kyrie, é *você*.

— Então por que... Assim? — fiz um gesto para a venda e depois para longe, ou seja, a maneira como fui apanhada. — Por que os cheques? Por que o capanga contratado dizendo que estava me 'recolhendo'? Por que a venda e o... O mistério? Por quê? Se você me quer, por que não simplesmente marcar um encontro comigo?

— Você viria? — eu ouvi o couro ranger e sua voz parecia nominalmente mais perto, como se ele tivesse se inclinado. — Se eu tivesse arranjado para que “acidentalmente”... — eu ouvi as aspas em torno da palavra. — ...Nos conhecêssemos, você teria acreditado em mim? O que eu diria? 'Oh, Olá, Kyrie, eu sou o cara que te enviou os cheques'. Acho que não. E se eu tivesse arranjado uma reunião e te conhecesse melhor sob o que seria considerada uma circunstância normal, e, eventualmente, revelar que era eu quem tinha enviado os cheques, você não ficaria chateada que eu mantive a verdade de você? Esse conhecimento teria contaminado todo o relacionamento que nós tínhamos estabelecido até aquele ponto. Estou errado?

Eu suspirei. — Eu acho que você está certo. Eu não tinha pensado nisso dessa forma.

— Eu sou um homem muito honesto, Kyrie. Talvez você tenha notado isso. Eu vou dizer a verdade exata. Desejo que todas minhas relações sejam sinceras. Desta forma, a verdade foi estabelecida desde o início.

— Ok, eu entendo isso. Mas por que o segredo, então?

— Como eu disse, eu sou um homem reservado, Kyrie. Poucas pessoas me conhecem pessoalmente. Você é, a propósito, apenas uma das quatro pessoas que já passou por aquelas portas. Harris, que você conheceu; minha governanta Eliza; e Robert, o segundo no comando dos meus negócios. E agora você. Eu não estou pronto para me revelar a você, por minha própria privacidade e senso de segurança. E também... — ele parou. Como se considerasse cuidadosamente suas próximas palavras. — Além disso... Eu estou mantendo um segredo de você, Kyrie. Um segredo muito profundo, muito escuro. Um que afeta a nós dois e que vai mudar o curso da nossa relação. E eu não estou pronto para revelar isso para você, também. Quando te disser esse meu segredo, você, muito provavelmente vai embora e eu terei que deixá-la ir. Vendo que acabei de recebê-la aqui, eu não estou pronto para isso acontecer. Eu estou lhe dizendo isso agora para que você esteja ciente de que eu estou escondendo algo de você.

— Mas você não vai me dizer o que é?

— Não.

— Por quê?

— Porque eu estou com medo, Kyrie. Porque eu estive esperando muito tempo para trazê-la para minha vida e agora que tenho você, eu tenho ciúmes do tempo que posso ficar com você.

Algo em sua declaração me enervou. Mas o quê, então? Oh, sim. — É evidente que eu nunca o conheci. Mas ainda assim você diz que você vem planejando isso por um longo tempo. O que significa que você está me seguindo?

Ele suspirou. — Essencialmente, sim. Observando. Esperando. Protegendo.

— Protegendo?

— Sim, Kyrie. Protegendo. Eu mantive um olho em você. Como você acha que eu sabia para onde enviar o cheque quando o fiz? — eu o ouvi se mexer, uma pausa e então o som de um objeto sendo colocado sobre uma mesa. Alguns momentos depois, uma porta se abriu em algum lugar, e passos se aproximaram de nós. — Harris.

— Olá, Harris. — eu disse.

— Boa noite, senhorita St. Claire.

— Harris aqui tem sido o olho que eu mantive em você. Sua instrução primária foi de assistir sem ser notado, e nunca, nunca fazer qualquer contato, ou permitir que você se sentisse vigiada. Ele foi bem sucedido nisso?

Eu pensei muito. — Sim, acho que sim. Houve algumas vezes em que eu tinha uma vaga sensação de estar sendo observada, mas na maior parte do tempo, não.

— Eu tenho um arquivo sobre você e vários pen drives cheios de fotografias. E deixe-me lhe assegurar que você nunca foi fotografada em qualquer forma que possa violar a sua privacidade. Não há fotos nuas ou reveladoras, nem fotos particulares com nenhum de seus namorados ou... Casos... Ao longo dos anos. Apenas o suficiente para informar, saber.

— Para saber *o quê?* E por quê?

— Conhecer você. Para ter certeza de que você estava bem, segura e tendo tudo que precisava.

— Mas eu não tinha tudo o que precisava. Eu não estava a salvo.

— Sim, você estava. Você nunca passou fome. Você nunca esteve em nenhum perigo direto. Eu só interfeiri quando senti que não havia outra opção. E houve algumas vezes que Harris agiu para mantê-la segura, embora você possa não estar ciente de nada que aconteceu. Afinal, ele é muito bom em seu trabalho. — ele fez uma pausa e então continuou. — Harris?

Harris falou. — Senhorita St. Claire. Você se lembra do dia de São Patrício, há dois anos? Você e sua amiga Layla saíram para beber. Vocês beberam do meio-dia até às duas horas da manhã. Vocês estavam extremamente bêbadas.

Eu pisco por trás da venda, pensando. — Sim. Eu me lembro.

— Você estava usando uma camiseta verde-limão e um jeans. Layla estava usando um... Bem, não acho que poderia chamar de um vestido. Era... Muito curto.

Eu não pude deixar de rir de sua descrição. O vestido de Layla mal cobria sua bunda e se ela se mexesse errado, a parte inferior de sua bunda realmente se mostraria abaixo da bainha. Então, o fato de que ele sabia exatamente o que estávamos usando aquela noite caiu e eu comecei a tremer. — Você estava... Lá?

— Eu sempre estive lá, senhorita St. Claire. Longe de ser visto, mas lá. Você e Layla estavam bêbadas demais para sequer andar em linha reta naquela noite, não havia nenhum táxi, e o ônibus não ia para onde vocês precisavam ir. Então vocês acabaram andando - e eu uso o termo 'andando' de forma muito vaga - todo o caminho para casa. Dezessete blocos. Às duas da manhã no centro de Detroit.

Estremeci enquanto eu me lembrava daquela noite. Nós morávamos juntas, então, em uma merda de apartamento no centro da cidade. Nós raramente nos aventuramos no escuro e nunca, jamais, sozinhas. Naquela noite, porém, nós fizemos. E nós tínhamos pensado no dia seguinte que era um milagre que tínhamos chegado em casa vivas. Agora eu estava começando a pensar que era menos um milagre por causa da proteção invisível de Harris.

— Aquela foi uma decisão incrivelmente ruim de nossa parte. — eu disse. — Nós acordamos no dia seguinte espantadas que nós tivéssemos chegado em casa intactas.

— Vocês não conseguiriam. — disse *ele*. — Vocês quase não conseguiram.

— O quê? — eu tomei um gole de uísque, por coragem. — O que você quer dizer?

Harris respondeu. — Layla estava tão bêbada que você, basicamente, carregou-a todo o caminho. Ela não conseguia ficar de

pé, não podia andar, não podia nem falar. Você não estava muito melhor, mas consegui de alguma forma. Eu nunca vou saber como você fez isso. Você na verdade vomitou algumas vezes enquanto estava arrastando sua amiga apagada. — a voz de Harris estava confusa. — Você não se lembra de nada daquela volta pra casa? Qualquer sensação de perigo? Qualquer um que poderia ter provado ser uma ameaça?

Eu pensei muito. Essa volta pra casa a pé era um borrão na minha mente. Lembro-me muito pouco, apenas alguns pensamentos aleatórios: quão pesada Layla tinha sido, como eu estava cansada, bêbada, o quanto eu queria estar em casa. Lembrei-me tentar não pensar quanto mais nós tínhamos que andar, com foco em um quarteirão de cada vez, ignorando a dor nas minhas pernas e nas costas. Era como Harris tinha dito; eu tinha essencialmente carregado Layla para casa. — Eu tenho uma vaga lembrança de... Três homens. Na esquina de uma rua. Eles estavam gritando para nós, eu acho. Em algum outro idioma. Espanhol, talvez? Eu acho... Eu acho que eles nos seguiram por um tempo. Eu me lembro... Eu me lembro de tentar andar mais rápido, mas Layla era tão pesada, mas tudo inconsistente.

— Sim. Aqueles três. Eles as seguiam, na verdade. Por três quarteirões. E eles estavam realmente gritando com vocês em espanhol. As coisas que eles disseram... É bom que você não fale espanhol. Eles estavam dizendo coisas desprezíveis para vocês. Eu não vou repeti-las, mas era nojento.

— Será que eles nos machucariam? — eu tinha que perguntar.

— Oh, sim. Eles tinham toda a intenção de estuprar e matar as duas. — a voz de Harris era fria e dura. — Isso é o que eles estavam dizendo. Dizendo exatamente o que pretendiam fazer. O plano era segui-las até em casa, esperar até que você abrisse a porta da frente e

depois empurrá-las para dentro, estuprar vocês, matá-las e deixá-las em seu apartamento. Ninguém jamais saberia o que aconteceu e eles nunca teriam sido pegos. Não havia câmeras em seu prédio. Ninguém sabia que vocês tinham deixado o bar - ninguém estava esperando por vocês. Passariam dias até que alguém encontrasse seus corpos.

Eu me senti mal depois. — Eles... Como - o que os impediu?

Harris não respondeu de imediato. Quando o fez, sua voz era ártica e sombria. — Eu. Depois que eu percebi suas intenções, eu... Os confrontei. — ele hesitou novamente.

— Por 'confronto' eu suponho que você quer dizer que você... Lutou com eles? — eu não tinha certeza se queria saber, mas não pude deixar de perguntar.

Ele respondeu. — Harris não 'luta'.

— Então o que? — perguntei.

Harris limpou a garganta. — Eles eram escória. Eu não tiro vida facilmente, mas gostei de acabar com aqueles três. Eu fiz à raça humana um favor quando cortei suas gargantas, malditos imundos.

Uma onda de tontura tomou conta de mim. — Você... Você os matou?

— Rapidamente e facilmente. Não sinto qualquer culpa por suas vidas, senhorita St. Claire. Eles pretendiam se revezar ao estuprar vocês duas durante horas. Eles eram maus, criaturas sádicas

com sequer um grão de humanidade neles. Mostrei-lhes a misericórdia de mortes rápidas.

— Mas você... Você matou. Por mim.

— Sim. Eu fiz. E eu faria novamente.

— Depois, houve também a questão de um assaltante em potencial, apenas no mês passado. — disse *ele*. — Harris fez com que o assaltante nunca chegasse ao seu ponto de emboscada pretendido. Esse indivíduo em particular foi apenas... Persuadido, digamos assim, a desistir de uma vida de crime.

— De fato. — disse Harris. — Eu posso ser bastante persuasivo.

Eu tinha dificuldade em respirar de repente. — O que... O que mais você fez em meu nome?

Ele respondeu. — Apenas outra questão necessária à intervenção. O último cavalheiro que você namorou. Steven Higgins.

— Steven? O que você fez com Steven?

— O Steven que você conhecia e o real Steven... Eles não eram a mesma pessoa. — *ele* fez uma pausa e eu ouvi a mudança no tom de sua voz para enfrentar Harris. — Você pode ir. Obrigado.

— Boa noite, senhor. Senhorita St. Claire. — ouvi os passos de Harris diminuir, e a porta da frente fechar.

— O que você quer dizer? — eu perguntei. — Eu namorei Steven durante seis meses. Ele era realmente ótimo.

— Steven Higgins é animal vil e vulgar. — abusivo com predileções repugnantes. — sua voz era grossa com desprezo.

— O - o que você quer dizer?

— Ele é um predador e o pior tipo de agressor. Ele esconde o seu verdadeiro eu muito bem, o esconde bem até que ele está certo de que sua presa está profundamente enredada e fraca demais para fugir.

— Eu... Eu não entendo. Steven nunca encostou um dedo em mim. Não, não *dessa* forma, pelo menos. Ele nunca foi nada menos do que um perfeito cavalheiro.

— Como eu disse, ele é predador. Um caçador. Ele passou seis meses com você, avaliando-a, compreendendo-a, fazendo você pensar que ele era gentil, inocente e... Baunilha. Ele era um dominante BDSM, Kyrie. Embora aqueles que pratiquem BDSM levariam como grande ofensa rotular um monstro como Steven como um dom. O que Steven gostava não era BDSM, mas apenas tortura. Tenho provas fotográficas e relatórios policiais. Eu coloquei o arquivo em seu quarto para que você olhe mais tarde, enquanto eu percebo que a minha palavra não será suficiente para convencê-la da veracidade das minhas afirmações. — ele suspirou. — Eu não podia deixar Steven colocar as mãos em você, Kyrie. Ele quebra as mulheres. As arruína. As destrói. Eu suspeito que ele seja responsável por pelo menos uma morte e suspeito ainda mais que seu gosto por sangue e infligir dor só vai crescer.

— Gosto por sangue? Ele é... *Matou* pessoas?

— Sim. Eu não tenho provas concretas quanto a esta última afirmação, mas considerando a forma como as vítimas são deixadas quando ele termina com elas, acho difícil de acreditar que ele nunca tenha ido tão longe como matar alguém, mesmo que apenas por acaso.

Eu engulo em seco. — Eu não... Eu não entendo. Do que é que ele gosta?

— Tudo começa inocentemente. Sexo duro. Alguns tapas aqui e ali, sob o pretexto de palmadas. Mas torna-se pior com o tempo. É muito parecido com a maneira como uma lagosta fervida, realmente. A água fica cada vez mais quente, e a pobre criatura nem sequer percebe o que está acontecendo até que seja tarde demais. As garotas que ele escolhe como presas ficam apaixonadas por Steven, por ser um cara tão legal. Elas gostam de fazer sexo com ele, inicialmente. Elas não se importam com sua propensão por alguns momentos duros. Elas toleram a crescente violência de suas atenções. E então ele se move para a servidão. As amarra. As prende na cama. Faz o que gosta com elas. Mais uma vez, parece inocente o suficiente, se você gosta dessas coisas. Ele estabelece uma palavra de segurança, segue todos os protocolos corretos para aqueles que se envolvem no mundo do sexo duro. Mas, eventualmente, a palavra de segurança não tem efeito. Ele não vai parar. Seus tapas viram socos. Suas chicotadas suaves perdem a gentileza. Seu sexo duro se transforma em violência. Torna-se estupro. Tortura. Espancamentos que duram horas, deixando a vítima ensanguentada e indefesa e então ele as estupra para a sua satisfação, que é a sua própria tortura. Tenho em primeira mão relatos de suas vítimas para que você possa ler.

Sinto-me tremendo toda. — Eu... Você está falando sério?

— Sim, eu estou. Como eu disse, sei que você não vai confiar em minha palavra, então quando eu levá-la para o seu quarto, você

terá a oportunidade de ler o arquivo que Harris organizou.

— O que você fez com Steven?

— Eu apenas tive Harris o convencendo de que seria do seu melhor interesse se ele desaparecesse de sua vida. Permanentemente.

— Você não o matou?

— Não. Ele não tinha feito nada para você, então eu não poderia justificar. No entanto, eu teria gostado disso. Ele é uma criatura vil e imunda. Eu o denunciei às autoridades, no entanto, por isso espero que ele seja parado antes que machuque mais alguém.

Lembrei-me de meu tempo namorando Steven. Eu não era de ir direto para a cama com um cara que eu estava namorando, então nós não dormimos juntos até que nós estávamos namorando há quase dois meses. Ele nunca tinha forçado, simplesmente esperou pacientemente até que eu indiquei que estava pronta. Ele era invariavelmente educado, sempre um cavalheiro, pagando refeições e abrindo portas, comprando-me flores, levando-me em alguns dos encontros mais românticos que eu já estive. Quando finalmente dormimos juntos, foi... Bom. Bastante simples, na verdade. Não espetacular, mas não ruim. Apenas médio. Ele parecia gostar de sexo tipo papai mamãe, no início. E então, depois de um mês dormindo juntos, começamos a tentar outras posições. E... Sim, ele me bateu algumas vezes. Não forte, mas me assustou vindo do nada. Não me importava, na verdade. Eu me sentia estranha sobre não me importar com isso e tinha passado uma noite de bebedeira falando com Layla e me perguntando se eu era uma aberração e só não sabia disso. Ela me garantiu para não me preocupar com essa merda por causa de um tapinha na bunda, isso não me tornava uma aberração.

A partir daí, as coisas com Steven esquentaram um pouco. Parecia no momento como se ele estivesse meramente transformando o calor, como se estivéssemos descobrindo coisas juntos. Era assim que parecia para mim.

Mas agora, com o que eu estava ouvindo, não tinha tanta certeza. Inocente, baunilha, papai-mamãe... Um tapinha na bunda... E então, o sexo ficou mais áspero, mais inventivo... E eu tinha ido junto com tudo isso. Nada incomum tinha acontecido. Ele nunca me bateu no rosto, nunca tentou me sufocar ou me amarrar, mas eu poderia facilmente ver como isso poderia ter acontecido. Se Steven sugerisse amarrar minhas mãos, só para experimentar, eu teria aceitado. Eu sabia de fato. E então eu teria estado totalmente à sua mercê, porque tinha começado a confiar nele.

— Você não está mentindo, não é? — eu perguntei com minha voz trêmula.

— Eu nunca minto. *Nunca*. E, além disso, não tenho nenhuma razão para exagerar ou inventar essas coisas. Eu posso ver que você está começando a acreditar em mim.

Dei de ombros. — Isso faz um sentido assustador. A lenta progressão das coisas era exatamente como você disse. — eu pensei de novo na forma como as coisas tinham terminado e que, também, se encaixam com o que foi dito. — Ele simplesmente desapareceu. Eu estava realmente magoada, na verdade. Entre um encontro e outro, ele simplesmente... Desapareceu. Nenhuma ligação, nem mesmo um sms. Tipo, eu pensei que ele tivesse apenas... Me deixado, sem sequer me dar o fora.

— Foi a coisa mais segura, Kyrie. Sinto muito que o seu desaparecimento causou dor, mas era isso ou permitir que você

sofresse em suas mãos e isso simplesmente não era uma opção. Eu não vou permitir que você se machuque, Kyrie. Nunca. Eu posso não ser capaz de impedi-la de sofrer a dor emocional, mas acredite em mim quando eu digo que faria se estivesse ao meu alcance.

A sinceridade em sua voz me surpreendeu. Soou para todo o mundo como se ele realmente se importasse, como se sentisse emoções profundas e poderosas por mim. Mas ainda assim, ele ainda não me disse seu nome ou me deixou vê-lo. Não fazia qualquer sentido e isso me assustava. Ele era instável? Não havia nenhuma maneira de saber e eu me colocaria exatamente em suas mãos.

— Se você estiver disposta a acreditar em mim, prefiro não deixá-la ver o arquivo. — disse ele. — É... Muito gráfico e muito perturbador.

— Eu ainda quero vê-lo. — eu disse.

— Tem certeza? — ele parecia mais perto, mas eu não tinha ouvido ou o sentido mover. — Não é bonito o que ele faz com as mulheres. E a parte mais terrível é que ele desaparece com elas. Se uma garota fosse denunciá-lo, ele iria dizer que foi consensual, por que... Era. No início. Mas no momento em que elas perceberam o que estava acontecendo, já era tarde demais. Mas torna-se a sua palavra contra a dele e as garotas são muitas vezes demasiadamente traumatizadas, muito medo para dizer qualquer coisa.

— Eu quero vê-lo. Eu também quero ver a informação que você tem sobre mim.

— Eu não tenho certeza que é sábio. Não te faria nenhum bem. Não é nada além de informações básicas. Fotografias suas no seu dia

a dia. Informações financeiras, informações médicas, os registros da universidade.

— Por que você precisa de todas essas informações sobre mim?

— Porque eu gostaria de saber quem você é.

— E quem sou eu?

— Hmm... — ele suspirou, o som de alguém reunindo seus pensamentos. — Você é Kyrie Abigail St. Claire. Vinte e seis anos de idade. Filha de Katharine Eileen Tilson St. Claire e Nicholas Calvin St. Claire. Sua mãe sofre de transtorno bipolar e esquizofrenia e está atualmente residindo no Home Ravenwood Care em Auburn Hills, Michigan. Seu pai é falecido. Você tem um irmão, Calvin Matthew St. Claire, que está atualmente cursando a Columbia College, em Chicago. Sua melhor amiga é Layla Irene Campari. Você tem os avós maternos, que vivem em Fort Lauderdale. Nenhuma outra família imediata. Você tem um diploma de bacharel em serviço social pela Wayne State University e está atualmente buscando seu mestrado. Você tem um metro e setenta e seu peso oscila entre sessenta e sessenta e cinco quilos. Cabelos loiros e olhos azuis. Não há condições médicas. Você teve seu apêndice retirado quando tinha dezesseis anos. Você tem apoiado sua mãe e irmão sozinha, desde que seu pai faleceu há sete anos. Sua cor favorita é lavanda. Você tem uma leve dependência por iogurte de cereja preta Chobani e você tem uma tendência a abusar do álcool quando está estressada. Você tem uma faixa preta de segundo grau em taekwondo, que você começou a treinar com a idade de onze anos. Você teve cinco parceiros sexuais. Nenhuma gravidez, abortos ou abortos espontâneos. Você está no controle de natalidade desde os dezoito anos. Você odeia brócolis e seu prato preferido é frango parmegiana. — uma pausa, e então ele limpou a garganta. — O que mais? Oh, sim. Você foi presa por furto

quando tinha quatorze anos, condenada e serviu cem horas de serviço comunitário. Eu acredito que isso é tudo.

Eu não conseguia respirar. Literalmente. Meu peito travou e meus pulmões congelaram. Meu coração parou. Tossi e tentei sugar o ar em meus pulmões e não consegui. O copo de uísque caiu da minha mão no chão com um estrondo. Eu agarrei na minha garganta, na venda e em meu peito.

Senti uma mão grande e quente na minha nuca, forte e implacável, forçando minha cabeça entre os joelhos. — Respire Kyrie. Respire fundo. — sua voz, sua voz bem profunda e doce estava no meu ouvido, murmurando, confortando. Acalmando. Eu abri minha garganta e ar entrou forçado em meus pulmões, arrastando em grandes goles de ar, respirando fora, dentro, fora. Sua mão permaneceu na minha nuca, um toque suave. — Isso é bom. Mantenha a respiração. Está tudo bem. Está tudo bem.

— Você... Você sabe *tudo* sobre mim, porra. — eu me afastei dele, tropecei nos meus pés e dei uma guinada para longe. Senti sua mão pegar minha cintura e me puxar para frente, só senti meus calcanhares e as costas dos meus joelhos baterem numa mesa. — Você sabe - *porra* - você sabe tudo. Cada maldita coisa que há para saber. Quantos parceiros sexuais que eu tive? Jesus. Jesus. Vou vomitar...

Vidro rangia sob os pés. Ouvi uma porta abrir, e, em seguida, o tilintar do vidro quebrado sendo varrido.

— Obrigado, Eliza. — disse ele com sua voz suave.

— Claro. Senhor. Haverá mais alguma coisa, senhor? — a voz de Eliza parecia mais velha, um toque de sotaque hispânico,

possivelmente.

— Não, isso é tudo por agora. O jantar está pronto, não é?

— Ainda não, senhor. Cerca de meia hora.

— Muito bom. Eliza. Obrigado. — passos recuaram, uma porta se fechou, e eu senti que estávamos sozinhos mais uma vez. — Está tudo bem, Kyrie?

Saí de seu toque e endireitei minha coluna, forçando a minha respiração para uniformizar. — Eu suponho. Eu poderia ficar alguns minutos sozinha.

— Claro. Por aqui, por favor. — sua mão na parte inferior das minhas costas me puxou para uma caminhada, guiando-me para frente. — Eu vou te mostrar seu quarto. Você vai ter um momento para se refrescar e depois vamos jantar.

— E eu tenho que fazer tudo isso com os olhos vendados? — eu perguntei.

— Em seu próprio quarto você terá permissão para remover a venda. E se não estamos juntos, enquanto estou trabalhando, por exemplo, você terá a liberdade de vagar pela minha casa à vontade. Meus aposentos privados são inacessíveis para você, assim não precisa temer trombar em mim por acaso. — ele me cutucou em torno de um canto e ouvi nossos passos ecoando no que parecia ser um enorme corredor. — Como eu já disse. Você não é uma prisioneira. A porta da frente está destrancada. O elevador levará você para a garagem e de lá para a rua, onde você vai encontrar um táxi prontamente disponível. Vou até agendar um voo de volta para

Detroit, se desejar. Se você optar por ir embora, seus pertences serão levados para você, juntamente com o contrato de confidencialidade. Você está livre para ir a qualquer momento. Você é livre para remover a venda a qualquer momento. Mas se fizer isso, o nosso acordo é anulado e meu apoio financeiro cessará imediatamente. Você teria, no máximo, três meses antes suas dívidas diversas surgirem e sua situação se tornar insustentável. Eu a alerto a considerar sabiamente, Kyrie. Dou-lhe a minha palavra de honra de que não será de forma alguma maltratada, prejudicada ou forçada a fazer nada para comprometer a sua moral, valores ou integridade física.

Eu oscilava em meus saltos de sete centímetros enervada, ainda trêmula de medo, confusão e desorientação. — Esta é uma situação fodida. Você sabe disso, certo?

— Sim, acho que esta é uma situação bastante incomum. — sua voz estava repleta de diversão. Sua mão enrolada em volta da minha cintura, me parando. — Chegamos a seus aposentos. Vou deixá-la entrar e então você pode remover a venda. Por favor, deixe o vestido, no entanto. Você está incrível nele. Eliza irá levá-la para a sala de jantar em trinta minutos.

A maçaneta da porta se abriu e eu fui empurrado para frente. Sua mão repousava na parte inferior das minhas costas, a palma da mão contra a minha coluna e seus dedos abertos possessivos do meu lado. Assim que percebi o quão bizarro, reconfortante e familiar seu toque era, ele retirou a mão e eu fiquei em um estado ainda maior de confusão emocional.

— Vejo você em breve, Kyrie. — lábios quentes tocaram minha bochecha, sua respiração quente com cheiro de Scotch. Eu tremi ao sentir seus lábios na minha bochecha, a menos de um centímetro da minha boca.

— Sim. — eu disse, deixando até o último pingo de sarcasmo que eu possuía em minha voz. — *Você vai me ver.*

Ele apenas riu. Uma risada estrondosa. — Não será por muito tempo, Kyrie. Eu prometo. Basta tentar confiar em mim e a venda vai sair.

— Confiar em você? Como diabos eu deveria confiar em você? Não sei sequer o seu nome! Estou com os *olhos vendados!*

— Você tem que se entregar a mim. Vai ser assustador, eu sei. Isso vai contra a natureza, especialmente para alguém que passou pelo que você passou. Eu sei disto. Eu sei a enormidade do que eu peço. Mas não pediria a você se eu não soubesse que você é capaz disso. E eu não pediria a você se não fosse necessário, para mim. — seu dedo arrastou ao longo de minha bochecha. — Ouça isto, Kyrie: quando você aprender a confiar em mim, quando se entregar, então eu vou aprender a confiar em você e dar-lhe o mesmo.

Isso me abalou até o âmago. Eu procurei por algo a dizer, alguma forma de reagir, mas não tinha nada. Não havia palavras, não havia conhecimento sobre o que dizer, o que sentir, o que eu mesmo pensava de sua declaração.

— Chega disso por enquanto. Refresque-se e se junte a mim para jantar. Há um interfone na parede logo à sua esquerda. Pressione o botão verde e chame Eliza se você achar que está pronta antes de 30 minutos se passarem.

— Posso ligar para Layla?

Uma breve hesitação. — Sim, eu não vejo por que não. Seja discreta, por favor.

— Tudo bem.

— Adeus, por enquanto. — eu ouvi a porta fechar e travar, e seus passos retrocederem.

Eu fiquei no lugar por um momento, e, em seguida, estendi a mão e tirei a venda dos olhos. Virei no lugar, examinando meus arredores. E, mais uma vez, minha respiração foi roubada. O quarto era gigantesco, grande o suficiente para caber todo o meu apartamento nele, com espaço de sobra. E uma parede inteira, do chão ao teto, era de vidro. Eu mergulhei até as janelas, piscando, ofegando em reverência. Manhattan estava diante de mim em beleza inigualável com uma infinidade de torres, luzes e as ruas atravessando - eclodindo, faróis amarelos e lanternas vermelhas, sinais de trânsito de bicicleta... Nunca tinha visto nada parecido. Durante vários minutos eu só consegui ficar com o nariz no vidro, olhando para a cidade. Quantos andares acima eu estava? Muitos, claramente. Eu não conseguia lembrar o interior do elevador, com exceção de uma memória de cromo polido e madeira escura. Eu pensei muito, e percebi que havia apenas dois botões, um para a parte superior e um para o nível da garagem. Mas, a julgar pela vista abaixo de mim, estávamos pelo menos cinquenta andares acima. Havia vários arranha-céus nas proximidades e eu podia ver os topos de todos eles.

Finalmente eu me tirei da visão e examinei o resto do cômodo. Carpete creme espesso e macio, teto de três metros. De um lado da sala havia uma accent wall^{5}, pintada num marrom escuro e decorada com uma reprodução de alta qualidade de Vermeer^{6} *The Girl With a Pearl Earring*. Havia um pedestal à altura da cintura por baixo da pintura que tinha um vaso, que parecia ser algum tipo de

trabalho inestimável de arte. As outras paredes eram de um neutro bronze e revestidas com painéis de madeira escura. Havia um sofá de couro marrom escuro, namoradeira e uma cadeira no centro da sala, com uma mesa de centro com tampo de vidro. Em frente à *accent wall* tinha um bar e uma pequena mesa com duas cadeiras e uma enorme estante contendo todos os meus livros pessoais, DVDs e CDs, além de uma vasta seleção de ficção de todos os gêneros. Ao lado da estante de livros tinha um sistema de música elaborado, o tipo de tecnologia de ponta que era feito sob medida para cada cliente.

Na mesa de centro estava uma pasta de cartolina. Steven. Sentei-me na beira do sofá e puxei a pasta no meu colo. Eu hesitei e depois abri. Na frente e no centro havia uma fotografia de close de Steven, tirada com uma lente zoom de uma distância. O olhar dele era... Feroz. Mau. Assustador. Nada como a maneira gentil que ele sempre olhou para mim... A princípio. A página seguinte era um dossiê com informações pessoais sobre Steven. Eu li brevemente, depois virei a página. Eu quase deixei cair a pasta, tão surpresa que eu estava pela próxima fotografia. Era de uma jovem mulher com cabelo loiro, mas isso era tudo que eu poderia dizer de suas características. Ela tinha sido espancada até sangrar, irreconhecível. Eu tive que sufocar o meu horror. A próxima fotografia era dela, bem como do seu corpo. Ela estava nua na foto e tinha uma série terrível de vergões, hematomas, contusões, onde ela foi, na verdade, *chicoteada*, parecia como o tipo de ferida que você veria em um filme mostrando alguém sendo açoitado. Coberta de feridas da cabeça aos pés, em seus braços, pernas, costas, coxas, barriga, seios...

Havia toda uma série de fotografias de diferentes mulheres com lesões semelhantes. Todas elas eram loiras e olhos azuis, semelhantes a minha idade, mesmo na forma do corpo. Tinham relatos médicos sobre cada uma delas e até mesmo algumas cópias de relatórios da polícia. Aquelas eram as mais aterrorizantes. Neles estava escrito exatamente como descreveria o início do meu relacionamento com Steven - como eu *havia* descrito. Exceto que com elas, isso não parou onde parou comigo. As mulheres

descreveram como ele falava em coisas de forma gradual, eventualmente as levando a concordar em serem amarradas, algemadas, presas de alguma forma e foi quando ele começou a realmente machucá-las, começando com pequenos tapas e mudando para socos, chutes, usando chicotes e bastões, todos os tipos de coisas horríveis. Eu não consegui terminar de ler depois de ver sobre uma garota que tinha ficado permanentemente cega de um olho.

Fechei o arquivo e o coloquei sobre a mesa de centro com as mãos tremendo e estômago embrulhado. Ele estava dizendo a verdade. Se não fosse por ele, por sua interferência - ou ajuda, mais precisamente - que eu nem sequer soube, eu seria mais uma série de fotografias neste arquivo.

Levou um longo tempo até que fui capaz de me levantar e terminar minha exploração dos meus aposentos.

Passei pela porta ao lado do bar e encontrei-me em um quarto, que também tinha uma parede do chão ao teto de vidro. Havia uma cama de dossel completo, o mesmo carpete creme espesso, um enorme armário e uma área de estar perto da parede de vidro, duas cadeiras simples, mas pareciam confortáveis e uma pequena mesa, o tipo de mobiliário que é discreto, mas insanamente caro. Não havia televisão, o que era bom para mim, pois eu não era muito de TV. Abri o armário e o achei cheio com minhas roupas íntimas, calças de yoga e as camisetas de dormir. Uma única porta em frente da parede de vidro levava a um palácio de mármore e azulejos no banheiro. O tema de parede de vidro continuou, com uma banheira de hidromassagem em um pedestal perto da janela, uma vaidade alastrando já abastecido com toda a minha maquiagem, meus pincéis e meu secador. Havia um chuveiro lado a lado com uma incrível aparência de cachoeira, também abastecido com todas as minhas coisas de banho de casa.

Outra porta levava a um closet maior que o meu quarto, banheiro e sala de estar combinados. O closet era tão grande que tinha sua própria área de estar: uma ilha com prateleiras contendo todos os meus sapatos e bolsas, um espelho de corpo inteiro de três faces e uma caixa com fachada de vidro contendo todas as minhas joias. Minhas roupas estavam penduradas juntas, ocupando um cantinho minúsculo do armário. O resto do espaço? Abastecido com vestidos, saias, blusas, calças jeans... Tudo novinho e com etiquetas do meu tamanho, de todas as lojas mais caras do mundo. A parte mais assustadora? Eram todas no meu estilo. Eu ficaria feliz em usar cada item neste armário.

Eu tive que me sentar enquanto considerava as implicações do que estava vendo.

Ele me mudou para cá. *Tudo* o que eu tinha estava aqui. Ele sabia o meu senso de moda, que tipos de vestidos e tops que eu gostava e eu tinha visto uma seção inteira do armário dedicado a lingerie. Eu não tinha examinado a lingerie, mas presumi que era tudo no meu tamanho. Eu estava perto de hiperventilar novamente.

Levou verdadeiro esforço, mas eu tinha o controle da minha respiração, acalmei meu pânico sempre presente o suficiente para funcionar e voltei para o banheiro. Eu queria tirar o sabor do uísque da minha boca. Eu encontrei minha escova de dente em um copo pequeno, junto com meu próprio tubo meio usado de pasta de dente Crest, o final enrolado parcialmente para cima. Era além de bizarro ver meu creme dental e escova de dente aqui, neste banheiro. Eu afastei minhas emoções o melhor que pude e escovei os dentes, lavei e utilizei o enxaguante bucal - novamente meu próprio frasco com um terço de Listerine.

Lembrei-me de ver Harris arrumar minhas roupas, mas como os meus outros pertences chegaram aqui e foram desembalados? Ele

tinha colocado minhas roupas apressadamente em uma mala e me conduzido para fora da porta e em seguida me levado diretamente para o aeroporto. Então, muito estranho. Era inegavelmente impressionante, mas assustador e perturbador.

Com os meus dentes escovados, minha maquiagem retocada e meu cabelo arrumado, voltei para a sala de estar da minha suíte e fiquei na janela, olhando para a vista da cidade e tentando controlar minhas emoções.

Obviamente, minha emoção mais forte era o medo. Eu tinha sido - recolhida - sem aviso, voado por todo o país e trazida para essa cobertura palaciana de algum homem rico e misterioso que dizia me possuir e que conhecia cada detalhe da minha vida, que sabia tudo sobre mim, até meu gosto para roupas. Eu não sabia o nome dele e não sabia como ele era.

Mas sua voz... Deus, sua voz. Cada palavra que ele falava parecia intencional, pensada, cuidadosamente escolhida e perfeitamente enunciada. Ele poderia ir de quente, macio, pessoal e íntimo para afiado como uma navalha e gelado. Sua voz acariciava, hipnotizava e penetrava.

Eu sabia como pareciam suas mãos. Ele tinha mãos grandes, mãos fortes. Toda a minha mão caberia facilmente na palma da mão dele, os dedos fechando facilmente em torno do meu. Sua voz vinha acima de mim ao que parecia, então eu imaginei que ele seja bastante alto.

Eu estava curiosa. Eu queria saber o que ele queria de mim. Por que eu? Essa era a grande questão que eu tinha. Por que eu? Ele me observou por - um longo tempo - ele disse e a profundidade de seu conhecimento sobre mim deixou claro que ele não estava

mentindo ou exagerando. Mas, ainda assim, apesar disso, eu nunca, nunca senti a sua presença na minha vida. Nunca tive a sensação de estar sendo seguida ou observada, exceto por aqueles poucos momentos em que ele já tinha explicado. Ele nunca interferiu em minha vida, nunca enviou cartas ou telefonemas assustadores que perseguidores fazem. Quando eu estava nos momentos mais desesperados e apertados da minha vida, ele... Salvou-me e afirmou não querer reembolso financeiro.

E ele também prometeu que não iria forçar sexo comigo. Ele só queria que eu... O quê? Eu ainda não sabia. Estivesse aqui? Tivesse conversas bizarras e jantares com os olhos vendados e coquetéis? Fosse a amante não sexual de olhos vendados? Ele tinha uma empregada, então eu duvidava que ele fosse tentar me transformar em Cinderela, lavando suas roupas ou qualquer outra coisa. Então, o que ele queria? Só eu, ao que parecia. Eu não conseguia entender o que ele realmente queria que eu *fizesse*, e eu tinha a sensação de que nunca descobriria. Eu só tinha que descobrir através da experiência.

Mas apesar de todo o meu medo, eu percebi - se examinasse minhas próprias emoções, honestamente - que eu não sentia nenhuma sensação de perigo. Eu não me sentia ameaçada por ele. Eu não sentia como se ele fosse louco ou instável. Excêntrico, certamente. Estranho e recluso, definitivamente. Mas... Perigosamente desequilibrado? O tipo de perseguidor que me deixaria em pacotes desmembrados em uma geladeira? Não.

Então... O arranjo? Eu iria aceitar seus desejos? *Obedecê-lo*? Ou ir para casa e voltar a estar a um passo da miséria?

Eu não podia fazer isso. Cal estava dependendo de mim. Eu amava o meu irmãozinho. Ele era tudo o que eu tinha e ele precisava de mim. Ele merecia a melhor chance de ter uma vida normal que eu

poderia lhe dar. Cal era um garoto bonito, inteligente, com uma cabeça sólida em seus ombros. Ele poderia ser bem sucedido. Ele estava estudando cinema e eu tinha visto algumas de suas peças; ele era talentoso e eu podia vê-lo trabalhando em Hollywood. Mas teria que ter certeza que ele terminasse a faculdade. Ele já estava trabalhando o máximo que podia e ainda ia para a faculdade. Ele era um garoto determinado e eu sabia que se acontecesse o pior, ele iria encontrar o seu próprio caminho... Mas eu era sua irmã mais velha e eu fui a sua única figura maternal verdadeira desde que tinha onze anos. Mamãe era impotente e nunca se recuperaria. Ravenwood era o melhor lugar para ela. Se eu não pudesse pagar as contas, ela ia acabar sob a guarda do Estado e seria movida para alguma casa de repouso de merda onde muito provavelmente ela seria abusada pelos funcionários. Eu não podia deixar isso acontecer. E, finalmente, havia sete anos desde que meu pai tinha morrido.

Eu já tinha tomado a minha decisão. Quando eu deixei Harris colocar a venda em mim do lado de fora das portas da frente, fiz a minha escolha. Eu não iria voltar atrás agora. Eu não podia. Isto era pela minha mãe e irmão.

E... Sim, por mim. Eu queria saber mais sobre esse homem misterioso que agora me possui.

Assim, com uma respiração profunda, eu toquei o botão do interfone. — Eliza? Estou pronta.

Capítulo 3

Primeiro Beijo

Eliza era uma mulher hispânica baixa e magra com cabelo preto grosso preso em uma longa trança que já estava grisalho nas têmporas. Usava um simples uniforme de calça preta, camisa preta de botão com as mangas enroladas até os cotovelos e tamancos pretos práticos. Ela tinha olhos castanhos bondosos e inteligentes que me olhou em uma avaliação completa.

— Eu sou Eliza. — disse ela em sua voz levemente acentuada.
— Se você está pronta agora, vou acompanhá-la até a sala de jantar.

— Parece bom. — estendi minha mão. — Eu sou Kyrie.

— É um prazer conhecê-la, senhorita. — ela assentiu para mim inclinando a parte superior do corpo ligeiramente em um gesto vagamente formal. — Siga-me, por favor. Gostaria de uma turnê?

Eu assenti. — Claro.

Ela me levou para fora do meu quarto e em um corredor. O chão era de madeira escura polida e brilhosa. Segui Eliza até o fim do corredor e para o que percebi ser o cômodo que eu estive com *ele*. Eu estava realmente irritada por não ter qualquer tipo de nome para usar, mesmo em meus próprios pensamentos. Era uma pequena sala de estar com duas cadeiras de couro escuro e uma pequena mesa. Em uma parede havia uma mesa lateral que amparava uma bandeja de

prata, uma garrafa de líquido âmbar escuro e três copos de cristal. Eu tinha quebrado um daqueles, percebi com desânimo.

— Sinto muito sobre o copo. — eu disse.

Eliza deu de ombros. — Isto não importa. Era apenas um copo.

— Só um copo? Parecem de cristal.

Ela assentiu com a cabeça. — Sim.

— Não era tipo, uma herança de família ou qualquer coisa, não é?

Eliza balançou a cabeça. — Não, nada disso. Por favor, não se preocupe. Essas coisas não são importantes para ele. Podem ser substituídas e ele não dá valor a meros objetos. — ela apontou para a sala de estar, o hall de entrada e no corredor que leva de volta ao caminho de onde viemos. — Você já viu esta área, então. Siga-me, por favor.

Pelo que via até agora, Eliza era uma mulher calma e eficiente. Ela não divaga sobre as obras de arte nas paredes, os vasos sobre os pedestais, ou as armaduras que estavam de cada lado da porta da frente. Ela simplesmente me levou de cômodo em cômodo, ocasionalmente apontando itens de interesse. Tal como o Vermeer original na sala de estar formal, o quadro envolto por trás do vidro grosso com temperatura controlada. Ou a armadura do século XII em posição de sentido ao lado de um majestoso relógio de pêndulo. Ou os exemplares da primeira edição de livros famosos na biblioteca.

Deus, a biblioteca. Era um sonho de biblioteca. Parecia mais do que a extravagância decadente de *A Bela e a Fera*: tetos de quinze metros de altura, prateleiras recheadas de livros que se estendia a toda a altura, com rolamentos de escadas para o acesso às prateleiras mais altas. Havia três níveis para a biblioteca, acessíveis por escadas em espirais ocultas, cada nível tinha recantos com poltronas macias, lâmpadas de leitura e pequenas mesas redondas.

Quando Eliza viu minha reação à biblioteca, ela levantou uma sobrancelha para mim. — Ele gosta de livros. — foi sua declaração inexpressiva.

Eu dei uma pequena gargalhada. — Sem brincadeira. Este lugar é incrível.

— Sim, é. — ela concordou. — Este edifício foi especialmente projetado e construído segundo as especificações do meu empregador. O que é normalmente referido como a “cobertura”, ou seja, o piso superior do edifício, realmente abrange algo mais parecido com os três ou quatro andares superiores, o que, obviamente, contabiliza o teto anormalmente elevado nesta sala, em particular.

Em seguida, ela me mostrou uma cozinha industrial, bem como uma segunda cozinha menor e mais caseira, dizendo que iria usar a cozinha secundária para as minhas necessidades do dia-a-dia. Havia uma copa fora da cozinha secundária e mais janelas do chão ao teto com vista para a cidade.

Havia uma única porta no final de um pequeno corredor ao lado da cozinha secundária. — O que tem lá? — eu perguntei.

— Seus aposentos. A porta está sempre trancada e essa é a única área que é proibida para você. — disse ela, fazendo um gesto para segui-la.

Ela me levou para um elevador interno para uma área aberta com uma piscina interior. O teto era de vidro, revelando o céu noturno. Através de uma porta deste cômodo estava uma sauna, um banheiro completo, sala de massagem, sala de musculação e um dojo^{7} completo com bonecos de treino e um rack de armas de madeira para prática de todos os gêneros.

Finalmente, ela me levou de volta para baixo do piso principal e parou do lado de fora de um par de portas francesas, não muito longe das cozinhas. — Por esta porta é a sala de jantar, onde ele a espera. Você está pronta?

Eliza ergueu a venda. Eu assenti e ela se moveu para ficar atrás de mim, amarrando-a ao redor da minha cabeça. Mais uma vez, o mundo ficou preto e eu era dependente dos meus outros quatro sentidos.

— Eu sinto que deveria dizer... Eu trabalho para ele por vinte anos, senhorita Kyrie. Ele é um bom homem. Ele tem suas próprias maneiras estranhas, gosta das coisas assim e ele exige excelência em todas as coisas, mas... Ele é um bom homem. Eu sei que você deve estar com medo, mas, por favor, você não precisa ter. Se houver alguma coisa que eu puder fazer por você, só tem que pedir. Eu sou a cozinheira também, então se você quiser qualquer alimento específico ou gostaria de um prato específico, basta me pedir. Você só tem que me chamar através do interfone e vou responder. — ela me deu um tapinha no ombro e então ouvi a porta ser aberta e suas mãos segurarem a minha. — Por aqui, por favor.

Ela me levou cerca de cinquenta passos, meus saltos ecoando em um azulejo ou piso de mármore e paredes distantes. — Senhorita Kyrie, senhor.

— Obrigado, Eliza. — sua voz veio da minha esquerda, aproximando-se mais sobre passos suaves. — Vamos começar com o primeiro prato quando você estiver pronta.

— Muito bem, senhor. — os passos de Eliza recuaram na direção oposta de onde viemos, em seguida, a porta se abriu e fechou.

Senti suas mãos na minha, engolindo a minha, me puxando para frente mais alguns passos e então ele puxou uma cadeira, me guiou na frente dela e me estabeleceu com suas mãos pesadas, porém suaves sobre os meus ombros. Quando eu estava sentada, suas mãos permaneceram lá, os polegares massageando entre minhas omoplatas. Eu estava tensa, percebi, e sua forte e gentil pressão era maravilhosa. Muito maravilhosa. Eu quase gemi em voz alta, mas consegui segurar.

— Muito tensa, Kyrie.

— Eu diria que tenho razões para estar um pouco tensa, não é?

— Mmm. Suponho que você tem mesmo. — as mãos dele desceram pelos meus braços e seus polegares trabalharam nos nós em torno de minha coluna, com um poderoso rolamento suave. Jesus me ajude, isso era tão bom. — Você está com fome, Kyrie?

Meu estômago borbulhou, respondendo por mim. Ele riu e eu ouvi uma cadeira raspar no chão ao meu lado. — Como isso vai

funcionar? — eu perguntei. — Você não espera que eu coma com esta venda nos olhos.

— Você vai ver. — foi sua resposta enigmática.

Poucos segundos depois ouvi a porta abrir e os pratos foram estabelecidos na nossa frente. Senti o cheiro de sopa, caldo de carne, possivelmente e pães recém-assados. Eliza saiu e eu me atrapalhei com a colher na minha frente, achei e depois procurei pelas bordas da tigela. Eu a encontrei, apenas para empurrar o líquido tão escaldante espirrando em minha mão, me fazendo afastar e amaldiçoar.

— Kyrie, Kyrie. Tão, impaciente. Dê-me sua mão. — sua voz era dividida em partes iguais entre divertida e de desaprovadora.

Eu hesitei e depois estendi a mão latejante. Minha palma descansou contra a sua. Eu ouvi um tilintar de utensílios contra o vidro e então algo intensamente frio deslizou sobre a pele queimada da minha mão, entre o polegar e o indicador. Assobieei em surpresa e então gemi de alívio, quando o gelo acalmou a queimadura. Depois de alguns segundos, ele colocou o cubo de gelo em uma bandeja ou prato de algum tipo e passou um pano para limpar minha pele e secá-la. E então minha mão foi levantada e seus lábios tocaram o local queimado na minha mão, beijando-a. Eu senti um rubor correr por mim, estremecendo minha coluna.

— O que... O que você está fazendo? — perguntei com minha voz chiando.

— Isso... — respondeu ele entre beijos. — Se sente melhor agora?

— Eu... Eu... Sim... — respirei.

O toque de seus lábios era suave, sensual. O gelo havia acalmado a queimadura, deixando um leve formigamento e então seus lábios patinaram pela minha pele, quentes e úmidos e eu não consegui evitar um arrepio, não consegui evitar um suspiro. Seus lábios se moviam da curva do meu polegar para a palma da minha mão, não mais suave agora, mas beijando por beijar. Oh, Deus. Ele estava beijando minha mão? Ninguém tinha beijado meus machucados desde que era uma criança pequena. Minha mãe nunca foi o tipo beijo-para-sarar, mesmo em seus melhores dias. E meu pai, bem, ele tinha sido amoroso o suficiente, mas estava muitas vezes ausente, trabalhando o tempo todo.

Agora os beijos atravessavam meus dedos, ao redor da borda da minha mão. Engoli em seco o nó perturbado em minha garganta, mas ainda não conseguia recuperar o fôlego. Outro beijo na lateral da minha mão. Ele virou a palma da minha mão para cima e seus lábios tocaram o centro da minha mão. Meus dedos se fecharam involuntariamente e tocaram o seu lábio superior com barba por fazer, então roçaram seu nariz. Sua pele era tão quente, suave ainda que áspera, uma contradição perfeita de masculinidade. Os lábios escovaram sobre a palma da minha mão, no meu pulso. Oh, Deus, oh senhor, oh merda. O toque de seus lábios era... Esmagador, gentil, doce, insistente e quase erótico. Eu estava ofegante em respirações superficiais e quando seus lábios beijaram meu antebraço, finalmente aconteceu. Eu gemi. Eu não podia parar, não podia acreditar no que tinha acontecido. O som era de flagrante excitação, ofegante e sensual. Eu senti mais do que ouvi seu rugido em resposta e ele pressionou um beijo na parte interna do meu cotovelo, um lugar que nunca tiveram lábios, nunca tocado. O meu núcleo foi abalado pelo calor elétrico que me atacou com a simples sensação de sua boca ali. Ele sentiu minha reação e me beijou lá novamente. Eu exalei, inclinando minha cabeça para trás e lutando por compostura. Mas eu não tinha nenhuma. Nem um pinga. Seus dedos entrelaçaram aos

meus, a palma de sua mão apoiada no dorso da minha e sua outra mão em concha em meu cotovelo, segurando meu braço para ele.

Outro gemido embaraçosamente ofegante deslizou pela minha garganta enquanto seus lábios tocaram meu bíceps, mudou-se para o interior, pela pele macia e suave. Lábios molhados, macios e quentes, me beijando tão intimamente, tão ternamente, não conseguia evitar que o som escapasse. Eu nunca fui tocada desta maneira, nunca fui beijada desta forma. Seus lábios não tinham tocado os meus, não tinha me tocado em qualquer outro lugar, apenas em minha mão e braço e ainda assim eu estava mais excitada do que já estive em toda a minha vida. Eu estava tremendo da cabeça aos pés, toda quente, boca entreaberta e mal respirando.

— Kyrie... Kyrie... Tão suave e tão sensível. Você sente isso? Eu sei que sim, minha coisa mais doce. Eu sei que você sente. — sua voz era baixa, murmurando enquanto me percorria, sua respiração tocando meu ombro agora como um vento de sol quente. — É um raio, não é? Relâmpago puro, formando a eletricidade entre nós. Toda vez que meus lábios tocam sua pele perfeita, você cora e treme. Eu mal a toquei, mal comecei a beijá-la, só começando a aprender os segredos do seu corpo, mas você já reage tão bem. Kyrie... Kyrie... Você é tão bonita. Uma coisa tão preciosa, e eu simplesmente mal posso esperar para fazê-la zumbir, para fazer o seu corpo murmurar e estremecer por mim.

Eu não tinha fôlego, não ouvia nenhum som, apenas a sua voz e a poesia em suas palavras. Se eu tivesse ouvido alguém falar desse jeito, eu ironizaria e ridicularizaria. Soaria tão artificial, mas de alguma forma com ele, com sua voz rica e melódica, soava perfeito, natural. E as suas palavras, Deus. Eu não conseguia deixar de reagir a tais declarações. Eu senti minha coluna arquear, senti minha cabeça virar para o lado e curvar meu pescoço, oferecendo o meu pescoço para ele. Ninguém jamais disse tais coisas para mim. Eu fui chamada de sexy, gostosa e bonita. Um cara tinha até me chamado

de ‘deliciosamente fodível’; eu tinha sentimentos mistos sobre isso. Disseram-me que eu tinha um ‘corpo atraente’ e me disseram que eu tinha seios fantásticos. Uma vez, tinham me dito que meus olhos eram adoráveis. Isso era bom.

Mas... Isso era diferente. Sua voz, um murmúrio profundo no meu ouvido, rouca com sinceridade, repleta de algo como admiração... Isto levou sua poesia a um novo nível. Fez o que deveria ter sido um elogio bastante comum e banal - ‘tão bonita’ - em algo diferente, o empurrou em um novo campo.

E... Ele mal podia esperar para me fazer zumbir? Fazer meu corpo murmurar e estremecer por ele? O que diabos isso queria dizer?

Mas eu tinha uma suspeita. Eu *sentia* o relâmpago. Eu não podia negar isso. Meros beijos ao longo do meu braço e eu gemi. Se ele podia provocar essa reação com tais toques simples, o que poderia tirar de mim com as atenções mais íntimas? Estremeci com o pensamento que correu através de mim.

Seus lábios - agora deslizando ao longo do cume do meu ombro e na curva na base do meu pescoço - sorriram na minha pele. — Sim... Você sente isso. Você sente o que eu poderia fazer com você. O que *vou* fazer com você. — ele arrastou beijos pelo meu pescoço, um... dois... três... E, em seguida, seus lábios estavam abaixo do meu queixo, se aproximando - *será que ele vai me beijar?* - seus lábios deslizam para cima, para cima e pausaram logo abaixo do canto dos meus lábios. — Você quer que eu a beije, Kyrie? Não é? Você está com medo, mas você quer. Eu posso sentir isso em você, senti-lo em você. Peça-me, Kyrie. Peça-me para beijá-la.

Seus lábios pairavam, mal tocando a minha pele no canto dos meus lábios. Eu tremia toda. As palavras borbulharam até minha garganta, bateram contra a parede dos meus dentes. *Beije-me. Por favor, me beije.* Eu cerrei meu maxilar, apertei meus dentes juntos para impedir que as palavras saíssem.

— Não? Ainda não, hein? — sua respiração tocou minha bochecha e então seus lábios descem, muito brevemente para o inchaço do meu lábio inferior. Ele me beijou tão suavemente e tão rápido que eu poderia ter imaginado. E então senti um beliscão, dentes afiados pegando meu lábio e eu ofeguei. — Muito bem. Eu posso esperar.

Respirei quando o senti se afastar e então ouvi um tilintar de colher contra a porcelana.

— A sopa está esfriando. Abra a boca. — sua voz era neutra mais uma vez.

— Você vai me alimentar? — eu odiava quão fraca a minha voz estava, como eu parecia afetada.

— Sim, é claro. Agora. Abra a boca. É sopa de cevada e carne e é de morrer.

Eu hesitei e então o borbulhar apertando meu estômago me fez separar meus lábios. Uma colher deslizou contra a minha boca, sobre meus dentes e eu fechei os meus lábios sobre ela, provei, engoli. — Mmmm. Você não estava brincando. Isso é incrível.

— Eliza é maravilhosa. Ninguém cozinha como ela. — eu o ouvi tomar um gole de sopa, e em seguida, a colher cutucou meus

lábios novamente. — Você gostaria de um pouco de pão?

Eu assenti quando engoli e depois senti algo arranhar meus lábios. Senti o cheiro de pão fresco, abri minha boca para ele e provei o sabor rico e leve de uma baguete. Ele o mergulhou na sopa, o suavizando, tomei o pão dele, dei uma mordida e mastiguei, apreciando os sabores.

Assim foi, ele me alimentando, levando algum para si mesmo. Deveria ter sido estranho, mas de alguma forma não foi. Seus dedos quando ele me alimentava, tocavam meus lábios, meu rosto e eu não vacilei em seu toque. Uma vez eu quase aninhei em sua mão e depois me repreendi por ser ridícula.

Mas era tão surreal, tão absurdamente romântico e estranho, que eu não conseguia entender minhas próprias reações, não podia deixar de ser arrastada, só um pouco.

Eu ouvi o balanço da porta aberta, seguido pelo som de rodas sobre o chão. — A sopa estava do seu gosto, senhor, senhorita Kyrie? — Eliza perguntou quando removeu as tigelas e colocou outra coisa na minha frente.

— Estava incrível, Eliza. — eu respondi. — Obrigada.

— De fato. — disse ele. — Verdadeiramente maravilhoso, como sempre.

— O prato principal é salmão. — disse Eliza. — Fresco e assado com ervas e alho. Ao lado, você vai encontrar purê de batatas ao alho feito à mão e feijão verde.

— Ah, Eliza, isto parece excelente. — disse ele, sua voz suave com apreço. — E o vinho?

Eu ouvi um pop da rolha e o líquido sendo derramado. — Este é um Pinot Gris 96. — disse Eliza. — É da vinícola da França. — ela disse esta última parte como se descrevesse algo que ele estaria familiarizado.

— Ah, perfeito. — disse ele. Suas próximas palavras foram dirigidas a mim. — Eu possuo várias vinícolas em todo o mundo, uma das quais está na Alsace-Lorraine. Enquanto eu a possuir me certificarei de que a família original continue a produzi-lo, visto que eles têm feito vinho lá por mais gerações do que posso numerar.

Ele pegou a minha mão na sua e pressionou uma taça de vinho em minha palma. Eu enrolei meus dedos ao redor dela, trouxe-a para o meu nariz e cheirei. — Eu não sei muito sobre vinho. — admiti. — Eu sei que você deveria cheirar vinhos realmente bons, mas não sei que cheiro eu deveria sentir.

Ele riu. — Talvez outra hora eu possa lhe ensinar os pontos mais delicados da apreciação do vinho. Mas hoje não é o momento. Por agora, simplesmente aproveite.

Eu levantei a taça aos lábios e tomei um pequeno gole.

Putá merda fodida.

Isto era tão parecido com o vinho que eu estava acostumada, como uma Ferrari era com um Ford Escort 1989. Eu fiz um pequeno som de apreciação e tomei outro gole. Desta vez, segurei o vinho na minha boca, o rodei em torno de minhas papilas gustativas. Eu vi

essas coisas na TV ou no cinema, onde alguns esnobes do vinho, geralmente vestindo uma boina e um cachecol com babados, tomavam goles delicados e usavam palavreados absurdamente improváveis para descrever o vinho, coisas como *indício de ervas* e *toques de carvalho*. *Que besteira*, eu sempre pensei. Só que, com este vinho, realmente podia provar inúmeros sabores diferentes, nuances, indícios e notas. Eu não conseguia identificá-los ou descrevê-los, mas podia sentir o gosto deles.

— Uau. — eu acabei dizendo. — Isso é... Incrível. — estúpida, totalmente estúpida.

— Você nunca bebeu um *verdadeiro* vinho antes, não é?

Dei de ombros. — Acho que não. Quer dizer, eu já bebi vinho antes, obviamente. Mas nunca de uma garrafa que custasse mais do que, tipo, vinte dólares.

— Hah. — sua voz era abertamente irônica. — Isso não é *vinho*.

— Bem, foi o que eu tive. No entanto, eu posso definitivamente sentir a diferença.

— Isso é bom. Se você tivesse dito algo como 'vinho é apenas o vinho', eu poderia ter que repensar as coisas um pouco. — ele riu, transformando isso em uma piada, mas me perguntei se ele tinha falado sério.

— Você iria apenas me mandar para casa, então? — senti a superfície da mesa com a mão vazia e com cuidado coloquei a minha taça na mesa. — Talvez eu devesse ter fingido não notar a diferença.

— Foi uma brincadeira, Kyrie.

— Foi? — virei minha cabeça na esperança de olhar para ele. Um hábito, um gesto vazio.

Seus dedos quentes afastaram uma mecha de cabelo do canto da minha boca. — Sim. Foi. Eu gosto de coisas agradáveis. Sou extremamente rico, então encho a minha casa com o melhor de tudo. Mas tudo isso são apenas... Coisas. Sozinhas elas não significam nada. Gosto de vinhos caros, porque eles são melhores do que os vinhos baratos. Mas ainda é apenas vinho. — seu polegar deslizou sobre meu lábio superior e eu tive que evitar me virar em seu toque e acabar beliscando o seu dedo com os meus dentes. — E me diga a verdade, Kyrie. Será que você realmente iria para casa? Simples assim?

Eu não tinha nenhuma resposta. Tentei sutilmente mover meu rosto longe do seu toque, nervosa com minhas próprias reações intensas a ele.

— Você faria isso? — sua voz era cortante. — Responda-me, Kyrie. Se eu lhe dissesse que você poderia voltar para casa agora, sem violar o nosso acordo, você faria isso?

Eu puxei uma respiração instável com as minhas mãos espalmadas sobre a mesa. — Eu...

— Eu não acho que você faria. — sua voz estava perto, sua respiração quente em meu ouvido, falando um pouco acima de um sussurro. — Você sente isso, Kyrie. Se eu te beijasse agora, acho que você talvez poderia desmaiar. Você mal está respirando.

— Eu estou respirando muito bem. — eu menti. — Você faria isso? deixar-me-ia ir para casa agora?

— Não, eu acho que não faria.

— Por que não? — essas três palavras saíram sem fôlego dos meus lábios.

Sua respiração mudou, aquecendo meu ouvido, em seguida, minha bochecha e então, oh Deus - senti seus lábios na minha pele, meros centímetros da minha boca. — É por isso. — nossos rostos estavam tão perto que mal o ouvi.

Meu coração esta socando, martelando, golpeando no meu peito, enviando sangue pulsando em meus ouvidos. Minha pele estava formigando e minhas mãos tremendo. Nervosismo, antecipação... Medo? Analisar o que eu sentia era impossível. Eu só sabia que temia e necessitava, em igual medida, da sensação de seus lábios nos meus. Tão perto. Sim. Lá, por favor. Um beijo, um único beijo.

Eu somente tinha conhecido esse homem por uma questão de, talvez, duas horas, mas seus lábios estavam raspando nos meus e ele não estava respirando, também. Como isso era possível? Eu não sabia o nome dele. Eu não sabia como ele era. Eu só conhecia o som de sua voz, a sensação de suas mãos. Ele poderia ter 60 anos de idade, ele poderia ser feio, ele poderia ser tantas coisas. Mas de alguma forma, naquele momento, na amplitude de apenas um átomo entre nossos lábios, isso não importava.

— Tudo o que você precisa dizer é 'sim', Kyrie. — eu senti suas palavras, as ouvi, mas apenas um pouco. — Diga sim.

Não. Não. Não.

— Sim.

Uma mão enorme e quente moldou a parte de trás da minha cabeça, uma palma repousou em minha bochecha, os dedos enroscados no meu cabelo, aninhados contra a minha orelha e ao longo do meu maxilar, embalando o meu rosto, me puxando para ele. Demorou, mas uma mera mudança da minha cabeça, concordando, inclinando meu queixo para cima levemente. Por que eu estava permitindo esse beijo? Eu não deveria. Mas... Eu estava. Eu *tinha* que fazer. E era apenas um beijo.

Eu sou uma mentirosa.

Não era apenas um beijo.

Era poder. Controle. O reconhecimento de suas demandas. Admitindo o seu jogo.

Ah... E que jogo. A partir do momento em que seus lábios encontraram os meus eu sabia que ele era um mestre nisto, a arte da sedução através de um beijo. Lento, quente, molhado e insistente. Seus lábios se moviam sobre os meus, suas mãos me seguravam no lugar, não permitindo me afastar até que ele estivesse pronto para deixar ir. Ele me beijou como se tivesse algo a provar e de fato ele tinha. Ele provou para mim que esse beijo era só o começo.

Eu fui beijada antes. Muitas vezes. Houve beijos desajeitados e desleixados, aqueles momentos de tensão, repletos de intensidade desastrada como um adolescente. Houve beijos mais qualificados, apaixonados e intencionais. Houve beijos que roubaram a minha

respiração, beijos que se fundiram perfeitamente com o derramamento de roupas e a união de corpos.

Mas nunca, antes deste momento, houve um beijo que apenas roubou a minha vontade de me afastar, que consumiu a minha capacidade de pensar, que removeu a minha capacidade de resistir, de sentir qualquer coisa exceto o beijo.

Ele tinha gosto de vinho branco, leve e doce, suavemente ácido e frio. Esqueci-me de respirar; ele me deu o fôlego, e em seguida, levou-o de volta. Eu não tinha controle sobre minhas mãos. Eu as senti se movendo, as senti levantar e alcançar, e então, senti a barba áspera, o calor de seu rosto em minhas mãos. Ele não se afastou; ele permitiu que eu o tocasse.

Não foi um beijo profundo ou longo. Não havia nenhum embaraço de línguas, sem invasão ou demandas. Foi lento, suave e exploratório. Introdutório. Uma promessa. Um convite.

Quando ele se afastou, fiquei esperando, esperando e querendo saber. O beijo deveria ter continuado. Eu não queria que ele parasse. Ninguém nunca tinha me beijado com tanta possessão, uma insistência gentil, e isto era viciante. Deixei escapar um suspiro, uma respiração trêmula e instável.

— É por isso.

— Oh.

— Sim. Oh. — ele deu uma última passada com o polegar na minha bochecha e então ouvi um talher raspar contra o prato. — Abra.

Ao seu comando, minha boca se abriu por vontade própria. Um garfo tocou meus lábios e língua e provei o metal e em seguida, salmão, leve e folhado e perfeitamente aromatizado com ervas. Ele deu uma mordida e então me disse para abrir novamente, alimentando-me com batatas grossas e fortes com alho e feijão verde amanteigado e crocante. Foi uma refeição perfeita, aromatizada, equilibrada e cheia de sabor e até mesmo a estranheza de estar com os olhos vendados e sendo alimentada como uma inválida desvanecida.

Eliza trouxe sobremesa no momento em que tínhamos terminado o prato principal. Era um crême brûlée, cremoso, doce e grosso.

— Você não estava brincando. — eu disse. — Eliza é uma chef incrível.

— Eu a escolhi dentre mil candidatos. Passei quase um ano examinando cada candidato individualmente. Entrevistei apenas quatro deles e Eliza, obviamente, foi a escolhida. Ela é, verdadeiramente, uma fazedora de milagres.

— *Mil* candidatos?

Ele fez um barulho de *mmhmm* quando ele pegou uma mordida de sobremesa. — Para ser minha governanta pessoal? Essas foram apenas os que fizeram o corte inicial. Havia um total de quase dois mil, mais da metade dos quais faltava o conjunto de habilidade apropriada. Eliza faz quase tudo para mim. Ela cozinha, cuida das minhas roupas, limpa meus aposentos pessoais e vê quaisquer outras necessidades domésticas. Compras, alfaiataria, etc. Ela trabalha mais horas do que a maioria dos CEOs das empresas e em compensação eu lhe pago um salário igual aos mesmos CEOs que seriam

mortalmente ciumentos. — ele me alimentou outra mordida de sobremesa, falando enquanto fazia isso. — Eu exijo excelência e se estou satisfeito, recompenso generosamente.

— Ela limpa todo esse lugar sozinha?

— Oh, não. Eu tenho uma empresa privada que vem duas vezes por semana. Eles estão sob contrato, é claro. Mas eles não são permitidos em meus aposentos privados. Ninguém é. Eliza é a única pessoa que já esteve lá. Nem mesmo Harris cruzou esse limite.

— Então você confia em Eliza.

— Totalmente. — sua voz ficou tensa com emoção. — Ela está aos meus serviços por vinte anos. Ela foi a minha primeira funcionária em tempo integral, ela viu a minha empresa crescer a partir de uma muda para o que é hoje.

— Estou confusa. Você disse que você a escolheu dentre mil candidatos. Mas você também disse que ela foi sua primeira funcionária. Como isso funciona?

Ele suspirou. — Você está esperta, Kyrie. Mil pessoas é muito, mas eu a escolhi da lista de empregados do meu pai. Era... Uma espécie de teste, eu suponho que você poderia dizer. Ele me deu a liberdade de escolher qualquer um dos empregados de seu grupo e apenas um. Ele queria ver quem eu escolheria. — uma pausa, o raspar da colher buscando o final do crême brûlée. — A piada era sobre ele, no entanto, porque Eliza era do seu próprio pessoal doméstico. Ela estava sendo preparada para ser *sua* governanta.

— Eu aposto que ele não ficou feliz com o rumo dos acontecimentos.

— Não, ele não ficou. Ele tentou mudar o acordo, mas eu o tinha feito assinar um contrato. — ele riu. — Eu aprendi com o melhor.

— Quem é seu pai?

Sua voz ficou cortante. — Boa tentativa, Kyrie. Você vai conhecer a minha identidade no tempo devido. — eu bocejei. — Está ficando tarde e você teve um dia cansativo. Permita-me levá-la para o seu quarto.

— Bem, eu não tenho escolha. Vou ter de permitir que você faça isso, pois você é o único que pode ver.

— A venda irrita você, não é?

— Obviamente. Eu odeio depender de alguém para qualquer coisa. Esta é a definição de desamparo.

Ele se levantou, a cadeira arrastou no chão, em seguida, ele pegou meu cotovelo, deslizando minha cadeira conforme me levantei. — Esse é o ponto, Kyrie. Confiança. Dependência, desamparo. Você não teve ninguém além de si mesma para confiar por muito tempo. Muito tempo. E agora é a sua vez de me permitir cuidar de todas as suas necessidades.

— Eu pensei que era sobre controle. E privacidade.

Caminhamos em silêncio por alguns instantes antes dele responder. — Sim, isso é verdade também. A venda serve a muitos propósitos.

— E quando você vai tirá-la?

— Quando eu sentir que você e eu estamos prontos.

— E quando será isso?

Ele me puxou para que eu parasse e me virou e apertou minhas costas na parede. Senti sua presença diante de mim, me prendendo, enorme em cima de mim. Sua voz, tão perto, veio bem acima da minha cabeça. — Você confia em mim?

— Não.

— Não?

— Não - não completamente.

— Por que não?

Engoli em seco. — Eu não sei o que você quer de mim. Eu não sei o que está acontecendo. Para mim. Entre nós. Por que é que há um ‘nós’ aqui afinal de contas. Parte de mim sente - eu não sei - coagida. Chantageada. Mas você está certo, eu sinto - uma conexão. Uma conexão *possível*, algo assim. Uma química. Aquele beijo foi... Intenso. Mas ainda não sei o que eu quero. O que você quer. — eu hesitei. — Eu olhei o arquivo.

— Você não deveria ter feito. — disse ele.

— Eu quase desejo não ter feito. — eu disse. — Mas eu fiz, e... Obrigada. Por me proteger dele.

— Claro. Eu não podia me sentar e permiti-lo fazer mal a você.

— Então... Esse foi um longo caminho para me ajudar a confiar em você. Mas... Não é assim tão fácil. Não para mim. Eu não... Eu não posso simplesmente *decidir* confiar em alguém. Isso leva tempo. Esforço.

— E é por isso que a venda deve permanecer. — um dedo tocou meu queixo, inclinando meu rosto para cima. — Beije-me. — foi um comando.

— Peça-me.

— Não.

— Então, não.

— Você não está segurando o arranjo, ao que parece.

— Eu não respondo a comandos muito bem.

— E eu não vou me repetir. — sua voz tornou-se acentuada. — Mas, só desta vez, para você, eu vou. Você quer saber o que eu quero? Do que se trata? É uma questão de confiança. Obediência. Cumplicidade. Você obedece, eu aprendo a confiar em você. Se eu

confio em você, lhe darei o meu nome e permitirei que você me veja. Então vou permitir as coisas irem mais longe. Se eu não confio em você, isso vai levar muito mais tempo e será muito mais difícil.

— Você disse que não iria me forçar a fazer algo que não quisesse.

Eu ouvi um sorriso em sua voz. — E aquele beijo no jantar? Será que eu forcei você?

— Não.

— E eu não estou forçando você a fazer nada agora.

— Você está me ordenando a beijá-lo. — Deus, eu odiava como petulante soei.

— E você não quer?

Senti o cheiro de seu perfume, senti seu calor. Não pude deixar de me lembrar do beijo e eu sabia que ele estava certo. Eu queria beijá-lo novamente. Eu não queria desejar o beijo, mas eu fiz. Eu queria sentir a sua mão no meu rosto, seus lábios nos meus.

— Maldito seja. — eu respirei.

— Eu posso ler você como um livro, Kyrie. Você está corada. Ofegante. Você sente a minha presença. Você quer isso. Você *me* quer. Você tem medo do seu próprio desejo e tem ainda mais medo de mim. Mas você não precisa ter medo. — ele colocou ambas as

mãos sobre minhas bochechas. Meu rosto inclinado para cima. — Agora... Beije-me.

Obedeci ao seu comando. Eu o beijei. Eu pressionei minhas costas contra a parede e levantei na ponta dos pés, toquei meus lábios nos dele. Nossas bocas se encontraram e eu suspirei. Foi uma expiração de necessidade, de ânsia, de alívio, de frustração. Ele chupou meu suspiro em sua boca e puxou meu rosto para ele, suavemente ainda que irresistível. Nossas bocas e suas mãos no meu rosto, estes eram os únicos pontos de contato entre nós, mas... Eu o senti me envolver. Eu senti como se ele de alguma forma tivesse bloqueado todo o mundo, incluindo os meus próprios medos. Como se o sabor de seus lábios apagasse meu nervosismo, meus medos e minha hesitação, de modo que tudo o que restou era a sua boca sobre a minha.

Isso em si já me apavorava.

Minhas mãos, mais uma vez, me traíram. Elas levantaram e estenderam, tocando uma dura e ampla parede humana. Seda fresca e suave encontrou meu toque; uma gravata. Meus dedos abertos e minhas mãos espalmadas contra seu peito. Eu senti o músculo firme sob suas roupas. Minhas mãos subiram e descobriram ombros largos. Muito, muito para cima. Este homem era *muito* alto. Eu encontrei a coluna de seu pescoço e deixei minhas mãos viajarem até tocar seu maxilar, áspero e arranhando com a barba por fazer. Comecei a pesquisar para cima, tentando aprender as características de seu rosto como se eu fosse cega, mas uma de suas mãos prendeu meus pulsos juntos, segurando-os para baixo, entre nós. Meus dedos se agitaram em seu aperto como um pardal atirado pelo vento e o beijo continuou. Aprofundou-se. Os fogos da minha paixão, uma vez sonolento, foram acesos. Levantei mais alto na ponta dos pés, inclinei-me para ele e agora este beijo não era apenas um encontro de bocas, mas um dando e um tomando.

Deixou de ser apenas um beijo. Um acordo, que *sim, eu quero isso*. Eu tremia quando sua boca se moveu na minha, o meu rosto inclinado para o lado, nossos narizes escovando, batendo e o tremor também era uma admissão de que disse *sim, eu tenho medo disso*. Mesmo assim, o beijo continuou, conduzindo, exigente. Tornando-se mais e mais, até que este beijo quebrou todos os outros, afogando a memória de qualquer outro beijo.

A ponta da sua língua deslizou através da abertura dos meus lábios, mas antes que eu pudesse abrir a boca, ele se afastou, liberando meus pulsos. A meio metro de distância mais ou menos, eu podia ouvir sua respiração dura e forçada.

É bom saber que pelo menos ele tinha sido afetado.

Quanto a mim? Eu estava tremendo toda com as mãos espalmadas contra a parede ao lado do meu quadril, costas arqueadas, ombros contra a parede, a cabeça ainda inclinada para cima como se estivesse na memória ou paródia do beijo - O Beijo.

Ouvi uma maçaneta girar, o sussurro de uma porta se abrindo em todo o carpete. Suas mãos agarraram meus ombros e ele me guiou para a porta. O senti nas minhas costas e suas mãos deslizaram pelos meus braços cruzados sobre meu estômago. Ele me segurou com ele, apenas por alguns instantes. Pela sensação de seu peito subindo e descendo com a respiração, eu estava ciente de sua altura. Tão alto. Eu mal chegava ao seu peito.

— Feche os olhos. — ele murmurou.

— Eu tenho uma venda nos olhos. — o lembrei, mesmo assim fechei meus olhos por trás do pano.

— Feche...

— Eles estão, eles estão. — eu o interrompi. Ele fez um som de desaprovação à minha insolência, mas não disse nada.

Seus dedos pegaram as pontas da venda, as separou, desamarrando-a. — Não falhe neste teste. — foi tudo o que ele disse enquanto a venda caía.

Eu mantive meus olhos fechados, voltada para frente, ouvindo atentamente, em sintonia com cada som. O ouvi dar um único passo para trás. Dois. Três. Eu queria tanto abrir meus olhos e me virar, mas não fiz. Por que não?

Porque eu estava gostando desse jogo.

— Boa noite, Kyrie.

— Boa noite... Você.

Ele riu, o som crescente distante.

Silêncio.

Eu abri meus olhos e encontrei-me na sala de estar de meus aposentos. Num impulso eu me virei na ponta dos pés para dar uma olhadela em torno da borda da porta. Foi apenas a tempo de pegar um vislumbre de alguém extremamente alto, um flash de cabelos loiros, cortado rente ao crânio. Calça preta, paletó. Ele dobrou a esquina e desapareceu.

Fechei a porta, me inclinando para deixar a minha testa descansar contra a madeira.

O que eu estava fazendo? Eu o beijei. Duas vezes. Um homem do qual não sabia, literalmente, nada. No entanto, eu não podia negar que eles eram, de longe, os melhores beijos da minha vida.

E... Eu queria mais.

Capítulo 4

Testes

Eu pensei que o sono viria imediatamente para mim. Tinha começado o dia em casa, em Michigan, vivendo a vida como de costume. Em questão de horas, a minha vida foi totalmente alterada. Agora estava em Manhattan, trancada em uma torre como uma merda de Rapunzel. Só que poderia ir embora quando quisesse. A única coisa me segurando aqui era a minha própria teimosia, minha curiosidade, a minha necessidade de me certificar que a única família que me restava fosse bem cuidada. Eu sorri para mim mesma. Eu posso ser loira, mas meu cabelo não era *tão* longo. Então, eu não era nada como Rapunzel, exceto por estar em uma torre. E havia muitas torres naqueles velhos contos de fadas.

Isto era um conto de fadas? Se fosse, certo como a merda que eu não era qualquer princesa. Meu... Captor? Meu provedor? O que era ele? Um príncipe? Ele poderia ser. Talvez fosse uma espécie de realeza europeia; ainda tinham realeza em alguns países europeus. Ele definitivamente parecia ter os trejeitos de um aristocrata. Discurso próprio, um toque de formalidade, mesmo nas situações mais privadas e íntimas, maneiras elegantes. Ele até mesmo amaldiçoava com elegância. Claramente muito bem educado, obviamente rico. Eu tive a sensação de que ele veio de berço de ouro, de privilégio. Ele não era um recém-bilionário da internet, algum jovem rico bem sucedido do ramo imobiliário. Ele nasceu na riqueza, mas algo me fez pensar que ele tinha feito sua fortuna também. As pistas estavam lá, afinal de contas, especialmente na história de como ele tinha contratado Eliza. Eu não acho que ele quis revelar muito de si mesmo para mim tão cedo, mas a história me dizia muito sobre ele.

Esforcei-me para dormir e não consegui. Não havia relógios em meu quarto, então não poderia dizer que horas eram. Eu tinha o meu celular em algum lugar na minha bolsa, mas a bateria estava morta, e, honestamente, eu encontrei-me sem me importar que horas eram. Tarde, isso eu sabia. Harris tinha aparecido às quatro da tarde. Eu tinha acabado de chegar em casa após um turno de almoço no Outback, e tinha tomado banho para tirar o fedor do restaurante. Já passava quatro, quase cinco horas, desde o momento que Harris e eu deixamos meu apartamento para chegar aqui neste palácio arranha-céus. Outra hora do primeiro encontro para o jantar... Tinha que ser mais de meia-noite, facilmente. O jantar foi longo, lento e o evento prolongado. Nós tínhamos prolongado ao longo de cada mordida. Houve longos silêncios entre nós, momentos estendidos desprovidos de conversa vazia. Esses silêncios deveriam ter sido estranhos, mas não foram.

Eu não era dada à conversa fiada, à conversa inútil. Eu estive em dezenas de primeiros encontros na minha vida que nunca tinham ido a lugar algum, simplesmente porque não estava interessada em tagarelice fútil. Eu não tinha paciência para homens que divagavam sem parar. Cale a boca se for falar sobre o jogo de futebol estúpido. Eu não poderia me importar menos sobre a porra do futebol. O Lions é péssimo, eles sempre foram péssimos e sempre serão péssimos. Cale-se sobre as ações. Não me interessa quais ações subiu dez pontos e quais caíram cinco. O que isso quer dizer e em que universo eu devo me importar? Se a conversa não me interessa, estou fora. Tipo, acabado, agora, fim da história, não concluo o encontro. Eu no meio de uma refeição me levantei e disse: ‘Obrigada pelo esforço, mas isso não está dando certo’. Eu prefiro comer sozinha e em silêncio a ter conversa fiada. E o meu homem misterioso, senhor alto e loiro, ele parecia ser da mesma maneira. Ele não falou a menos que tivesse algo interessante a dizer e eu apreciei isso nele.

Não admira que não conseguisse dormir. Meu cérebro estava em círculos intermináveis, voando de pensamento em pensamento como uma borboleta em um campo de flores silvestres.

Pensei no vislumbre que tinha conseguido dele. Ele tinha que ter pelo menos um metro e noventa, talvez mais alto. Toda vez que tinha estado em torno dele, ele se moveu quase em silêncio, seus passos leves e rápidos. Quando o assisti virar a esquina, ele se moveu com facilidade, apesar de sua altura. Ele parecia magro e musculoso, mas não corpulento. Quer dizer, isso era apenas conjectura baseada em um único olhar de uma fração de segundo, mas essa foi a minha impressão.

E isso também funcionou para mim. Eu não ficava impressionada com caras que tinham músculos nos músculos, cinquenta centímetros de bíceps e músculos peitorais maiores do que os meus próprios seios - que não eram pequenos, por sinal. Se um cara se exercitava, ele obviamente passava horas na academia. Permanecer nesse tipo de forma precisava de dedicação. Bom para eles, com certeza, ótimo, vá em frente. Mas queria que o cara que eu namorasse tivesse tempo para mim. Se ele me deixar de lado três ou quatro horas todos os dias só para ir à academia, então, era três a quatro horas que ele não tinha para mim. Chame-me de egoísta, mas eu esperava que meus namorados fossem mais dedicados a *mim* do que ao seu banco de musculação. Além disso, por que você precisa ser tão grande? Você vai ficar levantando coisas pesadas o dia inteiro? Você rotineiramente precisa levantar duzentos quilos... Pense? Hum, provavelmente não. O que ainda pesa duzentos quilos que você encontra na vida cotidiana? Eu não consigo pensar em uma única coisa.

Não, me dê um cara que está em boa forma, que pode manter uma conversa interessante em qualquer dia da semana. Dê-me um cara que pode me mostrar um bom tempo sem ter de flexionar seus músculos seis vezes por minuto, só para ter certeza de que eles ainda estão lá. Eu gostaria de dizer: Sim, amigo, você ainda tem seus músculos. Eles não foram embora nos últimos cinco minutos. E, não, eu ainda não estou impressionada com o quanto você pode levantar. Você pode me levar para a cama? Você pode durar tempo suficiente para me fazer gozar? Essas são as coisas importantes. Leve-me para a

cama, me faça gozar. Se você conseguir essas coisas, eu vou ficar impressionada.

Por isso que, aos vinte e seis anos, eu ainda era solteira. A maioria dos caras não passava no teste do primeiro encontro, muito menos o teste de longa duração de manter o meu interesse por mais de um mês. *Esportes filmes e treinos para os meus músculos e estou em ótima forma.* Cale a boca, EU NÃO ME IMPORTO. Use o músculo em seu crânio e em seguida, e dentro de suas calças. Impressiona-me com seu vocabulário e depois a sua atenção sexual. Veja, essa era a outra coisa. Eu realmente não precisava de um cara para ser capaz de gozar por horas e horas. Isso ficava chato pra caralho muito rápido. Ha, isso foi engraçado. Não, de verdade, no entanto. Eu preferia gozar rápido e forte, a ser fodida por horas a fio. Quer dizer, não me interpretem mal, eu *adoro* sexo. Era ótimo. Mas horas disso? Provavelmente não. Descubra o que me faz gemer e faça isso até que eu goze. Eu garanto que, se você fizer isso, você gozaria, também. Isso era apenas como funcionava. Comigo, e provavelmente a maioria das outras mulheres, eu aposto. Porém, a maioria dos caras não parece conseguir isso. Eles parecem pensar que mais forte e mais rápido e mais longo significava melhor, quando na realidade, isso muitas vezes não era o caso.

O Homem Misterioso?

Putá merda. Ele poderia me excitar com meras palavras. Um sussurro no meu ouvido. Um toque no meu rosto. Um beijo no meu queixo. Ele me tinha contorcendo, molhada e necessitada no jantar e ele só me *beijou*, beijos razoavelmente castos. Sem língua, sem carícias. Minhas roupas permaneceram, e no lugar. Merda, ele me excitou mais com alguns beijos na minha mão e braço do que qualquer outro cara tinha conseguido em uma noite inteira de sexo completo. Não era difícil me deixar quente e com tesão, nem era difícil para me fazer gozar. Eu estava... Na média, eu acho. Eu não

tenho um gatilho de cabelo, e raramente gozo mais de uma vez. Mas, se você prestar atenção aos meus sinais, você poderia me ver gozar muito facilmente.

O que aconteceu no jantar?

Irreal. Apenas... Totalmente irreal.

Eu saí da cama vestida com uma camiseta e calcinha e caminhei pela sala de estar, meus pensamentos corriam. Estava com tesão. No fundo, entre as minhas pernas. Ele fez-me quente e me deixou em suspenso. Eu não gostei disso. Eu não estava em algum tipo de frenesi sexual, apenas... Levemente frustrada. Curiosa, querendo saber, precisando de mais.

Definitivamente, eu não aguentava mais. Deixei o meu quarto e caminhei em direção as cozinhas. Eu não me incomodei de vestir algo, uma vez que apenas Eliza estaria por perto para me ver, presumindo que ela ainda estivesse acordada. O Homem Misterioso - Deus, eu realmente precisava descobrir o nome dele - tinha dito que ele estaria em seus aposentos privados.

Realmente? Aposentos privados? Mais quem diz isso? A adolescente de mente suja em mim queria fazer uma piada sobre isso. Quando confrontada com situações que eu tinha dificuldade em lidar, o meu escape era reagir com humor, geralmente obsceno e inadequado.

Depois de algumas voltas erradas, encontrei a cozinha industrial, escancarada, ecoando e escura. Um fogão Wolf a gás de oito bocas com um respiradouro expansivo, tampas de forno duplo reluzentes, um forno de pizza de pedra apagado com uma pá de cabo longo encostado na parede, uma grande ilha com uma placa de corte

branca situada na frente a uma série de contêineres de refrigeração com tampo de prata, fechados. Esta era uma cozinha de restaurante, feita em série de luxo. Havia uma câmara de refrigeração, um freezer e um refrigerador de vinho de dois metros de altura, abastecido com garrafa após garrafa que assumi por serem milhares de dólares em vinho gelado. Havia outro frigorífico independente dedicado a nada mais que cerveja: Stella Artois, Newcastle, Smithwicks, Guinness, Harp, Yuengling, Duvel, Chimay... Cada tipo de cerveja que você poderia imaginar, exceto doméstico barato. Sem Bud Light ou Coors aqui. Eu provavelmente não deveria dizer a ele que raramente bebia qualquer coisa, exceto Bud Light. Isso era devido mais às restrições orçamentais do que a minha preferência, mas mesmo assim.

Eu escolhi uma Harp, vasculhei meia dúzia de gavetas até que encontrei um abridor de garrafas. Eu vaguei com a cerveja na mão, até que encontrei a copa. Eu estava com o meu nariz perto do vidro, olhando para a cidade ainda movimentada.

Senti seu cheiro antes de ouvi-lo. Honestamente, acho que nunca realmente o ouvi me abordar. Sentia o cheiro de seu perfume, o sentia atrás de mim.

— Não se vire. — ele murmurou.

— Eu não vou. — o cômodo atrás de nós estava escuro, então não havia reflexo dele na janela. Uma admissão apareceu de repente e saiu; eu tinha que saber o que ele faria. Este era o meu teste para ele. — Eu espiei, mais cedo. Você estava virando a esquina. Você é muito alto e tem cabelo loiro.

Houve uma hesitação longa e significativa antes dele responder. — Porque você me disse? Eu nunca saberia.

Dei de ombros e engoli um gole de cerveja. — Eu não sei. — uma mentira, mas eu não podia dizer a *ele* a minha verdadeira razão de contar a verdade.

— Hmmm. — eu ouvi o glug de um líquido passar por um gargalo e deduzi que ele estava bebendo cerveja também. — Você não deveria ter espiado, Kyrie.

— Eu sei. Desculpe-me. — estranhamente foi um verdadeiro pedido de desculpas.

Por que isso importa? Eu não conseguia responder a essa pergunta, exceto para dizer que importava. Não havia razão em negar seu efeito sobre mim, não adianta negar que eu queria sua aprovação, a sua confiança. O que havia nele que criava esta reação em mim?

Ele estava longe o suficiente atrás de mim, de modo que não estávamos nos tocando, mas perto o suficiente para que eu sentisse o calor vindo dele. Eu deveria estar constrangida pela minha vestimenta - ou a falta dela - mas eu não estava. Não com ele. E mais uma vez, por que não estava? Eu não era uma puritana, nem era tímida. Eu poderia balançar um biquíni sem me sentir constrangida, mas não era uma exibicionista, também. Eu não mostrava mais pele do que me sentia confortável. A camiseta que eu estava vestindo mal cobria minha bunda, deixando quase toda a minha metade inferior à mostra para ele. E isso não me incomodava nem um pouco. Sentia-me... À vontade, apesar de estar seminua perto de um homem que eu tinha conhecido a menos tempo do que eu tinha levado para voar de Detroit até aqui.

— Eu lhe disse para não falhar no teste.

— Sim, você fez.

— E ainda assim você espiou.

— Eu sou uma menina curiosa, o que posso dizer?

— Você é uma menina má. — sua voz era baixa, sombria, rouca com promessa.

— Sim? — eu ouvi a grossa provocação na minha voz e perguntava quem era. Não eu, certamente. — O que você vai fazer sobre isso? — engoli em seco, esperando por sua resposta.

Senti seus dedos apertarem o algodão da minha camiseta, levantando-a. Ele deixou descansar na curva da minha bunda. A calcinha que eu usava estava em algum lugar entre lingerie e calcinhas básicas. Era o tipo de calcinha rendada que era moldada para a minha bunda, cortando firmemente entre as minhas nádegas. Rosa claro, confortável, sexy. Agora me sentia revelada, exposta. Eu não estava respirando; não me atrevia. Eu tinha sido má. Desobediente.

Mesmo pensando nesses termos me fez contorcer com desconforto. Eu não era uma criança que se preocupava com a *desobediência*. Mas ainda assim o sentimento persistiu, o medo misturado com excitação.

Algo quente e áspero segurou minha bunda. Eu balancei, quase deixando cair minha cerveja. Tentei respirar. Eu estava ficando tonta por ter prendido a respiração por tanto tempo. Sua mão acariciou primeiro um lado e depois o outro. Ele chupou uma respiração rasa e cortante.

— Mas que inferno, Kyrie. Tão malditamente perfeita. — suas palavras não eram realmente para mim, parecia, tropeçando para fora de sua boca em um murmúrio quase inaudível.

Eu estava prestes a objetar, para lembrá-lo que eu não era perfeita, quando ele falou de novo. Mais alto, para mim, desta vez.

— Sem espreitar mais, sim?

Mais uma vez, eu abri minha boca para falar quando fui cortada. Desta vez, por um rápido e ainda ardido tapa na minha nádega direita. Não foi forte; não doeu. Ele só... Me surpreendeu. Eu arfei com o contato inesperado e em seguida, o arfar se transformou em outra coisa quando a palma da mão alisou e suavizou a minha pele ardida.

— Sem mais espreitar, sim? — seu tom estava solicitando, exigindo uma resposta. Estava muito surpresa e confusa para formar palavras. Assenti com a cabeça, esperando que isso bastasse. Aparentemente não. O ligeiro e ardido tapa veio para o lado esquerdo da minha bunda desta vez, mais uma vez seguido imediatamente por um círculo suave de sua mão quente. — Sem... mais... espreitar. *Sim?*

— Sim... sim. — a resposta voou dos meus lábios, sem fôlego e então chupei uma respiração longa, finalmente capaz de respirar.

— Isso não foi tão ruim, foi? — sua mão repousava sobre o contorno do meu quadril, casual, possessivo.

Familiar. Como se pertencesse ali.

— Eu pensei... Eu pensei que você disse que não gostava disso?

— Eu machuquei você?

— Não. — eu admiti.

— Foi um lembrete. Espero respostas quando faço perguntas. Eu nunca, jamais vou lhe causar dor. Um pouco de uma ardência, isso é tudo. — sua respiração envolveu meu pescoço e sua voz ressoou em meu ouvido. Deus, eu queria *tanto* virar. — E você gostou, não foi?

Eu sabia que tinha de responder. — Sim. — minha resposta foi apenas um suspiro - não contou como discurso. Foi um sussurro de mortificação.

— Se você realmente não gostar de alguma coisa, se faz com que você tenha desconforto ou dor, me diga. Eu deveria, em todas as circunstâncias, ser capaz de ler suas respostas para o que eu faço, mas se por algum motivo eu perder alguma coisa, diga-me. Mas, por favor - para o nosso bem - examine-se antes de me pedir para parar. Descubra se você *realmente*, verdadeiramente quer que eu pare. Ou se você apenas esta com medo de gostar de algo novo.

Tomei um longo gole da minha cerveja e depois, num gesto instintivo que me surpreendeu tanto quanto ele, eu acho, inclinei minha cabeça para trás até que encontrei seu peito. Eu mantive meus olhos fechados, por nosso acordo.

— Isso tudo é tão... Fora do comum. — me ouvi admitir. — Tão diferente. Tão estranho. Tão assustador. Eu não sei o que está

acontecendo comigo. Você - você faz algo para mim. Apenas - eu nem sequer sei - sem tentar. Como se você conhecesse todos os meus interruptores e botões. Mas você não poderia. Você não poderia saber o que me faz vibrar assim tão bem. Nenhuma quantidade de perseguição, me observando de longe, poderia lhe dizer o que me excita.

— Sim, você está certa. — sua voz, vindo de tão perto, a partir de seu peito, por cima da minha cabeça... Era alta, pura energia e vibração. — Eu te disse, Kyrie. Eu posso ler você como um livro. Você está com medo, mas você *quer* isso. Você odeia o fato de que eu a afeto tanto, mas gosta em igual medida. O medo torna isso muito mais emocionante.

Vidro tocou a madeira e em seguida, ele pegou minha garrafa e a colocou para baixo, também em cima da mesa atrás de nós. Suas mãos deslizaram pelos meus braços. Seu corpo se ergueu atrás de mim. Sua respiração soprou em meu pescoço.

— Olhos fechados, Kyrie.

— Eles estão. — eu disse a ele.

— Bom. — uma breve pausa. — Você confia em mim?

— Eu estou tentando. Eu estou chegando lá.

— Por tudo o que estou no controle aqui, isto ainda se move em sua velocidade. Eu vou empurrar seus limites, empurrá-lo para além do que você acha que está confortável, mas não tão rápido que seus medos assumam. — dedos, emaranhando aos meus, grandes, firmes e quentes, entrelaçando com os meus, pequenos, trêmulos e

frios. — Diga-me o que você quer. Agora. Uma coisa que você queira sentir.

Não houve hesitação. — Outro beijo.

— Boa menina.

Eu odiava essa frase, a forma como foi dita, elogiando a minha resposta. — Eu não sou um cão de merda, por isso não me venha com 'boa menina' comigo.

Ele riu. — Melindrosa e sensível.

— Eu não sou sensível. Eu só não me sinto bem como se estivesse falando como se eu fosse um poodle que finalmente conseguiu sentar no comando.

Eu pensei que, com esta pequena troca, o clima para o beijo teria desaparecido. Mas não. Oh, não. Meus olhos ainda fechados, ainda sentia sua respiração ondular sobre o meu rosto, pele áspera deslizando suavemente contra o meu maxilar, lábios quentes roçando os meus. E, assim tão rápido, a minha queixa foi esquecida. Eu girei no lugar, meus pés permanecendo plantados, meu torso girando e inclinando para trás. Era uma oferta, ainda outra maneira de mostrar a ele que eu estava cedendo a isso.

Você sabe como eu disse que eu não dormia por aí no primeiro encontro? Bem, eu raramente sequer beijava no primeiro encontro, também. Eu não era uma puritana; eu disse isso antes. Eu só não acreditava em mergulhar de cabeça em um relacionamento físico se não houvesse algum tipo de ligação emocional ou pessoal em vigor. Eu não esperava amor eterno de um cara que eu estava namorando.

Eu não esperava que o romance me-mantivesse-apaixonada - embora sempre fosse bom - mas eu esperava que ele colocasse algum tipo de esforço em me conhecer antes de tentar entrar na minha calça.

Então, por que diabos eu estava deixando este homem me beijar? Por que eu estava lhe pedindo para me beijar? Ele admitiu ter me observado por um longo tempo. Ele sabia coisas sobre mim que *ninguém* deveria saber. Isso ainda estava no fundo da minha cabeça, essa pergunta, *por que ele tomou conta de mim?* Poderia isso realmente ser chamado de ‘perseguição’ se ele nunca fez contato? Para mim, um perseguidor era alguém que observava cada movimento seu, lhe enviava cartas assustadoras e fazia telefonemas com respiração pesada, que ficava fora da janela do seu quarto e via você mudar de roupa, e se masturbasse ao mesmo tempo. Um perseguidor era alguém com uma obsessão, uma paixão perigosa, doentia. Talvez seja ingênua, mas eu não julgava isso do meu Homem Misterioso.

Definitivamente ingênua. Quer dizer, olhe para onde eu estava. Eu tinha sido recolhida. *Recolhida*. Isso ainda me irritava.

— Você não consegue jamais desligar seu cérebro, não é? — eu senti suas palavras na minha boca, me sacudindo de meus pensamentos.

— Não, realmente não. — disse.

— O que você estava pensando? — perguntou ele. — Deve ter sido bastante fascinante, se foi capaz de distraí-la de me beijar.

— Desculpe. Eu só... Toda esta situação está me alienando totalmente e foda-se. Eu não beijo no primeiro encontro. Eu não

obedeço. Eu não consigo esquecer que você me *observava*, que sabe cada pequena coisa sobre mim. — eu saí de seu abraço, estendi minha mão e mexi os dedos até que ele colocou a minha cerveja na minha mão. — Você pode me ler. Você já disse isso e é verdade. Isso me assusta também. Eu só estou... Eu estou assustada. Eu posso não sentir medo ou em perigo, mas não consigo parar de tentar entender esta situação. E sim, eu realmente não posso entrar em uma sessão de amassos quando o meu cérebro está funcionando a um milhão de quilômetros por minuto, tentando descobrir em que porra me meti. — eu tomei um gole e suspirei depois de engolir. — E... Por que eu?

Senti sua presença se afastar um pouco, o ouvi tomar um gole de sua cerveja. Eu olhei para longe, para fora da janela. Era um esforço constante para não virar, mas por algum motivo, era um esforço que continuei a fazer.

— Tudo é compreensível. — ele fez uma pausa para beber. — Por que você? Vamos apenas dizer por enquanto que... Eu tenho meus motivos. Eu escolhi você, porque quero você. Eu sei que isso realmente não ajuda muito, mas é tudo o que estou disposto a dizer no momento. Portanto, além disso, o que eu poderia fazer para aliviar alguns de seus medos?

Bati minha unha contra a garrafa. — Eu não sei. Um nome? Um apelido? Algo para eu chamá-lo? Não tem que ser o seu nome verdadeiro, apenas... *Alguma coisa*.

— Hmmm. Isso é um pedido razoável, eu suponho. — uma respiração profunda. — Você pode me chamar de... Roth.

— Roth?

— Sim. Roth. É... Um dos meus nomes.

— Você tem mais de um?

Ele riu. — Claro. Você não? Kyrie Abigail St. Claire. Pode-se, possivelmente, chamá-la de Abby ou Claire. Da mesma forma, parte do meu nome é Roth. É uma verdade que estou lhe dando e para um homem tão... Recluso e reservado como eu sou, isso não é um pequeno presente.

Quando colocado dessa forma... — Obrigada. — eu disse.

— De nada. — ele estava ali atrás de mim, perto e quente e enorme, mais uma vez. — Olhos fechados.

Fiz o que me foi ordenado. Fechei os olhos, forcei minha respiração a acalmar mesmo quando meu instinto era de prendê-la, suspensa e ansiosa, até que eu soubesse o que ele ia fazer. Inspire, expire. Eu era uma bola de tensão, ombros curvados, punhos cerrados, uma mão em torno de minha garrafa de cerveja, a outra com minhas unhas cavando em minha palma.

Em um esforço para provar algo - se a mim ou a ele que eu não tinha certeza, nem mesmo *o que* eu estava tentando provar - eu inclinei minha cabeça para trás e terminei minha cerveja em quatro longos goles. É claro, então eu tive que cobrir a boca e soltei um longo arrote silencioso.

— Saúde. — disse ele, uma melodia divertida em sua voz.

Eu ri. — Ei, eu o abafei.

— É verdade. Agora, você está pronta?

—Sim.

— Bom. — ele pegou minha garrafa e a colocou para baixo. Suas mãos em concha nos meus cotovelos deslizaram até os meus ombros. Eu tremi e senti minha tensão aumentar. — Você está tensa novamente. Relaxe, Kyrie. Eu não vou te machucar. Certamente você sabe pelo menos isso até agora.

Tentei forçar-me a relaxar, mas isso, é claro, era uma contradição em termos. Você não pode se forçar a relaxar.

Seus polegares circularam nos músculos das minhas costas, seus dedos massageando meus ombros. Isso ajudou. E então eu o senti tirar o meu cabelo do meu pescoço, por cima de um ombro. Minha língua jogou para fora e correu em meus lábios, antecipando seu toque, seu beijo. O que eu recebi foi uma lufada fresca soprando que me fez tremer e então seus lábios se encontraram com minha pele e o calor de sua boca tomou conta de mim. Cada parte minha relaxou e contraiu de uma só vez, a minha tensão se afastando até mesmo enquanto a ânsia me expandia e esforçava.

Outro beijo, na curva do meu pescoço. Seu dedo puxou de lado a gola da minha camisa e os seus lábios tocaram meu ombro. Ele se aproximou, perto da minha garganta agora. Uma mão segurou o feixe grosso do meu cabelo de lado, e a outra moldada pelo meu braço, dedos roçando a parte externa do meu seio sem sutiã. Os tremores eram constantes agora, cada toque fazendo a minha pele se apertar e meus músculos tremerem. Inclinei a cabeça para o lado e os seus lábios se esfregaram sobre meu pescoço para beijar meu pescoço. Senti seu cabelo roçando meu queixo, seu tronco se inclinando sobre o meu ombro. Estendi uma mão, puxando uma respiração profunda, nervos chocalhando quando ousei tocá-lo de novo. Meus dedos deslizaram ao longo da parte de trás do seu pescoço, através da borda de seu cabelo e entre seu cabelo. O ouvi

rosnar profundo em seu peito, desaprovação ou o prazer, eu não poderia dizer, mas ele não me impediu. Deixei meus dedos enrolarem na mecha macia de cabelo estreitamente aparada, perguntando para mim mesma sobre esta situação, este homem, não encontrando respostas e nem mesmo me importando. Ele beijou atrás da minha orelha e suas mãos caíram à minha frente, deslizando o algodão da minha camiseta sem me tocar completamente.

Ele segurou a barra inferior, punhos agarrados em cada uma das minhas coxas. Eu estava congelada, sem respirar... Eu tinha certeza que até mesmo o meu sangue tinha parado de bombear por um momento.

— Algodão tão fino... — ele murmurou, sua voz áspera com sugestão. — Eu poderia rasgá-lo tão facilmente. Ter você nua para mim, tão facilmente. Eu poderia beijá-la... Em todos os lugares.

Eu coloquei minha mão sobre a dele, entre os punhos, mantendo a minha camiseta para baixo. — Roth... Não...

— Não? — senti suas mãos se estenderem, senti o algodão começando a romper. — Você ainda está com medo, Kyrie? Você não quer sentir meus lábios em sua pele? Eu sei que sim. Você quer isso. Você tem medo de querer isso. Você tem medo de se entregar a mim. Mas você quer, tanto quanto eu. Você *realmente* já se deu a um homem antes? Eu não acho que já. E, certamente, nunca a um homem como eu.

— Um homem... — engoli em seco, lutando por palavras. Ele tinha o meu cérebro em espiral, meu corpo trêmulo, meu sangue trovejando, meu bom senso desmanchando e meus sentidos zumbindo. — Um homem como você?

— Sim, Kyrie. Um homem como eu. — outro puxão de seus punhos, e ouvi um *rip* distinto. — Um homem que sabe exatamente o que quer e exatamente como obtê-lo.

— E... E o que você quer? — eu estava tentando tanto manter a calma e falhando miseravelmente.

Rrrrrrip. Eu senti o ar fresco no meu umbigo.

— Fazer você gozar. — *rrrrripppp* — Mais forte do que você já gozou em sua vida.

— Merda...

— Ouvir você gritar. Sentir você tremer sob minhas mãos. — *Rrrrrrrrrrrriiip*. A camisa foi rasgada no espaço entre meus seios. Mais um puxão, e eles estariam livres. — Eu vou fazer você gozar com tanta força que vai chorar.

— Roth... — eu não tinha certeza do por que eu disse o nome dele. Como um argumento? *Tenha misericórdia? Por favor, sim, eu quero isso?* Nenhuma pista. Só sei que seu nome foi tudo o que saiu.

— Sim, Kyrie. Você vai falar isso, muito alto. Você pode gritar tão alto quanto você quiser, meu doce. Ninguém pode ouvi-la. — suas palavras deveriam ter me apavorado, mas elas só fizeram minhas coxas tremerem e meu coração bater com antecipação. — Você está pronta?

— Não...

— Bem, pelo menos você é honesta sobre isso. — *Rrrrrriipp*. Tudo o que segurava a camisa no meu corpo eram as mangas, e sua presença atrás de mim. — Você pode me dizer para parar a qualquer momento, Kyrie. Eu vou. Imediatamente.

Pare. A palavra não saía. Eu tinha parado de respirar novamente, e tive que tomar uma golfada de oxigênio antes de desmaiar. Minhas mãos tremiam ao meu lado, meus olhos bem fechados. Eu ainda estava coberta, porém, a camisa rasgada caída nas bordas exteriores da minha aréola.

— Uma torção das minhas mãos, Kyrie. Isso é tudo o que vai demorar. Você vai ficar nua para mim. — ele passou a ponta do dedo ao longo da minha clavícula, brincando com a gola da camisa rasgada. — Ou... Uma palavra da sua boca. Mas você tem que escolher. Agora. Diga-me para parar agora. E você sabe o que vai acontecer se você não fizer?

— O - o quê?

— Vou usar a camiseta como uma venda nos seus olhos e eu vou deitar você aqui mesmo, no chão. Eu vou fazer você gozar sem parar e novamente. Até que não possa respirar e não possa se mover. Até que esteja louca de êxtase.

Porra. Eu queria isso. Jesus, eu queria isso. — E, e você?

— O que tem eu? — ele parecia perplexo.

— O que você vai querer... De mim? Em troca?

— O que eu quero de você? Apenas os seus gemidos, Kyrie. Apenas o rubor em sua pele perfeita. Nada mais que isso. — isso era bom demais para ser verdade. Essa era uma lição que eu aprendi cedo na vida: Se parece bom demais para ser verdade, provavelmente é. Ele traçou o oco na base do meu pescoço com um dedo. — Ou, me diga para parar. Eu vou deixá-la sozinha e você pode ir para a cama. Vamos retomar isso outra noite, mas por esta noite, você estaria... Segura.

Segura. Eu queria essa segurança? Sim, e não. Eu não duvidava de sua capacidade de fazer exatamente o que estava prometendo e eu não queria nem pensar em quanto tempo fazia desde que eu tive um orgasmo. Mas eu também precisava saber se ele realmente iria parar quando eu pedisse a ele. O problema era que testá-lo, me deixaria doendo e frustrada.

Isso tinha que ser feito, no entanto. Eu nunca seria capaz de confiar nele totalmente, a menos que eu soubesse que ele era tão bom quanto sua palavra.

Suas mãos estavam prontas para jogar minha camiseta à distância e, se isso acontecesse, eu estaria perdida no seu toque.

— Pare. — eu estava orgulhosa de mim mesma por conseguir por essa palavra para fora, por fazê-la soar forte, confiante, todas as coisas que eu não estava sentindo naquele momento.

Suas mãos congelaram no exato momento em que a palavra saiu da minha boca. — Como quiser. — eu o senti se afastar e todo o meu corpo doía, gritava para mim pedindo-lhe para voltar, me tocar, terminar isso, fazer o que ele tinha prometido que faria.

— Isso é muito... Muito cedo — eu expliquei.

— Kyrie... querida, você não precisa se explicar. Eu entendo completamente.

— Você não está... bravo? — por que *diabos* eu me importo? Por que tinha que sair soando tão insinuante, tão fraco, tão pequeno? Ugh.

— Não, claro que não. Talvez um pouco... Desapontado. Não com você, por si só, mas... Simplesmente deixou-me querendo. Eu não acho que você entende a profundidade da minha atração e desejo por você. Mas você vai. — eu sentia o cheiro dele, sentia-o perto, sua voz de repente como um zumbido no meu ouvido. — Você vai. Você quer isso. Você está me testando, Kyrie. Não ache que eu não percebi isso. Então, este sou eu ganhando a sua confiança. Eu já passei no seu teste?

Eu endireito meus ombros, respiro fundo. Assinto. — Sim, Roth. Você passou. Obrigada.

— Conte até sessenta e então você pode ir.

— Tudo bem.

— Boa noite, Kyrie... de novo.

— Boa noite, Roth.

Ouvi seus passos recuarem e contei até sessenta. Eu perdi a conta, pensando em como ele tinha me chamado de ‘querida’. Eventualmente eu assumi que tinha passado mais de um minuto, então eu voltei para o meu quarto, segurando as bordas da minha

camiseta juntas. Sentei-me na minha cama, os restos rasgados da minha segunda camiseta favorita de dormir no meu colo. Que ele facilmente rasgou. Eu agarrei as extremidades da parte de trás da camiseta e puxei. Eu mal tinha pano para esticar. Eu tive que colocar toda a minha força para conseguir rasgar a bainha; ele tinha feito isso tão facilmente como rasgar uma folha de papel. Apesar de toda a sua força óbvia, seu toque nunca tinha sido nada menos do que requintadamente suave.

Ele tinha me dado um nome. Ele parou quando, obviamente, não queria. Parte de mim queria dizer que foi o suficiente - eu poderia confiar nele, eu poderia deixar tudo o que estava para acontecer, acontecer. Mas outra parte me segurou. Ele de imediato me disse que estava guardando um segredo que mudaria tudo. Para mim, para ele e para nós.

Que estranho era que já houvesse um 'nós'.

Coloquei uma camiseta nova, deitei-me na cama. Em vez de tentar dormir, deixei minha mente vagar, deixei-me imaginar como seria se apenas... Deixasse ir. Em ceder totalmente ao que ele queria. Algo me dizia que seria incrível pra caramba.

Basta viver um dia de cada vez. Isso foi o que eu disse a mim mesma. Um dia, uma experiência de cada vez.

Eu estava toda dolorida. Precisando dele para terminar o que tinha começado, recusando-me a fazê-lo eu mesma.

Eventualmente, quando o pedaço de escuridão entre as cortinas fechadas começou a virar cinza, adormeci. Eu sonhei com grandes mãos me tocando suavemente. Eu sonhei com aquelas mãos

puxando os cobertores até mais perto do meu queixo, de uma silhueta alta no canto do meu quarto.

Quando eu acordei com um raio de sol era tarde na manhã, eu jurei que senti o cheiro de seu perfume no meu quarto.

Capítulo 5

Ópera

Eu fui deixada por conta própria a maior parte do dia seguinte. Eu encontrei uma variedade surpreendente do meu iogurte favorito estocado na geladeira da cozinha secundária. Eu levei para o pequeno canto do café da manhã, que era uma espécie de um erro, uma vez que tudo o que eu conseguia pensar era o que tinha acontecido ali horas antes.

Passei a maior parte do dia na biblioteca, passando de prateleira para prateleira, rolando as escadas ao redor com minha mão estendida, fingindo que eu era a Bela, lendo um pouco disso, um pouco daquilo, enrolando-me nas poltronas macias, como um gato. Quer dizer, se você tivesse uma biblioteca gigantesca só para si, e essa biblioteca tivesse escadas rolando, você não faria o mesmo? Era uma tentação irresistível. Eu não tive um dia com nada para fazer desde a adolescência, e foi glorioso. Eu poderia ou não ter apenas me sentado no sofá no meu quarto para algo como duas horas sob o sol, observando a cidade mudar e mover-se através das janelas. Eu tive um almoço preguiçoso na copa, mais uma vez, e, em seguida, parti para explorar sozinha. Eu tive uma boa ideia do layout do local pela turnê de Eliza, mas era um apartamento gigantesco, e eu ainda tinha uma tendência a ficar um pouco perdida indo da biblioteca para a cozinha e do hall de entrada para o meu quarto. Depois de algumas voltas pelos corredores, eu sabia meu caminho de volta. Eu guardei o pequeno corredor que leva aos quartos de Roth por último e no final da tarde encontrei-me do lado de fora daquela porta, olhando para ela, querendo saber o que estava além dela. O que ele estava fazendo? Ele estava mesmo aqui? Talvez ele tivesse sido levado por um helicóptero para uma reunião de negócios em toda a cidade. Ou

talvez ele estivesse sentado em uma mesa encouaçada de mogno, rabiscando com uma caneta-tinteiro em papelaria fina e branca. Eu não o via fazendo algo tão mundano como verificar e-mail ou fazer chamadas telefônicas, embora eu soubesse que ele devia fazer essas coisas. Eu estava perdida nessas reflexões quando a maçaneta girou e a porta começou a abrir.

Imediatamente, eu girei no lugar, de costas. A velocidade e o entusiasmo com que virei me surpreendeu. Eu sabia por que eu tinha feito isso, no entanto. Eu tinha me comprometido com o jogo e eu queria que ele se revelasse a mim em seu próprio tempo. Espiar um pouco parecia trapacear. Eu nunca fui o tipo de garota que ia à procura do meu presente de aniversário ou de Natal. A maior parte da diversão, para mim, era a surpresa, não saber o que ia encontrar quando eu rasgasse o papel de embrulho na manhã de Natal.

— Kyrie. — eu ouvi a surpresa em sua voz. — O que você está fazendo?

— Honestamente, estava me perguntando o que você estava fazendo ali. Imaginando como o seu quarto é. — eu ouvi um passo suave atrás de mim, o clique da porta fechando e depois a mão na minha cintura. — Eu não ia tentar entrar. Eu estava vagando por aí e acabei aqui.

— Você não poderia entrar se tentasse, na verdade. A porta tem um cadeado codificado com a minha impressão digital.

— Oh. Você realmente leva sua privacidade a sério, não é?

Ele riu. — Você *não* tem ideia. Todo o edifício é reforçado para resistir a um ataque de mísseis direto. Não há nenhum caminho para a garagem sem uma impressão digital e uma varredura de retina. O

elevador que a trouxe até aqui também exige uma impressão digital, e é um dos dois únicos pontos de acesso a este piso. Eu tenho meu próprio elevador privativo e garagem, é claro. Acesso para o quarto e do quarto também é garantido através de portas codificadas. As únicas pessoas que têm acesso à garagem e este apartamento, como eu disse quando nos conhecemos, são Eliza e Harris, ambos os quais você se encontrou, e Robert, a quem não conhece e provavelmente não conhecerá tão cedo. Ele não vem aqui muitas vezes.

— Isso é... um pouco louco, honestamente.

Eu quase podia ouvir o encolher de ombros. — Suponho que sim. Eu tenho minhas razões para tomar tais precauções. Não é paranoia meramente ociosa.

— Você tem inimigos, então?

— Nenhum que você precise se preocupar. — seu tom encerrando claramente o assunto. — Você já foi à ópera?

— Eu... a ópera? Não. Por quê?

— Você gostaria de me acompanhar?

— De olhos vendados?

— Sim, é claro.

— Parece estranho, mas com certeza. Por que não?

— Muito bom. Você deve se preparar, então. Eu tenho um vestido para você usar. Eliza vai levá-lo para você e ajudá-la a se preparar. Vamos dizer que em uma hora?

— Eu posso estar pronta em uma hora.

— Excelente. Adeus por enquanto, Kyrie. — eu ouvi um som eletrônico e a porta se abriu, fechou e ele se foi.

Voltei para o meu quarto, tirei a roupa e entrei no chuveiro. E, deixe-me dizer, *puta merda*. Não era apenas um chuveiro. Era um maldito lava carro, para um ser humano. Além do chuveiro gigante diretamente acima, havia oito bicos ajustáveis fixados na parede, bem como um bastão para aqueles lugares difíceis de alcançar. Foi o banho mais glorioso da minha vida. Eu não queria sair. Até o último pingo de tensão me deixou enquanto eu estava no spray queimando e esaldando, deixando o calor amolecer os meus músculos. Eventualmente, porém, eu tive que me lavar e sair, o que eu fiz com relutância. Eu podia ver um monte de banhos no meu futuro.

Eu estava me enxugando quando Eliza apareceu, um saco de vestido drapeado sobre o braço dela. — Perdoe-me, senhorita. Eu só estava trazendo seu vestido. — ela colocou o saco em cima da cama e abriu o zíper.

— Meu nome é Kyrie. — eu disse a ela, desconfortável em ter alguém me tratando com qualquer tipo de deferência. Era estranho e eu não gostava disso.

— Certamente. — disse ela. — Você gostaria de minha ajuda?

— Claro? — enrolei a toalha em volta do meu tronco e vi quando Eliza delicadamente retirou o vestido. Eu queria ver como era para que eu pudesse escolher a lingerie apropriada.

Eu quase bufei quando percebi o que meus pensamentos eram. *Lingerie apropriada*. O discurso formal de Roth - e Eliza - estava passando para mim. Normalmente, eu teria apenas pensado ‘a calcinha certa’.

O vestido era... Como nada que eu já tinha visto. Não na vida real, pelo menos. Quer dizer, eu assisti Golden Globes e Oscar o suficiente para saber que este era um vestido caro. Era... Deslumbrante. Incrível. Era o tipo de coisa que Jennifer Lawrence ou Olivia Wilde usariam. Não eu.

Engoli em seco quando Eliza segurou o vestido pelo cabide. Ela assentiu com a cabeça enquanto avaliava como ele ficaria em mim. — O vestido. — disse Eliza, me olhando com curiosidade. — É um Dior.

Engasguei. — Eu. O quê?

— Senhor... Meu patrão, ele não poupa despesas.

— Ele me disse que seu nome era Roth. — eu disse, percebendo que Eliza estava sob um liminar para não revelar nada sobre ele.

— Ah. Sr. Roth. Sim. Ele achou que eu deveria informá-la sobre isso.

— Este é um vestido *Dior*? — quanto é que custou tal coisa? Eu não tinha como saber. Muito. Muito *mesmo*. — Como isso é possível? Eu pensei que tinham que ser, como dizer, personalizado?

— A logística de como ele conseguiu está além de mim. Mas ele me garantiu que vai se encaixar perfeitamente. — Eliza deixou o vestido em cima da cama e entrou no armário, vasculhou a lingerie, entregou-me um conjunto de cetim preto. Sutiã sem alças, uma tanga quase invisível. Olhei de relance para a etiqueta do sutiã: Fredericks de Hollywood. Meu tamanho é claro. — Isso vai dar, eu acho.

Ela se virou e eu deixei cair a toalha e coloquei a calcinha, e em seguida, o sutiã, que empurrou meus seios até que eles assumissem proporções quase improváveis. Quer dizer, eu era muito bem dotada, mas este sutiã fez magia literal para o meu decote.

Ela vasculhou outra seção do armário, e, em seguida, entregou-me um roupão de seda azul-escuro furtivo. Enfiei-o, o amarrei, e na verdade, suspirei em voz alta com a sensação de luxo do tecido fresco contra minha pele. — Por que não arrumamos o seu cabelo e maquiagem e então veremos o efeito no total. Venha, sente-se. — ela me levou para a penteadeira, estendeu a cadeira para mim, e, em seguida, enfiou os dedos pelo meu cabelo.

— Você... Você vai fazer o meu cabelo?

Eliza assentiu. — Sim. Claro.

— Então você é a governanta, além disso, você faz cabelo e maquiagem?

Ela sorriu para mim, o primeiro sorriso caloroso, genuíno que eu vi dela. — 'Governanta' não é realmente a palavra exata para os meus deveres, eu acho. Eu faço o que o Sr. Roth precisa. Harris cuida da sua segurança pessoal, além de atuar como motorista. Robert assume assuntos de negócios e eu atendo suas necessidades pessoais.

— Existe alguma coisa que você não pode fazer?

Ela sorriu de novo quando começou a escovar meu cabelo. — Fechar um negócio. Atirar com uma arma. — ela apontou para o vestido deitado na cama. — E usar esse vestido.

Trinta minutos mais tarde, ela deixou o meu cabelo caindo sobre meus ombros em espirais soltas, tirado dos meus olhos e colocado spray para ficar no lugar durante a noite. Merda, ela era boa. Meu cabelo parecia *incrível*. E então, com a mesma habilidade eficiente, ela fez a minha maquiagem. Base iluminada, um pouco de blush, olhos esfumados, batom vermelho vivo.

Ela deu um passo para trás quando terminou, acenando com a cabeça. — Aí está. Eu acho que isso está bom. Você é muito bonita, senhorita Kyrie.

Eu sorri para ela. — Obrigada, Eliza. Quer dizer, por fazer meu cabelo e maquiagem. Parece incrível. Melhor do que eu poderia ter feito sozinha, isso é certo.

— Sem problemas. O prazer foi meu. De verdade. — ela hesitou como se pensasse se deveria ou não dizer mais. Ela lambeu os lábios, olhando-me nos olhos e, em seguida, à distância. — Sr. Roth, como você deve ter notado, é extremamente reservado. Ele vive sozinho, gasta quase todo o seu tempo aqui. Eu sou, na maioria das

vezes, a única pessoa aqui. Assim, ter alguém em casa é agradável. Ter outra mulher? É realmente um prazer.

— Você dever se sentir solitária, então, certo?

Ela encolheu os ombros. — Às vezes.

Senti por ela e me perguntei se ela era casada, se tinha filhos ou se ela morava aqui, vivia para servir Roth. Eu não acho que perguntar-lhe de imediato seria educado, então não fiz. Em vez disso, apenas me inclinei para lhe dar um abraço hesitante. — Bem, eu estou aqui. Por quanto tempo, eu não sei. Mas, enquanto estiver aqui, podemos ser amigas.

— Isso seria... — ela suspirou como se caçasse a palavra certa. — Agradável. Seria bom. — um olhar para o relógio e seus olhos se arregalaram. — Precisamos deixar você pronta. Harris estará pronto para buscá-la as seis em ponto. Nem Harris nem o Sr. Roth apreciam atraso.

— Sim, de alguma forma isso não me surpreende. — eu tomei uma respiração profunda. — Vamos me colocar neste vestido, então.

Eliza segurou o vestido para mim conforme eu cautelosamente entrei nele, ajustou as saias e, em seguida, montou o corpete nos meus seios. Puta merda. Este vestido era *apertado*. Quer dizer, se ajustava, mas ele foi moldado para minhas curvas como uma segunda pele. Andar seria complicado, algo me dizia isso. Eu muito raramente usava vestidos tão apertados. Era verde-esmeralda, sem mangas, bainha varrendo o chão em volta dos meus pés com espaço de sobra para um par de saltos. Ele parecia um pouco com o vestido que Jennifer Lawrence usava para os prêmios SAG, na verdade, apenas em um material diferente e cor. Havia um par de

saltos para combinar com o vestido verde esmeralda. Merda. Este look era, provavelmente, mais caro do que eu já usei em toda a minha vida.

E então, Eliza colocou a mão no bolso do avental e tirou uma grande caixa preta. Quando ela abriu, eu tive que me equilibrar com uma mão na parede. Deitado no cetim preto dentro da caixa estava um colar de esmeraldas elaborado, um pingente com uma esmeralda do tamanho do meu polegar em forma de lágrima, suspenso em uma corrente tecida de fios trançados de platina. Também, havia um par de brincos de esmeralda em forma de lágrima fazendo conjunto, também suspensa com platina torcida e trançada.

— Puta... Puta merda, Eliza. — mordi meu lábio só para me certificar de que não estava sonhando. — Eu não posso usar isso. É... Eu não posso sequer imaginar o quanto que isso custou. É por empréstimo?

Eliza levantou uma sobrancelha. — Empréstimo? Certamente que não. Roth não tem necessidade de... Pedir joias... *Emprestada*. — seu tom era divertido, quase de desprezo. Não de mim, mas do conceito de empréstimo. — Ele comprou este conjunto para você, para esta ocasião.

— Eu - eu. Hum. Eu nem sei o que dizer. — eu respirei fundo, estendi um dedo para tocar o pingente do colar. — Eu vou me sentir constrangida usando tudo isso. Eu não sei se posso fazer isso.

— Você é uma mulher muito bonita, senhorita Kyrie. Você não tem absolutamente nenhuma necessidade de sentir constrangida. E, além disso, você vai jantar em privado com o Sr. Roth, assim como sentar em um camarote para a ópera. Você não estará andando no tapete vermelho, como eles dizem. — ela colocou a mão no meu

ombro nu, a palma da mão fria, seca e reconfortante. — Você *pode* fazer isso.

— Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso. — eu respirei fundo mais uma vez. Forcei minha voz. — Eu *posso* fazer isso.

— Agora vire, para que eu possa colocar esse colar em você. — eu me virei e a senti descansar o colar no meu esterno. Era *pesado* e frio. — Agora, os brincos. — ela rosqueou o pino através de minha orelha, o prendeu e depois repetiu o processo do outro lado. — Perfeito. Agora... Vamos olhar para você no espelho.

Fomos juntas para o closet - um termo que não começa a descrever um espaço que era maior do que todo o meu apartamento de Detroit - e ela me posicionou na frente do espelho de três faces. Quando avistei o meu reflexo, tive que piscar forte para conter as lágrimas que surgiam. Eu não parecia como eu. Eu parecia uma criatura elegante e sofisticada que se *assemelhava* a mim. A maneira que Eliza tinha feito meu cabelo e maquiagem acentuava meus olhos azul-celeste e o bronzeado natural da minha pele e o vestido... Jesus, o vestido. Ele abraçou cada curva, fez meus seios parecerem enormes e redondos e - se eu fosse honesta comigo mesma, malditamente perfeitos - e fez os meus, um tanto generosos, quadris, em um contorno de ampulheta. Meus ombros pareciam magros e elegantes, meu esterno e pescoço de uma curva insinuante. O colar e brincos brilhavam e cintilava na luz incandescente, sua cor uma combinação perfeita para o vestido e compensar meu tom de pele, como se fosse feito para mim.

— Você vai tirar seu fôlego, Kyrie. — Eliza segurou meus ombros e eu me senti estranhamente perto e conectada a esta mulher que eu mal conhecia.

— Obrigada.

Ela assentiu com um pequeno sorriso e então se apressou mais para dentro do armário, abriu uma gaveta e tirou uma bolsa preta fina. Valentino. —Você vai precisar disso.

Havia gavetas cheias de bolsas? Como eu não descobri isso? Eu precisava explorar mais este armário; era a fantasia de uma mulher, em design e conteúdo. Minha cabeça girou.

Eu encontrei minha velha bolsa no armário, peguei meu RG, algum dinheiro e meu cartão de débito. Eu duvidava que precisasse disso, mas não parecia certo sair sem ele. Eu desliguei meu celular e percebi naquele momento que eu nem tinha ligado para Layla. Ela ficaria chateada. E com ciúmes. E preocupada. Merda. Eu teria que ligar para ela do carro.

Fechei a bolsa e acenei para Eliza. — Eu estou pronta.

— Eu vou levá-la para o telhado, então.

— O telhado?

Eliza assentiu, levando-me dos meus aposentos em um ritmo rápido. — Sim. Harris estará voando com você diretamente para o jantar. Sr. Roth irá encontrá-la no jantar e vocês vão juntos de lá para o Met^{8}.

— Voar?

— Sim. Em um helicóptero.

— Um helicóptero. Estou sendo *levada* em um helicóptero para o jantar. — eu me senti tonta. — Enquanto uso uma roupa que custa mais do que várias casas.

— Bem-vinda ao mundo do Sr. Roth, senhorita Kyrie. Ele não faz nada pela metade.

— Merda nenhuma.

Eliza franziu o cenho para mim enquanto ela me fez um gesto através de uma porta que dava para um pequeno elevador. — Sabe, o Sr. Roth desaprova xingamentos na maioria das circunstâncias. Não por qualquer ponto de vista moral ou religioso, mas porque ele considera... Desnecessário e deselegante. Assim, um conselho de amiga... Considere a tentativa de xingar com menos frequência.

Subimos, saindo depois de uma curta caminhada em um grande heliporto asfaltado onde Harris estava esperando de pé, com as mãos cruzadas atrás das costas. Ele estava na frente de um helicóptero preto lustroso, grande o suficiente para transportar pelo menos quatro pessoas, possivelmente mais.

— Vou tentar. Obrigada por me dizer, Eliza. — virei-me e a abracei de novo. Ela ficou rígida, como se não fosse acostumada a ser abraçada. — Por tudo.

— O prazer é meu, senhorita Kyrie. Agora vá. Tenha uma noite divertida.

Acenei para ela e depois cruzei o heliporto em direção a Harris. — Olá de novo, Harris.

Ele inclinou a cabeça para mim. — Senhorita St. Claire. — estendeu a mão em direção ao helicóptero. — Você está pronta?

Eu assenti e ele abriu a porta, estendendo a mão para me ajudar a entrar. Eu olhei o caminho para dentro da aeronave e então percebi que eu não poderia fazê-lo. — É, não serei capaz de subir neste vestido. — eu disse.

Harris não disse nada, apenas colocou as mãos na minha cintura e me levantou para dentro. Ele fez com tanta facilidade, como se eu não pesasse nada. Seu toque era metódico, platônico e não persistente. Assim que eu estava dentro e acomodada, ele fechou a porta e eu peguei meu celular da minha bolsa. Eu tinha um número de telefone no ‘favoritos’ na tela do meu iPhone: Layla. Ela era, na verdade, um de talvez uma dúzia de números de telefone que eu tinha há muito tempo. Eu liguei para ela e segurei o telefone na minha orelha enquanto Harris deslizou no assento do piloto e começou a aquecer o motor, apertar interruptores, consultou uma prancheta e fez todo tipo de coisas, em preparação para a decolagem.

— KYRIE! — a voz de Layla foi um grito estridente, tão alto que eu tive que segurar o telefone longe do meu ouvido. Harris virou no banco e me deu um olhar divertido. — ONDE DIABOS VOCÊ ESTEVE, PROSTITUTA?

Eu coloquei o telefone de volta no meu ouvido e suspirei no alto-falante. — Layla, acalme-se, caralho. Você está fazendo meus ouvidos sangrarem.

— Você disse que ia me ligar de novo, Key. Tem sido, tipo, dois dias. Eu estava prestes a chamar a polícia.

— Não faça isso, Layla. Por favor. De verdade. Não faça. Eu estou bem, totalmente bem.

— Você não foi, tipo, desmembrada ou torturada ainda, não é?

— Já que estou te ligando, vou deduzir que provavelmente não. — eu ouvi o zumbido do motor ficando mais alto. — Olha, eu não tenho muito tempo, então eu só queria ligar e dizer que estou bem.

— Que barulho é esse?

— Isso é o motor do helicóptero.

— Helicóptero?

Eu ri com o tom preocupado ainda que incrédulo de sua voz. — Sim, helicóptero. Estou em um helicóptero particular, prestes a ser levada para jantar com... O meu benfeitor. — por alguma razão, eu não achei que deveria dizer a Layla o nome dele, mesmo que ela fosse a única pessoa em todo o mundo que eu confiava plenamente. — E depois nós vamos à ópera.

— A ópera? Helicóptero particular? Que diabos está acontecendo, Key?

Eu suspirei. — Eu não sei nem por onde começar. — o motor estava rugindo agora, dificultando a conversa. — Você está sentada?

— Por quê?

— Porque você deve estar. Eu estou usando um vestido Christian Dior, Layla. Sapatos combinando. Colar de esmeraldas e brincos que poderiam pagar por uma merda de mansão. A bolsa é Valentino.

— Santa porra brinde de Jesus, Kyrie.

— Brinde de Jesus?

Ela rosnou. — Não tire sarro do meu xingamento inventado ou será amaldiçoada. Um vestido Dior personalizado? Você tem alguma ideia de quanto...

— Layla, é apenas a ponta do iceberg. — Harris olhou para mim por cima do ombro e circulou seu dedo indicador, o que significa que ele estava prestes a engatar os rotores. — Escute, eu tenho que ir. Mas... Eu estou bem. Isto é... Eu vou continuar com isso, Layla. Poderia ser... Bom. Muito bom. Ele é interessante.

— Como ele é? Qual o nome dele?

— Eu não sei como ele é ainda. E eu provavelmente não deveria dizer muito mais. Ele é... Muito reservado.

— Mas você o conheceu?

—Sim.

— No entanto, você não sabe como que ele se parece?

Eu suspirei. — Layla, é... Complicado. Eu vou lhe dizer o que eu puder, quando puder. Por enquanto, só... Não se preocupe comigo. Eu estou bem.

— Ok, querida. Basta ter cuidado. Caras ricos são estranhos. — ela fez um som beijando. — Vá, então. Eu não gostaria de mantê-la de seu passeio de helicóptero chique para o seu jantar chique e ópera chique, Senhorita Chique.

— Cale a boca, Layla. Não seja idiota.

— Não posso evitar, aprendi com você.

— Claro que você aprendeu. — eu ri. — Tchau.

— Tchau.

Eu terminei a ligação, coloquei meu celular para vibrar e de volta na minha bolsa. — Desculpe Harris. Eu estou pronta agora.

— Está tudo bem, senhorita St. Claire. Você foi muito cautelosa com sua amiga. Isso é bom. Ele vai gostar disso. — ele virou um interruptor e a sobrecarga dos rotores começou o zumbido. Ele apontou para um par de fones de ouvido com um microfone pendurado nas proximidades. — Coloque isso. — eu cuidadosamente coloquei o fone de ouvido, consciente do meu cabelo e o ruído dos

motores e rotores desvaneceu. Eu podia ouvir claramente Harris quando ele disse: — Coloque o cinto também, por favor.

Eu coloquei o cinto de segurança e depois tive que segurar no suporte para braço quando o helicóptero levantou do chão, fazendo com que meu estômago caísse. Para cima, para cima, e para cima, e depois paramos, inclinando para a esquerda, me dando uma visão panorâmica incrível de Manhattan através da janela ao meu lado. — Puta merda. A cidade parece tão diferente dessa perspectiva.

— Na verdade ela é. — Harris respondeu com sua voz clara através do fone de ouvido.

— Eu não sabia que você era um piloto também, Harris.

Ele soltou uma única risada. — Há muitas, muitas coisas que você não sabe sobre mim, senhorita St. Claire.

— Como o quê?

Ele não respondeu de imediato, ao invés disso, tocou um botão e despejou algum tipo de informação de plano de voo oficial sobre um canal de rádio diferente. Quando terminou, voltou ao meu canal e falou. — Como... Eu sou licenciado para pilotar helicópteros, assim como aviões, tudo, desde aviões monomotores até levantadores pesados militares como C-130. Eu voei dezenas de milhares de horas tanto como um civil como nas forças armadas.

— Eu achei você parecia ter sido um militar. — comentei.

Ele assentiu. — Sim, senhora. U.S. Army Rangers^{9} aposentado.

— E há quanto tempo você trabalha para o Sr. Roth?

Ele se virou para olhar para mim. — Ele lhe deu seu nome? — ele parecia surpreso.

— Só isso.

— Isso é impressionante. Eu trabalho para o Sr. Roth diretamente por cinco anos e para a sua empresa há oito. Ou seja, eu tenho trabalhado para ele por um total de oito anos, cinco dos quais passei como seu motorista e piloto.

— E guarda-costas e investigador particular.

— Sim, essas coisas. — ele alinhou de novo, e, em seguida, voltou a falar. — Eu trabalhei diretamente para o Sr. Roth por quase um ano antes que ele sequer me desse seu nome. E aqui você gasta menos de 48 horas com ele e consegue que ele lhe dê seu nome. Muito impressionante.

— Tudo que fiz foi perguntar. — eu disse.

Harris riu. — Eu perguntei também. Durante um mês e meio. Sabe o que ele disse? Ele disse: “Pergunte-me mais alguma coisa pessoal, Harris e você vai acabar cavando estrume de elefante no circo”.

— Ele realmente usou a palavra ‘estrume’?

Harris assentiu. — Sim, senhora. Ele não gosta de palavrões na maioria das circunstâncias. Se ele fala, você sabe que está sério quanto um maldito ataque cardíaco. — ele me deu outro olhar, este, um inquisitivo, curioso. — Quando eu mostrei a ele o que descobri sobre o seu... *Namorado*... Steven... Ele estava mais descontrolado do que já vi, antes ou depois. Ele disse e eu passo a citar: “Certifique-se de que a peça vil de merda não encoste um dedo nela, Harris. Certifique-se de que ele saiba a quem ela pertence. Se ele resistir... Porra *enterre-o*”.

Eu tremi. — Obviamente Steven ouviu. — eu disse.

A voz de Harris era fria e aterrorizante. — Eu não deixei muita escolha.

— Eu não quero saber o que isso significa, não é?

— Não. Provavelmente não.

O silêncio estendeu entre nós. Eu tentei não pensar em Steven, ou o que eu tinha visto no arquivo. Eu queria aproveitar esta noite, esta experiência. Concentrei-me na visão de fora da minha janela, Manhattan abaixo de mim, banhada pela luz dourada do início da noite. Harris alinhou o helicóptero pela terceira vez e então nos senti indo mais baixo, vi quando nos aproximamos de um arranha-céu com um heliporto no telhado. Rapidamente, o prédio estava fora de minha vista e descemos direto para baixo. Uma colisão suave, e pousamos em segurança.

— Espere um momento para que os rotores parem. — disse Harris. — Não quero que a ventania estrague o seu cabelo. — Ele virou um interruptor e o rugido do motor se transformou em um gemido recuando, os rotores diminuindo até parar.

Ele saiu, abriu a minha porta, colocou as mãos na minha cintura e me colocou para baixo. Ele apontou para a porta mais próxima. — Por aqui, por favor.

Eu o segui pela porta, que nos levou a um pequeno hall de entrada e um único elevador. Ele apertou o botão de chamada e ficou ao meu lado, com as mãos cruzadas atrás das costas, uma postura nitidamente militar à vontade que parecia uma segunda natureza. A porta do elevador se abriu e ele fez um gesto para eu ir primeiro. Então ele entrou e apertou um botão para alguns andares abaixo. Meu coração estava começando a bater um pouco mais forte, sabendo que eu estava prestes a encontrar Roth mais uma vez. A porta do elevador se abriu e eu sai para um cômodo pequeno e escuro. Estava iluminado por fracas luzes vermelhas escondidas atrás de estandes grossas de bambu plantadas diretamente no chão de cada lado do cômodo.

Em frente ao elevador tinha um conjunto de portas duplas de laca preta e grossas, parecendo pesadas em faixas com ferro preto batido e as maçanetas de argolas grossas.

Harris se moveu para ficar ao meu lado e olhou para as portas e depois para mim. Ele enfiou a mão no bolso do blazer e tirou uma longa tira de tecido verde, do mesmo tom e material de meu vestido. — Pronta?

Eu inalei, preendi a respiração por um momento e então expirei. — Sim. Acho que estou.

Harris amarrou a venda em torno de minha cabeça e então colocou a mão no meu ombro. Eu ouvi uma batida da argola na porta quando ele levantou uma delas. Senti sua mudança de equilíbrio, os dedos apertando ainda que levemente no meu ombro quando ele abriu a porta, obviamente pesada. Senti o cheiro de comida, asiática, possivelmente. Arroz, carne escaldante, legumes. Ouvi labaredas, vozes baixas. Harris me guiou através da porta.

— Vejo você mais tarde, senhorita St. Claire — disse ele.

— Espera... Você está me deixando aqui? Eu não sei onde estou indo, estou com os olhos vendados, lembra? — eu me senti em pânico, com medo. Harris era agora familiar para mim. Eu não queria ser deixada sozinha em outro lugar estranho. Eu não estava na casa de Roth ou em um veículo. Eu estava em um restaurante. Havia pessoas me observando, olhando para mim, querendo saber quem esta estranha senhora de olhos vendados era? Eu estava envergonhada, odiando a venda, odiando a vulnerabilidade, odiando que as pessoas que eu não conhecia podiam me ver quando e eu não podia vê-las.

Eu senti um hesitante e frio toque no meu ombro, ouvi uma voz masculina suave com um fraco sotaque asiático. — Senhorita St. Claire. Por favor, meu nome é Kim. Vou levá-la ao Sr. Roth. Ele deu instrução.

— Você está bem, senhorita St. Claire. — disse Harris. — Tenha uma boa noite. — eu ouvi as pesadas portas se fechando.

— Por aqui, por favor. — senti a mão de Kim pegar a minha, colocando meus dedos em seu braço. — Siga, por favor.

Movi-me com passos cuidadosos, precisos e meu anfitrião parecia entender a limitação do meu vestido, enquanto ele se movia lentamente o suficiente para que eu não me sentisse apressada ou desequilibrada. Eu ouvi as vozes de novo, mas elas estavam todas à minha direita e todos eles pareciam estar falando a mesma língua. Chinês, talvez? Eu não tinha certeza, tenho pouquíssima familiaridade com idiomas asiáticos.

— Há outras pessoas aqui, Kim? — perguntei.

— Não, não. — veio a resposta. — Só o Sr. Roth, eu, você e os chefs.

— Oh. Está bem. Obrigada.

— Sim, sim. — Kim parou e eu ouvi uma porta, o leve ranger de dobradiças lubrificadas e uma abertura de trinco. — Por aqui, por favor.

Outra dúzia de passos e em seguida, outra pausa, outra porta se abrindo.

— Senhorita St. Claire, senhor. — disse Kim com uma mão no meu cotovelo me levando para frente.

Ouvi uma cadeira correr e depois as mãos de Roth estava em meus braços, meus pulsos, tomando minhas mãos nas dele. — Kyrie. Bem-vinda.

— Obrigada. — eu disse. — Onde estamos?

Ele me levou quatro passos, puxou uma cadeira, me guiou para ela e então retomou seu próprio assento. — Este é Longjing. É um restaurante chinês que eu tenho. — seus dedos fortes entrelaçados aos meus. — Você está... Simplesmente arrebatadora, Kyrie. Eu sabia que o vestido iria servir quando eu o mandei fazer para você, mas eu não tinha ideia de quão positivamente deslumbrante você ficaria ao usá-lo.

Senti-me corar. — É incrível, Roth. Obrigada. — abaixei minha cabeça. — Pelo o vestido, por toda a experiência até agora.

— Você gostou das joias?

Deixei escapar um bufo incrédulo de riso. — Gostei? Roth, é... Incrível. Essa não é a palavra certa... Não há quaisquer palavras. Nunca usei nada parecido.

— Esse é o ponto, minha linda. Ninguém usou. Esse conjunto foi projetado para você, para esse vestido.

— Eu... O quê?

O polegar de Roth acariciou meus dedos. — Você merece o melhor, Kyrie. E é isso que eu pretendo lhe dar.

— Eu só... Eu nem sei o que dizer, Roth. Tudo é tão... *muito*. Eu não consigo sequer imaginar o quanto você gastou no que estou vestindo.

— Você quer saber? — ele parecia divertido. — Se você quer saber, então vou lhe dizer. Ao todo, o que você está vestindo, custou

mais de cem mil dólares.

Minha mente estava atordoada. — Por quê?

Ele riu. — Não é nada, Kyrie. Nós não vamos sequer sermos vistos hoje à noite, também. Não no sentido público, quando o que vestimos seria julgado.

— Você faz aparições públicas como essa? — eu perguntei.

— Muito, muito raramente. E só se for absolutamente necessário.

— Então tudo isso. — fiz um gesto para mim com as duas mãos. — É apenas para... O que, por diversão?

— Por... Diversão? — eu ouvi o cenho franzido em sua voz. — Você quer dizer só por isso? Não. Nem um pouco. Você é a mulher mais linda que eu conheço, Kyrie. Você deve estar arrumada para mostrar sua beleza. Eu tinha esse vestido feito para que você se sentisse bonita, e então, eu gostaria de desfrutar olhando para você ainda mais esta noite. — sua voz baixou, tornou-se íntima, próxima e retumbante. — Você se sente bonita, Kyrie?

Eu me dei tempo para pensar antes de responder. — Sim. Eu me sinto. Muito mesmo. — eu não podia permitir-me ficar parada em seu comentário *a mulher mais linda que eu conheço*. Eu ficaria louca se o fizesse.

— Então, foi dinheiro bem gasto. — uma pausa. — Pare de pensar no custo das coisas. Isso é assunto meu, para eu me

preocupar. Eu gasto o que quero e quando quero. Tudo que você precisa fazer é ser você mesma e tentar confiar em mim.

— Eu estou trabalhando nisso.

— Eu sei. Agora, se não me engano, Kim está aqui com o primeiro prato.

Naquele exato momento, uma porta se abriu e eu senti o cheiro da comida. Desta vez, depois de ter comido com Roth uma vez antes, eu simplesmente sentei e esperei. Eu senti Roth levantar minha mão e colocar uma taça nela. Levantei-a aos meus lábios e cheirei o vinho branco. Ouvei utensílios clicar e tilintar, tigelas sendo colocadas para baixo e em seguida, a porta fechada.

— Isto é Sichuan Beef. — disse Roth. — Um pouco picante. Abra.

Eu abri minha boca, senti os pauzinhos tocarem meus lábios, senti sua mão no meu queixo. Mordi e ele retirou os pauzinhos. *Um pouco picante*, disse ele. Era fogo e eu tive que piscar contra a queimadura.

— Deus, Roth! Isso não é apenas um *pouco* picante, é f... É muito quente! — eu simplesmente me lembrei de seu desagrado com xingamentos e me parei. Eu tomei um gole de vinho para lavar o calor na minha boca.

Roth riu. — Não é picante para mim. Mas então, suponho que eu aprecio as coisas um pouco mais picantes do que a maioria. Passei vários anos na China e países vizinhos, então desenvolvi um gosto por comida picante.

— Deixe-me tentar outra mordida, agora que estou pronta para isso. — eu separei meus lábios, morde quando ele me alimentou um pedaço de carne e arroz, com algum tipo de vegetal. Desta vez, pronta para o calor, eu fui capaz de provar e realmente gostei, embora tive que limpar meu nariz um pouco. — Então, o que você estava fazendo na China?

Ele respondeu enquanto mastigava. — Eu estava... Desenvolvendo contatos comerciais, pode-se dizer.

— Isso é vago.

— De propósito. Talvez eventualmente, eu vou lhe dizer mais sobre o que eu faço e como eu fiz a minha fortuna. Mas não agora. Não é relevante neste momento.

Eu mantinha minha mão na minha taça o tempo todo, então eu não teria que encontrá-la novamente, ou tê-la colocada em minha mão o tempo todo. Tomei a bebida, tentando aliviar a mordida apimentada. Nós conversamos mais enquanto comemos, mais uma vez a conversa fica leve. Era o tipo de coisa que eu geralmente odiava, mas também era exatamente o que eu precisava, a aparência de normalidade para compensar a estranheza de estar com os olhos vendados. Havia vários pratos para a refeição, cada um melhor que o anterior, e quase todos eles mais picante do que eu geralmente gostava. No momento em que a refeição terminou, minha língua estava formigando.

— Nenhuma comida tão picante da próxima vez, hein? — eu disse, tomando um gole de minha segunda taça de vinho.

Roth riu. — Claro. Para você, qualquer coisa. Mas aqui, é apenas a maneira que Kim cozinha. Ele é um mestre com *la jiao*.

— La o quê?

— *La jiao.* — repetiu ele. — As pimentas que deixaram a comida picante. É a assinatura de Kim.

— Você quer dizer que Kim é o chef?

— Este é o seu restaurante. Eu providenciei capital e dei algumas direções, mas ele o gerencia e cozinha. É muito exclusivo, muito caro. Normalmente, você não seria capaz de conseguir uma mesa aqui, a menos que tivesse reserva há seis meses.

— Mas para você... — eu insinuei.

— Eu tenho os meus meios.

— Claramente.

Ouvi sua cadeira raspar, senti seus dedos trilharem sobre os meus ombros e costas. — Você quer sobremesa? Ou gostaria de prosseguir para o show?

— Estou cheia — eu disse. — Nós podemos ir se você estiver pronto.

— Boa resposta. — ele pegou minha mão e me levou de volta pelo caminho que viemos.

Eu ouvi as pesadas portas abrirem e em seguida, os sons da cozinha e da baixa vibração das vozes retrocederem. Eu ouvi o

zumbido do elevador. Uma curta caminhada depois, estávamos nos movendo através, do que parecia ser um grande hall de entrada com piso em mármore, meus saltos ecoando com cliques afiados. Outra porta se abriu e a mão de Roth nas minhas costas me levou pela porta para fora. Os sons de Nova York me agrediram, buzinas, vozes, calçados, veículos correndo, sirenes. Era uma noite quente, em contraste com o frio do restaurante e lobby que tinha acabado de sair.

Ouvi vozes nas proximidades. — Olha... Ela está com os olhos vendados. Eu me pergunto por quê?

— Olhe para esse vestido!

— Você viu o colar?

— Esse é um Maybach, eu acho...

— Puta merda, ele é lindo...

E então eu ouvi uma porta do carro abrir e Roth me ajudou a entrar no carro, empurrando suavemente a cabeça para me fazer entrar. Eu deslizei, sentindo o couro por baixo minhas mãos. A porta se fechou e eu senti Roth ao meu lado, e, em seguida, o motor ronronou e estávamos nos movendo.

Tensão saía de Roth. — Você está bem? — perguntei.

— Eu teria preferido uma entrada privada, mas isso não foi possível, infelizmente. — ele pegou minha mão e eu encontrei-me,

naturalmente, enfiando meus dedos pelos seus. — Nós temos uma entrada privada no Met, felizmente.

— O que estamos vendo? — eu perguntei, ignorando o meu próprio embaraço sobre as coisas que eu tinha ouvido e o fato de que não iria realmente *ver* nada.

— *La Bohème*. Uma apresentação muito agradável. As performances dos cantos bel^{10} são maravilhosas, e realmente, você não vai perder muito por estar vendada. A música é a coisa.

Eu tinha ouvido falar dele, mas não sabia nada sobre isso. O resto da viagem foi tranquila, mas a tensão de Roth ainda era palpável.

— Você realmente não gosta de estar perto das pessoas, não é?
— eu não pude deixar de perguntar.

— O que faz você perguntar isso? — sua voz era fina e afiada.

Dei de ombros. — Eu posso sentir como você está tenso. Toda aquela cena lá realmente o incomodou.

— Você pode sentir tudo isso?

Eu assenti com outro pequeno elevar de um ombro. — Sim. Está vindo de você em ondas.

Eu o ouvi respirar fundo e expirar lentamente. — Você é muito perspicaz, Kyrie. Especialmente considerando que não tem o uso da

visão. — seus dedos apertaram os meus.

Eu não sabia o que dizer sobre isso, então não disse nada. Ouvi buzinas de carros e a sensação de movimento cessou, indicando que estávamos parados em um semáforo ou ficamos presos em um engarrafamento.

— Você está certa, é claro. — disse Roth, depois de alguns minutos de silêncio. — Eu não gosto de multidões. Não é que eu não gosto de pessoas, por si só. Eu simplesmente prefiro minhas interações... Cara-a-cara, nos meus termos. Há tanta coisa que não se pode controlar em um ambiente público, lotado. E a minha experiência de vida me ensinou a... Esquivar... Dessas possíveis situações sempre que possível.

O veículo moveu novamente e nós ficamos em silêncio confortável. Depois de vinte minutos no carro, que foi pontuado com conversa esporádica, Harris parou o carro e o ouvi sair e chegar para abrir nossa porta. Roth deslizou para fora e eu estendi minha mão. Ele me puxou, me ajudando a sair do carro. Uma lavada de vozes sobrepostas me atingiu do meu lado esquerdo, as câmeras clicando, perguntas sendo gritadas.

Ouvi outra porta abrir, desta vez à nossa frente e a mão de Roth nas minhas costas me incitou para frente. Movi-me o mais rápido que pude em meus saltos de sete centímetros e vestido apertado, sabendo que Roth gostaria de entrar antes dos fotógrafos nos avistarem. Depois de uma dúzia de passos, a porta se fechou atrás de nós, fechando o murmúrio do barulho da rua.

— Por aqui, por favor, Sr. Roth. — eu ouvi uma suave e reverente voz feminina dizer.

Seguindo a recepcionista, eu supus, Roth me guiou até um elevador, e descemos no que eu imaginei que fosse um corredor e entramos - eu assumi - em um camarote privado. Eu podia ouvir a orquestra aquecendo, a cacofonia dissonante de instrumentos. Agora mais do que nunca, eu odiava a venda. Eu queria *ver*. Era minha primeira vez no New York Met e eu estava com os olhos vendados. Eu não podia ver o palco, a arquitetura do teatro, os assentos; eu não podia ver as pessoas entrando e tomando seus lugares, ajustando seus xales e paletós. Eu não podia olhar para rostos famosos.

Roth me ajudou a encontrar o meu lugar e então eu senti que ele se estabeleceu ao meu lado. — O show deve começar em breve. Gostaria de tomar uma bebida?

Dei de ombros. — Claro. O que você quiser está bom.

— O que há de errado?

— Eu nunca estive na ópera, nunca estive no Met, e eu... Eu só queria ver tudo. Esta venda é frustrante.

Seu polegar deslizou sobre o meu ombro e eu senti sua aproximação. — Eu sei, Kyrie. Eu sei. Eu tenho um telefonema para fazer. Você pode olhar ao redor enquanto eu estiver fora. — seus lábios tocaram meu ombro e meu pescoço. Eu tremi, senti minha pele arrepiar, meu sangue correr. — Eu estarei de volta em breve. Vou mandar alguém com uma taça de vinho.

— Está bem. Obrigada, Roth.

— É claro. — eu o ouvi sair e fiquei sozinha.

Estendi a mão por trás da minha cabeça e desatei a venda, piscando enquanto meus olhos se adaptavam para o súbito afluxo de luz. Oh... Oh, meu Deus. Eu tinha visto fotos do Met, é claro, então eu meio que sabia o que esperar, mas nada poderia ter me preparado para a realidade. Era *enorme*. O camarote que eu estava era em frente ao palco, no topo, para que todo o teatro estivesse exposto para mim. Claro que Roth teria o melhor lugar da casa. Os assentos estavam enchendo rapidamente, a cortina do palco foi fechada e os casais enchiam os corredores, liderados por guias, para encontrar seus lugares. Um par de óculos de ópera estava no assento ao meu lado, recentemente desocupado por Roth. Eu usei-os para olhar mais atentamente para as pessoas na plateia, procurando rostos familiares. A porta do camarote abriu e um garçom entrou, carregando uma bandeja com uma única taça de vinho branco.

— Posso fazer mais alguma coisa por você, senhora? — ele perguntou.

— Não, eu estou bem. Obrigada. — eu esperava que ele saísse, mas ele não o fez. Ele deu de ombros e me deu um sorriso de desculpas. — Eu recebi instruções para esperar aqui com você até a volta do Sr. Roth.

Eu fiz uma careta. — Bem, qualquer coisa que te faça feliz. — voltei a observar a multidão bebendo meu vinho, aproveitando ao máximo o tempo sem a venda nos olhos.

Poucos minutos depois, as luzes começaram a escurecer e a orquestra atingiu uma única nota. Uma batida na porta atrás do garçom me fez pular no meu lugar, mas ele parecia estar esperando por isso.

— Eu tenho que... errrr, que amarrar a venda... Agora. Senhora. Sinto muito, mas essas são as minhas instruções. — o garçom era um homem muito jovem, mal saído da adolescência, estranho e cheio de cicatrizes de acne.

Ele deu um passo em minha direção e eu lhe entreguei a venda. — Ah, isso explica por que você teve que esperar aqui. — eu fechei os olhos quando ele colocou o pano em volta da minha cabeça e amarrou. Estava muito apertado, mas eu podia sentir suas mãos tremendo, sentir o embaraço crescente de seus nervos, fiquei com pena dele. — Está bom, obrigada.

— Desculpe, minha senhora.

Eu balancei minha cabeça. — Não é culpa sua.

— Posso... Posso perguntar o porquê...? Por que a venda?

Eu não sabia o que dizer. — Eu... Hum. É uma longa história, na verdade. É... Um jogo que meu namorado e eu estamos fazendo.

A porta se abriu e eu ouvi os passos de Roth atrás de mim. — Não é da sua conta, Michael. Mais vinho para a senhora e seu melhor Scotch single malt para mim, por favor. Obrigado.

— Agora mesmo, senhor. — Michael parecia aliviado por ter alguma coisa para fazer que o levasse para longe de mim, da venda e de Roth.

Eu ouvi uma risada ao meu lado. — Pobre garoto estava prestes a se molhar, eu acho.

— Ele parecia um pouco nervoso. Especialmente quando ele teve que amarrar a venda em mim. — eu toquei o nó. — Falando nisso, eu acho que estou perdendo a circulação, ele amarrou tão apertado. Você pode soltá-la para mim?

Dedos fortes trabalharam no nó, afrouxaram a venda e em seguida amarraram. — Ele não conseguia tirar os olhos de você. — disse Roth enquanto mexia com o meu cabelo, passando os dedos até as extremidades. — Eu não o culpo, mas ele estava... Abertamente cobiçando você.

— Cobiçando? Eu não acho que ele estava me cobiçando.

— Ele estava cobiçando. Encarando-te, na verdade. — ele traçou a linha da minha clavícula e depois para baixo e para baixo, cada vez mais perto da abertura do meu decote. — Não é culpa dele, no entanto. Não inteiramente. Você é... Impossível de desviar o olhar. No entanto, você não é dele para olhar.

— Não?

— Não.

— Então, de quem eu sou? — eu sabia a resposta, mas eu queria ouvir a reação dele.

— Minha, Kyrie. Você é minha. Você pertence a mim. Só a mim. Eu não vou te compartilhar, nem mesmo com crianças inocentes, como o nosso amigo garçom Michael. — naquele momento Michael voltou e Roth substituiu a minha taça vazia por uma cheia. — Obrigado, Michael. Agora, isso é tudo até o intervalo. Aqui está.

— O - obrigado senhor. Isso é... Muito generoso de sua parte, senhor. — a voz de Michael estava surpresa e atordoada, então imaginei que Roth havia lhe dado uma gorjeta enorme. Uma nota de cem dólares, talvez.

A porta se fechou e a orquestra começou a tocar.

Nos primeiros cinco minutos, eu estava viciada. Eu não conseguia entender nada, mas isso não tinha problema. Eu não conseguia ver nada, mas não me importava. A música, o canto, era arrebatador, hipnótico, necessitando de nada mais para ser mágico. Por um tempo, Roth e eu ficamos lado a lado apenas ouvindo e então senti sua mão no meu joelho. Eu fiquei tensa, mas permiti que a mão permanecesse. E então... Sua mão deslizou para cima. Apenas dois centímetros, mas o suficiente para aumentar a minha frequência cardíaca. Outros dois centímetros e agora eu sabia que ele estava fazendo um jogo. Até onde eu iria deixá-lo ir? Cada terminação nervosa do meu corpo estava em chamas e seus dedos mal estavam na minha coxa. Engoli em seco e tentei sintonizar a sensação de sua mão no meu quadril. Tentei ouvir o canto, a orquestra, mas foi em vão.

Eu senti sua respiração no meu pescoço. Obriguei-me a manter minha cabeça erguida, mesmo que todos os instintos estivessem me dizendo para inclinar minha cabeça para o lado, para oferecer-lhe o pescoço. Sua boca estava quente e úmida no meu pescoço, beijando logo abaixo da minha orelha. Eu mal podia ouvir com o estrondo dos meus batimentos cardíacos nos meus ouvidos. A mão dele estava deslizando mais para cima agora e isso estava se tornando íntimo, perigoso. Eu estava tremendo agora. Incapaz de me mover, congelada. A música desapareceu ao fundo.

Uma mão quente segurou meu rosto, virei a cabeça para o lado. — Um beijo, Kyrie.

Deixei escapar um suspiro que não tinha percebido que estava segurando e me inclinei. Eu sabia que não devia negar-lhe um beijo; eu sabia que não devia negar-me um beijo. Ele tinha gosto de Scotch, enfumaçado e ardente e sua respiração estava um pouco fria por causa do gelo, seus lábios macios e úmidos na minha boca, movendo-se com força e confiança. Sua mão estava no meu quadril agora. Sua língua correu ao longo da linha dos meus lábios, uma vez, duas vezes. Saboreando, convidando. A terceira vez, agora, exigindo. Abri meus lábios e senti sua língua tocar levemente os meus dentes e então a minha própria língua moveu repentinamente para tocar a dele, foi quando eu soube que estava perdida. Os beijos que tínhamos compartilhado antes eram delicados, exploratórios. Eles tinham sido as apresentações. Lentos e suaves e fáceis.

Este não era. Era quente e faminto. Exigia a minha atenção, exigia que eu me rendesse, que me entregasse. Eu o beijei de volta e fiz isso porque eu quis. Eu queria seu beijo.

Mas... Sua mão. Estava descansando no meu quadril, dedos pressionando a minha pele através do tecido do meu vestido. Juntando, agarrando. Nosso beijo continuava ininterrupto, e eu tive que me virar em direção a ele, girar o meu corpo para encará-lo. Eu me aproximei e o agarrei, envolvi meus dedos no material de seu casaco e camisa, puxando-o para mais perto. Ele gemeu, uma vibração em seu peito, uma aprovação.

A palma da sua mão deslizou para baixo, por cima do meu quadril, sobre a minha barriga. Eu juntei as minhas coxas, quebrando o beijo. Eu queria perguntar o que ele estava fazendo, mas eu estava com medo da resposta.

Seus dedos rastejaram sobre minhas coxas, os dedos roçando o material do meu vestido, um toque leve. Eu estava tremendo,

minha testa contra a dele, respirando com dificuldade, minhas mãos em punhos na sua camisa.

— Roth? — era a única pergunta que eu pude administrar.

— Kyrie. Não faça um som. Ok? Fique quieta por mim.

— Ficar - ficar quieta?

— Sim. Eu vou fazer você gozar.

— Você vai... você vai?

Ele não respondeu. Pelo menos, não com palavras. Sua boca encontrou a minha e eu fui tomada de novo, transportada pelo poder hábil de seu beijo. Sua mão repousava no espaço entre as minhas coxas, por cima do meu vestido, a um centímetro do meu sexo. Senti seus dedos ondulando contra as minhas coxas, deslizando para cima. Minhas pernas estavam pressionadas juntas e meu vestido estava apertado. Mas, ainda assim, quando as pontas dos seus dedos roçaram sobre o meu sexo, mesmo através do vestido, eu senti e estremei. Outra acariciada sobre o ápice das minhas coxas e eu senti minhas pernas desmoronarem, apenas ligeiramente. Seus lábios nos meus eram exigentes, implacáveis, roubando minha respiração, sua língua passando sobre os dentes e enroscando com a minha língua, saboreando os meus lábios.

Seus dedos pressionando e eu ofegando em sua boca.

— Oh, Kyrie. Tão linda. E eu ainda nem toquei em você de verdade. — sua voz era um murmúrio, seu hálito quente em meus

lábios. — Você quer que eu a toque?

Eu não podia responder. Eu não sabia como. Eu queria, mas eu tinha medo de deixar. Eu sabia que se eu fizesse, se eu deixasse ele me tocar, o deixasse me fazer gozar, eu estaria ainda mais perdida por ele, por seu jogo. Mas eu já estava, certo? Eu tinha me rendido a ele. Eu o deixei me vender. Beijar-me. Ele tinha me visto sem sutiã, em uma camiseta e calcinha. Eu já estava doendo por seu toque.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Kyrie. — seus dedos deslizaram para baixo da minha coxa, em direção ao meu joelho. Senti-o inclinar-se para baixo, segurar meu tornozelo e levantar o meu pé. Ele segurou a barra do meu vestido. Ele puxou, suavemente e implacavelmente deslizando o tecido para cima, expondo minhas panturrilhas, joelhos e, agora, as minhas coxas. — Você quer... Que eu... *A toque?* É uma questão simples. Tocar ou não tocar. Você quer um orgasmo? Bem aqui, agora? Neste teatro? Cercada por milhares de pessoas? Você provavelmente já está molhada para mim, não é? Alguns golpes com o meu dedo e você vai gozar, eu aposto. Eu só teria que deslizar o dedo dentro de você, e você estaria choramingando. Eu aposto que seu clitóris está tão sensível, tão delicado. Você ficaria apertada, também. Tão apertada. Quando você gozasse, você apertaria em torno de meus dedos, e teria que morder para não gritar. Você quer isso, não é, Kyrie?

Soltei um suspiro trêmulo, deixei minha cabeça bater para trás no assento. — S - sim. Sim. Eu quero. Eu quero isso.

Meu vestido estava amontoado sob minhas coxas agora e sua mão estava enrolada acima da minha coxa, acariciando o músculo redondo e deslizando cada vez mais para cima. — Diga. Conte-me o que você quer que eu faça. Eu preciso ouvir você dizer isso, Kyrie. Diga-me o que você quer que eu faça para você.

— Unh... — eu não conseguia formar palavras na minha cabeça, ou em meus lábios. Tudo o que eu podia fazer era ofegar e respirar enquanto seus dedos derivavam entre as minhas coxas - ainda fechadas - e roçavam um pedaço de seda sobre minhas dobras. — Eu - Roth... Eu quero que você me toque.

— Eu estou tocando você. Você vai ter que ser mais específica. — seus lábios mordicavam o lóbulo da minha orelha, na parte externa, beijando atrás dela, para baixo e ao redor, beijo, beijo, beijo, até meu pescoço.

Eu mexi minha bunda no assento, querendo abrir minhas coxas, mas ainda com medo de me render completamente — Oh, Deus... Eu quero - *eu não posso dizer isso...*

— Então você não vai ter. — seu toque se afastou, de volta para o topo da minha coxa.

Ele traçou o comprimento da perna, do joelho ao quadril com um dedo, de volta para baixo. Ele se afastou lentamente, traçando o mesmo caminho do joelho para o ápice ao longo do interior da minha coxa.

Eu gemia de frustração, presa entre o desejo e o medo. — Deus, Roth.

— Em sua vida, neste momento, essas duas palavras poderiam ser consideradas sinônimas. — ele mordeu o meu pescoço, beijou até debaixo do meu queixo e então sua língua se moveu rapidamente e provou o canto da minha boca. — Você sabe que quer. Não tenha medo, Kyrie. Eu não vou machucá-la. Eu vou fazer você se sentir bem. Eu vou fazer você se sentir melhor do que já se sentiu em sua

vida. Tudo que você tem a fazer é me dizer o que quer que eu faça. Sussurre, tão suave como queira. Vou ouvir você.

Senti seu dedo deslizar e descansar na costura da minha tanga, no limite do meu sexo. Seu toque se moveu para baixo, e em seguida, voltou para cima. Eu tremia dos pés à cabeça, agitada, sem respirar realmente.

— Toque-me. Toque-me *lá*.

— Onde?

Eu hesitei. — Na minha vagina. — as palavras eram quase inaudíveis, mas eu sabia que ele as ouviu. — Coloque seus dedos dentro de mim. Faça-me gozar. Por favor, Roth.

— Ah, agora, isso não foi tão difícil, foi?

— Sim, um pouco. — eu disse.

Ele riu, uma risada suave. — Você nunca fala sujo, Kyrie?

— Não. Não realmente.

— Bem, você vai aprender. — ele traçou a linha da minha abertura com o dedo. — Você está pronta?

— Eu estou pronta.

— Eu não acho que está. Realmente não. Não para o que eu vou fazer com você. — ele beijou o caminho até meu seio e então seus lábios descansaram na inclinação de um deles. — Lembre-se, nenhum som.

Eu assenti e então o seu dedo deslizou por baixo do elástico na parte interna da minha coxa. Eu não conseguia engolir, não conseguia respirar, não conseguia me mover. Cada sentido estava em sintonia com o seu dedo enquanto ele se aproximava de minha abertura. Deixei minhas coxas abrirem um pouco, as senti tremendo. Eu respirei fundo, segurei, esperei. Eu senti seu toque em minhas dobras, roçando meus pelos pubianos estreitos, aparados.

— Tão suave, Kyrie. Eu mal posso esperar para senti-la. — suas palavras foram mais sentidas do que ouvidas, ditas apenas alto o suficiente para serem audíveis.

Seu dedo estendeu na minha abertura e em seguida, deslizou para cima e para baixo. Ele fez isso três vezes, cada vez a ponta do seu dedo ia um pouco mais profundo. Eu estava me mexendo no lugar desde o momento que ele teve o dedo dentro de mim até a primeira junta. Não era muito, mas era o suficiente para eu tremer toda, antecipando, precisando. Eu tive que respirar e meus pulmões estavam se expandindo e contraindo furiosamente, meu peito arfando.

Ele acalmou em seguida, com apenas um dedo dentro de mim. Eu fiz uma careta, gemi e quase fui incapaz de me impedir de girar meus quadris para obter mais do seu toque.

— Nem um som, Kyrie. Nenhum gemido.

— Ok, me desculpe.

Eu estava doendo, quente e latejante, molhada. Precisando do seu toque, precisando dele para cumprir a sua promessa. Eu *precisava* disso. Ele estava ali, bem ali, mas sem se mover, sem tocar. E então, quando eu estava prestes a lhe pedir para me tocar de novo, ele fez. Seu dedo deslizou um pouco mais fundo. Ele arrastou entre meus lábios e eu tive que morder o lábio para manter o silêncio enquanto a ponta áspera de seu grande dedo roçava meu clitóris. Eu suspirei, mas era uma ingestão de ar tranquila. Eu fiquei tensa com minhas mãos ainda agarradas em sua camisa. Eu deixei minha mão cair, liberando sua roupa. Uma das minhas mãos descansou no braço da minha cadeira, a outra no seu antebraço, segurando o músculo apertado e sua carne firme.

Senti seus músculos em movimento enquanto seu dedo circulava meu clitóris. Meus quadris levantavam, caíam, levantavam e caíam, movendo com o ritmo lento do seu dedo. E então, de repente, o dedo mergulhou em meu canal, para a umidade e o calor.

— Deus, Kyrie. — ele murmurou. — Você está molhada. Tão molhada. Eu amo quão molhada você está. Você é apertada, também.

Suas palavras me fizeram corar justamente quando seu dedo retirou-se para apertar mais uma vez contra o meu clitóris, fazendo-me recuar e contorcer, mordendo meu lábio. Ele circulou minha protuberância inchada com o dedo grosso e eu queria gemer, suspirar, xingar, dizer o seu nome. Qualquer coisa. Mas eu não podia. Em algum lugar, além da bolha deste camarote, alguém estava cantando. Sua voz era poderosa, subindo e descendo, exuberante e rica, a música cada vez mais alta e mais rápida, outras vozes se juntaram à dela. A canção foi atingindo uma crescente, as vozes se sobrepondo e competindo.

Seu dedo deslizou em mim de novo, indo fundo, retirando-se, lambuzando meus próprios sucos sobre o meu clitóris, mergulhando,

movendo sobre mim, circulando uma, duas, três vezes, mergulhando para dentro, nunca me deixando encontrar um ritmo, nunca me deixando chegar muito perto do limite do clímax. Ele acrescentou um segundo dedo e eu desejei poder dizer a ele o quanto eu gostava disso, mas não me atrevi, porque se eu fizesse um som, ele pararia e então eu morreria.

Eu estava me contorcendo agora, levantando meus quadris acima do assento felpudo, em busca de libertação, mordendo meu lábio tão forte que acho que sentia gosto de sangue. Minha respiração estava rasa, suspiros cortantes, rangendo meus dentes, raspando minha garganta. Manter o silêncio estava se mostrando impossível e o fato de que havia pessoas a poucos metros de distância nos camarotes adjacentes tornou isso mais assustador, arriscado e emocionante, fazendo a minha necessidade de ficar em silêncio mais imperativa. No entanto, eu não conseguia. Eu simplesmente não podia. Ouvi um leve e quase inaudível gemido deslizar da minha garganta e o dedo de Roth parou imediatamente. Eu senti o orgasmo crescente e iminente retroceder, me fazendo entrar em pânico, frenética. Eu me contorci, segurei sua mão na minha e tentei fazê-lo se mover.

— Eu não pude... Não pude evitar... Não pude evitar...

— Eu sei, menina adorável. Eu sei. — a voz de Roth estava no meu ouvido, áspera e baixa. — Você está tão perto, não é? Você quer gozar. Você *precisa* gozar. Mas não pode. A não ser que eu deixe.

Ele queria que eu implorasse. Eu sabia disso. Eu não faria isso. Não. Eu não estava nesse extremo. Eu queria gozar, mas não estava preparada para lhe implorar por isso. Sacudi minha cabeça para os lados, apertei minhas coxas ao redor da sua mão, prendendo-a no lugar.

— Oh, Kyrie. Você não vai implorar, vai? Muito orgulhosa para isso. — seu dedo, ainda dentro de mim, torceu, contraiu e eu estremei com meu corpo tendo espasmos enquanto ele roçava o meu clitóris. — Você está quase lá, Kyrie. Um pouco mais *disso*. — ele roçou minha protuberância de novo e eu senti o calor e a pressão enrolando na minha barriga. — E você vai gozar em toda a minha mão. Tudo que você tem a fazer é dizer 'por favor, Roth.' Três palavrinhas. Isso sequer é realmente implorar. É só... Pedindo-me gentilmente.

Confirmava seu controle e seu poder sobre mim, nós dois sabíamos disso. Mas então, era esse o objetivo deste jogo, não era? Eu tinha a venda nos olhos. Eu estava fazendo o seu jogo. Então por que não este, também? Eu queria e eu estava ali, tão perto. Eu estava prestes a morder meu lábio nesse ponto, meus quadris vibravam em desespero que eu não conseguia controlar. Três palavras. Deixe-o ter o controle.

— Por favor... Roth. — quem precisa de dignidade quando você pode ter orgasmos públicos?

Naquele momento, no momento em que as palavras saíram da minha boca, a música que vinha do palco atingiu o seu auge, culminando com o momento em que os dedos de Roth beliscaram meu clitóris inchado e enviaram foguetes de êxtase em mim. Eu cerrei meus dentes e deixei meus quadris rolarem violentamente no momento com seus dois dedos circulando. Assim que a pressão no meu sexo alcançou um nível crítico, os dedos de Roth mergulharam no meu canal, deslizaram para fora, mergulharam e então prosseguiram circulando. Só o suficiente de uma interrupção no ritmo para me tirar do limite. Ele estava me deixando louca, me deixando selvagem. Um rosnado ferveu na minha garganta, mal me contive, sons primitivos de frustração com seus jogos. Ele poderia me fazer gozar quando quisesse e eu sabia disso. Ele estava me provocando. Mais uma vez, ele deslizou seus dedos profundamente

em mim, de forma que eu estava prestes a explodir. Eu cavei minhas unhas em seu braço com toda a minha força, um apelo e um aviso. Agarrei a sua camisa com a minha outra mão, puxei-o para mim, senti sua boca contra a minha.

— Eu fiz seu jogo, droga. — eu rosnei. — Agora, merda, dê isso para mim.

Seu riso foi um estrondo, longo e baixo, e então, quando eu estava prestes a fazer algo muito louco, como mordê-lo, ele cobriu minha boca com a dele, enfiou a língua entre meus lábios e me levou ao limite.

— Goze, Kyrie. — foi um comando. — Goze agora. Agora, baby. Agora.

Eu nunca tive tanta boa vontade em obedecer antes. Ele devorou o meu gemido desamparado com sua boca faminta, me beijando e passando rapidamente sua língua contra a minha e excitando o meu clitóris latejante e beliscando e circulando, empurrando meu clímax cada vez mais alto até que eu estava ofegante, meu coração parou e meu corpo estava arqueado, apenas meus saltos tocando o chão, meus ombros contra a cadeira. Foi muito, muito, muito forte, muito explosivo e me deixou em pedaços, mas ele não abrandou - continuou a devastar a minha boca com a sua, circulando meu clitóris e deslizando os dedos em mim e me levando a um ápice que eu não sabia que era possível.

Eventualmente, o meu corpo não podia aguentar mais e eu caí de volta para a cadeira, ofegante, mole. Eu tirei uma mecha de cabelo da minha boca e em seguida, deixei a minha mão cair para o lado. Porém, em vez da cadeira, meus dedos encontraram Roth. Mais

especificamente, encontraram sua coxa e então seu zíper. E a sólida ereção dura como ferro, pressionando atrás dele.

No entanto, antes que eu pudesse fazer mais do que registrar o que eu havia tocado acidentalmente, ele estava imobilizando meu pulso e puxando minha mão. — Ainda não, Kyrie.

— Não dói?

— Sim.

— Você vai... Cuidar disso? Ou... Ou me deixar cuidar? — eu perguntei. Eu esperava isso, sabia que estava vindo, que era parte do jogo.

— Não. Não, nada disso.

— Você só vai ficar duro assim?

Uma pausa. — Sim. Isso vai embora, eventualmente.

— Mas será que não... Causa problemas?

— Essa é a minha preocupação, não sua. — sua voz não admitia discussão.

Uma coisa muito ruim que eu não planejava que ouviria. — Eu não entendo, Roth. Pensei que era assim que as coisas iam funcionar.

— Não pense que você sabe como isso vai ser, Kyrie. Você não sabe. Não se trata de gozar. Para mim *ou* para você. — ele inclinou para baixo, quase inaudível sobre o som de vozes conversando durante o intervalo. — Quando me tocar, você estará olhando nos meus olhos. Não se lembra do que eu lhe prometi quando discutimos nosso acordo pela primeira vez? — eu assenti. — O que foi? Diga-me, Kyrie.

— Você me disse que não faria sexo a não ser que eu pedisse. A não ser que eu implorasse.

— Correto. E você está começando a acreditar em mim?

— Sim, eu acho que estou.

— Bom. Agora, arrume o seu vestido antes que Michael chegue com as nossas bebidas. — eu puxei a saia para baixo pelos meus quadris, em seguida, levantei e deixei-a cair no chão, ajustando até que ela ficasse em linha reta. Eu senti os dedos de Roth puxando o tecido, ajustando-o ligeiramente, e então sua mão se moveu para descansar no meu quadril, possessivo e familiar. Sentei-me de novo e senti seu ombro cutucar o meu. — Eu acho que você deveria saber, Kyrie... Eu nunca vi nada tão bonito como o seu rosto quando gozou para mim.

— Eu acho que nunca tinha gozado tão forte em toda a minha vida. — eu admiti, corando ligeiramente.

Seus lábios tocaram minha orelha. — Ah... querida Kyrie. Isso foi só o começo, querida. As coisas que vou fazer com você quando estivermos sozinhos... Você nem imagina. — a promessa em sua voz me deixou tremendo, apertando minhas pernas com a onda de calor que me inundou toda de novo.

Eu mal conseguia me concentrar no resto da ópera, pensando se ele ia me tocar de novo, me beijar de novo, perguntando-me o que mais ele poderia fazer comigo. No entanto, ele não o fez. Ele simplesmente segurou minha mão, seu polegar ocasionalmente acariciando meus dedos. Durante toda a ópera e a volta de carro para casa, eu meio que esperava sentir seu toque no meu sexo de novo, mas nunca aconteceu e eu fiquei desequilibrada, querendo mais, querendo tocá-lo, arrancar a venda e vê-lo, para ver se sua ereção havia diminuído, imaginando o que ele faria em seguida.

Ele segurou a minha mão durante a viagem de elevador até sua cobertura, por todo o caminho até a porta do meu quarto, e em seguida, pegou as minhas duas mãos nas suas, pressionando minhas costas contra a porta.

Inclinei minha cabeça para cima, pronta para qualquer coisa.

— Boa noite, Kyrie. — seus lábios roçaram os meus, rápido e seco.

Era isso? Ele me fez gozar no meio da ópera, então nada? Apenas... *Boa noite?*

— Boa noite, Roth. — eu estava frustrada, confusa.

Sua mão deixou a minha, abri a porta e dei um passo para trás e virei para longe dele. Ele desamarrou minha venda, mas em vez de tomá-la como tinha feito da última vez, ele a colocou em minhas mãos.

Eu vi suas mãos. Elas eram ainda maiores do que eu esperava. Eu coloquei minha mão contra a sua, comparando. As pontas dos

meus dedos mal chegavam ao meio dos dele, ele poderia dobrar os dedos sobre os meus. Suas mãos eram ásperas, calejadas, grossas e fortes. As unhas eram cortadas rentes, limpas, igualadas em arcos. Não de manicure ou lixada, apenas cuidada. Ele ainda estava, congelado atrás de mim enquanto eu segurava sua grande e bronzeada mão, na minha pequena. Virei a palma da sua mão para baixo. A pele na parte de trás da sua mão era firme, cheia de linhas.

— Suas mãos são ásperas.

— Sim.

— Tive a impressão de que tinha crescido... Rico.

— Eu cresci.

— Mas, ainda assim suas mãos...

Ele não respondeu de imediato, mas nem puxou a mão da minha. Não pude deixar de deslizar os meus dedos pelos seus. — Eu cresci muito, muito rico. Meu pai é, ainda, um dos empresários mais ricos e bem sucedidos do mundo. Você não deve ter ouvido falar dele, porque ele mantém um perfil discreto, fica de fora das notícias e tal. Mas sim, você está certa, eu cresci rico. Mimado. Eu nunca fiz uma coisa para mim mesmo enquanto criança. Minha comida era feita para mim, trazida para mim. Minha cama era arrumada para mim. Eu fui conduzido para todos os lugares por um motorista. Eu tinha guarda-costas, assistentes pessoais e professores particulares. Eu cresci recebendo o que eu queria, sempre que eu queria. — sua voz estava tão perto, reduzida a apenas um murmúrio, cada palavra hesitante, como se ele não pudesse acreditar que estava dizendo tudo isso. Eu não ousava respirar, com medo que ele se calasse. — Essa foi a minha vida até que completei dezoito anos. Eu passei muito tempo

com meu pai. Ele era o meu herói. Eu o idolatrava. Eu queria ser como ele. Eu via tudo o que ele fazia, passei a trabalhar com ele e perguntava, tomava notas, aprendi tudo o que podia sobre negócios. Eu estava sendo preparado para ser seu herdeiro e sucessor. Ou assim pensava eu. Então, no meu aniversário de dezoito anos, meu pai me levou até as portas de nossa propriedade rural na Inglaterra, onde um novo BMW M5 estava esperando. Meu pai me entregou uma maleta, me disse para abri-la. Dentro dessa maleta estava o meu passaporte e cem mil libras esterlinas. Também naquela maleta estava uma Beretta M9, três pentes para bala e uma caixa de munição. Meu pai me entregou as chaves do carro. Eu vou lembrar suas palavras para o resto da minha vida. Ele disse: “Você está por sua conta, agora, filho. Essa é a sua herança e é tudo o que você vai ter de mim. Vá. Ganhe sua própria fortuna. Você pode voltar para visitar sempre que quiser. Mas se ficar mais de um mês, eu vou cobrar o aluguel, e todo o dinheiro que você pedir vou esperar que seja pago com juros. Eu ganhei o que eu tenho com as minhas próprias mãos e assim você fará. Adeus, e eu te amo.” E então ele se virou e foi embora, fechando o portão atrás de si.

— Isso é... Meio frio. Quer dizer, ele só... Chutou você para fora, assim? Ele o isolou?

— Isso mesmo. Eu tinha as roupas do corpo, o carro e o conteúdo da maleta. É isso. Eu tinha amigos, é claro, lugares que eu poderia ir, dinheiro suficiente para comprar meu próprio apartamento ou ficar em um hotel. Mas, ainda assim, eu tinha conhecimento o suficiente para saber que cem mil desapareceriam rapidamente se eu não tivesse cuidado. — Roth tirou sua mão, finalmente. — A história de como eu acabei onde estou agora é longa e muitas vezes desagradável e sombria, e eu não vou contar isso agora.

— Uau, Roth. Isso é... Uma loucura.

Ele não respondeu. — Sim, eu suponho que seja, isso mesmo.
— ele suspirou. — Sabe, o que acabei de lhe dizer é mais do que eu já disse a alguém.

— Eu suspeitava disso. Obrigada por me dizer.

— Boa noite, Kyrie. — eu o senti se afastando, e então ele se foi, o clique da porta se fechando atrás dele.

E, pela segunda noite, levei muito tempo para adormecer.

Capítulo 6

Ceder

Eu tinha o sono ridiculamente profundo. Eu sempre tive. Meu pai costumava dizer que eu poderia dormir até o mundo acabar. Eu dormiria com tempestades que balançavam toda a casa, até mesmo com o despertador tocando no meu ouvido. Seria preciso uma mão rude me chacoalhando por vários minutos antes de eu finalmente acordar, e mesmo assim estaria grogue, desorientada. Eu babava quando dormia. Era embaraçoso. Era parte da razão que eu nunca tinha morado com um cara, para ser totalmente honesta. Por babar, eu não quero dizer um pouquinho no canto da minha boca. Quero dizer meu travesseiro estaria úmido quando acordava. Era nojento, mas eu não conseguia evitar isso. E que cara queria dormir ao lado de uma garota que baba uma piscina de cuspe em cima dele e do travesseiro?

Eu nunca acordava no meio da noite, nunca, por nada. Uma vez que caí no sono ficava deitada até que o meu corpo estivesse pronto para acordar.

No entanto, dois dias após a visita à ópera, eu acordava no meio da noite. Eu não tinha visto Roth desde a ópera, o que tinha deixado os vários dias muito longos e muito chatos. Acordei, olhando para o relógio ao meu lado 02h39min. Por que eu estava acordada? Meu coração estava martelando, batendo em meus ouvidos. Olhei ao redor do quarto, mas tudo que eu podia ver eram sombras e formas vagas, pálidos reflexos de sombras mais profundas dos espelhos no banheiro.

Meu quarto estava quase escuro como breu, a única luz vinha do relógio ao lado da minha cama.

Eu não estava sozinha. De repente e completamente, eu soube disso. — Olá? Roth?

— Sim. Sou eu. Feche os olhos. — sua voz veio da porta que levava à sala de estar.

— O que você está fazendo aqui? É o meio da noite.

— Feche os olhos, Kyrie.

Fiz o que ele instruiu. — Eles estão fechados. Não que isso faça diferença, este quarto é tão escuro.

— Mantenha-os fechados. — eu ouvi a sua voz se movendo mais perto, ouviu os pés no carpete.

Senti a cama afundar sob o seu peso. Meu coração começou a martelar ainda mais, batendo na minha garganta. Sua mão tocou minha perna, perto do joelho, subiu para minha coxa, para o quadril. Até minha cintura. Eu estava coberta apenas pelo lençol, vestindo uma camiseta e calcinha. Sua mão deslizou por cima do meu seio e segurou-o, e em seguida, continuou se movendo. Então encontrou meu rosto. Seu polegar roçou meu queixo, minha bochecha. Senti a seda pressionada em meus olhos, então levantei minha cabeça para que ele pudesse amarrar a venda.

— Peço desculpas pela minha ausência nos últimos dias, Kyrie. Os negócios me chamaram. Mas estou de volta agora e vou

compensar minha ausência. — ele puxou o lençol para baixo e jogou para o lado. — Coloque as mãos sob o travesseiro debaixo da cabeça.

Eu deslizei minhas mãos sob o travesseiro como instruído e mantive as perguntas para mim mesma. Eu tinha a sensação de que sabia o que ele faria e eu não estava disposta a discutir.

Seu dedo traçou minha bochecha mais uma vez e afastou uma mecha de cabelo para longe, então deslizou para baixo na curva do meu pescoço.

— Esta camisa é importante para você?

Eu balancei a cabeça, em seguida, percebi que ele não seria capaz de ver o gesto. — Não. No entanto, a última que você rasgou era.

— Minhas desculpas, nesse caso. — ele segurou a gola da minha camiseta com as duas mãos e eu senti seus dedos contra os meus seios, senti as mãos tensas e depois o algodão rasgando de cima para baixo. Eu senti sua presença sair da cama e ouvi o clique de um interruptor. — Assim é melhor. Agora posso ver seu corpo lindo. Você tem seios tão perfeitos, Kyrie.

O ar frio tomou conta de meu torso exposto, fazendo minha pele se arrepiar e meus mamilos endurecerem. Minhas mãos se apertaram em punhos sob o travesseiro. Eu me preparei para seu toque, mas quando chegou, não era onde eu esperava. Seu dedo tocou meus lábios e deslizou de canto a canto. Eu separei meus lábios, senti o dedo deslizar em minha boca e provei a pele salgada. Mordi suavemente e eu ouvi um assobio quando ele respirou fundo. Seus dedos saíram da minha boca então traçaram uma linha de baixo do meu queixo, no meu pescoço, entre meus seios, por cima do meu

diafragma e barriga. Quando chegou a minha calcinha, o dedo foi enganchado sob o elástico e continuou sua jornada em direção ao sul, trazendo minha calcinha com ele. Levantei e seu dedo correu para o meu quadril, levando o tecido para baixo e depois por todo o meu sexo para o outro quadril, e, em seguida, a peça foi embora, jogada fora.

Eu estava nua para ele agora, exceto por um pedaço rasgado de camiseta ao redor dos meus braços. Meus mamilos estavam duros como diamantes, minha respiração era longa e profunda, levantando meus seios e deixando-os cair. Minhas coxas estavam pressionadas juntas e eu senti seu olhar em mim, sabia que ele estava olhando para mim, memorizando meu corpo. Deixei minhas pernas desmoronarem, deixei-o me ver.

— Kyrie... Você é malditamente linda. — sua voz era baixa e reverente. — E você é minha.

Eu vacilei em surpresa quando senti sua mão tocar levemente meu mamilo esquerdo e depois relaxei em seu toque quando ele me segurou. Sua mão se moveu para o meu outro seio e depois deslizou para a curva de minha cintura, descendo para o meu quadril. Ao longo da minha coxa, até o interior e depois seu dedo estava traçando a linha úmida da minha fenda, provocando uma respiração sibilante de meus lábios.

— Não há necessidade de ficar quieta nesse momento, Kyrie. Você pode fazer o barulho que quiser. Grite para mim se você quiser. Diga meu nome. Agora, diga o meu nome.

— Roth...

Quando a palavra saiu da minha boca, seu dedo deslizou em minha boceta e eu disse o nome dele, soltando em um gemido. Ele cobriu o dedo nos sucos lisos das minhas dobras e, em seguida, arrastou-o sobre o meu clitóris. Ele não precisava fazer isso, no entanto, porque eu já estava molhada, já latejando por seu toque. Eu sabia o quanto ele poderia me fazer gozar, e a partir do momento que o senti rasgar a minha camiseta, eu queria, precisava disso.

Cedendo para ele estava se tornando mais fácil.

— Abra suas pernas, Kyrie. Bem abertas.

Obedeci, arrastando meus joelhos para cima e deixando-os cair. Viu? Eu nem sequer o questionei - eu só fiz o que me disse como uma boa menina.

— Tão perfeita, Kyrie. Sua boceta é como uma flor, rosa e linda, implorando para eu abrir suas pétalas.

Quem no inferno fala desse jeito? Eu me perguntava, mas o pensamento era fraco, porque suas palavras tinham um efeito poderoso sobre mim. Ele achava que minha boceta parecia uma flor? Jesus, isso era meio quente. Estranho e inesperado, mas quente.

Seus dedos traçaram sobre a minha abertura, deslizou em um lábio e foi até o outro, mergulhando para acariciar meu clitóris e parou. E então o seu peso mudou, senti os ombros largos tocando a parte interna dos meus joelhos e sua barba em minha coxa. Oh, Deus. Oh, Deus. Ele estava prestes a ir para baixo em mim. O desejo me deixou tensa, queria colocar meus joelhos sobre seus ombros e pedir-lhe para me lambe sem sentido, queria lhe pedir para tirar a venda para que eu pudesse vê-lo, para que pudesse assistir a sua

cabeça entre as minhas pernas. Mas não fiz nada disso. Fiquei absolutamente imóvel, fiquei em silêncio e esperei.

Suas mãos se curvaram ao redor do lado de fora das minhas coxas e eu senti sua respiração suave na minha pele sensível. Sua barba era áspera na minha pele, mas sua língua deslizando em minhas dobras compensou isso. De fato, o contraste de sua barba áspera em minhas coxas e sua língua molhada, quente e lenta ao longo da minha abertura era delicioso e erótico, e eu não podia e não tentaria impedir que um gemido escapasse dos meus lábios. Seus dedos caminharam ao longo do oco dos meus quadris, encontraram os lábios da minha boceta, os separou e sua língua se movia rapidamente em volta do meu clitóris inchado em um círculo longo e molhado.

— Kyrie... Você tem um gosto tão bom, Kyrie. Eu vou lambe sua doce e perfeita boceta até que você me implore para parar, mas não vou parar. Continuarei lambendo até que você não aguente mais, e então, você vai gozar com muita força e tantas vezes que pensará que está prestes a morrer e eu a farei voltar. Alguma vez você já gozou tantas vezes que desmaiou, Kyrie? Isso é o que vou fazer com você. Agora. Essa noite. Eu vou comer a sua pequena e doce boceta molhada até desmaiar. — suas palavras e sua voz retumbaram e ronronaram como o rugido de um leão, sua respiração estava quente em mim, seus dedos eram gentis, porém insistentes, e eu quase gozei apenas pela sua voz, com as suas palavras, simplesmente com as suas promessas.

Mordi meu lábio e gemi quando sua língua plana e grossa deslizou por minha abertura. Ele me lambeu assim algumas vezes, a língua ficando rígida enquanto ele golpeava por cima do meu clitóris. Quando a ponta da língua deixou minha boceta, eu senti meu quadril subir, elevando por vontade própria, em busca de contato. Gemidos estavam deixando meus lábios sem parar enquanto sua língua recuava e apertava em mim, mergulhava e dava a volta no meu

clitóris. O ritmo, oh, Jesus, o ritmo que ele estabeleceu era lento, deliberado e enlouquecedor. Com a intenção de me deixar louca. Com a intenção de me fazer implorar. Ele não usava nada além da sua língua. Por um tempo eu não tinha como medir o que ele estava fazendo, apenas lambendo e me circulando sem nenhum padrão discernível. Calor cresceu por dentro e a pressão se abateu sobre mim como se estivesse me afogando no fundo de uma piscina. Minha respiração veio em gemidos e meus quadris se levantavam e caíam pela sequência selvagem de sua língua incansável.

E então, quando eu estava prestes a gritar de frustração e necessidade, os dedos de sua mão direita se arrastaram na minha perna, até o interior da minha coxa, e então senti um único dedo entrar em minhas dobras e ondular contra as minhas paredes internas, curvar e acariciar alto e profundo, arrancando um suspiro que se tornou um gemido. Eu não consegui deixar de colocar meus calcanhares sobre seus ombros, então, ele agarrou meus quadris com as duas mãos e me puxou para baixo da cama, pegou um travesseiro e o empurrou sob minhas costas para levantar minha bunda da cama. Minhas mãos estavam em punhos debaixo do travesseiro, tremendo, desesperada para enredar em seu cabelo.

Suas mãos deslizaram sobre meu corpo, acalmando e suavizando, explorando e possuindo. Sua palma roçou meu seio, segurou o seu peso e então seus dedos beliscaram meu mamilo, apertaram e torceram, adicionando uma linha nítida de calor arranhando a pressão e o fogo dentro de mim. Senti sua outra mão sobre minha barriga, passando por meu quadril, minha coxa, deslizando sobre a linha úmida e trêmula da minha boceta e então seu dedo traçou a abertura e empurrou para dentro. Eu gemi e depois soltei um pequeno grito sem fôlego quando sua língua moveu rapidamente contra o meu clitóris. Outro dedo se juntou ao primeiro dentro da minha boceta e sua língua se moveu em círculos lentos. Dois dedos acariciavam dentro de mim, golpeando quando o ritmo de sua língua acelerou.

O calor no meu núcleo foi crescendo, a pressão fazendo minhas coxas tremer e meus calcanhares cruzados um sobre o outro em suas costas, o mantendo em mim. Minhas mãos precisavam tocá-lo. Eu precisava. Mas não o fiz. Eu não podia. Eu as mantive no lugar, assim como ele me disse para fazer.

Eu estava gemendo alto agora, os quadris se contorcendo contra a sua boca.

Meu orgasmo foi rápido e forte, pulsando por mim como relâmpagos.

— Merda... Roth... Oh, Deus... — eu me ouvi ofegar.

— Foi um bom começo. — sua voz veio de entre as minhas pernas. — Mas foi apenas um começo.

Apenas um começo? Esse orgasmo me deixou mole e suada, tremendo, mal era capaz de recuperar o fôlego. Eu percebi que ele poderia não estar brincando quando tinha prometido me fazer desmaiar. Eu só tive orgasmos múltiplos uma vez na minha vida, e foi uma... Noite memorável. O cara em questão era um fuzileiro naval dos EUA em licença e nós só tivemos uma noite juntos, mas puta *merda* ele tinha sido bom.

Ele era um amador, eu percebi, em comparação com Roth. Eu gozei forte e ele só tinha levado alguns minutos para isso.

Meus pensamentos foram dissolvidos por seus dedos deslizando para fora de mim e movendo para acariciar meu latejante e dolorido clitóris. Eu gemi e Roth gemeu comigo.

— Desta vez, eu quero que você goze o mais rápido possível. — ele me lambeu uma vez, com força. — Você está pronta, Kyrie?

— Eu... Eu não sei se consigo de novo.

— Oh, você consegue. — ele me lambeu e eu senti um raio disparando calor em mim, me fazendo ofegar. — Está vendo? Goze para mim, Kyrie. Goze novamente.

Ele colocou os lábios no meu clitóris e sugou, três dedos deslizando para dentro e para fora da minha apertada abertura. Ele chupou forte e meus quadris deixaram a cama, o raio me atingindo com cada sucção de sua boca na minha latejante protuberância.

E claramente, em questão de segundos eu estava no limite e sua mão livre afastou-se do meu corpo para beliscar meu mamilo, apertando tão forte quanto ele estava chupando. Eu gemia e assim que eu ultrapassei o limite, seu toque ficou leve, sua língua passando rapidamente em meu clitóris e seus dedos acariciando delicadamente meu mamilo. Eu gritei ruidosamente, gozando forte com as costas arqueando.

— Bom, Kyrie. Muito bom. Isso foi lindo. — eu o senti rastejar por entre as minhas coxas e até o meu corpo. — Agora, enquanto você ainda está gozando, se toque. Coloque os dedos em sua boceta para que eu possa vê-la gozar.

Eu estava arqueado para fora da cama, mesmo enquanto ele falava. Não havia nenhuma maneira que eu pudesse gozar novamente. De jeito nenhum. Eu ansiava. Eu estava dolorida. Eu estava completamente mole.

Quando eu não obedeci, eu o senti agarrar a minha mão e enfiá-la entre as minhas coxas. Sua palma tocou a palma da minha mão, e seus dedos se moviam contra os meus, empurrando meu dedo do meio contra o meu clitóris.

— Eu não posso... Eu não posso.

— Sim, você pode. — eu o senti se inclinar sobre mim, senti sua língua, que certamente deveria estar cansada agora, traçar um círculo preguiçoso ao redor do meu mamilo. — Toque-se, Kyrie. Eu quero ver o que você faz para gozar sozinha.

Eu movi meus dedos médio e anelar em um círculo hesitante. Engoli em seco e mordi meu lábio quando um calor quase doloroso pulsava dentro de mim. Roth estava pressionando beijos em meus seios, pegando meu seio direito e puxando-o para si, lambendo meu mamilo engrossado, circulando a aréola com a língua e, em seguida, soltando e dando a mesma atenção ao meu outro lado. Suas mãos não estavam ociosas. Ele estava passando a mão, me acariciando toda. Agarrando meu quadril, apertando meus seios e segurando minha cintura. Senti minha mão em movimento, senti o aumento de pressão dentro de mim mais uma vez, quando meus dedos se moviam de acordo com o comando de Roth. Como eu poderia gozar novamente? Ele me levou ao clímax duas vezes no espaço, de quê, 15 minutos, se isso? Jesus. Eu não achei que era possível, mas ele tinha feito isso.

E agora, com sua boca nos meus seios e meus dedos circulando meu clitóris com movimentos rápidos, com certeza eu gozaria de novo. O que Roth tinha que me afetava de maneira tão poderosa? Sua voz? Sua conversa suja? Sua confiança? Eu não tinha certeza, mas havia algo nele que me empurrava para o ponto de ebulição.

Eu estava oscilando à beira do orgasmo, perdida na sensação, meus dedos me tocando da forma que só você pode tocar a si mesmo, conhecendo seus pontos de acesso, sabendo qual era a velocidade e ritmo perfeitos. Seus lábios se enrolaram no meu mamilo direito, e eu senti uma linha de calor conectar meus seios ao meu núcleo e conforme meus dedos se moviam e sua boca sugava, essa linha foi sendo puxada, empurrando mais um orgasmo para mim.

Eu explodi com um grito, os quadris balançando com as costas arqueadas, tanto quanto a minha coluna permitia.

Não houve aviso. Ele bateu a boca contra a minha, a língua deslizando entre meus lábios ainda abertos em estado de choque, a palma da mão enorme contra a minha bochecha. Enterrei meus dedos em seus cabelos e o beijei de volta, exausta, afetada, tremendo inteira, delirante e com tonturas.

— Roth... Puta merda, Roth.

— Você precisa de uma pausa, não é, linda? — sua voz soou contra a minha boca.

— Sim. — eu respirei. — Eu nunca tinha gozado tão forte, tão rápido ou tantas vezes em toda a minha vida.

Ele riu, um baixo ruído de promessa divertido e erótico. — Oh, Kyrie. Eu apenas comecei. Eu não vou te dar uma pausa. Oh, não. Agora é hora de intensificar o nível, eu acho.

— O - o que você quer dizer?

Eu o senti se mover de alguma forma, mas eu não podia determinar o que ele estava fazendo. E então... Eu ouvi um zumbido revelador. Um vibrador? Ele iria usar um vibrador em mim?

— Você ficou tensa, Kyrie. Relaxe. Confie em mim.

— Roth, eu realmente não acho que posso... — eu comecei a protestar, mas senti algo macio e emborrachado vibrando contra minha coxa, e esqueci o que estava dizendo.

Eu podia. Eu percebi isso em uma fração de segundos. Eu poderia gozar de novo se ele usasse isso em mim. Eu estava tensa, coxas fechadas, boca aberta, costas arqueadas, ombros para trás e punhos agarrando em sua camisa.

— Você pode, Kyrie. Você vai. Apenas relaxe. — eu soltei um longo suspiro e relaxei a tensão em meus músculos. Ele moveu o vibrador contra a minha abertura, arrastando e provocando de forma lenta entre meus lábios. — Bom. Apenas respire. Apenas sinta. Eu vou devagar.

Senti que ele pressionou a ponta entre meus lábios, moveu-o um pouco, e depois o retirou. Ele deslizou na minha fenda, para baixo e para cima, empurrando mais profundo com cada deslize. Ele estava em nível mínimo e apenas mal vibrava. Eu abri minhas pernas, dando-lhe acesso, dando-me mais para deixá-lo fazer o que quisesse comigo. Este era um jogo agora; quantas vezes ele poderia me fazer gozar?

Engoli em seco quando ele empurrou a ponta zumbido dentro de mim e, em seguida, deslizou para fora, revestindo-o em minha essência, deixando-o liso para a próxima vez que o moveu entre minhas dobras lentamente e sem problemas, me enchendo. Senti um

‘mmmmmmmmmm’ de necessidade escapando dos meus lábios, em seguida, o ritmo da vibração aumentou, uma vez, duas vezes, uma terceira vez e então ele estava cantarolando loucamente, incendiando todo o meu corpo e ele foi deslizando dentro e fora de mim, e percebi que o vibrador tinha uma ponta menor, secundária inclinada para colidir contra o meu clitóris enquanto ele deslizava a coisa toda em mim.

Ele o movia lentamente, puxando-o para fora, fazendo uma pausa e em seguida, deslizando-o para dentro suavemente. Não rápido o suficiente. Não forte o suficiente. Eu precisava de mais. Peguei o vibrador dele e o movi da maneira que eu precisava, mais forte, mais rápido e mais profundo.

— É isso aí, Kyrie. Assim mesmo. Pegue-o. Goze sozinha de novo. Você é tão linda, Kyrie e mais do que nunca quando você está gozando para mim. — ele sussurrou em meu ouvido, acariciando a minha pele, beliscando meus mamilos. — E agora você vai gozar novamente, não é?

— Sim, merda... Eu estou... — eu mal era capaz de conseguir fazer com que as palavras saíssem para fazer sentido, frenética com a necessidade quando senti por outro clímax crescendo dentro de mim. — Eu vou gozar...

— Não até eu dizer para você, Kyrie. Não goze ainda.

— Eu pensei que...

— Calma, Kyrie. Ainda não. — eu tentei obedecer, mas não conseguia. Eu precisava gozar. A necessidade era enorme, ardente e cortante dentro de mim, uma pressão frenética. — Dobre os joelhos. Puxe os calcanhares contra sua bunda e deixe os joelhos caírem.

Fiz o que ele me disse, levando meus pés para cima, então eles estavam pressionando contra a minha bunda e depois deixei os joelhos caírem. Eu estava espalhada e bem aberta para ele e ainda estava usando o vibrador, o mais lentamente que eu conseguia, frustrada e sem saber o que ele queria, o que ele havia planejado.

Assim que seus dedos tocaram minha coxa e deslizaram para as curvas da minha bunda, eu soube o que ele faria.

— Não. — eu engasguei. — Não, Roth.

Suas mãos, apertando minha bunda congelaram. — Não? Você realmente não quer que eu a toque ali? Eu não vou se você disser não novamente.

Eu queria? Eu me atreveria a deixá-lo? Eu deliberei, tentando chegar aos motivos para não deixar. Eu ainda estava com medo do seu poder sobre mim; estava com medo do quanto eu o tinha deixado fazer comigo, quando não o conhecia, nunca tinha posto os olhos em cima dele, nem sabia qual era a porra do seu nome. Eu não sabia a porra do nome dele, mas eu o deixei me foder com os dedos em *público*, em um maldito camarote no Met. Ele tinha me dado os comandos, e eu obedeci.

Enquanto eu estava pensando, ele deslizou o dedo até o vinco da minha bunda, um toque provocante. Eu estava pairando a beira do clímax, movendo o vibrador em um movimento tortuosamente lento, deslizando-o para dentro e para fora centímetro por centímetro, puxando-o para fora, sentindo o movimento e a enlouquecedora necessidade de terminar, para gozar e todo o tempo ele estava me provocando, deslizando seu dedo grosso ao longo da minha bunda.

— Se você não dizer não, então isso vai acontecer, Kyrie. — ele pressionou os lábios no meu ouvido, e eu senti o calor e a presença do seu corpo sobre o meu, senti sua camisa contra a minha pele, sua calça roçando minhas pernas. — Você tem dez segundos para decidir, Kyrie. Em dez segundos, vou deslizar o dedo entre as bochechas da sua bunda redonda e firme e vou colocar o meu dedo no seu ânus, e você vai gozar com tanta força que você vai chorar. Você quer isso, não é? Eu posso sentir isso. Você quer. Você é uma garota safada, uma menina má e quer isso. Negue, Kyrie. Diga-me não. Diga-me que você não quer, então não faça.

Ele ficou em silêncio, e eu sabia que essa era a minha chance, minha única chance de me opor. *Não*. Três letras, uma única sílaba, uma única respiração. Fácil de dizer, tão fácil. No entanto, isso não saiu.

Porque... Foda-se. Eu *queria*. Eu queria qualquer coisa que ele pudesse fazer comigo. Tudo o que ele tinha feito até agora foi... Incrível. Então por que não isso?

— Diga-me que você quer, Kyrie. Diga-me o que você quer que eu faça. — a voz de Roth era um murmúrio insistente em meu ouvido.

Seu dedo deslizou, moveu-se mais profundo, roçou o botão apertado do músculo atado e eu fiquei tensa, senti meu coração batendo mais forte. A decisão já estava tomada. A cada passo, a cada nova coisa que ele me pedia, eu lutei com ele. Disse que não num primeiro momento, agi como se não quisesse o que ele pretendia. No entanto, eu sempre desisti, sempre percebi que eu queria. Eu queria isso dele.

— Faça isso, Roth. — minha voz era mais forte do que eu me sentia. — Toque-me.

— Onde, Kyrie? Tocá-la onde? Eu quero ouvir as palavras. — seu dedo pressionou levemente, apenas o suficiente para me atormentar.

O vibrador estava enterrado dentro de mim, zumbindo loucamente e eu não podia me mover, não podia respirar, não podia fazer nada exceto querer que ele empurrasse seu dedo e me levasse à conclusão disso.

— Dentro... Na minha bunda. Coloque o seu dedo na minha bunda, Roth. Faça-o. Por favor. — essa era a minha voz? Essa voz rouca, grossa e exigente?

Roth rosnou. — Como... Assim? — quando ele disse as palavras, apertou suavemente e aumentou a pressão.

Obriguei-me a relaxar para aceitá-lo. — Sim. Assim. Assim mesmo. Ah... Merda.

— Tão apertada. — Roth murmurou. — Tão fodidamente apertada.

Eu mal contive um grito quando ele deslizou o dedo em mim até a primeira junta. E então, passou a outra mão ao redor da minha e me forçou a começar o movimento vibratório, sua língua se arrastava sobre meu mamilo e movia rapidamente e eu estava impotente, gritando, gozando assim e ele estava balançando o dedo mais fundo e o vibrador estava empurrando para dentro de mim forte e rápido, guiado por nossas mãos, e eu o estava agarrando com

a minha mão livre, procurando-o, precisando dele. Encontrei seu cabelo, enrolei meus dedos em um punho, quando uma onda de clímax montou em mim com um grito após grito, com a voz rouca no fim e meus quadris rolando.

A respiração me abandonou, a vertigem tomou conta de mim e então o meu corpo ficou completamente mole. Eu não conseguia falar, não conseguia sequer mover minha língua dentro da minha boca. Não era possível mover as mãos ou as pernas. Eu não conseguia nem me contorcer.

Eu o senti tirar o vibrador e seu dedo de mim e então ele saiu da cama. Fracamente, ouvi água a correr. Eu era uma poça de geleia, desossada e impotente. Inconsciência me inundava, mas antes que isso acontecesse, eu senti a cama afundar. Senti a presença dele ao meu lado. Senti dedos puxando a venda, tirando-a de mim. Senti sua pele contra a minha.

— Durma, Kyrie. Durma agora. — sua voz era baixa, quase inaudível e gentil. Branda.

Ainda era uma ordem e eu obedeci.

Mas não antes de perceber que ele tinha me colocado em seu peito, com os braços ao redor da minha cintura, uma mão com os dedos enrolados nos meus cabelos emaranhados.

Capítulo 7

Remoção da Venda

Acordei devagar, aos poucos e de forma intermitente. Minha primeira sensação foi de calor e depois do tipo de sonolência, que tudo consome, encasulada no conforto que faz com que você nunca queira se mexer de novo, a não ser para ficar mais profundamente nos cobertores. Minha sensação seguinte foi uma que... Eu não tinha certeza. Alguma coisa... Estava errado. Uma sensação estranha e desconhecida. Eu tentei desvendá-la sem abrir os olhos, sem realmente mover ou alterar a minha respiração. O que era? Isso estava ligado à minha sensação de conforto do fundo da minha alma. O calor, a suavidade. Eu aconcheguei nos cobertores, mais fundo, e quase voltei a dormir e foi quando percebi o que era: pele. Músculos. Um *leve thumpthump... thumpthump* sob a minha orelha. Eu não estava deitada sobre um travesseiro. Eu estava nua e enrolada em lençóis, e cobertores de braços, pernas e carne.

Roth.

Na cama.

Comigo.

Eu não tinha a minha venda nos olhos.

Eu tentei não surtar. O que estava acontecendo? Se ele tivesse adormecido por acidente? Isso não parece ser ele.

— Você não tem que fingir estar dormindo, Kyrie. Eu soube no momento em que você acordou. — sua voz estava em meu ouvido, rouca e confusa pelo sono.

— Você está na cama comigo.

— Sim.

— Eu não estou usando a venda.

— Não. — uma pausa. Então, sua enorme mão segurou meu rosto. — Abra os olhos, Kyrie. Está na hora.

Abri os olhos piscando. Seu peito tinha um bronzeado dourado, cercado por um punhado de pelos loiros. Os lençóis estavam amassados ao redor dos seus quadris e eu vi uma parte de um logotipo Armani Exchange aparecendo. Eu respirei e me movi um pouco. Sua mão estava nas minhas costas, com o braço envolto sob a minha cabeça.

Nós estávamos... Aconchegados.

Eu nunca fiquei, nenhuma vez, *aconchegada* com um cara, antes, durante ou depois do sexo. Nem no sofá enquanto assistia a um filme, nem em um carro, numa sala de cinema, na cama e não de pé ou sentada. Eu não me aconchegava. Os homens não tentavam. Nem mesmo Steven, que foi o mais sério e mais longo namoro que eu tive, não tinha realmente me aconchegado. Nós nunca acariciávamos, nunca passamos a noite juntos. Nós fazíamos o que tínhamos que fazer e depois ele ia embora, ou eu ia.

Agora, aqui estava eu, aconchegada com *Roth*.

Isso, mais do que qualquer outro momento até agora, tinha me apavorado pelo que estava se desenvolvendo entre nós.

O medo veio do fato de que eu nunca me senti mais segura, nunca me senti mais confortável, mais em paz. Eu *gostei* de ficar aconchegada. Eu gostei de sentir seu braço em volta de mim. Sentir seu peito debaixo da minha orelha, contra minha bochecha. Sua perna jogada sobre a minha.

Eu estava adiando. Roth, no entanto, estava tranquilo e simplesmente esperando.

Inclinei minha cabeça para cima, me afastei um pouco para que eu pudesse vê-lo.

Putá merda. Ele era nada menos que a perfeição masculina. Traços marcantes, maçãs do rosto salientes, um queixo forte, gostoso, lábios beijáveis curvados em um leve sorriso, olhos azuis claros, como a cor do céu em uma manhã de inverno. Cabelos loiros caindo em sua testa e têmporas, bagunçados e lindos sem esforço. Quando ficamos frente a frente, meus dedos dos pés apenas roçavam seus joelhos. Eu poderia levar o meu dedão do pé em sua canela se me esticasse.

Senti meu coração inchar e quebrar. Naturalmente ele era o mais marcante e poderosamente lindo homem que eu já tinha visto. Claro que era. Ele me encarava com os olhos tão compreensivos, expressivos e inteligentes que eu não conseguia e não me atreveria a desviar o olhar. Lambi meus lábios sentindo a necessidade de me

mover rapidamente, correr para o banheiro, trancar a porta e ter um colapso, sentada no assento fechado do vaso sanitário.

— Você é lindo. — eu soltei.

— Obrigado. — ele correu o polegar sobre a minha bochecha.
— Fale dos seus medos, Kyrie.

— Isso. Nós. Tudo. Você. Você me assusta. Porque você é... Incrível. Eu não queria que você fosse... Tão incrível. Eu queria que você fosse um idiota arrogante. Eu queria que você me forçasse a fazer as coisas como reembolso para que eu pudesse odiá-lo. Eu queria que você fosse feio e cruel para que eu pudesse ir embora. — de onde vinham estas palavras brutalmente honestas? De algum lugar dentro de mim, onde a verdade residia. — Mas você não é. Você é atraente, confiante, compreensivo, inteligente e lindo pra caralho. Você se parece algum tipo de... Guerreiro Viking. Um rei nórdico. Isso é estúpido? Isso é. É estúpido. — corei, meu rosto ficou quente, fechei os olhos, inclinei minha cabeça para baixo e enterrei meu rosto em seu peito.

— Não é. Nada que você diz é estúpido. — sua voz era séria e íntima, um murmúrio que tinha tal poder sobre mim. — Estou feliz que você me ache atraente, Kyrie. Eu não quero que isso seja unilateral.

— Unilateral? — arrisquei uma olhada para ele. Seu olhar azul era quente, sincero. Abrasador.

— Sim, Kyrie. Eu conheci milhares de mulheres. Todas lindas, inteligentes e dispostas. Algumas eram famosas, outras não. — por que ele estava me dizendo isso? Eu não queria saber quantas mulheres ele tinha fodido. Claro que um homem com sua habilidade

com o corpo de uma mulher, teria que aprender isso de alguma forma, mas eu não queria pensar nisso. — Nenhuma delas, Kyrie, era tão impressionante como você. Você é tão linda que às vezes fica literalmente difícil de respirar. Você faz com que seja impossível que eu mantenha minhas mãos longe de você e não queira beijá-la. Um tempo atrás você perguntou por que você. É por isso.

— Eu... Realmente?

— Sim, Kyrie. Eu não sou um homem propenso ao exagero ou bajulação. Quando olho para você... Eu fico fraco. No entanto, a força que vejo em você me faz querer abraçá-la e protegê-la, assim você não tem que ser tão forte. E... Eu tenho essa necessidade de tê-la. Possuí-la. — ele se moveu, rolando em minha direção, se inclinando um pouco sobre mim com o peso em um cotovelo e a mão ainda segurando a lateral do meu rosto. — Você tem alguma ideia de como foi difícil esses últimos dias? O quanto eu queria simplesmente... Rasgar todas as suas roupas e enterrar meu pau dentro de você? Assistir você gozar, sentindo sua boceta apertar ao redor dos meus dedos... Isso foi uma tortura tão doce. Olhando o seu lindo rosto quando você goza para mim e não ser capaz de sentir isso ao redor do meu pau... Foi um êxtase de agonia. Eu *preciso* de você, Kyrie. Você é minha. Você pertence a mim. Esperar... Tem sido quase impossível.

— Por que você esperou? Você mesmo disse que me possui. Então, por que não tomou o que é seu? — observei seus olhos, sua expressão, quando ele pensou em sua resposta.

— Porque você merece coisa melhor do que isso. Eu tive uma vida de sexo sem sentido. Então você recebe isso. Eu quero mais para você e *de* você. Eu posso tirar mil orgasmos de você. Eu posso beijá-la, tocá-la e rasgar suas roupas, e não preciso e não vou pedir sua permissão. Mas para quê? Para levar isso entre nós para o próximo nível? Eu quero que você me dê isso por vontade própria. Eu quero

possui-la completamente. Eu quero que você dê esse último pedaço para mim, porque você *quer* ser possuída por mim. E vou esperar esse dia chegar.

— E se eu nunca puder fazer isso? E se esse dia nunca chegar?
— olhei para ele, sentindo sua presença como uma montanha acolhedora e sabia que a pergunta era pouco mais do que brincar de advogado do diabo.

Seus olhos se estreitaram e seu maxilar se apertou. — Não brinque comigo, Kyrie. — de repente, ele suavizou. Sua mão livre deslizou pelo meu braço e veio descansar casual e possessivamente no meu quadril. — Você já deu isso para mim. Você se lembra de ontem à noite? Você se lembra do que não só me deixou fazer, mas me *pediu* para fazer? Foram as ações de uma mulher se segurando?

Engoli em seco com uma respiração profunda. — Não. Eu me lembro. Mas isso... Isso foi diferente.

— Oh? Como assim? — ele vagava pela minha coxa com a palma da mão, em seguida, de volta para minha cintura. — Eu não acho que é. Eu coloquei meu dedo no seu ânus, Kyrie. Você não poderia ficar mais vulnerável do que isso. Você está me dizendo que me deixa fazer isso com você, mas não me deixa fazer amor com você? Você está me dizendo que não quer isso?

— Eu não estou dizendo isso...

— Então o que você está dizendo, Kyrie? Diga o que quer dizer.

— Eu não... Eu não sei.

— Você está com medo do que está sentindo.

— Sim. — eu admiti.

Ele soltou um suspiro suave e, em seguida, se abaixou, pressionou seus lábios nos meus suavemente, muito suavemente. — Eu vou dar-lhe tempo. — ele se afastou, deslizou para fora da cama e se levantou. — Mas seja honesta consigo mesma. Classifique o que você está sentindo e por que está com medo. Quando você descobrir, fale comigo sobre isso. Nesse meio tempo, tome banho e se vista. Eliza vai deixar o café da manhã pronto em 45 minutos.

Eu observei Roth enquanto ele reunia suas roupas. Minha boca estava seca, e meu corpo ficou tenso. Ele tinha mais ou menos 1,95m, era magro, tonificado e musculoso. Seu corpo era aprimorado, artisticamente esculpido. Lambi meus lábios, incapaz e sem vontade de desviar o olhar quando ele deslizou suas poderosas, longas e grossas pernas em um jeans desgastado e vi sua barriga de tanquinho ondulado quando ele pegou sua camiseta preta e a colocou sobre a cabeça. As mangas estenderam ao redor de seus bíceps e peitorais, e agarrou ao seu tronco. Ele estava descalço e por algum motivo a visão dos seus pés descalços, com o jeans me fez vibrar e tremer. Era íntimo de alguma forma.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e se encostou contra o batente da porta aberta para a sala de estar. Seus olhos estavam semicerrados, ainda sonolentos e seu cabelo estava sensualmente despenteado, parecendo simplesmente fodido. Eu queria sair da cama, rasgar as roupas dele e lambê-lo todo, correr meus dedos através das ranhuras do seu abdômen, traçar sua linha em V, deslizar minhas coxas sobre as dele e montá-lo até que ele não pudesse se mover. Eu estava com fome dele. Agora que eu o tinha visto, sabia o que estava perdendo. Seu corpo poderoso, viril e esculpido de tamanha beleza masculina só aumentou seu controle sobre mim,

deixou o seu efeito incrivelmente potente em mim muito mais irresistível.

— Continue olhando para mim desse jeito, Kyrie, e nós vamos perder o café da manhã e você não vai tomar um banho. — ele retirou as mãos dos bolsos, abriu a porta, mas depois parou, segurando o batente em sua mão brutalmente forte. — Tente-me, minha pequena megera sexy e eu não serei responsabilizado pelo que fizer a você.

Eu percebi que eu estava posando. O lençol estava reunido ao redor das minhas coxas, deixando meu corpo nu, os seios pesados e mamilos duros com as coxas pressionadas juntas para dar um vislumbre da provocação no meu sexo. Minhas mãos estavam emaranhadas no meu cabelo, como se congelada no ato de correr os dedos pelos meus cabelos. Meus lábios estavam entreabertos, os olhos com as pálpebras pesadas e eu estava respirando profundamente, cada respiração inchando meu peito. Não era uma pose intencional, mas agora que eu estava ciente disso, eu a mantive.

E então decidi ver o quão longe eu tinha controle sobre ele.

Eu corri minha língua pelo lábio inferior, arqueei minhas costas para empurrar meus seios para fora, inclinei a cabeça para trás e passei meus dedos pelo cabelo bagunçado. Então, derivei as minhas mãos para baixo, sobre os seios e fiz uma pausa para acariciar os meus mamilos, em seguida, para a minha barriga. Eu observei através dos meus cílios baixos com meu lábio inferior preso entre os dentes. Ele apertou o batente da porta, até que ouvi o ranger da madeira, então ele abaixou seu corpo como se preparando, como se estivesse prestes a atirar-se para frente. Enfiei minha mão debaixo do lençol, entre as minhas coxas.

— Você está me provocando, Kyrie. Testando-me. — ele olhou para mim com a cabeça inclinada para baixo, queixo duro e parecendo primitivo e perigoso. — Não é inteligente.

Eu levantei um joelho e o lençol caiu; Roth rosnou. Eu corri meu dedo médio até o meu sexo. O rosnado de Roth se tornou selvagem.

— Último aviso, Kyrie.

Eu não precisava de aviso. Ele era um homem no limite. Eu estava brincando com fogo e sabia disso. Mas eu estava ansiando. Insatisfeita. Porque depois de tudo que eu gozei forte ontem à noite... Três vezes? Quatro?... Eu ainda estava insatisfeita. Eu tinha gozado com meus próprios dedos e brinquedos que funcionavam a bateria durante muito tempo antes de Roth aparecer e isso simplesmente não funcionava. Eu poderia gozar, mas não era suficiente. Simplesmente atingir o orgasmo não era suficiente. Mesmo com as mãos e os dedos de Roth me fazendo gozar, não era suficiente. Eu precisava de conexão. Eu precisava ser preenchida. Apertada. Tocada. Desejada. Amada.

E Roth sabia disso.

Eu ainda ansiava lá no fundo, onde a língua e os dedos não podiam alcançar. Uma ânsia que nenhuma quantidade de hábil sexo oral poderia saciar. Eu precisava do homem. Especialmente agora que vi seu rosto, vi o brilho aquecido em seus olhos, vi o ligeiro tremor de necessidade em suas mãos.

Eu mergulhei o meu dedo dentro de mim e retirei.

— Foda-se. — o praguejamento de Roth foi um estrondo furioso. Ele se endireitou, soltou o batente da porta, e em seguida, mais rápido do que meus olhos podiam acompanhar, ele estava se lançando para frente, rastejando sobre a cama. Pairando sobre mim. Os olhos a centímetros do meu. — Não *brinque* comigo, Kyrie. Se você quiser fazer isso agora, vamos fazer. Eu mal estou me aguentando. O fato de que tenho uma enorme quantidade de autocontrole é tudo o que a está protegendo de sua própria tolice.

— Tolice? — eu respirei. — Eu pensei que era isso que você queria?

— O quê? Jogos? Provocações? Não. Eu quero honestidade. Eu quero o seu desejo e quero saber o que você está pensando. O que *não* quero são jogos de poder. — ele agarrou meus pulsos em uma mão e colocou-as em cima da minha cabeça. — Você quer saber o poder que tem sobre mim?

— Sim, quero.

— Então me pergunte. Qualquer coisa.

— Qual é seu nome?

Seus olhos ficaram duros. — Valentine. Meu nome é Valentine.

— Roth Valentine. — servia perfeitamente para ele.

— Sim. — seu domínio sobre meus pulsos estava apertado, duro como aço e quase doloroso. Seus joelhos estavam entre as

minhas coxas, forçando-as a se separarem. — Agora. O que mais?

— Quantos anos você tem?

— Trinta e seis.

Dez anos mais velho que eu. Eu deveria estar preocupada com isso? Eu sabia, instintivamente, que não dava a mínima para quantos anos ele tinha. Eu só queria saber se ele iria me dizer.

Ele estava respirando com dificuldade, como se revelando muito de si fosse fisicamente difícil e até mesmo doloroso. Eu vi a dor em seus olhos, talvez até mesmo medo. Como se tivesse se exposto para mim e agora estava à espera das repercussões.

— Obrigada. — eu disse com a minha voz baixa e tranquila.

— Pelo quê? — ele parecia sinceramente confuso.

— Deixar-me vê-lo. Dizer-me o seu nome. — acho que ele esperava que eu lutasse contra o seu domínio sobre os pulsos, mas não o fiz.

Em vez disso, eu levantei, o beijei e chupei seu lábio inferior entre meus dentes. Eu devorei seu estrondo leonino de surpresa e prazer e continuei beijando-o. Sua língua deslizou entre meus dentes, seu peso baixou para que nossos corpos se tocassem e eu senti seu jeans áspero contra a minha pele, senti a protuberância atrás de seu zíper raspando na minha barriga.

— Eu quero você, Valentine. — abri meus olhos e encontrei os seus. — Faça amor comigo. Toque-me. Goze dentro de mim. Faça o que quiser. — eu não conseguia resistir mais ao meu desejo.

Eu não sabia o que isso significava, para onde estava indo, mas não me importei. Este era o último vestígio do meu controle sobre minha vida, sobre mim e eu tinha acabado de dar a ele.

— Qualquer coisa que eu queira?

— Sim, qualquer coisa.

— Isso é uma coisa perigosa para oferecer a um homem como eu.

— Eu sei.

— E ainda assim você oferece?

Eu assenti sem tirar os olhos de cima dele. — Eu ofereço. Faça amor comigo do jeito que quiser. — eu estava tremendo, nervosa, com medo e excitada.

Sendo Roth, ele fez a última coisa que eu esperava. Ele se afastou e deslizou para fora da cama. — Então opto por esperar. Eu terei você, Kyrie, e terei em breve. Mas não aqui. Não agora. Eu quero você na *minha* cama. Eu vou fazer você gritar, chorar e implorar por mim. E vou fazer isso onde ninguém jamais esteve: na minha cama

Eu o vi se afastar mais uma vez com a calça jeans apertada por sua ereção por trás de seu zíper. Desta vez eu não o deixei escapar. Segui-o, fazendo manobras para fora da cama e pegando-o pelo cinto antes de chegar muito longe. — Eu gosto de como isso soa. — eu olhei para ele. — Mas eu quero ver... Isto. Eu quero sentir você antes. — eu puxei o botão da calça jeans.

Seus olhos encontraram os meus e ele concordou. — Como você quiser.

Baixei o zíper, em seguida, puxei a calça jeans para baixo ao redor de suas coxas. Eu respirei e o deixei sair. Eu tirei rapidamente meu olhar do dele e enrolei os dedos sob o elástico cinza claro de sua boxer. Hesitei. E então eu puxei o elástico longe de seu corpo e puxei a boxer para baixo, expondo-o a mim.

Eu sabia que ele era grande. É claro que ele seria grande. Mas... Puta merda em um tronco. Eu não esperava que ele fosse *tão* grande. Seu pau era longo e estava apontando para cima, a ponta inchada passava seu umbigo. Muito grosso. Ele estava tão duro que parecia doloroso, suas bolas apertadas contra ele. Ele me esticaria, isso era certo. Por enquanto, porém, tudo o que eu queria era senti-lo em minhas mãos para fazê-lo gozar, para dar-lhe alívio.

Eu passei uma mão ao redor dele, ele era tão espesso que meu polegar e o dedo médio não podiam circulá-lo. Jesus. Meu doce Jesus. Passei minha mão pelo seu comprimento e voltei, minha mão mal roçando sua pele. Ele respirava pelo nariz, olhos estreitando e o maxilar tensionando. Eu coloquei minha mão ao redor de suas bolas tensas, deslizando meu punho para baixo e girando suavemente, observando sua expressão enquanto eu o tocava. Ele lambeu os lábios e piscou várias vezes, respirando com dificuldade com os olhos fixos em mim.

— Não comece o que não vai terminar, Kyrie.

Eu deixei minha boca curvar em um sorriso. — Eu nunca faria isso, Valentine.

Suas sobrancelhas baixaram, o maxilar endureceu quando ele cerrou os dentes. Tão gentilmente quanto consegui, apertei suas bolas com uma pressão de carícias. Deslizei o dedo médio no local abaixo de suas bolas e apliquei uma pressão. Isso retumbou em seu peito, punhos cerrados ao lado do corpo. Eu mantive meus olhos fixos nos dele enquanto eu acariciava sua considerável extensão muito lentamente, em seguida, inclinei-me mais perto, mais perto e abri minha boca tão grande quanto consegui. Enrolei em meus lábios sobre os dentes e levei a sua cabeça larga em minha boca. Eu fechei os meus lábios em volta dele, logo abaixo do sulco na base da sua ponta. Ele fez um som que supus estar perto de um gemido quando abaixei minha boca ao redor dele, ainda acariciando lentamente na raiz de seu pau. Eu só consegui colocar poucos centímetros dele antes de senti-lo no fundo da minha garganta e então me afastei. Eu deixei minha saliva envolver sua carne, voltando o olhar para o seu enquanto eu esfregava a palma da mão sobre a sua cabeça, espalhando minha saliva por ele, deixando-o liso e escorregadio. Eu agarrei seu comprimento, substituindo os meus lábios ao redor de sua grossa cabeça, macia, suave e saborosa do pré-sêmen na minha língua. Eu tracei de novo e lambi o pré-sêmen com um golpe da minha gorda língua, girando e mergulhando meu punho em volta dele, apertando suas bolas em vez de correr a minha mão, apertando-a contra o local sensível abaixo das bolas.

As coxas de Roth tremeram e eu senti seus joelhos baixarem. Ele enfiou as duas mãos no meu cabelo, agarrando punhados e puxando com firmeza. Ele não me empurrou para ele ou tentou me forçar a fazer algo, ele apenas segurou meu cabelo em seus punhos. Um lembrete de sua força, do seu controle, um lembrete de que ele estava permitindo que eu fizesse isso.

Não havia nenhum desejo em mim de brincar com o controle, para jogar. Eu só queria senti-lo gozar.

Eu o coloquei na boca novamente, tomando-o profundamente, deixando a ponta cutucar o fundo da minha garganta e, em seguida, me afastando, bombeando na base, com velocidade cada vez maior. Adorei a forma como o aumento do meu ritmo ao redor do seu pau fez seus joelhos dobrarem e abaixarem, e amei também o modo como seus punhos no meu cabelo apertaram involuntariamente enquanto ele se aproximava do seu clímax.

Eu balançava sobre ele, chupando forte, sentindo suas bolas tensas e apertadas, sentindo o pulsar do seu pau gloriosamente grosso e eu sabia que ele estava perto. Eu me preparei para o jorro de sua libertação na minha garganta, mas ela nunca veio.

Em vez disso, eu senti que fui empurrada para trás, senti-o acima de mim, ouvi sua respiração raspando em suspiros, senti que todo o seu corpo tremia quando ele se conteve. — Não. Não assim, não na primeira vez.

— Por que não?

— Porque não é assim que eu quero.

— Será que eu... Fiz algo errado?

— Não, Kyrie. Não. De modo algum. Eu amei a sensação de sua doce boca no meu pau. Mas não quero gozar na sua boca, não ainda.

Eu ainda tinha um aperto firme em seu pau e deslizei minha mão pelo seu comprimento, olhando para ele. — Tudo bem. Assim, então.

Ele abaixou a cabeça, se concentrando. — Você realmente quer isso?

Eu assenti. — Sim. Eu quero sentir você gozar. Você me fez gozar tantas vezes, agora é a minha vez.

— Onde? — ele deslizou suas canelas sob seu corpo, sentando e olhando para o meu corpo nu enquanto eu estava deitada embaixo dele. — Diga-me onde você quer que eu goze.

— Onde você quiser.

Ele montou em mim, deslizando para frente. Inclinei-me para cima, levei-o em minha boca, provei-o, em seguida, me deitei. — Na minha barriga? — eu disse. — Em meus seios? Diga-me onde você quer gozar. Eu quero saber o que você quer.

Eu movi o meu punho em volta dele, sentindo-o tenso e no limite e o acariciei ainda mais rápido.

A respiração de Roth rangia quando passava pelos dentes cerrados. — Eu quero gozar dentro de você, Kyrie. Não assim.

— Então coloque o seu pau dentro de mim. — eu disse.

Ele balançou a cabeça. — Não. Ainda não. Na minha cama. Somente lá.

— Então me leve até lá. — ele rosnou e depois se afastou rapidamente, se apoiando contra a parede com o peito arfando. Segui-o e envolvi as mãos em volta dele e o acariciei suavemente. Pressionei meus lábios nos dele e o beijei, exigindo e precisando. — Por favor, goze Valentine. Goze para mim.

Ele suspirou em minha boca e, em seguida, pressionou sua testa na minha. Vi minhas mãos se movendo em sua espessura, bombeando seu pau, acariciando, girando. — Kyrie... Estou perto.

— Bom. — eu sussurrei. — De isso pra mim.

Ele gemeu, empurrando seus quadris, dirigindo seu pênis em meu aperto. Enrolei minha mão em volta de sua cabeça e acariciei seu comprimento com a outra mão.

— Deus... Kyrie... Vou gozar, agora mesmo. — eu senti o calor úmido encher a palma da minha mão e continuei acariciando seu comprimento, lentamente, suavemente, o ordenhando.

— Kyrie... — sua voz estava tão baixa que era quase inaudível. Quando ele foi amolecendo em minhas mãos, eu o soltei, me levantei na ponta dos pés e o beijei mais uma vez. Ele me olhou com os olhos vidrados, semicerrados. — Você faz uma coisa para mim, Kyrie. Você me faz perder o controle. — ele colocou a mão no meu rosto e segurou meu queixo entre o indicador e o polegar.

Eu segurei seu gozo na minha mão, sentindo-o escorrer entre meus dedos. — Bem... Talvez isso não seja uma coisa tão ruim.

Ele suspirou. — Na minha vida, é. — ele balançou a cabeça, descartando o assunto. — Você é incrível, Kyrie. Vá tomar banho e se vestir. Temos um dia atarefado pela frente.

Ele se inclinou, me beijou na boca rapidamente e depois recuou, fechando e abotoando seu jeans. Eu esperei até que ouvi a porta fechar atrás dele e então lavei as minhas mãos na pia do banheiro antes de ligar o chuveiro. Eu me lavei, raspei das axilas aos tornozelos e deixei minha mente vagar.

Valentine Roth. Que nome. E que homem. Tão fodidamente lindo. Ele poderia ser um ator super famoso com sua aparência. Um ator de primeira linha ou uma estrela do rock. Mas ele não era. Ele era um empresário recluso, muito rico, bem-sucedido e intensamente privado.

Outro pensamento meu para com Roth. Ele parecia familiar; eu simplesmente não conseguia descobrir onde eu o tinha visto.

Assim que terminei no chuveiro, enrolei uma toalha em volta do meu corpo e outra ao redor dos meus cabelos, então me sentei na beirada da minha cama com o meu telefone, digitando o nome dele no Google. Nada. Nem uma única fotografia, nenhum verbete da Wikipédia, nem um único pedaço de informação publicamente disponível. Isso, para mim, parecia interferência. Quer dizer, eu era uma ninguém, mas se você digitasse meu nome no Google, encontraria se você procurasse longe o suficiente, pelo menos, um perfil no Facebook, a miniatura de uma fotografia selfie minha, tirada em uma viagem de fim de semana para Chicago com Layla. Você poderia encontrar pelo menos informações básicas, apenas por algumas buscas e cliques, e eu não era ninguém, não era uma figura pública. No entanto, não havia nada de Valentine Roth, que era de uma microscopicamente pequena percentagem da população em termos de riqueza. Algo me dizia que ele tinha pago uma quantia

exorbitante de dinheiro para se manter longe dos olhos do público, para esconder quaisquer fotografias ou algo assim.

Então não foi assim. Eu nunca o tinha visto em quaisquer matérias de fofocas ou no TMZ. Mas eu o *tinha* visto antes. Eu sabia. Mas onde? Eu não conseguia descobrir, não importava o quanto me esforcei para lembrar.

Eventualmente, eu desisti e me vesti.

Eu coloquei um sutiã de renda rosa e preto e uma calcinha preta. Sobre eles, coloquei um vestido preto simples, mas bonito e um par de sandálias de tiras. Eu não passei muito tempo no meu cabelo ou maquiagem, apenas penteei meu cabelo até que brilhasse e caísse em ondas douradas em volta dos meus ombros. Coloquei um elástico de rabo de cavalo no meu pulso e apliquei levemente uma máscara para cílios, blush e batom. Ele disse que teríamos um dia agitado, então eu queria estar pronta para qualquer coisa.

Especialmente o tipo de qualquer coisa que pudesse levar a ver Valentine Roth totalmente nu.

Capítulo 8

Aposentos privados

Encontrei Roth bebendo em uma xícara de porcelana e segurando o pires em sua mão. Era tão pequena e de aparência delicada que era quase uma imagem cômica. Quer dizer, eu sabia muito bem da força em suas mãos; ele poderia esmagar a xícara e o pires com facilidade se quisesse, mas de alguma forma ele parecia totalmente natural e à vontade. Ele estava sentado na copa, olhando para o horizonte de Manhattan enquanto o sol se levantava para lançar luz dourada sobre os arranha-céus. Ele tinha a perna cruzada sobre o joelho, cabelos loiros molhados e penteados para trás e para o lado. Usava uma calça jeans escura com uma camiseta branca por baixo de um blazer cinza-grafite e sapatos *Tommy Bahama*^{11}. As mangas do blazer foram puxadas para os cotovelos, e os antebraços musculosos, mantinham as mangas no lugar. O efeito era um casual reverente. Tive que me lembrar de continuar respirando enquanto me sentava na cadeira ao seu lado.

— Oi. — eu suspirei e imediatamente me odiei por soar tão patética. Eu soei ofegante, flertando. Como se eu fosse alguma vadia estúpida com um nome. Verônica Bambi, com um coração como pingo do i.

— Bom dia, Kyrie. Sentindo-se revigorada? — ele sorriu para mim, acolhedor e amigável, mas os seus olhos mostravam diversão, promessa e a memória do que eu tinha feito para ele há menos de uma hora.

— Sim, obrigada. — eu me inclinei para espiar sua xícara. — Chá? Ou café?

Ele rodou o líquido caqui em sua xícara. — Chá. *Earl Grey*, com um toque de leite. — ele levantou a xícara e o pires na minha direção. — Gostaria de uma xícara?

O fato de ele ser um bebedor de chá era um lembrete de que ele é, na verdade, da Inglaterra. Era fácil esquecer, tão fraco era o seu sotaque. Eu nunca tinha experimentado chá no estilo Inglês. — Posso experimentar um pouco do seu? Nunca tomei chá antes. Pelo menos, não do jeito que você está bebendo.

Ele colocou a xícara sobre o pires e o estendeu para mim. — Velhos hábitos costumam a morrer. Nunca tomo café da manhã. E muito menos o ‘chá da tarde’, mas tenho que tomar uma xícara de *Earl Grey* para começar o dia.

Bebi seu chá, surpresa com o quanto gostei. — Mmmm. Isso é muito bom, na verdade. Vou experimentar uma xícara, igual ao seu. — devolvi o seu chá, esperando que ele chamasse Eliza para fazer o meu. — Algumas vezes, esqueço que você é da Inglaterra. Você realmente não parece inglês, na maioria das vezes.

— Isso é intencional. Eu trabalhei muito para erradicar o meu sotaque. —ele se levantou e foi até a cozinha, abriu um armário e retirou uma xícara e pires como os dele, tirou um litro de leite da geladeira, derramou um pouquinho na xícara e depois serviu o chá que estava no bule no fogão. — Aqui está. — disse colocando a xícara na minha frente.

— Obrigada. — respondi um pouco perplexa. Não esperava que ele preparasse o meu próprio chá. — Eu poderia ter feito isso,

sabe. Eu pensei...

Roth se apressou a dizer. — Eliza não é minha serva pessoal, Kyrie. Ela precisa servir refeições em ocasiões especiais. Normalmente ela só deixa a comida para mim porque trabalho longas e irregulares horas. Eu me viro para sobreviver na maior parte do tempo. Só porque sou rico não significa que sou incapaz de fazer as coisas para mim, sabe.

— Eu não quis dizer isso, Roth. — bebi o meu chá. Era bom, mas acho que não substituiria a minha necessidade de café. — De qualquer forma, você disse que teríamos um dia agitado hoje. O que vamos fazer?

Ele sorriu para mim. — Bem, já que descartamos a venda, pensei em fazermos algo divertido junto. Você já velejou?

Balancei minha cabeça sentindo a excitação. — Não, nunca. Mas sempre quis.

Os olhos de Roth se iluminaram. — Maravilhoso! Este vai ser um momento agradável, então. — ele olhou para a minha roupa. — Isso deve servir para velejarmos. O que você gostaria de comer?

Dei de ombros. — Um *bagel*^[12]? Eu não como muito de manhã.

Levantei da minha cadeira, mas Roth acenou pra que me sentasse. — Sente-se Kyrie. — ordenou. — Que tipo de *bagel*? Temos uma variedade.

— *Sesame*^{13}?

— Torrado? Cream cheese?

Eu assenti e observei enquanto ele cortava dois bagels ao meio e o colocava na torradeira. — Por que você está fazendo o café da manhã para mim?

Ele se inclinou contra o balcão e bebeu seu chá. — Porque eu posso. E porque quero. — ele olhou por mim e para fora da janela. — Esta casa tem sido vazia, somente Eliza e eu. Ter você aqui é uma mudança maravilhosa.

— Eliza disse algo muito parecido.

Roth pareceu surpreso. — Ela disse?

— Sim. Ela disse que estava muito sozinha, e me ter por perto era bom. Eu gosto dela. Acho que nós poderíamos ser amigas.

— Isso é surpreendente. Eliza é... Muito discreta e reservada. Muito parecida comigo. É por isso que nos damos tão bem, eu acho. — ele fez um gesto para mim com sua xícara e pires. — Se ela gosta de você é um bom sinal. Eu confio em seu julgamento em muitas coisas, especialmente nas pessoas.

Os *bagels* ficaram prontos naquele momento, ele passou cream cheese em cada uma das metades com uma colher e, em seguida, voltou para a mesa, colocando o prato entre nós. Cada um de nós pegou uma metade e comeu em silêncio. Era extremamente estranho, tomar o café da manhã com este homem, partilhar uma

coisa tão íntima e doméstica como um bagel e cream cheese. Parecia natural, como se nós sempre fizéssemos isso. Mais uma vez, senti um raio de medo com o quanto gostei desse sentimento, esse conforto fácil com um homem que mal conhecia.

Quando terminamos, Roth limpou tudo, e em seguida, pegou minha mão. — Pronta para ir? — eu assenti. — Você precisa de alguma coisa? A bolsa?

Dei de ombros. — Na verdade não.

Roth parecia surpreso com isso. — Tudo bem, então vamos. — ele me levou até a porta do seu quarto, colocou o dedo na tranca e abriu a porta.

Era um grande corredor com tetos altos, um tapete creme grosso, as paredes eram cobertas com painéis de madeira escura, que foram revestidas com fotografias em preto e branco. Fiz uma pausa para examinar as fotos. Elas eram incríveis, artísticas, nitidamente focadas. Os temas variavam de retratos a paisagens, a maioria delas tiradas na Ásia. Havia uma foto de uma mulher idosa chinesa, com um lenço cobrindo a cabeça, mechas de cabelos grisalhos ao redor de suas orelhas, com uma sorridente boca desdentada e olhos puxados. Havia um alto templo de telhado curvo, uma plantação de arroz, um boi com pelos desgrenhados e olhos malignos, e em seguida, mais alguns retratos. Depois que percebi que Roth estava me observando examinar as fotos com uma expressão vazia e foi aí que percebi no canto inferior direito. Lá, escrito em marcador branco ou caneta, estava o mesmo rabisco da assinatura 'VR' dos cheques.

— Você tirou isso? — perguntei.

Ele assentiu. — Um hobby, você poderia dizer. Algo que não tive muito tempo ultimamente, que é uma pena.

— São incríveis. — disse-lhe sinceramente impressionada. — Essa primeira, a idosa, é algo que você veria na *National Geographic*. É muito bom, Roth.

Ele sorriu para mim. — Obrigado, Kyrie. — ele pegou minha mão e me puxou para frente, e eu o segui, embora houvesse mais algumas fotografias que gostaria ver.

Mais tarde, talvez. Se eu tivesse sorte. Passamos por algumas portas abertas, uma levando a um lavabo, outra para o que parecia ser uma sala de segurança com monitores mostrando as câmeras de segurança do foyer, as cozinhas, a biblioteca, a garagem principal, dois elevadores, outra garagem, e o telhado. Sem vigilância no meu quarto, embora, tivesse alguns monitores escurecidos, por isso era difícil dizer.

Roth seguiu o meu olhar pela sala de segurança. — Não há câmeras em seus aposentos, eu prometo. Você tem a sua privacidade lá.

Eu apenas dei de ombros. Eu não teria ficado surpresa se ele me vigiasse enquanto dormia, e eu me perguntava se ficaria chateada se soubesse de câmeras no meu quarto. Quer dizer, seria estranho se ele tivesse me visto fazer xixi. Mas não esperava isso dele, ele era paranoico com a segurança, mas não assustador.

Outra porta mostrava um grande escritório, o mesmo carpete grosso creme, uma grande mesa escura com um enorme iMac, e uma parede do chão ao teto de janelas. Havia uma sala de ginástica, um corredor sem saída terminando em uma porta e, em frente um par de

portas francesas, que era o quarto de Roth. Eu peguei um vislumbre e percebi que era provavelmente o quarto mais impressionante na casa. Era um quarto de canto, com duas paredes inteiras de vidro e uma varanda no ápice do canto. A cama, pelo que vi, era enorme, escura, e construída em uma plataforma. Não vi muito mais e Roth me guiou pelo corredor sem saída para a porta.

— Eu vou lhe dar um tour pelo meu aposento mais tarde. — Roth me disse com a voz zumbido em meu ouvido.

Eu me virei a meio caminho para fora da porta. — Promete?

Seus olhos se estreitaram, desceram para o meu decote e voltaram. — Sim, Kyrie. Você vai se tornar *muito* bem familiarizada com o meu aposento.

Eu tremi e senti meus mamilos endurecerem. — Velejar pode esperar, você não acha?

O sorriso de Roth era predatório. — Ansiosa, de repente, é isso? — sua mão envolveu minha cintura e me puxou contra ele. Minha respiração ficou presa. Senti o familiar aroma picante de sua colônia e a amplitude dura de seu peito. — Você está me tentando? Tentando obter o controle desta situação?

— Ansiosa... — eu ofeguei, mal conseguindo balbuciar a palavra.

Seus olhos eram intensos, azul-claros aquecidos, com a mão espalmada na minha cintura e na ondulação da minha bunda, me esmagando a ele. — Ansiosa, hmmm?

— Sim. — eu respondi, olhando-o com meus olhos arregalados, minha respiração superficial e rasa.

Sua outra mão escovou meu cabelo tirando dos meus olhos, então deslizou pelas minhas costas. Encontrado o zíper do meu vestido. — Acho que você está tentando provar alguma coisa.

— Não estou.

— O poder de sua beleza sedutora é inegável, Kyrie. — seus dedos puxaram o zíper e podia sentir a aspereza de seu dedo traçando minha coluna, agora nua. — Você me faz perder o controle quando começo a tocar em você. Quando você coloca suas mãos em mim, eu me perco. — ele tirou as alças, e o vestido caiu no chão ao redor dos meus pés. — Mas não acho que você pode me controlar dessa maneira, Kyrie. Eu *deixei* você ter o seu momento esta manhã. Fazia muito tempo desde que senti um toque feminino. Vinha me guardando para você. Mas não pense que você pode me manipular com o seu corpo.

— Eu não estava...

— Diga-me a verdade, Kyrie.

Engoli em seco. — Talvez eu estivesse apenas... Tentando ver qual o efeito que eu tinha em você. Isto é tudo. Não para controlar, apenas... Avaliando. — o calor em seus olhos e a raiva velada me assustou. Ele não me machucaria, mas *o que* ele faria?

— Avaliando. — ele abriu meu sutiã e o puxou. O descartou. Enganchou um dedo no elástico da minha calcinha no meu quadril e a puxou para baixo pelas minhas coxas. — Tire. Eu quero você nua.

Saí delas e estava diante dele completamente nua. Sem fôlego, esperando. Ele fechou a porta, girou para trás de mim e me empurrou pelo corredor para o quarto dele. Posicionada no meio do quarto, eu estava banhada pela luz da manhã. Eu estava de pé, costas retas, forçando a minha respiração a ficar constante, para parecer confiante e sem medo.

— Então agora você está apenas ansiosa? — Roth se movimentava atrás de mim, não me tocando, mas perto. Tão perto. Muito perto, no entanto, muito longe e com muitas roupas. — Quem está no controle, Kyrie?

Eu senti a rebeldia surgir dentro de mim. Cerrei os dentes. Não faria esse jogo. Este não.

— Buscando a punição, não é? — sua voz ressoou em meu ouvido. — Vou perguntar mais uma vez. Quem está no controle? Quem controla você, Kyrie? Responda-me.

Você. Essa era a resposta. Eu sabia. Ele sabia disso. Mas me recusei a dizer. Rebeldia ou curiosidade? Ambos, talvez. Partes iguais, desafio e desejo.

— Não vai responder? — ouvi um sorriso em sua voz. — Eu sabia que você recusaria.

Seu pé deslizou entre minhas pernas, abrindo e deixando-as na largura dos meus ombros. Mais um pequeno empurrão e minha posição aumentou um pouco mais. Anormal, desconfortável, vulnerável. Mordi meu lábio e me forcei a manter a calma. Eu tinha pedido por isso, afinal.

— A qualquer momento, responda a minha pergunta e nós vamos velejar. Essa era realmente a minha intenção, você sabe. Mas você nos fez desviar. — ele deslizou a mão sobre o meu quadril, curvando a mão sobre a minha barriga, puxou minha bunda contra sua virilha, para que eu sentisse sua ereção. — Você não vai receber o que quer, sabe. Não vou mudar meus planos. Agora vou torturá-la, apenas um pouco. Lembre-se, nada doloroso. Só um pouco de... Provocação.

Ele se afastou, pegou um punhado do meu cabelo, segurando a minha nuca e empurrou minha cabeça para baixo, então eu estava inclinada.

— Mãos sobre os joelhos. — eu precisava me equilibrar, não tinha escolha a não ser fazer o que ele me disse. — Agora, vou perguntar de novo, Kyrie. Quem está no controle?

Eu permaneci em silêncio.

Ele riu e arrastou um dedo pela minha coluna, entre minhas nádegas, sobre meu ânus. Ele parou lá. — Nenhuma resposta? — seu dedo tocou-me e eu vacilei, tensa. — Eu me pergunto se poderia fazê-la gozar, apenas tocando aqui? Vamos descobrir, não é?

Uma pausa e o ouvi cuspir. A umidade me tocou; a pressão aumentou ligeiramente. Eu senti apenas um pouco de dificuldade e seu dedo lubrificado deslizou dentro de mim. Eu reprimi um suspiro, forcei meus quadris para permanecerem parados. Ele não receberia nenhuma ajuda minha, não desta vez. A ponta do dedo de Roth mexeu e eu senti uma tensão no meu sexo, construindo calor. Eu fechei meus olhos e mordi meu lábio, tentando conter a emoção do prazer de seu toque. Eu não devia gostar disso. Mas eu gostava. No entanto, eu não podia deixá-lo saber disso.

Ele retirou o dedo um pouco, ficando apenas um pouco dentro de mim. Sua outra mão soltou meu cabelo e estendeu a mão para meu seio, apertando, segurando, e em seguida, beliscando meu mamilo. Senti o calor e a pressão aumentando ao seu toque, e eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que ele conseguisse o que queria de mim. Eu gozaria, mas não admitiria o que ele queria.

Roth empurrou o dedo mais profundo, e um suspiro foi arrancado de mim. Eu me sentia completa, senti seu dedo grosso me penetrando, criando uma pressão a ponto de ebulição em meu interior. Um tom fraco de desespero me tocou. Ele apertou meu mamilo, puxou seu dedo de volta e meus músculos abdominais se contraíram. Meus quadris se mexiam por vontade própria. Outro empurrão, mais profundo. Seu dedo inteiro estava dentro de mim agora. Eu cerrei meus dentes para conter os suspiros e gemidos que ameaçavam sair de meus lábios. Ele retirou quase todo o dedo, e então deslizou novamente, repetindo o movimento e eu tive que exercer cada grama de vontade para parar de me mover com ele. Seu dedo fodendo meu ânus, lento e suavemente e sua mão acariciando e amassando meu seio e o mamilo, e eu estava necessitada, frenética. Eu precisava de mais do que isso. Eu precisava dele. Eu precisava que ele colocasse os dedos em minha boceta, eu precisava do seu pau, eu precisava de sua boca, eu precisava de *alguma coisa*. O que eu tinha, porém, era desespero me inundando, seu dedo na minha bunda me trazendo para um clímax cru e primitivo.

E então... Ele parou. Puxou o dedo de dentro de mim, me deixando curvada no meio de seu quarto. Eu me endireitei e juntei meus pés, ofegante, frenética e furiosa com a necessidade, a frustração, a vergonha, e dor, eu o observei passar por uma porta, onde ouvi água correr como se ele estivesse lavando as mãos.

Eu tremi toda, o cabelo bagunçado, lábio palpitante onde eu tinha mordido. Tentei me recompor, mas era um esforço vão. Roth

voltou para mim, com um leve sorriso nos lábios. Ele parou na minha frente. Esperei por seus olhos me procurarem.

— Alguma coisa a dizer? — ele questionou. Eu só conseguia balançar minha cabeça. — Não?

Eu precisava que ele terminasse, mas ele não quis e eu sabia disso. Essa era a sua tática. Eu estava chateada, também, sentindo-me degradada. Tinha me debruçado no meio de seu quarto, fodido minha bunda com seu dedo, tudo para me fazer admitir que ele estava no controle? Deixando-me excitada? Idiota.

Afastei-me dele e me agachei para recolher minhas roupas.

— Ah, eu acho que não. — eu ouvi Roth dizer atrás de mim. — Você não vai fugir tão facilmente.

Ele envolveu um braço sob minha cintura e me levantou, o outro braço foi sob os meus joelhos, e me virou de costas, pegando a minha cabeça com a curva de seu braço. Eu me contorcia em seu aperto, irritada com o seu comportamento e agora sua descarada manipulação.

Eu me acalmei e percebi que lutar era inútil, então o encarei, cuspendo fogo pelos meus olhos. Ele apenas sorriu para mim e me levou para a cama. Jogou-me como uma boneca e saltei sobre o colchão macio. Antes que pudesse sequer piscar, ele estava em cima de mim. Prendi a respiração enquanto sua boca caía sobre a minha. Esqueci-me de lutar com o calor surpreendente e ternura do beijo que me pegou desprevenida. Minhas mãos foram até suas costas, agarrando-se a ele, mas ele se afastou e pegou meus dois pulsos em uma mão, os segurou sobre minha cabeça, e em seguida, retomou o beijo.

— É aqui que você queria estar, Kyrie? Nua, embaixo de mim, na minha cama? — ele sussurrou com seus lábios se movendo contra os meus. — Bem, aqui está. Alguns movimentos e eu estaria dentro de você.

Minha boca tremeu contra a sua. — Sim... — *maldita prostituta idiota desesperada*, eu me castigava. Eu estava exatamente onde queria estar e exatamente onde ele me queria. Corada, excitada, desesperada e nua. Mas isso acontecia em seus termos e ele estava ganhando.

— Se soltar um de seus pulsos, você vai fazer o que eu disser? — eu assenti e ele soltou uma de minhas mãos. — Bom, tire a minha roupa.

Eu desabotoei sua calça, alcancei sua boxer e libertei seu pau pesado. Eu poderia gozar só por sentir a sensação do seu eixo grosso na minha mão, sabendo que ele estava a centímetros do meu sexo, há segundos de me satisfazer da forma que eu precisava.

— Empurre minhas calças para baixo. — eu fiz isso empurrando suas calças e sua boxer por suas coxas.

Prendi a respiração quando ele abaixou seus quadris, tocou a cabeça larga do seu pau em minha entrada. Mordi meu lábio, observando sua expressão ficar tensa, endurecer, olhos se estreitarem e então ele empurrou para dentro. E eu queria chorar. Era apenas a ponta, mas isso já me esticou e me encheu. Engoli em seco, enfiando a mão entre nossos corpos para agarrar sua ereção pela base, e ter meus dedos contra o seu corpo, segurando-o, puxando-o para mim.

— Kyrie... — ele rosou. — Você é tão fodidamente apertada.

— Valentine... Deus... Mais.

Ele rosnou de novo, um estrondo sem palavras em seu peito. Ele agarrou minha mão e puxou-a para longe, pegou minhas duas mãos novamente. E, em seguida, saiu de mim, sentando-se sobre suas pernas.

Eu clamei em seguida. — NÃO! Valentine, por favor. — eu segurei minhas palavras, percebendo o seu jogo.

— Diga, Kyrie.

Fechei os olhos. Eu *ansiava*. Eu o tive dentro de mim e aquele breve momento de plenitude foi glorioso, um vislumbre mínimo de como seria tê-lo dentro de mim. Eu queria. Eu precisava disso. Eu senti algo dentro de mim ceder, repensando. — Você, Valentine. Você está no controle.

Ele se inclinou sobre mim e me beijou. — Bom. Não se esqueça disso. — e então saiu da cama, puxando as calças de volta no lugar.

— Espere! Eu pensei...

Ele se virou para mim. — Ainda não, Kyrie. Não isso... Ainda não. — ele colocou a mão no bolso e se ajustou. — Eu estou me torturando muito, sabe. Mas você se lembra do que eu falei quando me conheceu?

Fechei os olhos. — Que eu deveria implorar por isso. — eu abri meus olhos, o encarei e falei com raiva. — Eu *fiz*, Roth. Agora. A

noite passada. Eu pedi. Eu disse a você que queria isso. Eu joguei o seu jogo. Se você me conhece por inteiro, sabe o quão difícil foi para mim. Mas você ainda está fazendo esses malditos jogos.

Ele deu um passo em direção à cama. — Você tentou fazer isso acontecer em seus termos, amor. Não é assim que isso funciona. — seus olhos percorreram o meu corpo nu. — Você está frustrada, não é?

Eu assenti, juntando minhas coxas apertadas. — Você sabe que sim.

— Você tem duas opções neste momento. Você pode me pedir para fazê-la gozar, agora, com minha mão. Ou você pode esperar até que eu esteja pronto. Hoje à noite, se tudo correr bem. — ele se moveu para sentar na cama ao meu lado.

Sentei-me, pressionando meus joelhos e dobrando as pernas para um lado, usando o meu braço como um sutiã. — Por que esta noite? O que há de tão especial nesta noite?

— Nada em particular. — ele deu de ombros traçando uma linha na minha perna, do calcanhar até o quadril com um dedo. — Eu sonhei com esse momento, Kyrie. O momento em que tomo você. Gostaria de ouvir o sonho?

Eu assenti. — Sim. Diga-me, por favor.

Ele soltou um longo suspiro. — É noite. Neste quarto escuro iluminado por velas. Você está de lingerie. Algo vermelho e de seda. Eu te amarro. Não apertado, apenas um pedaço de renda ao redor de seus pulsos. Você está deitada aqui, exatamente onde está agora, e

está me olhando com seus olhos azuis suaves. Você está malditamente linda, Kyrie. Toda embrulhada como um presente. Apenas me implorando com seus olhos para rasgar suas roupas. Você não consegue ficar parada, porque me quer. Mas faço você esperar. E quando você não aguenta mais, abre esses lábios carnudos doces e fala, e sua voz musical enche o meu quarto. Você me pede para fazer amor com você. Você não implora, porque isso é abaixo de você. Você simplesmente... Pede. E você chega a mim. Suas mãozinhas rápidas e macias tiram minhas roupas e me puxa para você e me beija. E quando eu deslizo meu pau em sua boceta molhada e apertada... — sua voz é baixa, rouca e, eu ofego com a maneira como ele enfatiza a palavra suja inesperada. — ...Você geme tão doce e se envolve em volta de mim com seus braços e pernas e não me solta até que estou enterrado profundamente em você.

Eu tremi toda, fechei os olhos, imaginando a cena que ele está definindo com suas palavras. Apertei minhas coxas juntas, buscando a pressão, buscando alívio, quente e molhada por sua provocação, que agora se tornou ainda mais desesperada por sua voz sexy, expressiva, murmurando em meu ouvido, descrevendo exatamente o que eu imaginava.

— Você é tão apertada, Kyrie. Eu quase posso sentir você apertando ao redor do meu pau. Você vai se sentir tão bem, Kyrie. Tão apertada. Quase muito apertada. Você mal pode me levar, mas faz, e isso nos leva à loucura. — sua voz é quase inaudível e seu sotaque parece um pouco mais grosseiro, mais perceptível. — Eu tive este sonho mil vezes, Kyrie, amor. Eu tenho imaginado sentir sua pequena boceta em volta do meu pau e... Sentindo isso naquele momento, eu sei que vai ser ainda mais perfeito do que os sonhos jamais poderiam mostrar. Você me seduz, Kyrie. Sentada ali, nua, tão serena. Eu quero você agora. Sem nada, pele com pele. Eu estava dentro de você. Eu *tive* você. Mas... Eu quero tornar esse sonho realidade. Eu quero ver o luar em sua pele. Eu quero rasgar a lingerie do seu corpo. Eu quero lambe cada doce curva de seu corpo até que você fique louca de desejo. É por isso que estou esperando, Kyrie.

Eu estava tensa, a ponto de gozar só com suas palavras. Eu estava *ali, bem ali*, apenas com o som de sua voz, a promessa, a cena que ele tinha fixado em minha mente. Se ele me tocasse, deslizesse um dedo dentro de mim, eu explodiria.

Eu afastei o meu orgulho e rebeldia, estendi a mão para pegar a sua. Rolei em minhas costas, deixei minhas pernas caírem abertas. Trouxe sua mão para as minhas dobras encharcadas. — Por favor...

Ele gemeu. — Kyrie... Você me tenta. Você me deixa tão louco. — ele, inconscientemente, ao que parecia, acariciou minha fenda com um dedo. — Se eu tocá-la, não serei capaz de parar. — ele recuou alguns passos para longe de mim, passou as mãos pelo cabelo. — Eu quero você desesperadamente, Kyrie. — ele me olhou com o peito arfando. — Não pense que isso é fácil para mim. Não é.

Eu deslizei para fora da cama, juntei minhas roupas e as joguei na cama. Colocar meu vestido novamente levou apenas alguns segundos. Quando meu vestido estava fechado e me senti um pouco composta, eu me virei para ele. — Vamos velejar Valentine. — peguei suas mãos, entrelacei meus dedos nos dele. Mas o puxei de volta quando ele começou a andar, olhei em seus olhos. — É melhor você seguir com isso.

— O que quer dizer?

Fiz um gesto pra sua cama. — O que você descreveu agora? É melhor você me dar isso.

Ele me puxou contra ele. — Eu prometo a você. Isso... E mais um pouco.

Capítulo 9

O Encontro

O elevador privativo de Roth nos levou para uma garagem subterrânea. Era um espaço cavernoso, bem iluminado, teto de 2,5 metros de altura, chão azul brilhante, paredes de cal forrada com cartazes dos anos 20 e 30 em estilo vintage, retratando um dia na praia, carros de corrida, navios de cruzeiro, marcas agora extinta de cigarros e empresas de vinho italiano. Havia fileiras de armários de ferramentas Craftsman vermelho e prata, várias prateleiras cheias de ainda mais ferramentas, uma bancada de trabalho repleta de peças oleosas e motores desmontados.

Contei nove veículos: um Maybach, um Mercedes-Benz SUV quadrado, um Maserati, um Tesla, um Bentley conversível, dois tipos diferentes de moto – um modelo esportivo e uma personalizada – um Hummer modelo militar, e um BMW preto modelo mais antigo, o último carro que seu pai lhe dera, eu presumi. Era uma impressionante variedade de veículos, e eu não queria nem contemplar o quanto isso tudo valia.

Na parede ao lado das caixas de ferramentas estava um pequeno armário de metal com um mecanismo de impressão digital de bloqueio. Roth colocou seu polegar na tranca e abriu o armário quando o bloqueio apitou, revelando dois conjuntos de chaves para cada veículo pendurado em ganchos. Ele olhou para mim. — Qual carro você quer levar?

Eu era uma menina bastante típica nisso, para mim, em sua maior parte, um carro era um carro. Eu sabia o suficiente para saber

que estes eram carros top-de-linha, extremamente caros, mas ainda assim não era nenhum dos carros esportivos habituais de caras ricos. Sem Ferraris, Lamborghinis ou Corvettes nesta garagem, o que eu achei interessante. Esses carros não combinavam com ele, no entanto, eu percebi quando pensei sobre isso. Ele era rico, mas não exibido ou espalhafatoso.

Dei de ombros e apontei para o conversível. — Esse parece divertido.

Roth sorriu. — Boa escolha.

A porta do elevador se abriu atrás de nós, revelando Eliza carregando um cooler térmico. — O almoço que você pediu, Sr. Roth.

— Obrigado, Eliza.

— O prazer é meu, senhor. Devo esperar vocês para o jantar?

Roth balançou a cabeça, tirando o cooler de Eliza e o colocou no banco de trás do Bentley. — Não, eu acho que nós vamos encontrar alguma coisa na cidade. Você pode ir, se quiser.

— Obrigada, senhor. Até amanhã, então. — ela sorriu para mim e deixou a porta do elevador fechar na frente dela.

Alguns momentos depois, Roth estava guiando o carro silencioso, poderoso, até uma rampa e saindo para a brilhante luz do sol do final da manhã. Roth tirou um par de óculos Ray-Ban do bolso interno do seu casaco, apontando com eles no porta-luvas. — Eu acho que há outro par lá dentro.

Abri o porta-luvas e encontrei um par de óculos de sol, coloquei-os, e amarrei meu cabelo para trás com o elástico de rabo de cavalo que eu tinha no meu pulso. O caminho de Manhattan até a marina foi breve, mas agradável, o vento no meu rosto, sol brilhante e quente, Roth ao meu lado, segurando minha mão.

Quando Roth tinha dito ‘velejar’, eu tinha imaginado um pequeno barco apenas grande o suficiente para nós dois. Eu deveria ter imaginado. O barco que Roth possuía era longo e baixo, algo elegante e sexy, todo reluzente com linhas masculinas e curvas suaves, em prata e madeira polida. Eu sabia menos sobre veleiros do que sobre carros, mas, conhecendo Roth, esse devia ser o veleiro mais caro e da mais alta qualidade que o dinheiro poderia comprar. Roth levou o cooler pela alça sobre um ombro, nunca deixando de segurar a minha mão.

Ele me ajudou da doca para o barco, apontando para uma cadeira ao lado do leme. — Sente-se.

Sentei-me, o observando desamarrar cordas e enrolá-las ordenadamente no convés. Ele se sentou, ligou o motor e nos deslizou fora da rebentação e apontou a proa em direção a mar aberto. Quando estávamos fora da marina, ele desligou o motor e desenrolou a vela, amarrou a linha, e em seguida, fez o mesmo com a vela triangular menor na parte da frente do barco.

— Posso ajudar? — perguntei.

Ele deu de ombros. — Eu cuido disso.

— Eu gostaria, se eu pudesse. Eu não vim só para ficar aqui sentada e não fazer nada.

Roth assentiu, abaixando-se sob a barra horizontal da vela grande e pegando o leme. O vento estava forte, soprando contra nós em um ângulo, fazendo as velas se agitarem. — Tudo bem. Primeiro, uma lição rápida. A pequena vela na frente é chamada de genoa. A grande é a vela principal. A grande barra é chamada de longarina. As cordas são chamadas de ‘cabos’. A próxima coisa é saber que veleiros modernos não viajam em uma linha reta, e eles não funcionam com o vento vindo diretamente de trás. Você navega em um padrão zigue-zague, o qual é chamado de ‘cambada’, mantendo o vento em um ângulo. Então, quando eu digo que estamos ‘mudando de rumo’, a longarina, a grande barra que prende o fundo da vela principal, vai balançar ao redor. Você tem que prestar atenção e se certificar de que a longarina não te derrube ao mar quando estivermos mudando de rumo. Vou avisá-la antes de nos mudar de rumo, mas apenas esteja ciente, tudo bem, amor? — ele apontou para o cabo que conduz à vela principal. — Desate esse, em seguida, puxe o cabo até que a vela esteja esticada.

Nós estávamos nos movendo ligeiramente, a vela agitando, a proa inclinada em direção à costa de Nova Jersey. Estávamos indo para o sul, longe de Manhattan e em direção a Staten Island. Eu afrouxei o cabo que ele tinha indicado, envolvi ambas as mãos em torno dele, e puxei com força. Quando puxei, a vela principal apertou, e o cabo ficou esticado, tornando-se cada vez mais difícil de puxar quando o vento pegou. Uma rajada de vento soprou a vela, quase arrancando o cabo de mim e me empurrando desequilibrada. Eu puxei de novo, mas outra rajada bateu, esta me puxando livre do chão. Enrolei o cabo em volta dos meus punhos, apoiei um pé contra a lateral do barco, e puxei o mais forte que pude, então envolvi o cabo em torno do suporte de amarrar. A vela estava inchada para fora, mas firme, sem agitar no vento mais, e eu senti o veleiro pegar velocidade imediatamente. Olhei para Roth, que me deu um sorriso brilhante e um sinal de positivo.

— Perfeito! — ele deu um tapinha no assento ao lado dele, e eu me sentei.

— Quando você aprendeu a velejar? — eu perguntei.

— Eu estive velejando por toda a minha vida. Eu cresci passando o verão na Grécia, e passei quase todos os dias durante os verões velejando com o meu pai ou com meus amigos quando fiquei mais velho. Depois que eu saí de casa aos dezoito anos, acabei trabalhando em um barco de pesca no Mar Egeu por um tempo. Foi muito divertido. Trabalho duro, mas divertido. Esse foi o meu primeiro negócio. Eu comprei aquele barco, contratei a mesma equipe que havia me ensinado o negócio. Eventualmente, eu comprei um segundo barco, e depois um terceiro. Ainda tenho vários barcos no Mediterrâneo, na verdade. Alguns são barcos de pesca comercial, alguns são locações privadas. Mudando o rumo. — ele afrouxou o cabo da vela principal, segurou-a com uma mão, e girou o leme com a outra, levando a proa ao redor, e em seguida, ele amarrou o cabo novamente. Ele fez isso parecer fácil, mas lembrei-me o quanto o vento tinha puxado a vela e, portanto, o cabo quase me derrubou em meus pés, ainda assim ele o segurou com uma das mãos enquanto operava o leme. — Não importa o quão ocupado esteja, eu arranjo tempo para velejar. É minha única fuga real.

Eu observava Roth enquanto ele falava. Ele parecia relaxado, as linhas de tensão e estresse no seu rosto se tranquilizando, sua postura à vontade. O vento bagunçou seu cabelo e agarrou as bordas de seu blazer e camisa branca de algodão por baixo dele, moldando o tecido em seu corpo duro. Ele tinha uma mão no leme, a outra estendida para segurar a parte de trás do meu assento, seus dedos roçando meu ombro.

Ficamos em silêncio por um longo tempo, vendo o sol subir mais alto no céu, observando a paisagem urbana que passava ao lado e as águas abertas na distância se aproximado. Eventualmente, nós enfrentamos a abertura da baía e deixamos a terra firme para trás. Eu podia ver por que ele adorava isso. A sensação de liberdade, o spray de sal da água no meu rosto, o vento levando-nos para longe de

tudo... Eu nunca senti nada parecido. Ele parecia contente em apenas navegar sem falar e eu também. Nós conversamos aqui e ali, principalmente eu o incitando a me contar histórias sobre si mesmo. Eu aprendi que ele vendeu seu negócio de pesca com um lucro e entrou no setor de importação e exportação, e então, eventualmente, vendeu esse negócio por um lucro ainda maior, o que o levou, com a idade de vinte e um anos, para a Ásia, onde ele tinha entrado no mercado imobiliário e desenvolvimento urbano. Eu tive uma noção de Roth o homem, como ele fez o seu caminho no mundo sozinho. Ele aprendeu da maneira mais difícil que não podia confiar em ninguém, tendo sobrevivido mais do que uma traição no mundo dos negócios. Ele aprendeu a ser implacável e desconfiado, dependendo de ninguém além de si mesmo, mantendo seus negócios pequenos, com o mínimo de funcionários possível. Eventualmente, ele se mudou para Nova York e tentou sua mão em vários empreendimentos comerciais, construindo sua riqueza pouco a pouco. Eu não consegui colher dele qual era o seu principal negócio atualmente, apesar de várias perguntas.

Eu, por sua vez, contei-lhe sobre crescer em um subúrbio de Detroit, verões passados em uma cabana no Lago Michigan, viagens com a minha mãe para Chicago. As divertidas e agradáveis histórias na minha vida todas sendo paradas quando o meu pai foi morto. Nós ficamos em silêncio quando minhas histórias chegaram a esse limite, e Roth parecia contente em deixar o silêncio se estender.

Depois de algumas horas, Roth soltou a vela principal e fomos desacelerando até parar, em seguida, enrolamos as velas e soltamos uma âncora. Estávamos em vista da terra, mas era um longo caminho de distância, proporcionando um cenário nublado e bonito para um almoço no mar. Eliza tinha embalado para nós frios, queijos, pães recém-assados, uma garrafa de vinho, alguns Perrier^{14}, e frutas frescas. Roth montou um sanduíche para mim, derramou vinho branco em taças, em seguida, estendeu sua taça para um brinde.

— Por um dia agradável e uma noite longa.

Eu sorri para ele e toquei sua taça com a minha. — Eu vou beber a isso.

O almoço terminou, nós descansamos no convés e nos aquecemos ao sol. Era estranhamente confortável sair com Roth. Nós não precisávamos preencher cada momento com conversa fiada, ambos parecendo contentes em deixar os silêncios se estenderem por longos períodos de tempo, aproveitando o momento, desfrutando da companhia um do outro. Conversas iam e vinham, as perguntas dirigidas e respondidas, fluindo e refluindo facilmente.

Eu estava deitada de costas no convés, deixando o sol me banhar, quando eu senti Roth ficar de pé ao meu lado. Eu abri um olho, o observando. Ele olhou para mim quando tirou seu blazer, em seguida, sua camiseta, e depois, seus sapatos. Sentei e senti meu coração disparar quando ele colocou seus óculos escuros de lado e estendeu a mão para o zíper de suas calças. — Hora de nadar. — disse ele.

Eu empurrei meus óculos de sol na minha cabeça. — Eu não trouxe roupa de banho.

Ele sorriu. — Nem eu. — ele baixou as calças e a boxer, ficando nu na minha frente.

Engoli em seco, coração batendo, desejo inchando. Roth nu era uma visão pecaminosamente gloriosa. Meus mamilos endureceram e minhas coxas ficaram tensas, meu núcleo umedeceu apenas de olhar para ele. Abdômen definido conduzindo a um nítido caminho em V, uma ereção grossa orgulhosamente saliente, coxas poderosas, peito largo e firme com um punhado de pelos dourados,

braços salientes tonificados. Puta merda. Esse homem *me* quer... Eu. Seu corpo, aquelas mãos, o abdômen, esse pau... Para mim.

Ele piscou para mim, então se virou e mergulhou na água, cortando as ondas azuis ordenadamente. — Tire a roupa e entre aqui, Kyrie.

Levantei-me com joelhos vacilantes, coloquei meus óculos de sol de lado, abri o zíper do meu vestido, e o deixei cair no convés ao redor dos meus pés. Olhei em volta, mas o mar estava vazio. Nós tínhamos cortado a leste, uma vez que atingimos águas abertas, e eu suspeitava que a terra acinzentada a distância fosse Long Beach. Havia um navio à distância no mar, um navio-tanque baixo de algum tipo, mas estava longe o suficiente que, mesmo com binóculos eu duvidava que eles pudessem nos ver claramente. E... Eu não me importava.

Eu assisti a reação de Roth quando tirei meu sutiã e calcinha. Ele estava trilhando a água, me observando atentamente, os olhos quentes e estreitos. — A água está fria?

Ele deu de ombros. — Um pouco. — um sorriso faminto curvou seus lábios. — Não se preocupe, amor, vou mantê-la aquecida.

Isso era tudo que eu precisava ouvir. Com uma respiração profunda, eu mergulhei. Eu emergi gaguejando. — Um *pouco*? — eu gritei. — Está c-c-c-congelando, seu l-lunático!

Ele apenas riu. — É o Oceano Atlântico, Kyrie, o que você esperava? Água do chuveiro? — ele fez um nado de peito, chegando facilmente a mim. — Vem cá.

Eu o deixei envolver seus braços em volta de mim, sentindo a quentura de sua ereção dura entre os nossos corpos. Meus braços foram ao redor de seu pescoço, minhas pernas ao redor de sua cintura e ele virou para que estivesse flutuando de costas, coluna arqueada para flutuar, uma mão acariciando o comprimento do meu corpo, a outra nos movendo através da água, pernas chutando com poderosos golpes.

— Eu não vou te afogar assim, vou?

Ele agarrou minha bunda apertando com uma mão. — De jeito nenhum, amor. Você é leve como uma pluma.

Mudei meus quadris, sua ereção cutucando em minha coxa. — Tem certeza?

Ele apenas sorriu. — Eu tenho você. Não se preocupe.

— Você me tem, hein?

Seu olhar ficou sério. — Eu não tenho, então?

Uma rolada de meus quadris e ele estaria dentro de mim. — Sim. Você tem. — eu fiquei parada, com grande esforço.

Roth nos levou perto do barco, circulando amplamente, chutando-nos através da água gelada do Atlântico, com fácil graça. Eventualmente, eu saí dele, e nós nadamos um ao lado do outro. Ele foi o primeiro a voltar para o barco, e eu o segui, tremendo. Ele segurou a escada na popa do barco e empurrou bem desnecessariamente a minha bunda para me ajudar a levantar.

Subindo atrás de mim, ele me levou para dentro da cabine, enrolou uma toalha branca e grossa em volta dos meus ombros e me secou com ela. Levantei e o deixei me secar, em seguida, coloquei a toalha debaixo dos meus braços e usei uma toalha limpa para secá-lo. Roth ainda estava duro, estremeando um pouco quando eu o sequei lá.

Bloqueando os meus olhos nos dele, corri um dedo em seu comprimento. — Isso parece doloroso.

— Um pouco.

— Você deveria me deixar cuidar disso para você.

— Não.

— Apenas não? — eu passei meus dedos em torno dele, mas ele pegou meu pulso e puxou minha mão.

— Apenas não. — ele se inclinou e me beijou, movendo-se para fora do meu alcance. — Eu vou deixar você fazer isso tanto quanto você queria... Mais tarde. Por enquanto, eu quero esperar. Eu quero estar dentro de você quando gozar. Se você me tocar agora, vou perder todo o controle. Vou jogá-la naquela cama ali e estar dentro de você antes que possa piscar duas vezes. E Kyrie, eu fiz uma promessa. Eu sempre mantenho minhas promessas.

— Então é melhor você colocar algumas roupas, porque se continuar exibindo esse grande belo pau na minha frente, não posso ser responsabilizada pelo que faço a ele.

— Eu não estou exibindo. Não posso deixar de ficar duro só de olhar para você. — ele colocou a toalha em volta da cintura, a frente fazia uma tenda.

— Só de olhar, hein?

Ele deu de ombros. — Não há tal coisa como só de olhar, Kyrie. Não com você. Não quando eu tenho você nua. Mesmo completamente vestida, um olhar é tudo o que preciso. Eu vejo esses seus seios exuberantes, mal escondidos pelo vestido e fantasio sobre espremê-los juntos e fodê-los. — sua voz é profunda, áspera com um rosnado. — Eu vejo essa sua doce bunda redonda se movendo sob seu vestido e penso em enterrar meu pau nela. Eu assisto a sua boca se mover enquanto você fala, e penso em seus lábios envolvendo em torno de mim, me levando fundo em sua garganta. Então, não. Não só de olhar. Eu dou uma olhada em você e penso em todas as coisas que vou fazer com você.

Eu tive que fechar meus olhos e cerrar os punhos para evitar saltar em cima dele ali mesmo. — Você precisa ou calar a porra da sua boca ou fazer um pouco disso agora.

Ele rosnou, fechando a distância entre nós. — Sim? Por quê? Você está molhada, Kyrie? A sua pequena boceta apertada está pingando para mim? Dolorida por mim?

Eu recuei, segurando a toalha no meu peito. — Sim. Agora pare de me provocar.

Ele seguiu, agarrando minha cintura com uma mão e me puxando diretamente contra ele. — Eu não estou provocando, amor. Oh, não. Eu vou fazer bem tudo o que digo. Mas quero você louca por

mim. Eu quero você louca de desejo. Eu quero você pronta para explodir a partir de um só toque.

Não pude deixar de moer contra ele. — Eu já estou.

— Oh, amor. Você não tem ideia. Eu vou gastar cada momento a partir de agora até eu ter você na minha cama deixando-a cada vez mais louca. Você acha que está molhada e dolorida agora? Apenas espere. Eu vou ter você encharcada antes que eu esteja dentro.

Ele me esmagou contra a parede, a cabeça inclinada para se encaixar na cabine baixa, sua ereção pressionando através de sua toalha e da minha em meu sexo, tão perto e ainda tão longe. Eu arranhei seu ombro e me retorci contra ele, sentindo apenas uma insinuação do atrito que eu precisava, sentindo a dureza de seu pau e o tecido macio das toalhas e a umidade do meu desejo se espalhando por mim.

As mãos de Roth deslizaram sob minha bunda, apertaram minhas coxas e me levantaram. Minha toalha subiu, me descobrindo para ele, e eu envolvi minhas pernas em volta de sua cintura, minha cabeça batendo no teto. Era uma posição impossível, desconfortável, mas eu não me importei. Se ele só se movesse, apenas um pouco, ele estaria onde eu precisava dele. As bordas da sua toalha se separaram, e eu contorci meus quadris e minhas pernas, sentindo seu pau duro e quente contra o interior da minha coxa, deslocando para obtê-lo mais perto, desesperada naquele momento para ter o que eu queria, ele estando disposto a dar ou não. Ele mordeu a minha pele no oco do meu ombro, moendo seus quadris para cima, deslizando a grossa ponta macia contra a minha abertura, esmagando um esfregar ao longo do meu clitóris.

Ofeguei, me agarrando a ele, o envolvendo, esperando, tensa, necessitada, esperançosa. Um golpe, outro, a pressão e o calor do clímax construindo dentro de mim, e depois, a momentos da explosão, ele me abaixou e recuou, ambas as nossas toalhas caindo no lugar, deixando-me ofegante e dolorida.

— Você é um bastardo. — eu rosnei para ele.

Ele sorriu. — Eu sei. — ele recuou um passo em direção aos degraus que levavam ao deck. — Vamos lá, vamos nos vestir e voltar. — eu tinha vestido o meu sutiã e calcinha quando a voz de Roth me parou. — Deixe o vestido de fora. Tome sol. Dê-me algo sexy para olhar enquanto eu navego de volta. — ele me jogou um tubo de protetor solar, sorrindo para mim.

Deixei Roth espalhar o protetor solar na minha pele - incluindo alguns poucos lugares que provavelmente não precisavam tecnicamente disso - e, em seguida, espalhei a minha toalha no convés pela proa e deitei de barriga para baixo, abrindo meu sutiã. O sol quente, o vento implacável e o balanço do barco sobre as ondas trabalharam juntos para me acalmar para dormir e eu não acordei até que Roth chamou meu nome. Eu rolei para minhas costas e me sentei, segurando o sutiã aberto em meu peito, piscando os olhos turvos para ele.

Ele me deu um sorriso. — Coloque o seu vestido, querida. Eu não quero compartilhar sua beleza com todo mundo no rio Hudson.

Eu preendi meu sutiã e coloquei o meu vestido, então passei os dedos pelo meu cabelo. — Será que qualquer uma das suas ex-namoradas deixou uma escova de cabelo a bordo?

Roth franziu a testa para mim. — Kyrie. Você realmente acha que eu já trouxe outra pessoa a bordo do meu barco?

Eu usei meus dedos enrijecidos para tirar o pior dos emaranhados do meu cabelo tão bem quanto pude, e depois o joguei para trás em um rabo de cavalo apertado. — Você não trouxe?

— Não. Ninguém. Nem Eliza, nem Harris, nem Robert. Ninguém. E eu não diria que eu já tive ‘namoradas’.

Foi a minha vez de franzir a testa. — Uau. Eu não sabia. — eu suspirei. — Eu não entendo, Valentine. Por que eu? O que há de tão especial em mim?

— Tudo, Kyrie. *Você* é especial. Sua força de caráter, sua beleza, sua inteligência. A coragem que você mostrou em jogar meu jogo. Estar aqui comigo, encontrar uma maneira de se encaixar na minha vida, apesar das exigências injustas que fiz a você. Eu duvido que outra mulher em todo o mundo pudesse fazer o que você fez, em ganhar minha confiança como você ganhou.

— Oh. — dei de ombros.

— Portanto, a resposta é não, não tenho uma escova de cabelo comigo. Mas você não precisa de uma. Você está deslumbrante, Kyrie. Estando você arrumada em Dior e joias, ou acabando de acordar em um vestido de verão e cabelo bagunçado, você é, muito honestamente, a mulher mais linda que eu já conheci. Você não precisa de cabelo extravagante ou maquiagem para tirar o meu fôlego, Kyrie. Você só tem que ser você.

Santo Deus. Como é que uma garota não vai derreter com palavras como essas? Eu esperava que alguém como Valentine Roth fosse preso em aparências, que esperasse que eu parecesse em meu melhor em todos os momentos. Essa impressão foi reforçada pela roupa para a ópera e o armário cheio de roupas no meu quarto. Ele mesmo nunca pareceu nada menos do que espetacular, mas, então, eu não acho que ele alguma vez pudesse ser desagradável de olhar. Quer dizer, lá estava eu, maquiagem lavada por ter nadado, cabelo num emaranhado aquático de ninho de ratos, amarrado para trás em um rabo de cavalo, vestindo um vestido simples, e ele achava que eu estava linda? Eu parecia uma merda. Mas a valorização em seus olhos, a sinceridade em sua voz... Apagou as minhas preocupações.

Ele me fez sentir bonita. Ele me fez sentir segura. Mesmo que ele estivesse jogando um jogo alucinante de frustração sexual e dominação, ele nunca me fez sentir como um objeto ou um pedaço de carne. Não era sobre o sexo. E isso, mais do que tudo, me fez desejá-lo e apreciá-lo. Todos os caras que eu tinha namorado me fizeram sentir, mesmo sem intenção, como se o objetivo do nosso relacionamento fosse bom sexo. Encontros foram projetados para acabar na cama. Mesmo que houvesse um elemento romântico para o relacionamento, o romance visava me amaciar até que eu transasse com eles.

Roth? Ele fez sexo flagrante, de primeira. Ele me disse o que queria e o que ia fazer. E ao invés de me transformar em algo malditamente feroz, ele fez coisas honestas. Eu sabia o que esperar. E quando nós estávamos falando, ou saindo, isso era tudo que estávamos fazendo. Apenas passando o tempo juntos. Ele não estava constantemente distorcendo para eu entrar no clima para o sexo. Quando eu falava, ele ouvia. Sua atenção estava voltada para mim, e só em mim. Seu olhar nunca vacilou, ele nunca interrompeu, e suas respostas me disseram que ele estava ouvindo, realmente ouvindo e prestando atenção, e não apenas à espera de sua vez de falar. Ele não era encantador, uma coisa boa em minha opinião. Encanto sempre pareceu bajulação para mim. Parecia propaganda enganosa. Eu não

confiava em caras que poderiam me encantar. Eu iria flertar com eles, é claro, e poderia até mesmo sair com eles de vez em quando. Mas nada de verdade jamais aconteceria com um cara que era encantador.

Roth era uma contradição. Ele era reservado e desconfiado. Ele tinha paredes de um quilômetro de altura. Apesar de tudo isso, ele era aberto e honesto. Ele disse como que isso era e me disse o que estava pensando e me disse o que ele esperava, o que queria. Se ele não quisesse responder a uma pergunta, ele diria isso. Ele não mudaria habilmente o assunto ou me distrairia, ele iria apenas me dizer: “Eu prefiro não responder a isso.” Eu respeitava isso nele.

Tudo isso passou pela minha cabeça enquanto fiquei ao lado de Roth na subida do rio Hudson e de volta em sua descida. Eu nunca conheci um homem que eu tinha respeitado antes. Eu nunca conheci um homem que realmente me impressionou antes. Houve caras que eu realmente gostei, que eram legais, divertidos e quentes, caras decentes de boas famílias. Mas eles não me deixaram sem fôlego. Eles não me fizeram sentar e tomar nota. Eles não exigiram a minha atenção e eles certamente não poderiam ter comandado o meu respeito, não como Roth fez. Ele foi expulso de sua casa aos dezoito anos, recebido o que era, em seu mundo, uma pequena quantidade de dinheiro e deixado por conta própria. Para uma garota que vive de salário em salário, aquilo era uma fortuna. No mundo dos negócios, cem mil não era muito. Para um cara que tinha crescido no colo do luxo, era apenas o suficiente para começar. Se eu economizasse, guardasse, comesse com moderação e vivesse no apartamento mais barato que eu pudesse encontrar, eu seria capaz de fazer cem durar alguns anos. Então, o fato de que Roth tinha transformado isso em bilhões? Ou milhões, ou o que mais ele valia? É uma façanha bastante surpreendente, eu acho.

Roth amarrou o barco e estendeu a mão para me ajudar para doca. — Você está imersa em seus pensamentos. — ele comentou.

Dei de ombros. — Acho que sim.

— O que você está pensando?

Como eu poderia responder a isso? Eu apenas dei de ombros novamente. — Um monte de coisas.

Chegamos ao Bentley e Roth segurou minha porta para mim enquanto eu entrava, em seguida, deu a volta para tomar o assento do motorista. — Um monte de coisas, hein? — ele ligou o motor, e ele retumbou com um ronronar suave poderoso. — Como o quê?

— Você vai arrastar isso para fora de mim, não é?

Ele sorriu. — Obviamente.

— Eu estava pensando... — pensei em desviar ou mentir, mas decidi sobre a verdade. Ou, pelo menos, uma versão da mesma. — Eu estava pensando em você. Você não é o que eu esperava, Valentine Roth. Nem um pouco.

— Não? O que você esperava?

Eu balancei minha cabeça de um lado para o outro. — Um monte de coisas diferentes. No começo, eu esperava alguém duro, solitário rapaz rico sem nada melhor para fazer do que andar por aí 'recolhendo' meninas.

Roth riu. — Bem, você teve uma dessas palavras correta, pelo menos. — disse ele, mais baixinho do que para mim. Ele lançou um

olhar de soslaio para mim. — Você realmente se ofendeu por ser recolhida, não é?

— Sim! — eu olhei para ele. — Eu não sou um maldito salário, Roth. Eu sou uma pessoa. E quando Harris apareceu na minha porta para me recolher, como ele disse, eu estava chateada. E sim, ainda fico chateada quando penso sobre isso.

— Bem, eu peço desculpas pelo mal entendido. Mas eu não podia arriscar que você se recusasse a acompanhá-lo, então lhe pedi para deixá-la sem nenhuma escolha. — sua expressão escureceu, endurecida. — Você sempre teve uma escolha, Kyrie. Você ainda tem. Você pode sair a qualquer momento. Você sabe disso, certo?

Revirei meus olhos. — Eu não vou a lugar nenhum, Roth. Ainda não. Você tem o meu interesse neste momento.

— Só o seu interesse?

Dei-lhe um sorriso provocante. — Sim. Você poderia dizer que estou interessada, no mínimo.

— E eu aqui pensando que tinha despertado um pouco mais do que mero *interesse* em você. Acho que vou ter que intensificar meus esforços. — o olhar que ele me deu foi escaldante, virulento e atado com promessa erótica.

Eu tremi, chupando uma respiração profunda. — Você deve fazer isso. Você está acomodado, Roth.

A noite tinha caído no momento em que tivemos o barco atracado e quando entramos nos canyons de vidro e aço imponentes do centro de Manhattan, a escuridão estava espalhando sombras espessas entre os prédios. Ainda tínhamos a capota do Bentley abaixada, então eu estava gelada pelo frio no ar da noite, arrepios cobrindo minha pele. Roth percebeu isso, e quando paramos em um sinal vermelho, ele tocou um botão para desdobrar a capota e colocá-la no lugar.

— Você parecia com frio. — disse ele, olhando-me.

— O que me denunciou?

Sua língua deslizou sobre seu lábio inferior. — Seus mamilos. Eles estão cutucando através do vestido. Provocando-me. Levantando duros. Implorando por minha boca.

Olhei para baixo e vi que, com certeza, os meus mamilos estavam no auge, claramente aparecendo. A mão de Roth deixou a alavanca de câmbio e a estendeu, beliscando meu mamilo esquerdo. Mordi meu lábio para não ofegar, mas Roth só beliscou mais forte e o rolou entre o polegar e o indicador, me fazendo contorcer no assento, seu toque beirando a dor. Quando ele aumentou a pressão, levando a sensação agradável e passando diretamente ao desconfortável, eu recuei, deixando escapar um suspiro.

— Isso dói, Valentine.

— Apenas tendo certeza de que eu ainda tenho o seu interesse. — disse ele. Sua mão se estabeleceu na minha coxa, logo acima do meu joelho. — Eu tenho isso?

— Sim. — eu respirei. — Eu estou interessada.

Ele desviou o olhar de volta para a estrada quando fez uma curva à esquerda, tocando nos freios quando o tráfego ficou mais lento à nossa frente. Estávamos em Little Italy, percebi tardiamente. Ele estava nos levando a algum lugar específico, algum restaurante que conhecia, eu imaginei. Minha capacidade de pensamento claro desapareceu quando a mão de Roth deslizou até a minha pele nua, com os dedos roçando minha coxa, levantando a barra do meu vestido.

— Tire a sua calcinha. — disse Roth.

Olhei para ele, piscando, e então olhei para fora das janelas. Nós estávamos cercados por carros, parados em um semáforo. Havia pessoas na calçada e uma van estava em marcha lenta ao nosso lado, o motorista fumando um cigarro e olhando para mim. Assistindo a mão de Roth subir em minha coxa.

— Esse motorista ao nosso lado está assistindo. — eu protestei.

— Então, mantenha o seu vestido para baixo quando você tirá-la. Eu lhe disse, não vou compartilhar você. Nem mesmo um vislumbre, com ninguém. Mas eu quero essa calcinha na minha mão, nos próximos trinta segundos. — sua voz era dura, baixa e exigente.

Eu puxei a barra do meu vestido para baixo e depois, levantei meus quadris, enganchando os dedos no elástico da minha calcinha através do algodão do vestido. Balançando meus quadris, consegui deslizar a calcinha preta para baixo pelos meus quadris, em seguida, fui capaz de alcançar sob o vestido e retirá-la completamente. Eu a entreguei a Roth, que olhou para o motorista do caminhão à nossa

esquerda. O motorista estava em transe, olhando para nós, não prestando atenção ao fato de que o semáforo tinha mudado; ele assistiu toda a performance, eu percebi, corando.

Roth levou minha calcinha ao nariz e cheirou, olhando para o motorista com um sorriso. Eu cobri meu rosto com as mãos, mortificada. Buzinas soaram, e o motorista do caminhão surpreso começou a colocar o caminhão em movimento.

— Maldito seja, Roth. Isso foi realmente necessário?

Ele enfiou a calcinha no bolso interno do blazer, sorrindo para mim. — Sim. Foi.

— Por quê?

— Porque isso me divertiu. Ele queria você, Kyrie. Você viu o olhar dele quando me entregou sua calcinha? Ele a queria para si mesmo. Ele queria *você* para ele. — ele recolocou a mão na minha coxa, mais alto desta vez, os dedos subindo sob a bainha do meu vestido. — E eu, sendo um homem das cavernas possessivo, queria provar um ponto. *Você é minha.*

— Estou envergonhada, Roth. Ele me viu tirar a calcinha. Você a *cheirou*. Foi horrível.

Roth traçou seus dedos até a linha das minhas coxas fechadas, exigindo entrada. Eu separei minhas pernas, só um pouquinho e seu dedo médio encontrou meu sexo molhado, quente e esperando. — Elas cheiravam a seu desejo, Kyrie. Como você. Quando você separa suas coxas para mim, posso sentir seu cheiro. Você me quer. Você quer que eu a toque, não é? — ele ligou o motor, nos lançando para

frente e deslizando para a esquerda entre a van e um táxi, em seguida, para o outro lado da pista que tinha acabado de sair, seu dedo nunca cessando a sua penetração lenta na minha fenda enquanto ele tecia através do tráfego de Nova York. — Não quer, Kyrie? Eu poderia fazê-la gozar no momento em que chegarmos ao restaurante, você não acha?

— Eu estou - estou certa que você poderia. — segurei os braços e apertei minha cabeça contra o assento. — Você vai me fazer gozar enquanto aquele motorista observa?

Roth retumbou em seu peito. — Agora, isso seria divertido. Eu acho que eu apenas poderia fazer isso. Boa ideia.

— Não, não!

— Por que não?

Engoli em seco quando ele trouxe seu dedo médio longo e grosso contra meu clitóris. — Porque... É embaraçoso. Degradante.

— Ele não vai ver nada, exceto a minha mão sob seu vestido. Você está completamente coberta, Kyrie.

— Mas ele vai *saber* o que você está fazendo.

— Exatamente.

Tentei afastar a mão dele, mas ele foi implacável, e me deixou contorcendo no momento, me aproximando do limite com círculos

lentos e precisos, era tarde demais para fazê-lo parar, para querer que ele parasse, mas apenas consciente o suficiente para ficar mortificada e cheia de adrenalina por esse mesmo constrangimento, o que fez a sensação de clímax iminente ainda mais intensa.

— Roth...

— Ainda não, Kyrie. Não goze ainda. — ele continuou seus golpes em volta do meu clitóris, me deixando mais próxima com cada círculo.

— Eu vou gozar, Roth.

— Ainda não. — ele diminuiu o Bentley, e eu consegui um olhar para a esquerda, vi a expressão dos olhos do condutor quando meus quadris rolaram com a mão de Roth enterrada sob a borda do meu vestido. Eu arqueei minhas costas quando me aproximei do auge, mordendo meu lábio, incapaz de evitar que um gemido escapasse.

Quando eu estava a uma fração de segundo de gozar, Roth tirou sua mão e virou o carro em uma esquina e em um beco. Eu caí para baixo no assento, empurrando o meu vestido no lugar, respirando com dificuldade e lutando por compostura quando Roth estacionou ao lado de uma lixeira e suavemente deslizou para fora do carro. Minhas mãos tremiam, minhas coxas tremiam e meu sexo doía. Como é que ele sempre sabe quando estou a um suspiro do clímax? Ele sabia, no entanto. Ele sabia e estava se tornando um especialista em me levar até o limite, parando um pouco antes de eu gozar. Era enlouquecedor.

Cerrei meus punhos para impedir minhas mãos de tremer, e depois me forcei para fora do carro, alisando meu vestido ao redor

dos meus joelhos. Roth estendeu o braço para mim e eu o peguei, ainda com os joelhos fracos do meu quase orgasmo.

— Você é um idiota. — eu murmurei.

— Eu tenho o seu *interesse*, Kyrie?

— Eu estava brincando, Roth. Você tem um inferno de muito mais do que o meu interesse. — eu me concentrei em respirar, em afastar a dor entre as minhas coxas.

— Oh, eu sei.

— Então por que me punir?

Ele abriu a porta, segurando-a para mim. A porta de entrada era estreita e baixa, levando a um piso de azulejos em preto e branco ainda mais estreito, as paredes revestidas com fotografias antigas de Nova York nos anos 30 e 40 - uma variedade de personagens famosos e caminhões de entrega de leite e Frank Sinatra com seu sorriso marcante e cigarro. O corredor se abria para um pequeno restaurante italiano, mesas redondas com toalhas vermelhas e brancas quadriculadas emblemáticas e altas garrafas de vinho da casa.

Roth se inclinou para sussurrar no meu ouvido quando ele me levou entre mesas para sentar em uma cabine em um canto sombrio.
— Não é punição, amor. É preliminar.

— Preliminar? — coloquei meu vestido sob minhas coxas e deslizei pelo assento de vinil rachado. — Manter-me à beira do

orgasmo não é preliminar, é crueldade.

Em vez de tomar o assento à minha frente, Roth se sentou ao meu lado, colocando a mão entre minhas coxas com proprietária intimidade. Ele pegou minha mão e a levou para descansar em sua ereção. — Eu sei muito bem como é doloroso estar constantemente excitado, Kyrie. Eu tenho estado duro por você desde o momento em que acordei. Desde o momento em que conheci você, honestamente. — ele colocou sua boca em meu ouvido, moendo em minha mão. — Eu estou sempre duro por você, Kyrie. Eu sofro por você a cada momento de cada dia. Eu acordo durante a noite, depois de ter sonhado que estava enterrando meu pau dentro de você e quando acordo, estou a meros momentos de gozar em cima de mim como um adolescente com tesão. Estou desesperado para estar dentro de você, Kyrie. Essa tortura é para nós dois.

— *Signor Roth!* — um homem italiano corpulento com cabelos grisalhos e um brilhante sorriso branco cumprimentou Roth com um efusivo aperto de mão, discursando um fluxo incompreensível de rápido italiano.

Roth, é claro, respondeu em italiano fluente, então se virou para mim e fez um gesto para o proprietário. — Kyrie St. Claire, este é o meu grande amigo, Marco. Marco, esta é Kyrie.

— É um grande prazer em conhecê-la! Bem-vinda, bem-vinda! — Marco apertou minha mão como fez com Roth, uma mão rechonchuda em cima da minha, outra embaixo, apertando e sacudindo até que meu braço ficou dormente. — O especial da casa, *signore?*

— Surpreenda-nos, Marco. Vinho, é claro. — Roth sorriu para mim, segurando meu olhar.

Senti sua mão deslizar entre as minhas coxas, virando para encontrar meu monte sob o meu vestido, suas ações escondidas debaixo da mesa e então ele deslizou um dedo entre minhas dobras e o manteve ali, imóvel. Ele levantou uma sobrancelha em um claro desafio, ou um aviso. *Não faça um som*, sua sobrancelha arqueada dizia. *Não entregue nada*.

Eu, por sua vez lhe dei um sorriso ousado, espalmando a tenda em sua calça jeans. Cada um de nós tinha uma mão sobre a mesa, a outra escondida embaixo. Marco desapareceu, gritando ao entrar na cozinha.

Roth segurou o meu olhar, curvando seu dedo dentro de mim, roçando minha protuberância ainda sensível. — Eu espero que você goste de comida italiana. — disse ele em tom de conversa.

— É a minha favorita. — eu deslizei minha mão para cima e para baixo no comprimento de sua ereção dura como ferro, vestida de jeans.

— Bom, porque quando você come no Marco's, come até que você esteja estourando.

— Bem, eu estou faminta. — eu disse, trabalhando o seu comprimento lentamente com meus dedos. — Simplesmente faminta.

Os olhos de Roth se estreitaram e seu dedo acompanhado meu ritmo, me acariciando com toques lentos, provocantes. — Eu também.

A chegada de Marco impediu mais insinuações complicadas e ele colocou uma escura e empoeirada garrafa de vinho, um jarro e duas taças. — Um muito fino 75 cabernet, *signore*. Eu o guardei para um momento muito especial, e acho que é esse.

Ele tirou a rolha da garrafa, em seguida, limpou a borda com um guardanapo de pano. Havia um filtro de tela metálica na boca da garrafa, e Marco muito lentamente e com cuidado verteu o líquido rubi através da tela para dentro do jarro, deixando dois centímetros ou mais de sedimento espesso na parte inferior da garrafa e uma cortina fina de sedimento no filtro. Feito isto, ele inclinou uma das taças quase horizontal e derramou uma pequena quantidade de vinho, em seguida, a entregou para Roth, que o rodou várias vezes antes de tomar um pequeno gole.

— Isso é fantástico, Marco. Obrigado. — Roth devolveu a taça para Marco com um aceno apreciativo.

Você não saberia, a julgar pela expressão impassível no rosto de Roth, que ele estava ritmicamente ondulando seu dedo dentro de mim, roçando a ponta do meu clitóris, enviando raio após raio de prazer através de mim. Eu apertei sua ereção entre o meu dedo indicador e o polegar, mas sabia que se eu movesse o meu braço o movimento seria aparente, então eu simplesmente o apertei perto da ponta. Era um jogo e eu estava perdendo. Tudo o que ele tinha que fazer era entortar seu dedo e espasmos disparariam por mim. Levou cada grama de força e controle que eu possuía para não me mover, para não ofegar, para agir normalmente enquanto Marco enchia ambas as taças até o meio e as colocava à nossa frente. Ele se afastou, mas antes que eu pudesse abrir a boca para pedir Roth para parar, Marco estava de volta com um prato de pão de alho e duas pequenas saladas.

Roth pegou seu garfo de salada e a cavou, enquanto eu optei por uma fatia de pão. Ambos usamos a ausência de Marco como desculpa para elevar a intensidade do nosso jogo. Ele deslizou um segundo dedo dentro de mim e apertou as pontas contra o meu clitóris e acariciou lenta e suavemente, enquanto eu cavei a minha mão, o polegar e o indicador entre seu jeans e boxer para agarrar a pele nua. Apertei-o com força, uma vez, duas vezes, e depois afrouxei meu aperto e deslizei meu punho para baixo, em seguida, dei-lhe um aperto involuntariamente forte quando ele deslizou o nó escorregadio do meu clitóris entre seus dois dedos e o puxou, fazendo com que todo o meu corpo puxasse com o início do clímax.

Eu engoli o pedaço de pão e peguei outro, mastigando lentamente para disfarçar minha agitação interna. O pão era, na verdade, o mais delicioso pão de alho que eu já comi, ao mesmo tempo suave o suficiente para derreter na minha boca, mas crocante na casca, amanteigado e cheio de sabor. Eu o engoli com um pouco de vinho, que era diferente de tudo que eu já tinha experimentado. Eu só tomei o mais conservador dos goles, mas o sabor explodiu em minha boca, lavando sobre minha língua, um sabor tão espesso que quase podia mastigar, o líquido escorregou pela minha garganta e aqueceu todo o meu corpo quando ele desceu.

Então, não. Distrair-me com a comida não funcionou nada. Eu ainda estava mal mantendo o controle do meu corpo, o qual estava ficando sem controle, o esforço necessário para segurar meu orgasmo fazendo a necessidade de gozar ainda mais potente. A pergunta era, eu deveria lhe dizer o quão perto estava, sabendo que ele iria parar? Ou deveria manter o ardil o maior tempo possível, e correr o risco de gozar em público, possivelmente em voz alta e vergonhosamente?

Roth chegou à minha frente, se inclinando para sussurrar no meu ouvido quando ele pegou um pedaço de pão. — Você está perto, não é mesmo, querida? Eu sei que está. Eu posso sentir sua pequena

boceta estreita apertando em torno de meus dedos. — ele deslizou seus dedos em meu canal e eu quase aspirei meu pedaço de salada, um doloroso tremor me agarrando. — Eu deveria parar agora, não deveria? Eu não gostaria que você se envergonhasse no restaurante do meu amigo, não é?

Eu balancei minha cabeça, mas se eu quis dizer *não, não pare* ou *não, não me faça gozar*, eu não tinha certeza. Minha única resposta foi acariciar seu comprimento da raiz às pontas e depois agarrar ao redor de sua cabeça, em curtos e superficiais golpes apertados. Olhei de soslaio para ele e fui recompensada por uma expressão de concentração tensa, como se ele também estivesse tendo que focar em se segurar, tanto quanto eu estava.

Naquele momento, porém, ele retirou seus dedos e os deslizou de volta para dentro, em seguida, esfregou meu clitóris com meus sucos e circulou lentamente e eu fui incapaz de segurar uma respiraçãoafiada e uma ligeira elevação dos meus quadris.

— Pare, Roth. — eu sussurrei. — Pare. Ou vou gozar.

Roth abrandou, mas não parou, e em seguida, Marco apareceu à nossa frente com um prato de lasanha de queijo gigante, outra tigela de rigatoni^{15} grosso e molho de carne, e um terceiro prato de frango a parmegiana com uma pequena porção de linguini^{16} ao lado. E, claro, Roth escolheu aquele momento para me acariciar assim, apenas no lugar certo com a pressão perfeita e eu gozei. Eu não podia fazer um som, não podia me mexer, não me atrevi sequer a respirar, e tudo que eu podia fazer era sentir a explosão rasgar através de mim, sentindo minha boceta apertar como um grampo em torno de seus espessos dedos deslizando, dirigindo o clímax maior e mais quente. Apertei o pau de Roth, apertei meu garfo e olhei para a mesa, meus dentes rangendo juntos e um grito borbulhando em meus lábios.

Esse foi, possivelmente, o orgasmo mais potente que eu já senti, foi sujo e escandaloso e tudo mais intenso por ocorrer em uma mesa de restaurante em plena vista do proprietário, que estava listando os pratos e discursando eloquente sobre a comida que ele traria a seguir, e eu ainda estava gozando, onda após onda batendo em mim, fazendo minha barriga tensionar e minhas coxas apertarem a mão de Roth com pressão...

Eu não consegui evitar que um gemido abafado escapasse.

— *Signora?* Você está bem? — Marco me deu um olhar estranho.

Eu assenti, lutando para respirar. — Sim. — tossi para cobrir outro suspiro. — Sim, eu só... Aham. A salada... Desceu errado... Pelo lado errado. — eu levantei o pedaço meio comido do pão na minha mão como prova, então percebi a minha gafe. — Pão. Eu quis dizer pão. É bom. Ah... *tão bom*. — a última frase saiu com uma intensidade chocante, quando mais uma onda balançou através de mim e agora Marco estava olhando para mim como se tivesse brotado uma segunda cabeça.

Roth, é claro, estava perfeitamente composto, como se seus dedos não estivessem deslizando dentro e fora de mim em uma penetração irritantemente lenta, fazendo o que parecia ser um clímax interminável.

— É apenas pão de alho, *signora*, receita da minha esposa... Se você gosta tanto, talvez eu possa lhe dar a receita? — Marco olhou de mim para Roth e de volta.

— Eu, não, hum...

— Ela só está sobrecarregada. — Roth diz — É sua primeira vez em Little Italy.

— Ah, bem, isso eu entendo. — disse Marco. — A comida aqui não pode ser igualada a qualquer lugar do mundo, talvez até na Itália. E, é claro, que você escolheu o melhor *ristorante* em Little Italy.

O orgasmo foi diminuindo, eu finalmente recuperei algum tipo de controle, então sorri para Marco. — Isso parece delicioso, Marco. Eu mal posso esperar para experimentar tudo.

— Então, chega de falar! — Marco fez um gesto grandioso para os pratos de comida. — *Mangia!*

Eu fui para a lasanha primeiro e agora que eu estava no controle de minhas faculdades de novo, retomei a acariciar Roth com toques lentos, sutis e leves, aumentando o meu ritmo quando eu o senti tenso ao meu lado, eu vi seu punho agarrar o garfo até que ele se curvou sob o polegar, sua outra mão se retirado de minhas dobras e segurando minha perna com força de ferro. A dor de seu aperto na minha coxa valia o conhecimento de que ele mal estava se segurando. Seu maxilar estava cerrado, o seu tronco inclinado para frente, sua coxa tensa debaixo do meu braço, sua respiração se tornando irregular.

Seus quadris se levantaram uma vez, e então ele agarrou meu pulso e o empurrou para longe. — Basta. — ele rosou. Ele colocou as duas mãos sobre a mesa, a cabeça inclinada, respiração vindo em longos e ásperos grunhidos, cada músculo de seu corpo tenso enquanto ele visivelmente se esforçava para se segurar. Depois de vários longos minutos, ele finalmente relaxou e se virou para olhar

para mim. — Eu sou um homem de trinta e seis anos de idade e quase gozei na calça.

Eu sorri para ele e dei de ombros. — Reviravolta é um jogo limpo? Você me fez gozar na frente de Marco. Você acha que isso não foi embaraçoso?

— É diferente. — disse ele.

Eu fiz uma careta. — Ah, é?

— Bem, sim. Você goza e não tem que lidar com uma bagunça. — ele mudou seus quadris como se estivesse desconfortável. — Eu estou um pouco... Úmido... Do jeito que está.

Eu enfiei meus dedos sob a cintura da sua calça jeans para tocar sua boxer e senti um grande círculo molhado de pré-sêmen. Eu sorri para ele, retirando a minha mão e enfiando meus dedos entre os seus. — É só um pouquinho. Não é grande coisa.

Ele me deu um suspiro e um aceno de cabeça. — Eu não tinha a intenção de realmente fazer você gozar. Eu queria torturá-la um pouco mais, mas a forma como você goza é simplesmente muito sexy para resistir e sentir você gozar em torno de meus dedos no meio do restaurante do meu amigo... Sem fazer um som ou revelar nada... Era impossível parar.

Eu esperei até que ele tivesse um gole de vinho antes de me inclinar para sussurrar em seu ouvido. — Isso ainda era uma tortura. Qualquer coisa menos do que o seu pau dentro de mim é uma tortura. Eu não preciso gozar mais, Valentine. Eu só preciso sentir você dentro de mim.

Ele engoliu em seco - com dificuldade, aparentemente - e baixou sua taça com força. — Se você tem qualquer intenção de terminar sua refeição, é melhor manter esses sentimentos para si mesma.

Eu tremi ao calor escaldante em seus olhos quando ele fez a ameaça. — Ah, é? Vai me carregar para fora sobre seu ombro, no estilo homem das cavernas?

— Talvez. — ele tomou outro gole de vinho, um pedaço de massa, mais um gole de vinho e um pedaço de pão. — Coma. Você vai precisar de sua força, amor. Eu garanto isso.

Eu comi, sentindo um aperto no meu sexo com a implicação de suas palavras. Não pude deixar de empurrá-lo. — Você realmente não faria, no entanto. Você é muito digno para isso.

Ele só me cedeu um breve olhar. — Não faria o quê?

— Me carregar para fora no estilo homem das cavernas.

— Ah, não? — Roth arqueou uma sobrancelha para mim, como se divertisse, em seguida, olhou para longe, em direção à cozinha. — MARCO!

Marco veio correndo. — *Signore?*

— Empacote isso para nós. Arrolhe o vinho também. — ele olhou para mim, seus olhos acendendo fogo azul claro. — Algo... Surgiu.

— Certamente, é claro. Posso perguntar, está tudo...

— Está maravilhoso, como sempre, Marco. Kyrie e eu temos apenas algum... Assunto pessoal para atender.

Marco se deslocou no lugar desconfortável, talvez percebendo o que Roth queria dizer. — Claro, senhor. *Un Momento, per favore.* — ele se movimentou rapidamente, gritando em italiano.

Roth, por sua vez, apenas continuou a comer sem pressa, acompanhando cada mordida com um pequeno gole de vinho. Eu tentei imitá-lo, agindo despreocupada e casual, mas fui totalmente mal sucedida. Eu não estava com medo por si só, sabendo que ele nunca realmente me machucaria, mas eu estava nervosa, ansiosa, querendo saber se ele realmente estava prestes a me jogar por cima do ombro como uma espécie de homem-macaco. Isso seria embaraçoso, para dizer o mínimo.

Eu comi mais algumas mordidas e terminei o espesso vinho rubi da minha taça, bem quando Marco estava voltando com as caixas de comida para viagem. Ele de forma rápida e eficiente embalou a comida, empilhando os recipientes em um saco de papel, em seguida, enfiou a rolha para dentro da garrafa de vinho e colocou-a no saco também. Ele fez uma cara de desaprovação quando ele colocou a rolha na garrafa.

— Este vinho, *signore*, não deve ficar dessa forma por muito tempo, ele deve respirar...

Roth deslizou suavemente para fora da cabine e se levantou, enxugando a boca com um guardanapo. — Sim, Marco. Eu entendo. Obrigado. — ele tirou a carteira do bolso interno do blazer, vasculhou

as notas, e então, com um bufo impaciente, simplesmente jogou toda a pilha sobre a mesa.

Eu vi, em uma rápida olhada, pelo menos cinco ou seis notas de cem dólares e isso era apenas o que estava no fundo. Tinha de haver uns mil dólares lá, eu suponha. Antes que eu pudesse processar outro pensamento, Roth tinha guardado a carteira e estava se virando para mim. Eu me movi para fora da cabine e me levantei, ajeitei o vestido, e me movi para a porta.

— Oh, não, você não vai. — a voz de Roth estava tranquila, mas atada com potência.

— Roth...

Ele não me deixou terminar. Ele deu um passo na minha frente, abaixou seu ombro, e varreu-me. Eu gritei em protesto quando minha barriga bateu seu ombro, mas depois estávamos nos movendo pelo baixo corredor estreito e saindo pela porta. Eu peguei um vislumbre de Marco, observando, atordoado, na cabine, a pilha de notas esquecidas em sua mão.

Lá fora, a noite estava quente e calma, o vento do início do dia tinha diminuído. Eu tive pouco mais de um segundo para processar os sons de Nova Iorque - buzinas, vozes, freios a ar guinchando, sirenes à distância - e o cheiro do beco - alho e alimentos cozidos enfraquecidos pelo doentio amargor azedo de lixo - e em seguida, Roth estava abrindo a porta do passageiro com uma mão, todo o meu peso sobre seu ombro, seu braço sobre minhas coxas me segurando no lugar.

— Ponha-me no chão! — eu assobieei. — Eu acredito em você, ok?

— Tarde demais para isso. — ele deu um forte tapa na minha bunda, forte o suficiente para me fazer suspirar quando a ardência de sua mão passou por mim. — Tarde demais. — outro tapa, do outro lado, este forte o suficiente para me surpreender em um indigno chiado de protesto.

— Tudo bem! Desculpe-me! — no espírito do momento, eu bati em suas costas com os punhos, a única coisa certa a fazer quando pendurada no ombro de um homem.

— Desculpe? — ele parecia genuinamente divertido. — Você não precisa se desculpar. Você não fez nada de errado. Você simplesmente me desafiou acabando com o meu autocontrole. — ele alisou a mão sobre a minha bunda ainda latejando e depois me deu um terceiro tapa, este beirando a dor.

E então ele me colocou para baixo, me pegando em seus braços e me estabelecendo com fácil graça no banco do passageiro, me manipulando como se eu fosse uma criança insubordinada sonolenta. Ele até colocou o cinto em mim, ignorando o meu olhar indignado. Ele teve o Bentley rugindo para o tráfego, e desta vez ele dirigia de forma imprudente, costurando ao redor dos carros mais lentos, em contramão uma vez, ultrapassando quando havia um espaço aberto na linha de tráfego.

Agarrei no braço do assento com os nós dos dedos brancos. — Roth, você não tem que...

— Nem uma palavra, Kyrie. — ele não olhou para mim, sua voz retendo intensidade tranquila. — Uma palavra sua e vou lhe dar um tapa. Eu vou virar para o beco mais próximo e foder você onde está sentada. Você está corada e nervosa e a coisa mais linda que eu já vi, e você cheira a vinho caro, boa comida e boceta. Estou mal

conseguindo manter meu controle agora, então se você quer que a nossa primeira vez juntos tenha qualquer coisa como romance nela, basta se calar. Tudo bem, amor?

Eu só assenti e fiquei quieta conforme Roth nos levou através do espesso tráfego de fim de noite de volta ao seu prédio. Ele entrou em sua garagem privada, tocando um botão para abrir a porta quando nos aproximamos. Ele desligou o carro e minha porta foi aberta antes que eu pudesse desatar o cinto, sua mão na minha me colocando em pé e me puxando para o elevador. Assim que as portas do elevador se abriram, ele me bateu contra a parede, com força suficiente para tirar o ar de mim momentaneamente. Ele virou uma chave e o elevador começou a subir. Sua boca se chocou contra a minha, com fome e devoradora, sua língua varrendo na abertura dos meus lábios. Suas mãos contornando meu rosto com uma gentileza em desacordo com a necessidade feroz de seu beijo, e em seguida, as palmas de suas mãos deslizando sobre meus ombros e para baixo da minha cintura para segurar meus quadris, me puxando contra ele, pressionando sua dura ereção contra mim. Eu gemia em sua boca, e seus dedos agarraram na carne firme de meus quadris, agrupando o algodão do meu vestido para cima para prender os globos grossos da minha bunda com as duas mãos, seus dedos duros, insistentes e exigentes. Eu ofeguei com a forma que suas mãos me agarraram, como se ele não pudesse suportar se segurar por mais tempo, como se o resto de seu controle houvesse se esgotado.

— Roth... — eu sussurrei, puxando minha boca da dele apenas o suficiente para mover os meus lábios nos dele. — Eu não estou com medo. Eu quero tudo.

As portas do elevador se abriram e Roth me virou, colocou um braço sob as minhas coxas e me levantou, me levou pelo corredor e para o quarto dele, chutando a porta fechada com o calcanhar. As paredes de vidro deixavam entrar a luz da cidade e os quadros queimando de brilho âmbar dos arranha-céus em toda a rua. Ainda

me segurando em seus braços, de alguma forma, Roth enfiou a mão no bolso, encontrou o seu celular, deslizou o polegar para desbloqueá-lo e tocou em um aplicativo, tocou outro botão e o vidro ficou fumê. O quarto ficou escuro, um breu em um instante. De repente, meus outros sentidos aguçaram. Senti seus braços musculosos sob minhas pernas e ao redor das minhas costas, seu abdômen tenso contra a minha lateral, suas mãos firmes e suaves. Senti o cheiro de nosso jantar em suas roupas, vinho em seu hálito, familiar perfume picante em sua pele.

Sua voz quebrou o silêncio, baixa e áspera. — Você quer tudo, Kyrie?

— Sim, Valentine. Tudo.

— Você tem alguma ideia do que está pedindo, querida?

— Eu acho que tenho uma ideia.

Eu senti seus lábios nos meus, um beijo rápido e áspero. — Eu não acho que você tenha. — ele atravessou o quarto comigo e eu ouvi o seu pé bater na cama. Ele parou, se inclinou e me estabeleceu. Eu podia sentir sua presença esmagadora, embora eu não conseguisse ver nada. — Você ainda pode sair, Kyrie. Esta é a sua última oportunidade.

Eu me estendi, o encontrei com minhas mãos, deslizei as palmas das mãos sobre seus ombros e o puxei para mim. — Eu estou onde eu escolhi estar, Valentine.

Seu grunhido de aprovação tomou conta de mim. — Boa resposta. — sua boca cobriu a minha e nossas línguas se

emaranharam. — Diga-me, a quem você pertence, Kyrie?

— Você.

— Diga isso.

— Eu sou sua.

— Tente outra vez. — seu peso se estabeleceu na cama, as mãos ao lado do meu rosto, seus joelhos em cada lado meu.

Eu sabia instintivamente, nessa altura, as palavras que ele queria ouvir. Eu não senti nenhuma hesitação em dizê-las. — Eu pertenço a você, Valentine. Você me possui.

— Sim. Você é minha. — eu ouvi sua voz se movendo do meu rosto descendo para o meu peito quando ele se inclinou para pressionar seus lábios na minha pele, de alguma forma, encontrando com precisão infalível na escuridão, a corada pele quente do meu decote.

E então ele estava fora da cama, se afastando. Vi o brilho de seu celular, ouvi o clique de um teclado digital enquanto ele enviava uma mensagem. A quem ou por que não poderia imaginar e eu realmente não me importava, exceto que eu o queria de volta, queria suas mãos na minha pele, queria senti-lo tirar minha roupa, me beijar e conduzir o seu grande pau duro em mim. Eu não podia esperar outro momento para senti-lo, saboreá-lo, para tê-lo.

Eu ouvi o som dele colocando seu celular para baixo, um momento ou dois de silêncio e o baque de sapatos sendo deixados de

lado. Outro som, que eu não conseguia decifrar. Roth pegando algo, possivelmente, de um prato? Eu não tinha certeza. Então eu ouvi um clique como um arranhão e vi um jato de chamas iluminando a mão de Roth segurando um isqueiro, uma parte de seu braço, e uma vela branca em um suporte de prata. Eu deitei na cama, observando conforme Roth se movia pelo quarto, tocando o pavio aceso em pelo menos, uma dúzia de velas apagadas. Em poucos minutos, o seu quarto estava iluminado pelo brilho âmbar, suave e bruxuleante de luz de velas.

Ele atravessou o quarto lentamente, movendo-se com uma graça predatória. — Levante-se, Kyrie. — eu levantei, tremendo de ávida ansiedade, olhando para ele, tentando agir sem medo, quando na verdade o meu coração estava tremendo loucamente em meu peito. — Você... Você é de tirar o fôlego, Kyrie. Tão linda. — sua voz era um murmúrio reverente.

Ele estendeu a mão e tocou minha bochecha, seu dedo quente, um pouco áspero. A ponta dos dedos arranhando, sempre muito gentil em meu rosto, até minha orelha, afastando uma mecha solta de cabelo, imitando o jeito que ele havia me tocado a primeira vez. Aquele dia, parecia há tanto tempo, como semanas ou meses tivessem se passado, ao invés de meros dias. Eu permaneci imóvel em frente a ele, observando a maneira como seus olhos me percorriam, a maneira que ele parecia estar abraçando este momento, levando tudo de mim, realmente me vendo, dentro de mim, me conhecendo. E eu o conhecia. Eu tinha visto partes de seu coração, parte de quem ele era. O suficiente para saber que ele era real, que era diferente, que era algo incomparável e eu estava pronta, esperando e delirantemente despreparada para o que estava prestes a acontecer entre nós.

Ele piscou uma vez, seu olhar se movendo do meu rosto até meus seios. Eu respirei fundo e ele viu o meu peito inchar. Roth pegou o zíper do meu vestido entre o indicador e o polegar, puxando-

o para baixo lentamente. Nenhuma parte dele estava me tocando, mas eu senti seu olhar como uma carícia. O zíper abaixou, e meu vestido afrouxou. Roth passou uma palma da mão sobre meu ombro, deslizando a manga do meu vestido para fora. Ele fez de novo, do outro lado e eu balancei meus ombros, trouxe meus braços juntos a minha frente, deixando o vestido cair ao meu redor, ondulando para reunir aos meus pés, deixando-me vestida com o meu sutiã e nada mais.

Ele chegou por trás de mim e tirou meu sutiã, o jogando de lado. Meus mamilos enrijeceram, endurecendo em firmes picos sob seu olhar quente. Eu esperava que ele me tocasse, mas ele não o fez. Ele se inclinou passando por mim, levantando algo da cama. Uma pequena peça de roupa de seda vermelha e um pedaço de renda preta.

Roth pegou meus pulsos em uma de suas mãos e levantou meus braços sobre minha cabeça. Ele deslizou a seda vermelha sobre meus braços, guiando minhas mãos, puxando a roupa para baixo no lugar. Ele ajustou os meus seios no bustiê até que eles mal estavam cobertos, os topos de minhas auréolas espiando, a bainha de seda descansando logo acima do meu umbigo.

Ele correu os olhos por mim, da cabeça aos pés, balançando a cabeça ligeiramente. — Como você pode ser tão perfeita, Kyrie? — eu só podia dar de ombros. Ele levantou o longo pedaço de renda preta em ambas as mãos. — Você está pronta?

Em resposta eu estendi minhas mãos, os pulsos juntos, oferecendo a mim mesma.

Capítulo 10

Possuída

Roth amarrou o laço em torno dos meus pulsos, solto o suficiente para que não doesse, mas firme o suficiente para que eu ficasse bem e realmente presa. Amarrada. Totalmente à sua mercê. Eu testei os laços e sabia que estava segura e firme.

Apesar de saber que eu estava perfeitamente segura com Valentine Roth, senti um vislumbre de medo. Eu nunca fui amarrada antes. Eu nunca estive tão completamente submissa a um homem antes. Naquele momento, eu sabia que faria praticamente qualquer coisa que ele me pedisse. E eu estava bem com isso, porque sabia que ele não iria me pedir para fazer qualquer coisa que não quisesse, que não apreciaria.

Um grunhido saiu de seus lábios e ele estendeu a mão para mim, agarrando minha bunda e me puxando contra ele, segurando na parte de trás do meu pescoço e minha bunda para me segurar firme contra ele, seu jeans áspero contra a minha pele, seu pau grosso atrás do jeans, duro e forte. Roth invadiu a minha boca com a sua, um beijo tão furiosamente desesperado que fiquei sem fôlego quando ele se afastou. Ele segurou ambos os lados da minha bunda e me levantou e eu envolvi minhas pernas em sua cintura, colocando minhas mãos amarradas atrás da sua cabeça, me inclinando para beijá-lo, exigindo a sua paixão com o meu beijo. Ele deu um passo, outro e depois se inclinou para frente, deixando o meu peso me derrubar na cama, meus pulsos na parte de trás do seu pescoço puxando-o para mim, mantendo o beijo ininterrupto, as bocas se movendo, nossos lábios degustando e dentes beliscando, línguas se

fundindo e embaraçando, e eu senti o calor na minha barriga, uma dor que nunca foi saciada, um desejo feito um vulcão potente por sua provocação torturante com os dedos e a boca, nunca me dando a plenitude de seu corpo.

Roth se esquivou de meus braços e recuou, retirando o seu blazer. Levantei-me ficando sentada, tentando alcançá-lo, agarrando um pedaço de sua camiseta, o mantendo ao meu alcance. Eu puxei com ambas as mãos atadas no algodão e ele se inclinou para me deixar tirar a sua camiseta. Em seguida estendi as mãos para suas calças, me inclinando para beijar-lhe o esterno e enquanto os meus lábios passeavam sobre o seu peito, senti as batidas do seu coração, um ritmo destacado pelo nervosismo, refletindo o meu. Ele estava aparentemente calmo e controlado, apesar do que o pulso revelava. Ele ficou parado, olhando para mim com uma sugestão de um sorriso curvando sua boca, enquanto eu me atrapalhava com o botão da calça jeans, e em seguida, um pouco sem jeito com os pulsos amarrados, baixei o zíper. Puxei o jeans para baixo até os joelhos e ele saiu deles. Com os meus pulsos amarrados eu só conseguia colocar uma mão dentro do elástico da sua boxer. Eu a puxei para baixo pela frente, revelando a cabeça larga e arroxeada de seu pau grosso esperando por mim. Eu usei o elástico para puxá-lo para mais perto e me inclinei e lambi a gota de líquido claro de sua cabeça, então passei meus lábios em torno dele, provando-o, salgado e suavemente flexível.

Ele se afastou, seu pau saindo de minha boca com um *pop*, e então ele empurrou a boxer, saindo delas e vindo para mim. Nu, Roth era enorme, um espécime difícil de homem perfeito, músculos tonificados e definidos e a pele bronzeada pelo sol. A visão dele deixou minha boca seca, fez a minha boceta apertar e gotejar com desejo, o meu sexo molhando conforme a fantasia de seu poderoso corpo de guerreiro cobrindo o meu se tornava uma realidade. Eu observei quando ele se arrastou para a cama, o meu coração na garganta. Seu pau era grande, saliente, sacudindo e balançando de um lado para o outro enquanto ele rondava por cima de mim, me

forçando a deitar quando ele se moveu sobre mim. Eu mal podia engolir depois das batidas do meu coração, mal conseguia respirar, mas, em seguida, sua boca estava na minha e eu não precisava respirar, porque ele era o meu fôlego naquele momento, seu pau duro e quente deslizava naturalmente em minhas mãos, amarradas na minha frente e presa entre nós.

— Kyrie... Eu preciso sentir você. Preciso beijar sua pele. Eu tenho que provar a sua beleza. — sua voz murmurada, ressoou e eu só podia suspirar em resposta, arquear as costas e acariciar seu comprimento com as minhas mãos amarradas.

Ele baixou o rosto em meu pescoço, sua língua deslizando contra a cavidade, fazendo cócegas e deixando um quente rastro. Outro beijo, este na pele entre meus seios, seguido por meia dúzia de beijos mais lentos sobre as curvas dos meus seios até à borda da minha aréola, e então ele estava puxando o bojo, descobrindo meu seio e levando sua língua sobre meu mamilo, que enrugou e apertou em uma ponta dura em sua boca.

Ele agarrou meus pulsos e os puxou por cima da minha cabeça. Puxou o outro bojo para baixo e beijou o mamilo tenso por atenção.

— Deus, Kyrie. Você fica linda nessa seda vermelha. — a voz de Roth cantarolava contra a minha pele. — Mas agora é hora de tirar.

Ele agarrou os bojos do bustiê, e então, com um único puxão forte de suas mãos, a seda rasgou como papel descobrindo a minha frente.

— Você... Você gosta de rasgar minhas roupas.

— Sim. Eu gosto. — ele afastou as bordas irregulares para o lado, lambeu e beijou meus seios como se não pudesse obter o suficiente deles. Seus olhos encontraram os meus. — Você está molhada para mim?

— Sim. — eu sussurrei.

— Eu não posso te ouvir.

— Sim. — eu disse com uma voz normal. — Eu estou molhada. Estive molhada o dia todo.

— O dia todo?

Eu assenti. — Desde o momento que eu vi você sentado naquela mesa da copa, bebendo o seu chá e parecendo propriamente Inglês. Você é o homem mais sexy que já conheci, Valentine. Eu nunca quis tanto um homem em toda a minha vida.

— E agora você está nua para mim. — seu olhar saltou para baixo em meu corpo nu, descansando em minha boceta e depois de volta para cima.

— Eu ainda estou usando meus sapatos. — eu disse. — Então, não estou *totalmente* nua.

Ele se virou no lugar e olhou para os meus pés, que ainda estavam calçados com as sandálias de tiras. — Você está. Nós vamos ter que resolver isso.

Roth deslizou de cima de mim, levou meu pé à frente dele e soltou a sandália, em seguida, a jogou para o lado. Ele beijou meu tornozelo, a parte superior do meu pé, beijou minha perna enquanto soltava a sandália e jogava para se juntar a outra. Seus lábios deslizaram pela minha perna para o lado suave do meu joelho e então coloquei minha perna por cima do seu ombro, enquanto ele continuava a plantar uma linha de beijos até o interior da minha coxa. Sua língua rodou na abertura da minha boceta e eu tremi.

— Espere... Minha outra perna. Ela se sente deixada de lado.

A risada de Roth foi um estrondo divertido. — Isso não é nada bom, não é?

— Não.

Ele se ajoelhou entre minhas pernas, um dos meus joelhos enganchado por cima de seu ombro, o outro flexionado em direção a ele. Um beijo suave no arco do meu pé, fazendo cócegas, outro na lateral do meu pé, depois logo acima dos meus dedos e então no tornozelo. Agora, meus dois joelhos estavam descansando em seus ombros e sua boca estava pressionando minha abertura molhada, lambendo e beijando, sua língua curvada para deslizar entre meus lábios escorregadios, a ponta da língua separando meus lábios e empurrando meu sensível e inchado clitóris. Eu ofeguei em voz alta, arqueei as costas e suas mãos pegaram meus quadris, levantaram minha bunda da cama, trazendo minha boceta à sua boca e deslizando em meu sexo com grandes lambidas. Ofeguei novamente, com os punhos cerrados e em seguida, deixei escapar um gemido, arqueei minha coluna e enrolei as minhas pernas para ajudá-lo a erguer o meu corpo mais perto. Sua barba estava deliciosa, uma lixa áspera contra a minha pele macia enquanto seu rosto se movia e seus dedos escavavam a carne e músculos da minha bunda e sua língua lançava dentro de mim de novo e de novo.

O calor e pressão se formando em meu sexo se tornou um inferno, meus suspiros e ofegos se tornaram gritos e gemidos, e então eu estava lá, tremendo à beira do orgasmo, o seu nome em meus lábios. Mas então ele me soltou no colchão, sua boca deixou minha fenda e seu nome se transformou em uma maldição.

— Porra! Roth, por favor! Não pare... Não me provoque mais, me deixe gozar, me deixe gozar em sua boca...

— Na minha boca? — ele mordeu meu seio, seus dentes beliscando com apenas um toque de dor. — Oh, não. Não na minha boca. A próxima vez que você gozar, será em torno do meu pau. E você estará gritando.

— Então dê para mim, Roth.

Ele mordeu meu outro mamilo, provocando um grito de protesto que se transformou em um gemido quando ele levou o bico espesso em sua boca e chupou, acalmando a dor e enviando uma linha de dor e prazer como um puxão em meu sexo. — Não, minha linda. Ainda não. Eu não acho que você está pronta ainda.

— Eu estou... Eu não aguento mais. Você está me torturando há dias, por favor... Eu preciso de você dentro de mim. — me movi para colocar meus braços em torno dele, mas seus dedos pegaram meus pulsos prendendo contra o travesseiro sobre minha cabeça. — Você quer que eu implore? Tudo bem, vou fodidamente implorar. *Por favor*, Valentine. Eu preciso de você. Eu preciso do seu pau dentro de mim. Por favor, me fode. Por favor.

Ele rosnou com um som sem palavras de desaprovação. — Não, Kyrie. Eu disse uma vez. Eu não vou *foder* você. Eu odeio essa palavra como um termo para o sexo. Pelo menos, quando se trata de

você. Você é a coisa mais preciosa da minha vida, Kyrie. Você merece muito, *muito* mais do que uma mera foda. Então, tente de novo.

Eu não podia começar tudo isso de novo, então envolvi minhas pernas em volta de sua cintura e levantei meus quadris, buscando sua dureza com a minha suavidade, encontrando o seu enorme pau duro e deslizando meu calor liso ao longo dele, esfregando contra ele. — Por favor, Valentine. Só... Por favor. Chega de jogos. Faça amor comigo.

Ele me deixou esfregar nele alguns momentos mais e então me acalmou com uma mão em meus quadris. — Sim. Deus, sim. — ele girou seus quadris, passando seu pau em meus lábios, se cobrindo com meus sucos. Então, lentamente, muito lentamente, ele recuou, segurou seu pau em uma mão e apertou a ponta do meu clitóris, deslizou para baixo na minha abertura e empurrou para dentro de mim. — Merda, Kyrie. Eu mal estou dentro de você, e você já está apertada.

— Você vai se encaixar. Apenas... Vá devagar.

— Não se preocupe, amor, nunca vou machucá-la.

— Eu sei. — eu ainda segurava e respirei seu cheiro, olhando para os seus olhos presos nos meus. — Mais. — me movi contra ele, revirando os quadris para tomar mais dele.

Ele gemeu baixo em seu peito. — Mais? — os olhos de Roth estavam vidrados, seu olhar azul claro nunca deixando os meus quando ele avançou mais profundo, sua espessura me enchendo de dor e plenitude. — Assim?

Quando eu peguei fôlego, balancei minha cabeça. — Não. Mais fundo. Mais. — ele empurrou em uma lenta e dolorida penetração. Ofeguei, uma inspiração aguda de surpresa quando ele me encheu. Puta merda. Eu senti como se estivesse prestes a me partir, uma dor ardente que logo se transformou em êxtase enquanto eu me ajustava a seu tamanho. — Sim, assim. Deus, você é foddidamente enorme.

Ele sorriu para mim na névoa a luz de velas. — Você pode ter mais?

Meus olhos se arregalaram. Eu senti sua grossura com as mãos, acariciei seu comprimento, mas não poderia me preparar para a realidade da forma como seria senti-lo dentro de mim. Eu só poderia inclinar a minha cabeça em um leve aceno, e então ele se inclinou para me beijar, enfiando a língua na minha boca e apalpando meu seio enquanto me acariciava completamente. Santo inferno. Eu não conseguia respirar, dor, queimação, esticando, perfurando. Eu forcei minha respiração para sair e então pisquei enquanto minha cabeça limpava, absorvi seu pau duro como aço revestido em seda dentro de mim. Ele segurou meu seio, em seguida, rolou meu mamilo entre os dedos, enviando um pequeno tremor através de mim. Ele ainda não havia se movido, mas eu tremia de delírio com a forma como me sentia com ele dentro de mim, mesmo imóvel.

Eu plantei os meus pés no colchão e rodei meus quadris, o deslizando parcialmente para fora, e em seguida de volta e eu suspirei. — Se mexa comigo, Valentine. Por favor.

Ele gemeu, tocou sua a testa na minha, liberou meus pulsos e plantou as mãos logo abaixo meus braços levantados. — Não se atreva a mover um músculo, Kyrie. Fique quieta. Perfeitamente imóvel. Apenas me leve. — ele tirou quase todo o caminho e parou ali. — Não fale, exceto para dizer o meu nome.

Eu assenti, com os punhos cerrados no esforço para me manter imóvel, o deslizar lento quando ele tirou enviou um frenesi de emoções tremendo através de mim, deixando acesa a minha necessidade de me mover para senti-lo deslizando dentro de mim. Mas eu permaneci imóvel, pelo menos até que ele roçou seus lábios sobre os meus, respirando comigo, sua língua saindo rapidamente para traçar meus lábios. E então eu não podia deixar de beijá-lo de volta, então ele tomou o meu beijo e multiplicou, cedendo à necessidade, seu pau pairando simplesmente dentro de mim, só as nossas bocas se movendo.

Nós nos beijamos com uma intensidade feroz, bocas colidindo, as línguas se emaranhando e a respiração vindo irregular e áspera.

E, em seguida, combinando um impulso de sua língua em minha boca, ele afagou dentro de mim, me espetando com seu enorme pau, deslizando lentamente para que sua cabeça abrisse minha boceta, empurrou para dentro até a base. Nossos quadris se encontraram e eu estava desesperada para me mover, tremendo.

— Roth...

— Isso foi bom, Kyrie? — ele se retirou, beliscou meu mamilo entre os dedos de uma mão. — Você quer isso de novo? — eu quase assenti, mas não o fiz. Eu apenas lhe dei todo o desespero que sentia com um olhar suplicante. Ele franziu o cenho e deslizou em mim, suave e lentamente, e desta vez eu gritei, um som sem fôlego. — Você me leva tão lindamente, Kyrie. Você pega tudo de mim e quer mais. Não goze ainda, baby. Não goze ainda. Não se atreva a gozar até que eu diga que você pode.

Engoli em seco e me forcei a permanecer imóvel, mãos cerradas sobre a minha cabeça, pernas estendidas e afastadas para acomodar os seus quadris. — Valentine... Ahhh... — eu estava perto.

Ele sabia disso. Certamente, ele sentiu no tremor latejante da minha boceta, a maneira como minhas paredes apertaram ao redor dele, a maneira que eu não poderia acalmar a minha respiração, a forma como os meus quadris estavam subindo e descendo por conta própria em uma ligeira vibração, apesar de meus comandos mentais para ficarem quietos.

Mas ele estava respirando com dificuldade, também, apesar de só ter empurrado em mim algumas vezes. Cada músculo estava tenso, fazendo dele uma escultura de pele macia e pedra ajoelhada sobre mim. Sua boca cobriu meu seio, sua língua deslizando sobre meu mamilo, sugando meu seio em sua boca e me fazendo inalar bruscamente, e em seguida, ele fez isso no outro seio, então ele estava apertando meus seios juntos e lambendo os mamilos de uma só vez, e eu estava impotente, incapaz de ficar parada, minha coluna curvando sozinha, levantando meus seios em sua boca quente e úmida.

Ele se moveu, levando seus quadris contra os meus e desta vez, quando seu pau grosso, duro e latejante me penetrou, eu gritei, era um som alto, rompendo o quarto silencioso. — Sim! Valentine... Oh, Deus.

— Isso foi mais do que apenas o meu nome, Kyrie.

— Eu sei... Eu não posso evitar.

Ele empurrou em mim de novo e eu gemi ainda mais alto. — Você pode dizer o que quiser. Basta continuar imóvel.

— Por quê?

— Por quê? — outro impulso lento e outro, depois uma pausa.
— Porque desta vez eu só quero sentir sua pequena boceta apertada ao meu redor. Nada mais. Apenas o aperto de sua boceta. — eu odiava essa palavra normalmente. Mas vindo de Roth, soava bem. Eu não sabia por que, mas soava.

Ele empurrou em mim mais uma vez, e desta vez ele começou um ritmo dolorosamente lento na intenção de me deixar louca e teve sucesso. Eu gemia com cada golpe, lutando para permanecer imóvel enquanto Roth provocava e me torturava com golpes extremamente lentos, me enchendo centímetro por centímetro, me dividindo com seu escorregadio pau duro, então o retirava da mesma forma lenta me deixando dolorida com o vazio, com a necessidade de me mover para trazê-lo de volta dentro de mim, como se sua ereção me enchendo fosse tudo o que eu precisava para estar completa.

Eu senti o brilho de suor que cobria seu corpo, ouvi sua respiração ficando irregular e senti seu corpo tremendo enquanto lutava para manter o ritmo tortuosamente lento que ele estabeleceu para si mesmo.

— Mais rápido, Valentine. Não se segure. Dê-me tudo de você.

— Eu vou te machucar.

— Não, você não vai.

Ele se alavancou e olhou para mim, ainda empurrando lentamente. — Tem certeza?

— Sim. Deus, sim. Por favor. Mais forte. Mais rápido.

Ele gemeu e colocou o peso de um lado, puxou meus braços para baixo sobre sua cabeça para descansar em seus ombros. — Segure em mim, Kyrie.

Eu segurei.

Ele respirou fundo e soltou o ar em um gemido lento de alívio enquanto começou a se mover mais rápido, aumentando gradativamente o ritmo. Eu o puxei, desejando que pudesse tocá-lo, acariciar sua pele, segurar seus quadris e agarrar seu cabelo. Em vez disso, tudo o que eu podia fazer era segurar no pescoço dele com os meus pulsos amarrados e me concentrar em sentir, focar em me manter imóvel.

Cada vez mais rápido, cada golpe rasgando um suspiro de mim, até que ele estava batendo em mim e eu estava gritando, minha voz cresceu em uma série ininterrupta de gritos. Meus seios saltavam enquanto ele me fodia, e eu senti seu pau me encher, puxar para fora, me encher, batendo profundamente e saindo em um ritmo frenético de fúria primitiva.

E eu adorei.

Oh, Deus, eu adorei. Foi uma perda gloriosa de controle, era Valentine Roth cedendo e perdendo o controle sobre si mesmo.

Um raio me atingiu como mil explosões solares cintilantes dentro de mim, calor e pressão se uniram para se tornar novas explosões quentes que não eram orgasmos, mas uma explosão de prazer dentro de mim enquanto o clímax se aproximava.

— Valentine, oh, deus, Valentine, estou quase lá, eu estou tão perto. — minha voz estava sem fôlego, sensível de gemidos, lamurias e gritos.

— Ainda não.

— Por favor?

Eu apertei em torno dele com os meus músculos internos, apertando em cada impulso, deslizando em seu pau com toda a força que eu tinha em meus músculos vaginais. Eu fui recompensada por um prolongado gemido de Roth, que abruptamente diminuiu o ritmo e, em vez de empurrar forte e rápido, bateu em mim uma vez, duro e lento, puxou para fora, e em seguida, bateu de novo, seu corpo tenso e tremendo.

Senti seu pau dentro de mim pulsar em cada estocada, batendo lento, deliberado, e eu sabia que ele estava perto. Eu liberei meus músculos vaginais quando ele puxou para fora, e tensionei quando ele empurrou em mim, correspondendo, me movendo da única maneira que podia, agarrando para que ele mal pudesse sair.

— Kyrie... Deus, a maneira como faz isso com sua boceta... Isso me deixa louco. — ele pressionou um apaixonado e desleixado beijo em meus lábios, e eu o senti tremer tão descontroladamente quanto eu estava, tremendo, segurando, determinado a arrastar isto o maior tempo possível, apesar de quanto tempo já tínhamos nos torturado.

Senti meu corpo tendo espasmos quando o clímax se apossou de mim, e eu tive que lutar para empurrá-lo de volta, segurá-lo, mas era impossível, como tentar empurrar uma placa tectônica. — Eu não posso... Eu não consigo parar isso, Valentine. Eu tenho que gozar. Eu

não posso... ohfodaohdeus... Eu não consigo... — eu tentei segurar mais uma vez, mas foi em vão. Senti o orgasmo confiscando meu corpo, atingindo meus nervos como martelos, cada ponto de prazer no meu corpo pulsando com esplendor.

Ele rosnou. — Ainda não, Kyrie. Ainda não.

— Eu não consigo parar isso! — eu protestei. — Eu tenho que gozar... *Tenho...* Por favor!

Estocadas de Roth foram violentas e lentas, e enquanto falava, ele se inclinou sobre mim, quase em colapso, e em seguida, endireitou seus braços, esticou seu abdômen e parou com apenas a ponta do seu pau dentro de mim, seu corpo trêmulo, os músculos duros como rocha.

E então, com um grito, Valentine empurrou em mim e eu o senti explodir. — Agora, Kyrie! Goze comigo!

Eu gozei e eu gritei. Não foi um pequeno gritinho sem fôlego - oh não, isso foi um grito ruidoso, o som mais alto do que qualquer outro que eu já tenha feito na minha vida, um grito primitivo de êxtase cru. Uma luz branca brilhou em minhas pálpebras fechadas e todo o meu corpo foi sacudido por ondas pulsantes de prazer explosivo. Eu senti Roth batendo em mim, seus quadris empurrando loucamente enquanto ele gozava, gozava e gozava, sua semente quente me inundando, após o fluxo corrente jorrando contra minhas paredes. No meio de um clímax fantástico, todo o controle foi esquecido e eu passei meus calcanhares em torno de suas costas e moí meus quadris contra os dele, minha boceta segurou apertado ao redor de seu pau, minha boca contra seu ombro, mordendo, chupando e beijando enquanto eu era arrancada torcida e retorcida por um orgasmo que parecia nunca acabar.

Então o efeito acabou, não foi tudo de uma vez, mas gradualmente, um desvanecimento lento, uma deriva em espiral para baixo do alto do paraíso.

Eventualmente, Roth estava mole em cima de mim, seu peso parcialmente apoiado para não me esmagar, nós dois estávamos ofegantes e suados. Depois de um momento, Roth rolou de cima de mim e caiu de costas.

Ficamos deitados lado a lado, ofegantes, por alguns minutos, sem falar, nos deleitando com o brilho de felicidade.

Meus olhos fecharam, cochilando durante um tempo que eu não me incomodei em medir, não o vi se mover, mas eu o senti desatar o laço que prendia meus pulsos. Virei-me e descansei minha cabeça em seu ombro, senti seu braço em torno da minha cintura e sua mão em um lado da minha bunda, me segurando perto. — Isso foi fodidamente incrível Valentine.

— ‘Fodidamente incrível’ não faz justiça. — ele esticou o pescoço para o lado para me olhar nos olhos. — ‘Fodidamente incrível’ não *lhe* faz justiça.

Tracei meus dedos sobre os músculos de seu peitoral, em todo o caminho da felicidade esculpido em seu abdômen e encontrei a sua masculinidade. — Você tem o pau mais surpreendente. De verdade.

Ele riu. — Estou feliz que você pense assim.

— Eu não tinha certeza que poderia aguentar tudo. — eu admiti, suavemente, quase preguiçosamente, o acariciando, brincando com ele, o sentindo gradualmente engrossar e endurecer.

— Mas você aguentou.

— Será que poderei participar da próxima vez? — perguntei.

— Talvez. — eu ouvi o sorriso, mas meus olhos estavam presos em seu pau, observando com fascinação, extasiada quando ele cresceu sob o meu toque.

— Você já está ficando duro.

— Você me deixa duro. Eu acabei de tê-la, mas preciso estar dentro de você de novo. — ele ainda estava deitado, me deixando tocá-lo, acariciá-lo, o golpear até que ele ficou totalmente ereto.

Eu me movi para que pudesse usar as duas mãos nele, colocando suas bolas pesadas em uma mão, segurando seu comprimento ereto com a outra. Eu o acariciava devagar, apertando ao redor de sua cabeça larga e soltando meu aperto enquanto acariciava para baixo. Eu deslizei meu corpo para baixo, descansando a minha bochecha em seu estômago, o observando crescer mais e mais duro a cada golpe do meu punho para baixo em seu eixo brilhante. Envolvendo meus lábios em torno dele, eu mantive meu maxilar bem aberto e o levei em minha boca, provei-o, levando tão profundo quanto poderia, em seguida, retirando, fodendo com a minha boca até que ele estava gemendo e levantando seus quadris no meu ritmo.

E então, é claro, ele me afastou. — Você parece muito determinada a me fazer gozar na sua boca, Kyrie.

Eu descansei minha cabeça em seu ombro novamente e sorri para ele. — Não necessariamente. Eu só gosto de ver quanto tempo

você vai me deixar te chupar antes de me parar.

— Você quer que eu goze na sua boca?

Dei de ombros. — Em algum momento, sim. Agora? Não. Agora eu quero seu pau dentro de mim.

— Você me marcou, Kyrie.

Eu me levantei num cotovelo e olhei para ele surpresa. — Eu marquei?

Ele assentiu, apontando para uma grande marca escura em seu ombro. — Você fez.

Eu sorri. — Oh. Eu não queria.

— Eu nunca deixei ninguém me marcar antes. Ninguém. Nunca. Eu não sei como me sinto sobre isso.

Eu fiz uma careta. — É apenas um chupão, Roth. E não é visível.

— É verdade. Mas eu lhe disse para não se mover.

Encontrei seu olhar. — Sim, você disse. Mas nós dois estávamos gozando nesse momento, e eu apenas... Não consegui me conter. Eu tinha que tocá-lo de alguma forma. Tinha que te beijar.

— Isso não quer dizer deixar uma marca no meu corpo.

Eu me sentei. — Você está realmente bravo com isso?

Ele se sentou também. — Bravo? Não. Mas acho que eu vou ter que puni-la de alguma forma.

Meu corpo ficou tenso. — Me punir? Como?

Ele inclinou a cabeça, pensando. — Em suas mãos e joelhos. Agora. — eu não reagi imediatamente, querendo saber qual era o seu plano e ele estendeu a mão e beliscou meu mamilo, apenas o suficiente para me assustar. — *Agora, Kyrie.*

Eu me virei para enfrentar a cabeceira da cama e depois me inclinei para frente em minhas mãos e joelhos, a cabeça virada para vê-lo. Meu cabelo ainda estava em um rabo de cavalo que pairava sobre um ombro, e Roth o mudou levantando e puxando suavemente o elástico do meu cabelo. Sacudi e depois passei meus dedos por eles para que eles caíssem em ondas douradas.

Os olhos de Roth traíram seu prazer quando ele olhou para mim, em minhas mãos e joelhos na frente dele, o cabelo solto, olhos curiosos e nervosos, mas não com medo. — Tão linda. — ele se moveu para se ajoelhar atrás de mim, acariciou minha bunda com uma mão em cada lado. — Especialmente isso. Eu amo cada parte do seu corpo, Kyrie, mas sua bunda é particularmente perfeita.

— Não há nenhuma maneira no inferno que eu possa levá-lo ai, Roth. — eu disse a ele.

Ele balançou a cabeça. — Não, eu sei disso. Mas você pode ter outras coisas. Meu dedo, por exemplo. Ou um vibrador. Ou minha língua. — ele alisou a mão em círculos sobre a extensão redonda da minha bunda. — Mas eu não vou fazer nada disso. Ainda não, pelo menos.

— O que você está... — eu comecei, mas fui cortada por um tapa afiado, o impacto de sua mão na minha bunda um alto e sonoro bater de palmas. — MERDA! Isso dói, Roth!

Ele acariciou o local onde tinha me batido, e então, enquanto eu observava ansiosamente, deslizou a mão para o outro lado da minha bunda e acariciou o globo, circulando uma, duas vezes... E depois *slap!* Gritei de novo, balancei para frente pelo tapa de sua mão sobre o músculo generoso da minha bunda. Imediatamente ele o acalmou, e em seguida, colocou as duas mãos na minha bunda, circulou, circulou, e então, me deu bofetadas duplas, forte o suficiente para que eu soubesse que ficaria avermelhada, e em seguida, suas mãos suaves eram gentis, mais uma vez.

Eu fiquei tensa enquanto ele acariciava minha bunda, esperando outro tapa, então, quando o dedo indicador e o médio deslizaram entre as minhas pernas na minha abertura encharcada, eu gemi com um prazer repentino. E isso foi quando ele bateu na minha bunda. Eu gritei com o contraste de prazer e dor trançados juntos e me invadindo, o grito se tornou um suspiro quando ele repetiu o movimento, circulando meu clitóris com os dedos e batendo em uma nádega e depois na outra, alternando os lados, e em seguida, alisando. Enquanto a mão direita espancava e acalmava minha bunda, me conduzindo para frente e arrancando gemidos de protesto, os dedos de sua mão esquerda estavam circulando meu clitóris em círculos enlouquecedores, em seguida, mergulhando em meu canal e me fodendo uma, duas, três vezes, e em seguida, puxando para o círculo mais uma vez. O prazer e a dor estavam em desacordo, me perfurando e deslizando umas sobre as outras,

enrolando sobre a outra, o prazer assumindo quando ele apertava os dedos no meu clitóris latejante, substituído pelo choque de picadas afiadas enquanto sua mão espancava e batia.

Eu estava confusa pelas sensações, incapaz de negar o prazer e ainda incapaz de separá-lo da dor aguda de ser espancada. E ainda assim a dor não estava forte o suficiente para me fazer pedir para ele parar. No início era apenas uma surpresa, e então era desconcertante, depois irrevogavelmente era parte do prazer intenso penetrando em mim, e eu não podia negar que não me importava.

Cada toque de seus dedos, cada tapa de sua mão na minha bunda agora sensível me fazia gritar, suspirar, gemer e meu corpo começou a se mover, balançando para frente com as palmadas, empurrando de volta para seus dedos penetrantes. Eu senti um tremor dentro de mim, um precursor, seguido por outro tremor mais forte, e em seguida, seus dedos estavam circulando e eu estava gemendo e ofegando, os quadris balançando descontroladamente, para longe de suas palmadas e em seu toque no meu clitóris, e eu senti subindo, acontecendo, iminente, me sacudindo.

— Roth... Oh, Jesus... — eu disse sentindo o clímax florescendo dentro de mim. — Estou prestes a gozar tão forte...

— Quando? — ele exigiu, os dedos me circulando loucamente, sua palma alisando minha carne sensível.

— Agora! Ohfodaohfodaohfoda, Valentine!

Eu gozei com um grito e uma explosão de adrenalina, me quebrando em um milhão de pedaços, e naquele momento, quando o grito rasgou da minha garganta, Roth me empalou com o seu pau, entrando profundamente em minha boceta com um impulso rápido,

me balançando para frente e me enchendo a ponto de explodir. Meu grito foi cortado abruptamente, minha voz roubada pelo êxtase sem fôlego. Meu clímax bombástico se rompeu e tudo o que eu podia fazer era apoiar as minhas mãos na cama e empurrar para trás, nele. Minha boca aberta num grito silencioso quando ele espalmou minha bunda com as duas mãos, tirando quase tudo e em seguida, deslizando no fundo em um golpe liso e duro.

— Oh, meu deus maldito, Valentine... — eu ofeguei.

— Sim? — ele parecia casual, sereno, empurrando para dentro de mim de novo e de novo, levando meu orgasmo a alturas que eu não tinha pensado que fosse possível, mesmo depois de tão duro quanto ele já me fez gozar.

— Apenas... Descrevendo você, é tudo. — eu disse, virando a cabeça para olhar para ele por cima do meu ombro.

Seus impulsos cresceram com mais força e meus seios saltaram com seus golpes, minha bunda absorvendo o impacto de seus quadris que deslizam com sons batendo tão alto como quando ele me batia.

— Eu sou seu deus maldito, Kyrie? — ele perguntou isso com uma única palmada forte.

— Sim. — eu gritei.

— Você gosta de ser espancada, não é, Kyrie?

— Sim, eu gosto.

— Você gosta quando eu te pego por trás, não é, Kyrie? — ele bateu do outro lado.

— Eu amo isso, Valentine. Eu amo isso.

— Você quer gozar? — eu poderia apenas acenar. — Me diga o que você quer que eu faça, Kyrie. Me diga como fazer você gritar de novo.

— Você sabe o que eu quero. Dê-me.

Abaixei minha cabeça e a deixei cair. Forcei meus olhos abertos e olhei de cabeça para baixo ao longo do meu torso. Eu peguei um vislumbre de seu pau deslizando para fora da minha boceta, brilhante e grosso, depois o assisti bater para dentro, assisti suas bolas baterem contra minha boceta, vi suas coxas tensas.

— Diga, Kyrie. Eu quero ouvir você dizer isso. Eu fico louco quando você diz coisas sujas para mim, baby. Você me deixa selvagem quando me diz o que quer de mim. — ele agarrou meus quadris e me puxou de volta para suas estocadas, e eu lhe dei tudo que tinha, empurrando para trás com ele, balançando em seu ritmo implacável, recebendo seu pau e amando cada centímetro dele, amando essa porra dura e frenética que ele estava me dando.

— Toque minha bunda, Valentine. Coloque o seu dedo dentro de mim.

— É isso que você quer, não é, amor? Você quer o meu dedo no fundo do seu pequeno ânus apertado?

— Sim, por favor. Dê-me.

— Qualquer coisa que você queira, Kyrie. — disse Roth.

Ele se inclinou sobre mim, beijou minha coluna, segurou minha cintura quando puxou seu pau completamente fora de mim, então mergulhou os dedos em minha boceta. Seus dedos revestidos, ele deslizou a ereção de volta para mim e retomou um ritmo de deslizamento lento, um ritmo preguiçoso. Ele levou a mão em minha bunda, separando minhas nádegas com uma mão, e lambuzou nossos sucos no meu ânus, esfregando o nó apertado de músculos com a ponta do dedo. Obriguei-me a relaxar, me inclinando mais perto da cama para me abrir para ele. A pressão do dedo massageando aumentou, e então eu me senti perfurada, e um suspiro de lamúria impotente deixou minha garganta.

— Sim, Valentine. Assim mesmo.

— Oh, não, querida. Isto é apenas o começo. — ele mexeu seu dedo e eu senti o mundo se abalar com tremores me quebrando. — Pegue um travesseiro e abrace com uma mão. Use a outra para se tocar. Toque sua boceta, Kyrie.

Cheguei para frente e agarrei um travesseiro, coloquei sob meu peito e apoiei a testa no meu braço, deslizei a outra mão entre minhas pernas, encontrei o meu clitóris, e o circulei. Imediatamente os terremotos dentro de mim se intensificaram, sacudindo minha barriga e apertando meu núcleo, enviando listras brancas e quentes como raios através de mim. Roth me acariciou mais rápido agora, seu pau batendo e deslizando, uma mão segurando meu quadril, a outra deslizando seu longo dedo médio devagar e com cuidado em meu ânus até que eu senti seus dedos me roçando. Meus dedos bateram em círculos rápidos, desleixados em torno do meu dolorido

e inchado clitóris, meus quadris balançando para trás e para frente, minha respiração vinha em suspiros curtos e gemidos ocasionais.

Roth começou a gemer junto com suas estocadas, me puxando pelo quadril com uma força cada vez maior até que seus quadris encontravam minha bunda com bofetadas retumbantes. Eu não podia me mover com ele, não mais, não com os meus dedos no meu clitóris, seu dedo na minha bunda e seu pau dentro de mim, batendo em mim. Eu estava tão cheia, o sentindo dentro de mim, atrás de mim, acima de mim, em todos os lugares, apagando todo o mundo, exceto ele e eu, tudo, exceto essa explosão crescendo dentro de mim e a voz de Roth se juntando à minha com gemidos vulneráveis.

Nossas vozes mescladas, gemidos vindo em perfeita sincronia enquanto nossos corpos se fundiam. Eu senti seu pau engrossar dentro de mim, senti seu ritmo vacilar e ficar desesperado, batendo para dentro, puxando para trás, hesitando ao retirar até a cabeça e então nós dois gememos quando ele afundou em mim. Seu dedo começou a combinar com o movimento de nossos corpos e eu o senti se inclinar sobre mim, senti algo quente, gotejando e molhando seu dedo e minha bunda, e em seguida, o movimento de seu dedo dentro e fora de mim se tornou escorregadio e fácil, e agora ele estava me fodendo em ambas as minhas entradas, batendo contra minha bunda e minha boceta ao mesmo tempo e eu estava plena e completa, explodindo, quebrando e tudo o que eu sabia era Roth, seu nome, seu corpo, sua presença.

— Sim... Sim... Sim... Ohporrasim! — eu gritei, e em seguida, mordi o travesseiro quando meu corpo se apertou com a primeira onda de um orgasmo tão poderoso que era doloroso. — Valentine! Oh, meu Deus, Valentine, não pare, por favor, não pare!

— Nunca Kyrie... Nunca. — sua voz era um murmúrio áspero, sem fôlego, ofegante, repleto de gemidos em cada sílaba. Ele se

afastou, a cabeça grossa de seu pau perfeito pronta na minha entrada, esperando um instante, dois, três... E então ele se afundou em mim com um grito primitivo e eu o senti se libertar dentro de mim. — Estou gozando, Kyrie. — ele gritou.

— Sim, Valentine, goze dentro de mim! Goze forte para mim, baby, me deixe ter tudo...

Um jorro quente e molhado de seu gozo espirrou dentro de mim e ele estava moendo contra mim, seus quadris forçando duro contra a minha bunda, seu dedo no fundo do meu traseiro pulsando, todos os meus músculos, fibras e traços de consciência se contraindo e expandindo, o meu clímax em uma alma ardendo em chamas dentro de mim. Ele gozou em mim de novo e eu apertei em torno dele, apertando seu grande, vigoroso, escorregadio e latejante pau com tudo que eu tinha. Eu estava fodicamente ofegante, mal conseguindo até mesmo respirar fundo com a potência bruta do meu orgasmo, pelo êxtase arrebatador de seu pau e a sensação dele gozando dentro de mim, me preenchendo, sabendo que ele estava tão dilacerado por isso quanto eu.

Outro impulso duro e ele gozou pela terceira vez, e eu não aguentava mais, não poderia gozar com mais força. Mas, então, eu o senti sair da minha boceta e retirar o dedo, limpando seu pau em mim, lambuzando meu ânus com nossos sucos, e então ele pressionou sua ponta contra mim. Ele foi suavizando, mas ainda duro, e eu estava de alguma forma, pronta para isso, querendo, precisando dele. Tomei a ponta do seu pau, relaxei e tomei um pouco mais. Queimou e me esticou, mas ele ainda segurava e me deixou ajustar, e então, começou a se mover, apenas levemente. Eu estava tão apertada em torno dele que ele estava preso, praticamente imóvel, e eu era incapaz de até mesmo gritar, meu enfraquecido clímax surgindo como uma loucura repentina e angustiante. Estremeci e balancei para frente, tremendo toda e tentando gritar, mas seu pau em minha bunda estava me deixando selvagem, feroz e

primitivamente animalesca. Algo como um rosnado rasgou da minha garganta quando gozei de novo, cada vez mais forte, me rasgando em pedaços, inacreditavelmente, levando mais e mais dele, sabendo que eu tinha apenas a ponta dele dentro de mim e que eu seria levada para insanidade por um pouco mais.

Ele não empurrou, apenas girou o suficiente para proporcionar pressão, e eu senti o seu pau pulsar e ouvi um gemido longo e baixo em seu peito.

Meu clímax começou a desvanecer. — Saia, saia, tire, por favor... — eu ofeguei.

Roth cumpriu imediatamente e eu caí para frente destrocada, fodida, totalmente desossada. Ele deitou de costas, deslizou um braço em minha direção e me recolheu em um caloroso abraço implacavelmente forte, como um casulo. — Kyrie... — ele sussurrou. — Meu Deus, Kyrie.

— Eu estou morta. — eu estava mole em seus braços, mal conseguindo até mesmo formar palavras, ainda vibrando por tremores secundários. — Você me matou. Você me fodeu até a morte.

— Eu não...

O cortei. — Cala a boca, Valentine. Eu quis dizer isso como uma coisa boa. Eu sei que você se importa. Eu sei o meu valor para você. Você já provou isso. — eu forcei meus olhos abertos, me forcei a me mover para que pudesse encontrar seus olhos. — Portanto, agora podemos foder. Você pode me ter em seu chuveiro. Em seu carro. Em qualquer lugar e em toda parte.

— Kyrie... — eu vi um conflito estranho guerreando em seus olhos azul-claros.

— Você me queria, então você me tomou, Valentine Roth. Você me disse que era meu dono, e então você foi e provou que está certo. Você me possui. — eu sabia que estava sendo imprudente, deixando escapar o conteúdo do meu coração, falando sem qualquer tipo de filtro. Isto era louco e perigoso, mas era tudo que eu tinha. — Aqui está o que eu quero: alimentar-me, tomar banho e depois, me foda novamente até que eu não possa me mover.

Longos momentos se passaram e a expressão de Roth era fechada. Eu o conhecia o suficiente para perceber que ele estava pensando. Considerando. Chegando a alguma decisão. Ele assentiu. — Eu gosto desse plano. Porém, vou acrescentar uma coisa a ele.

— O quê? — perguntei.

— Eu vou alimentá-la, lhe dar banho, fodê-la até que você não possa se mover, e então vou te abraçar enquanto dormimos. E então, quando nós acordarmos, vou foder você de novo.

Meu coração derreteu e inchou simultaneamente. — Promete?

Ele riu. — Sim, Kyrie. Eu prometo. — Roth me rolou me deixando de costas, se inclinou sobre mim e me beijou. — Agora, espere aqui.

Eu observei seu firme, redondo e musculoso traseiro quando ele deslizou para fora da cama e saiu do quarto. Deus, ele era lindo. Saber como ele poderia me fazer sentir, o tornava ainda mais sexy.

Quando seus músculos bronzeados e cabelos loiros estavam fora de vista, eu finalmente deixei ir.

Eu chorei.

Confusa, eufórica, loucas lágrimas de pura emoção oprimida. Foi breve, uma pequena tempestade, e então acabou, mas era o que eu precisava para ser capaz de processar tudo o que sentia.

Eu comecei este assunto louco assustada, cautelosa e esperando o pior. No entanto, o que eu descobri em Valentine Roth foi algo totalmente inesperado, algo incomum e incrível. Minhas emoções estavam descontroladas, insanas, intensas e confusas com o que acabamos de fazer juntos, o quanto ele me fez gozar, como ele perfeitamente seguiu com suas promessas, cumprindo as expectativas que tinha criado com as nossas horas de preliminares. No entanto, isso não poderia explicar o que eu estava sentindo.

Não era apenas apreciação sexual. Isso era inquestionável, é claro. Valentine Roth era um maldito campeão na cama, não apenas em termos de resistência ou de um período de recuperação ridiculamente curto, mas pela forma que prestou atenção em mim, como tudo o que ele fez parecia focado em me fazer sentir tão bem quanto possível, tendo em seu próprio prazer me dar o que eu precisava. O que aconteceu entre nós nessa cama era a fantasia erótica de toda mulher. Ele era totalmente dominante, poderoso, confiante, competente, apaixonado e atencioso.

Tudo isso sendo verdadeiro, como eu poderia não me apegar a ele? E eu estava. Eu estava ficando totalmente ligada. Não era inteligente, mas lá estava ela, a verdade destilada. Eu estava me apegando à Valentine Roth.

Contudo, era mais do que isso, e foi onde o medo começou a tomar posse. Era quem estava fora da cama que me assustou, porque era por *aquela* homem que eu estava desenvolvendo emoções súbitas e temerosamente potentes. *Ele* era todas essas coisas, também; cada descrição que eu tinha usado para Roth na cama era verdadeira para o homem na vida cotidiana também.

E eu estava me apaixonando por ele.

Capítulo 11

Virando a mesa

Quando Roth voltou para o quarto, cerca de quinze minutos depois, eu estava calma novamente.

Eu sabia que tinha que segurar o que sentia. Eu acho que Roth não estava preparado para esse tipo de coisa ainda, porque embora fosse ele quem tinha vindo até mim, me observava, era o único no controle, meus instintos me disseram que na verdade, emoções profundas eram incompreensíveis para ele. Ele me queria; queria me possuir, ter-me. Ele gostava de mim. Apreciava-me. Sim, ele usou palavras como ‘baby’, ‘querida’ e ‘amor’, mas aqueles eram termos casuais de carinho, não de declarações de amor ou qualquer coisa assim.

Eu afastei esses pensamentos e me sentei enquanto ele colocava uma bandeja em cima da cama. Ele ainda estava nu, e eu não conseguia tirar os olhos de seu corpo, não conseguia desviar o olhar de seu pau, que ainda era impressionante, mesmo flácido. Eu queria deixá-lo duro novamente apenas pelo prazer de ver e senti-lo crescer em minhas mãos, mas meu estômago roncou quando o cheiro da sobra do nosso jantar bateu no meu nariz, anulando até mesmo o meu desejo voraz pelo o corpo de Roth.

— Eu não me lembro de você trazer isso para casa. — eu disse pegando um garfo da bandeja e cavando dentro.

Roth sentou de pernas cruzadas do outro lado da bandeja, colocando o outro garfo com um enorme pedaço de frango a

parmegiana em sua boca. — Eu não trouxe. — disse ele depois de ter mastigado algumas vezes. — Eu estava tão concentrado em chegar aqui e você ficar nua que esqueci. Essa mensagem que enviei anteriormente era para Marco. Pedi que mandasse as nossas sobras para cá. — ele deu outra mordida, em seguida, derramou vinho em uma taça. Porém, havia apenas uma taça e ele a encheu quase até a borda. — Marco me mataria por desperdiçar um vinho como este, mas eu não me importo. Etiqueta do vinho é para quando você está em público.

Depois de um gole generoso, ele passou a taça para mim. Estávamos compartilhando uma taça de vinho. Algo nisso me deixou tonta. — Bem, você já sabe que não dou a mínima merda sobre etiqueta do vinho. — eu disse. — Quer dizer, se eu sair com você, tentarei seguir seu exemplo para não envergonhá-lo, mas eu claramente não fui criada com o tipo de modos que você.

Ele deu de ombros. — Basta ser você mesma, Kyrie. Eu não me importo se você sabe apreciar bons vinhos. Isso pode ser aprendido. A beleza da sua alma, no entanto, não pode ser ensinada, e isso é o que mais aprecio em você.

— Deus, Roth. Isso é tão doce. Obrigada. — olhei para ele deixando um pouco do que eu sentia por ele fluir através de mim e derreter em minha expressão. — Eu sinto o mesmo sobre você. Quer dizer, sim, você é o homem mais bonito, mais sexy que já vi em minha maldita vida, mas quanto mais eu aprendo sobre quem você é, mais eu o aprecio.

Roth colocou o garfo para baixo muito cuidadosamente, inclinando a cabeça para um lado. Sua expressão era inescrutável. — Você... Aprecia-me? — ele parecia atordoado. — Você não... Ressente-se por eu tê-la tomado da maneira que fiz?

Eu balancei minha cabeça. — Não. — me esforcei para parecer casual, então fiz uma pausa para dar uma mordida na lasanha, mastigar e engolir antes de continuar. — Olha, eu estou bastante em sintonia com minhas emoções, ok? Quando descubro o que eu sinto, eu não falo muito sobre o assunto. Uma vez que eu sei que gosto de alguma coisa, estou dentro. E eu não luto contra um sentimento ou algo assim só porque ele deve ser impossível ou qualquer outra coisa. Eu sei que deveria estar insultada pelo jeito que você me trouxe aqui e me disse que me possui, e eu estava no início. Mas... Uma vez que cedi para fazer o jogo à sua maneira, eu percebi que gostava. Ceder, obedecer a seus comandos, é... Libertador. É quente. Eu nunca serei uma calminha submissa. A obediência não vem naturalmente para mim. Ela nunca veio e nunca virá. Eu sou forte e sou independente. Mas quando você assumiu o comando e eu me deixei ceder, me diverti.

— Bem. Estou feliz por isso. — ele pegou seu garfo, mas percebi que ele ainda estava imerso em pensamentos. — Mas isso não explica você me apreciar.

— Não? Pense nisso, Roth. Pense em mim. Eu teria ido tão longe com você, cedido, obedecido e deixado você fazer todas as coisas para mim se eu não confiasse em você? Se eu não gostasse e o apreciasse?

Ele balançou a cabeça. — Não. Claro que não.

— Então você entende. — mais algumas mordidas, um gole de vinho e então continuei. — Eu gosto de sexo. Eu gosto muito. Mas não faço sexo aleatório, sem sentido. Eu estive com alguns caras, como eu tenho certeza que você sabe, mas nunca senti uma... Conexão... De algum tipo com qualquer um deles. Eu sei que não é uma grande coisa para dizer ou pensar depois do que acabamos de fazer juntos, mas esse é exatamente o ponto. Tudo isso? Tudo o que

eu fiz antes, todos os caras com quem estive antes... Nenhum deles, nem remotamente poderiam competir com você. Não em qualquer nível. *Isso*. — aponte para a cama. — Foi diferente de tudo que já experimentei. Isso *significou* alguma coisa. Eu não sei o que exatamente, mas significou e eu sei disso e acho que você também sabe. — mas havia uma mentira ali. Isso eu *sabia*.

— Você está certa, é claro. — disse Roth. Então, ele tomou um longo gole de vinho antes de passar o último para mim. — Eu acho que nós dois temos muito em que pensar.

Roth e eu tínhamos acabado com uma quantidade surpreendente de alimentos em um curto espaço de tempo, todas as sobras agora se foram, o vinho acabou também. Eu estava satisfeita em todos os sentidos: minha barriga cheia, sexualmente saciada, um pouco tonta, coração e mente cheios de emoções poderosas mantidas em segredo por enquanto.

Roth pegou a bandeja e a colocou no chão do lado de fora do quarto, em seguida, entrou no banheiro e ligou o chuveiro. Seu banheiro era ainda mais incrível do que o meu. A ducha era um espaço cavernoso de mármore escuro e vidro limpo. Havia um banco no meio, um chuveiro com seis bases compridas que dão um efeito de chuva embutido no teto acima dele, e jatos ao longo da parede também inclinados em direção ao banco. Havia um chuveiro tradicional em uma parede, localizado acima dos controles para o fluxo de água.

Eu observava Roth da cama, apreciando o jogo de seus músculos sob sua pele firme, olhando sua bunda apertar e relaxar a cada passo, seu pau pendurado balançando, bolas pesadas, coxas grossas e poderosas, braços longos, duros e com os músculos salientes. Ele virou uma alavanca no chuveiro e o abriu, enviando um fluxo de água direto para o banco. Ele virou outra alavanca e os jatos

estalaram e começaram, em seguida, ajustou uma terceira alavanca para a temperatura, eu imaginei. Ele apertou um botão em um painel do lado de fora do chuveiro; o banheiro escureceu e um conjunto de suaves luzes multicoloridas estabelecidas no chão e nas paredes do chuveiro surgiu, jogando com as correntes de água, deixando um jato vermelho, outro azul, um terceiro verde. Delicado amarelo âmbar brilhava do fluxo vindo de cima e roxo era visto por todo chão.

Roth voltou para o quarto e me pegou em seus braços.

Quando ele me levou para o banheiro, eu disse: — Você realmente tem uma coisa por chuveiros modificados, não é?

Ele assentiu. — Sim, eu suponho que tenha. Uma longa e quente chuveirada pode ser uma coisa mágica, você não concorda? — ele me pôs no banco e fechou a porta do box. — Se você acha que os chuveiros neste lugar são alguma coisa, você deve ver o que tenho em minha casa em Turks e Caicos^{17}.

— Você tem uma casa em Turks e Caicos? — perguntei.

A água estava muito quente desse lado, o fluxo de cima batia com uma força incrível, os jatos me atingindo de todos os lados. Roth se abaixou e pegou frascos de xampus, condicionador e gel de banho, bem como uma esponja, que estavam escondidos em algum tipo de compartimento embutido no próprio banco.

— Sim. — disse ele, me pegando e me puxando para me sentar de lado em seu colo. — Além deste lugar, tenho casas em Turks e Caicos, Londres, Paris e outra em uma pequena vila na costa mediterrânea da Itália. Passo a maior parte do meu tempo aqui, pois o meu negócio é centrado em Nova York, então eu alugo as outras casas a maior parte do ano. No entanto, eu sempre passo três meses

viajando, assim eu mantenho minhas outras casas livres e prontas para mim de setembro a novembro.

Ele enfiou os dedos em meu cabelo e começou a massagear meu couro cabeludo, juntou um punhado sob o fluxo de água. O banco foi colocado de modo que, dependendo da maneira que você se inclina, você pode obter o fluxo em sua cabeça ou ao seu redor e não em seu rosto. Debrucei-me contra ele, fechei os olhos e deixei a água quente bater em minha coluna, ouvi o seu coração pulsando, gostava da atenção de suas mãos em mim.

Ele passou xampu no meu cabelo, esfregando o meu couro cabeludo e ensaboando meu cabelo cuidadosamente até as pontas e então ele nos inclinou para frente para que a água lavasse o xampu. Afastou-se de novo e a água fluiu em minhas costas, permitindo que Roth passasse condicionador no meu cabelo. Enquanto o condicionador agia, ele apertou as esponjas nos jatos de água e aplicou algum gel de banho e começou a esfregar: minhas costas, sobre os meus ombros e meus braços, em todos os lugares que ele poderia chegar sem me mover.

— Tudo bem, levante-se para mim. — ele se moveu para frente e eu relutantemente me levantei.

Roth me lavou toda, me deixando limpa e então começou a passar a esponja sobre o meu corpo de uma forma mais preguiçosa, com atenção para os meus seios primeiro, levantando e deslizando as esponjas abaixo deles, em seguida, sobre os meus mamilos. Eu inclinei minha cabeça de volta para a água, e gemi de prazer quando a água quente correu no meu rosto e nas minhas costas, as mãos de Roth vagando pela minha barriga e entre minhas pernas. Ele já tinha lavado lá, mas eu ampliei minha postura de qualquer maneira e o deixei correr a esponja suavemente, porém áspera, sobre a minha pele sensível.

Enquanto ele percorria o meu corpo, eu peguei o frasco de xampu e ensaboei seu cabelo loiro curto e grosso, enredando meus dedos nele, até fazer espuma e lavei sob o jato de água. Repeti o processo com o condicionador e depois peguei a esponja dele, reapliquei o gel e o esfreguei limpando da cabeça aos pés, clinicamente no início. Então, uma vez que ele estava limpo, fiz o que ele tinha feito, lenta e suavemente explorando seu corpo.

Comecei em seus ombros, esfregando com a esponja em uma mão, deslizando a minha outra mão sobre sua pele lisa e molhada. Eu não consegui resistir em não beijar sua pele, onde a água tinha enxaguado o sabão, fazendo uma sucessão de toques, esfregando primeiro, suavizando com minha mão e então beijando. Seus braços, um e depois o outro. Seu peito, sobre seu peitoral, traçando seus contornos, em seguida, para baixo entre eles, para seu abdômen, me ajoelhando no mármore, esfregando e beijando enquanto descia de cada lado de seu acentuado V. Ele ficou tenso, mas intencionalmente ignorei seu pau e bolas, optando por descer em uma das coxas, segurando a parte de trás de seu joelho enquanto beijava sua canela, na lateral de sua panturrilha e seu pé, então o tornozelo oposto e retornei subindo. Seu joelho. Sua coxa. Seu quadril. Eu pressionei meus seios contra ele quando levei minhas mãos às suas costas e alcancei seu traseiro firme, tenso, esfreguei cada nádega e depois entre elas. Olhei para ele, abandonando a pretensão de lavá-lo e segurei sua bunda.

Olhei para ele, respirando profundamente, comunicando um pedido silencioso com meus olhos.

— Estou à sua mercê, doce Kyrie. — ele olhou para mim, franzindo a testa ligeiramente, sobrancelhas arqueadas, os olhos repletos de intensidade e emoções que eu não sabia ler.

Eu sorri para ele, uma curva leve desabrochando em meus lábios. — Qualquer coisa?

— Qualquer coisa.

Minha língua saiu para lamber os vincos de seu abdômen, meus dedos cavando para dentro do músculo duro de seu traseiro. Ele pousou suas mãos sobre os meus ombros, respirando profundamente, me observando. Eu me sentei de modo que meus calcanhares cavaram minha bunda, meus olhos em seu pau. Ele ainda estava em repouso, pendurado para baixo e se curvando para um lado levemente. Com minhas mãos ainda segurando a curva deliciosa de sua bunda, me inclinei e beijei suas bolas. Um beijo no início, apenas um toque de meus lábios, mas depois, quando seus dedos se apertaram em meus ombros, eu abri minha boca e estendi a língua para lamber de seu ânus até suas bolas, em seguida, tomei o seu saco totalmente em minha boca e chupei delicadamente. Ele chiou e eu senti seu pau, apoiado na minha bochecha, endurecer. Inclinei a cabeça para que o comprimento do seu pau repousasse em meu rosto enquanto eu chupava suas bolas.

— Merda, Kyrie. O que - o que diabos você está fazendo? — eu nunca o ouvi soar tão... Fora de controle antes e eu adorei a sensação.

— Qualquer coisa que eu quiser. — eu disse, em seguida, tomei suas bolas em minha boca novamente, chupei uma vez, e me afastei. — Isso é bom?

— Sim. Muito bom.

— Quer que eu faça isso de novo? — eu queria ver quanto tempo ele deixaria esta inversão de papéis continuar.

— Por favor. Sim.

Então, eu fiz novamente e com cada toque de meus lábios e língua, suas bolsas se apertavam e seu pau endurecia. Todo o tempo, minhas mãos estavam segurando firme em sua bunda, tanto pelo equilíbrio e porque eu amava o jeito que sua bunda ficava em minhas mãos. E também, eu tinha planos para sua bunda. Planos sujos que provavelmente iria surpreendê-lo.

Quando senti seu pau endurecer e ficar semiereto, mudei minha boca para seu eixo. Uma longa lambida levantou seu pau e a cabeça de cogumelo estava na minha boca. O tomei, chupei suavemente e depois recuei. Ele gemeu quando eu fiz isso, então fiz mais uma vez, lambendo das bolas à ponta, me detendo no final e sugando o máximo de seu comprimento que eu poderia acomodar na minha boca. Quanto mais duro e mais grosso ele ficava, menos eu poderia tomar e ele estava quase em plena ereção, seu belo pau de pé, veias salientes, pele esticada, com a cabeça brilhando com a minha saliva, bolas apertadas contra seu corpo.

Olhei para ele. — Eu vou chupar você até secar, Valentine. Eu vou tomar o seu pau duro e grande em minha boca e vou chupar até que você goze com tanta força que não possa ficar de pé. E então vou continuar chupando.

Ele rosnou em seu peito, os olhos apertados, maxilar cerrado.

Virei minha cabeça para o lado e passei meus lábios em torno de sua circunferência, o lambendo enquanto eu deslizava minha boca até a base, então fazia de novo, levando-o na minha boca até sua ponta bater no fundo da minha garganta. Eu levantei de joelhos, girei o corpo de lado para o dele, e me inclinei sobre ele, abrindo a garganta e levando-o ainda mais profundo. Ele rugiu e gemeu,

suspirou quando me afastei e depois lambi o outro lado, afundando de volta para baixo para que meus calcanhares tocassem minha bunda, então me inclinei ainda mais para que eu pudesse tomar suas bolas tensas em minha boca novamente. Ele chiou desta vez, e o silvo se transformou em um gemido arrastado quando deslizei meus dedos no vinco de sua bunda. Uma única sucção suave de suas bolas e depois me mudei de volta para envolver meus lábios em torno de sua cabeça. No mesmo momento em que eu o chupava com força, deslizei meus dedos sobre seu ânus, todos os dez dedos roçando o nó apertado de músculo e de volta.

— Kyrie? — foi som áspero, um questionamento exigente.

O soltei apenas o suficiente para me permitir falar. — Você disse *qualquer coisa*. Eu quero tocar em você lá. — eu toquei nele com meu dedo do meio, pressionando dentro. — Eu gosto. Você poderia gostar, também.

— Merda. — ele respirou fundo e então deixou sair. — Vá em frente, então.

Eu me senti tonta e animada. Era um grande, imenso, insanamente enorme negócio, para ele me deixar fazer isso, eu sabia. — Apenas relaxe. Segure em meu cabelo. Puxe-o se quiser.

Ele enterrou suas mãos no meu cabelo molhado, segurando perto das raízes. Uma das minhas mãos estava em concha no globo de sua bunda e a outra estava no vinco perto de sua coxa, meu dedo do meio pressionado contra seu ânus. Eu enterrei seu pau em minha boca, o lambendo, recuei e lambi a ponta, depois passei minha língua ao redor da cabeça. Quando o tomei profundamente de novo, ele praguejou baixinho e apertou ainda mais no meu cabelo. Ele estava tão grosso agora, que estendeu meus lábios e eu senti cada pulso de

seu sangue nas veias de seu pau, e eu sabia que o tinha perto. Ele estava imóvel, seu corpo duro, tenso, se obrigando a ficar parado.

Eu olhei para ele, observando sua reação enquanto eu trabalhava o meu dedo com mais força contra seu ânus. Seu maxilar ficou se cerrou com mais força, os ombros tensos e seus olhos se abaixaram, se fixando nos meus. — Você pode se mover, Valentine. Mova seus quadris. Foda a minha boca. Eu posso levá-lo.

Sua expressão escureceu, seu peito inchou quando ele respirou fundo. Voltei minha atenção para o pau dele, passei um breve momento apenas olhando para ele, alto, orgulhoso e implorando por minha boca. Eu lambi a ponta e ele se contorceu. Então o deslizei entre meus lábios e desta vez ele moveu seus quadris, empurrando para baixo levemente. Eu me afastei antes que ele tocasse minha garganta e ele imediatamente se afastou. Mais uma vez eu baixei minha boca sobre ele, que correspondeu meu movimento, puxando para trás quando eu fiz. Eu comecei a me mover, ele se moveu comigo, estocadas rasas para coincidir com as minhas e quando eu defini um ritmo, comecei a pulsar meu dedo contra seu ânus. Gemidos escaparam um após o outro, então meu dedo escorregou um pouquinho e ele sussurrou, praguejando.

— *Jesus Cristo, Kyrie.* — sua voz era um sussurro áspero.

Ele pegou o meu cabelo em dois punhados e agarrou forte, puxando uma respiração áspera e gemendo enquanto exalava. Inclinei seu pau para longe de seu corpo, de modo que eu estava empurrando meu rosto em direção ao seu corpo, me permitindo abrir a minha garganta mais e levá-lo mais profundo. Eu empurrei meu dedo um pouco mais e ele não conseguiu segurar, então, me puxou pelos cabelos para seu pau. Eu gemia, mais para o seu benefício do que o meu; as vibrações o fizeram rosar e impulsionar novamente.

Eu recuei, sentindo que ele estava perto e mantive meus lábios selados em torno do sulco abaixo da cabeça, chupando e pulsando meu dedo dentro e fora, apenas a primeira junta do meu dedo médio mal se movendo, mas foi o suficiente para ele perder todo o controle, empurrando-se para mim. Deixei que ele se movesse tão forte quanto queria, mas eu me afastei de suas investidas até que ele gemeu em protesto. E então eu me lancei nele, puxando para longe de seu torso e levando em minha garganta até que suas bolas tocaram meu lábio inferior. Eu senti um momento de triunfo por ter tomado tanto dele.

E então ele puxou meu cabelo duas vezes. — Vou gozar, Kyrie. — eu recuei e chupei a cabeça macia e flexível de seu pau, dando a ele algumas sucções com uma leve pressão. — Eu quero gozar em seus seios.

— Mmmm-mmm. — eu estava me movendo sobre ele, segurando sua bunda e deixando meu dedo ainda dentro dele.

Ele rosnou em frustração, mas então eu senti suas bolas se apertarem, seu pau pulsar, e então estremecer. Ele gozou com uma explosão quente, salgada e almiscarada na minha língua. Chupei e engoli o primeiro jorro e depois o soltei. Ele estendeu a mão e apertou meus seios juntos, eu deslizei minha mão pelo seu comprimento, acariciando e ordenhando o segundo fluxo de leite de seu pau. Observei quando um jato de sementes brancas jorrou sobre a inclinação de meus seios e deslizou entre eles, lavados pela água ainda jorrando, quente, mas quente do que antes. Me movi contra ele, esmagando seu pau entre meus seios e ele empurrou em minha boca esperando, disparando um terceiro jato de esperma em meus lábios e língua. Mexi meu dedo mais fundo em seu traseiro e ele amaldiçoou, jogando a cabeça para trás, arqueando sua coluna, levando meu dedo do meio após a primeira junta. Ele balançou seus quadris, empurrando seu pau na minha boca e senti outro jato de esperma dele, e então outra vez, menos desta vez, e então ele foi arqueando sua coluna e balançando seus quadris em pequenos

golpes rápidos. Eu chupei cada pequeno espasmo de seu pau, o segurando ainda contra mim com uma mão em sua nádega. Agitei minha língua sobre sua cabeça pulsante e ordenhei com minha boca até que eu sabia que ele tinha acabado e então continuei chupando, balançando minha cabeça e criando o máximo de sucção que pude.

Finalmente, ele cambaleou para trás, se arrancando do meu aperto. Eu o deixei ir e me levantei, olhando para ele quando ele caiu de costas contra a parede do chuveiro. Eu me senti poderosa. Este era um homem sempre perfeitamente composto, um homem que se orgulhava de seu autocontrole e moderação e eu tinha acabado de reduzi-lo a uma bagunça ofegante e desossada. Calmamente, apertei um pouco de gel na esponja e lavei minhas mãos, meu rosto e meus seios, em seguida, me aproximei dele e delicadamente esfreguei sua virilha.

A água estava ficando fria agora. Roth me encarou por um longo momento, depois soltou um longo suspiro e passou por mim para desligar a água. Toalhas grossas estavam empilhadas em um armário embutido na parede do lado de fora do chuveiro e Roth pegou uma livre e envolveu em torno de mim, as sobrancelhas franzidas, expressão ilegível, suas paredes emocionais de volta no lugar. Ele me secou da cabeça aos pés, com cuidado e completamente e depois se secou. Nós dois secos, ele me pegou em seus braços, hesitou como se para conferir a sua força e depois me levou para o quarto.

— Eu poderia ter caminhado, sabe. — eu o olhei, sem saber seu estado emocional, seus pensamentos, o que ele sentia em relação a minha pequena exibição de controle.

Eu estava meio que impressionada comigo mesma. Eu nunca tinha feito nada disso antes. Quer dizer, claro, que eu tinha dado muito boquetes antes, uma espécie *de praxe* do sexo e namoro. Mas

eu nunca tinha levado um cara tão profundo antes, nunca gastei tanto tempo e esforço me certificando que ele gozasse tão forte quanto possível. E eu certamente nunca toquei o traseiro de um cara antes. Eu realmente não podia acreditar que ele me deixou fazer isso. Mas ele deixou. E ele pareceu desfrutar, cedendo a isso.

Fazer sexo oral sempre foi apenas parte do processo, algo para fazer como parte do sexo. Se um cara pedisse e eu gostasse dele, eu faria. Se eu estivesse realmente me sentindo bem sobre isso, fazia voluntariamente às vezes. Mas eu nunca realmente *gostei*. Quer dizer, alguma mulher realmente *gosta* de ter um pau gigante empurrado para baixo em sua garganta? Provavelmente não. Não a maioria, pelo menos. Mas o que eu tinha acabado de fazer a Roth... Eu realmente, *realmente* gostei. Eu adorei a sensação de poder, o conhecimento de que eu poderia fazê-lo desmoronar e perder o controle. Eu adorei fazer com que ele se sentisse bem lhe dando esse prazer.

Depois de me colocar sobre a cama, Roth apertou a toalha ao redor de sua cintura. — Espere aqui. — ele passou a mão pelos cabelos em um gesto agitado, em seguida, saiu do quarto sem olhar para trás. Então, eu me perguntei se tinha ido longe demais. Eu tinha tomado o controle e fui muito aberta sobre os meus sentimentos por ele - mesmo que eu não tivesse lhe contado *tudo*. Mas eu fui muito clara? Eu o empurrei e o assustei?

Apenas alguns momentos se passaram antes que Roth voltasse, carregando um pacote Stella Artois, um abridor de garrafas, uma fatia gigantesca de cheesecake regado com chocolate e um garfo. Quando ele entrou no quarto, eu deslizei para fora da cama, passei os dedos pelo meu cabelo e joguei a toalha para o chão.

— Eu venho trazendo presentes. — ele disse com um sorriso.

— Presentes saborosos, também. — eu sentei de pernas cruzadas sobre a cama ao lado dele, inclinada em direção a ele.

Ele abriu duas cervejas, me entregou uma e tomou um longo gole da sua. Eu, assim como ele, bebi profundamente do gargalo da garrafa. Quando abaixei a cerveja, ele segurou o garfo para mim, oferecendo um pedaço de cheesecake.

— Puta merda, isso é bom. — eu disse.

Eu tentei parar de praguejar, mas palavrões não paravam de escorregar para fora. Felizmente, Roth não parecia se importar com isso. Se ele se importava, nunca me disse nada.

— Mmmhmm. — ele balançou a cabeça, concordando, e em seguida, engoliu sua mordida. — Sim. É de Eliza. Alguma receita secreta.

— Essa mulher é uma milagreira.

— Ela é. — disse ele, me oferecendo outra mordida.

Silêncio se estabeleceu entre nós, longo e confortável. Roth me alimentou entre longos goles da deliciosa cerveja e quando eu terminei a minha, ele abriu outra antes mesmo que eu colocasse a garrafa no chão.

Nós terminamos o cheesecake e estávamos acabando a nossa segunda cerveja quando Roth finalmente encontrou meu olhar. — O que você fez no chuveiro... Foi... Incrível. Deixando você fazer a sua maneira, embora... Isso foi extremamente difícil para mim. — ele

desviou o olhar. — Deixar você me tocar como fez, foi ainda mais difícil. Eu nunca deixei ninguém fazer isso antes. Você... me desafia, Kyrie. Em todos os níveis.

— Por que você me deixou, então?

— Você mostrou tanta coragem, tanta vontade - ânsia mesmo - por tudo que eu exigi de você. Eu não sei e realmente não quero saber de tudo que você fez antes... Ou o que não fez. Eu lhe disse, só a observei para protegê-la, para cuidar de você. Eu nunca fui voyeur sobre isso, então não estou familiarizado com os detalhes de seu histórico sexual. E não me importo de entrar nele agora, nem no seu nem no meu. Eu só quero que você saiba que estou muito consciente do que eu peço de você, e o fato de que nunca me negou nada, significa muito para mim. Fazer do seu jeito no chuveiro... Isso foi... Eu sabia que tinha que devolver-lhe o controle, porque eu não poderia exigir algo de você que não podia dar de volta.

Eu sorri para ele. — Bem, se você tem que me dar o controle, certamente escolhi uma forma divertida de exercê-lo em você, certo?

Ele riu. — *Divertida?* Isso é um inferno de um eufemismo. Isso não foi só um boquete, isso foi... Algo mais. Algo muito maior.

— Você gostou, então?

— Gostei? — ele me encarou. — Kyrie... Você fodeu totalmente minha mente. Eu não sabia que podia me sentir assim ou gozar tão forte.

Eu tremi com prazer. — Bom. Isso era o que eu queria fazer. No entanto, não posso garantir que vai ser assim toda vez que acabar

com você.

— Toda vez?

Eu assenti. — Sim. Quer dizer... Haverá uma próxima vez, certo?

Ele não respondeu de imediato. — Isso é com você. Eu vou ter o que quero de você, quando quero. — seu olhar era quente, fixo no meu. — Eu vou acordar no meio da noite com o meu pau dentro de você. Vou levá-la contra a parede na garagem e em cada um dos meus carros. Vou levá-la na ilha da minha cozinha e na mesa em meu escritório, no banheiro em um concerto com o seu vestido em volta de seus quadris e seus saltos ao redor da minha cintura. Mas o que não vou tirar de você é o sexo oral. Vou deixar isso para que você possa dar.

— Estou de acordo com isso. — eu disse, terminando a minha segunda cerveja e aceitando uma terceira.

Ele sorriu. — Bom. — ele levantou uma sobrancelha. — Que parte?

Dei de ombros. — Tudo isso. O sexo em todos os lugares, especialmente. Nunca fiz amor em qualquer lugar, além de uma cama. Bem, isso não é verdade. Em um carro uma vez, mas foi estranho e desconfortável. Então, só saiba que você pode me levar em qualquer lugar, a qualquer momento, apenas... Não na frente das pessoas. Eu não sou uma exibicionista.

Roth fez uma careta para mim, surpresa. — E eu sou?

Eu ri. — Não, obviamente não. Eu só estou... Esclarecendo.

— Não se preocupe com isso, Kyrie. Eu poderia foder você em um lugar público, mas nunca de tal forma que você se sinta constrangida. Apenas o suficiente para tornar... Arriscado e, portanto, ainda mais emocionante.

As entrelinhas desta conversa não passaram despercebidas por mim. Nós estávamos discutindo, sobre nossos planos de conquista sexual, um futuro relacionamento. Eu não sabia o que isso implicaria emocionalmente para mim ou para ele, mas ainda era uma perspectiva excitante. Eu pegaria o que poderia ter de Roth durante o tempo que ele daria para mim. Ainda estávamos na nossa primeira noite cheia de sexo juntos e já era uma-mudança-de-vida fantástica, incrivelmente fora-desse-mundo.

— Mudando de assunto. — disse Roth. — Que tal um filme?

— Momento de filme nua? — sugeri.

Ele riu. — Como se eu fosse deixar você colocar a roupa?

Eu me levantei. — Vamos lá, então!

Ele balançou a cabeça. — Volte aqui. — ele colocou o prato e garfo em uma mesa de cabeceira, em seguida, puxou um tablet.

Ele tocou a tela para despertá-la e depois tocou uma série de botões. Uma tela rolou na parede em frente à cama, escondida em um recesso no teto. Olhei para cima e vi que o projetor também estava escondido, o único indício de que uma pequena tela se

dobrava para baixo do teto. Roth tocou outro botão e a tela do tablet ligou para mostrar uma conta Netflix, ele rapidamente digitou um título do filme, o selecionou e configurou para assistir. No momento que ele tinha terminado isso, o projetor foi aquecido e em poucos segundos, o filme começou. Ele tinha escolhido uma comédia romântica, algo divertido e leve. Apoiei os travesseiros contra a cabeceira da cama e me concentrei em assistir. Roth saiu do quarto sem explicação, enquanto os créditos de abertura rolavam, retornando poucos momentos depois com outro pacote de cervejas. Eu já estava um pouco tonta, mas peguei uma quarta cerveja e bebi devagar, abraçando Roth quando o filme começou.

No meio do filme, me senti a deriva, tonta, quente, feliz, sonolenta e agradavelmente bêbada. Roth pegou a minha garrafa vazia, colocou de lado e deslizou para baixo na cama, me segurando contra o peito dele.

— Eu deveria ter te avisado que quase nunca termino filmes.
— eu murmurei. — Eu sempre caio no sono.

— Está tudo bem. — disse ele. — É por isso que eu coloquei.
Apenas relaxe.

— Mas... Momento de filme nua. — eu não estava fazendo sentido, caindo sob o feitiço do sono.

Ele riu, uma risada estrondosa, senti mais do que ouvi. — Se prepare para ser acordada bem cedo, então.

— Ah, que bom. Mandão.

— Você está bêbada? — ele parecia divertido.

Eu assenti de forma descuidada. — Eu estou um pouco leve.

— Bom saber.

— Deixe-me bêbada enquanto estou acordada da próxima vez. Eu fico com um tesão louco quando estou bêbada. Especialmente se você me der tequila. Uma tequila, duas tequilas, três andares de tequilas, exceto nua. Tequila faz a sua roupa cair... — eu me atrapalhei com a toalha na sua cintura, deslizei minha mão sob a borda, encontrei sua pele quente. — Olhem o que eu encontrei.

Ele puxou minha mão e a colocou em seu peito. — Você é ridícula.

Eu assenti e senti a mistura inebriante de embriaguez, sonolência, corpo firme de Roth e seu aroma limpo me puxando para baixo. Eu fui de bom grado.

Meu último pensamento, antes de dormir, foi, *eu poderia me apaixonar por este homem*. Eu esperava que não tivesse dito isso em voz alta, mas era verdade.

Capítulo 12

No Espelho

Quando acordei, Roth estava enrolado em volta de mim em conchinha. Seu braço pendia sobre minha cintura, com a mão espalmada contra a minha barriga, quase tocando minha boceta. Ele tinha descartado sua toalha, então estava nu atrás de mim. Uma de suas coxas estava presa entre as minhas, o seu 'braço extra' empurrando contra mim.

Uma garota poderia se acostumar com isso.

Eu cochilei neste lugar acolhedor, sonolenta, não exatamente de sono, apreciando - *amando* - a sensação de seu enorme corpo firme, atrás de mim, me protegendo, me aquecendo. Sua respiração estava na parte de trás do meu pescoço, sussurrando dentro e fora ritmicamente, seu peito inchando a cada respiração que sentia contra minha coluna.

Satisfeita.

Feliz.

Eu nunca pensei que poderia sentir isso, não dessa forma. Não tão potente. Eu queria que isso jamais terminasse. Eu não queria que este momento - Roth dormindo atrás de mim sem problemas ou preocupações ou expectativas ou jogos ou emoções problemáticas ou reivindicações - parasse.

Isso parou, eventualmente. Da melhor maneira possível, apesar de tudo. Eu estava acordada com os olhos fechados, apenas absorvendo a perfeição da experiência, quando senti seu pau endurecer. Sua respiração não se alterou, então percebi que era apenas se pau manifestando sua presença. Mas de tudo isso, eu amei o jeito que o senti, engrossando contra minhas costas. Eu me movi para cima, deixando que sua ereção se aninhasse entre minhas nádegas. Depois não me mexi ou rocei, apenas o deixei descansar lá, preenchendo esse espaço e consciente de que em breve este grande órgão de seda macia, quente e duro como uma rocha estaria dentro de mim. Eu apreciei essa compreensão, deixando que o desejo por isso jorrasse dentro de mim.

Eu senti os dedos de Roth se movimentando e senti sua respiração se alterar. Ele estava acordando. Oh, Deus. Por favor. Ele fez um som baixo em sua garganta, um murmúrio de despertar sem palavras. Ele moveu a cabeça, deslizando o rosto contra a parte de trás da minha cabeça, aninhando em mim, inalando. Ele se esticou, moendo involuntariamente contra mim. Isso chamou a sua atenção. Ele roçou seus lábios contra a parte de trás do meu pescoço, deslocando seus quadris intencionalmente agora.

Sua mão apertou a minha barriga.

Eu arqueei minhas costas e levantei meus quadris, arrastando seu pau através do vinco da minha bunda.

— Mmmm. Kyrie... — sua voz ainda estava sonolenta, grossa e sexy.

— Valentine.

Eu não precisei dizer mais nenhuma palavra. A mão de Roth enganchou em volta do meu quadril, enquanto seu braço me cercava completamente, e então ele rolou para suas costas. Assim rapidamente, eu estava deitada de costas em cima de Roth. Antes que eu pudesse tomar outro fôlego, ele empurrou dentro de mim, duro, profundo e rápido. Eu dei um grito ofegante de surpresa e êxtase, e então ele estava se movendo. Ele segurou meus seios com suas mãos enormes, com as palmas ásperas raspando meus mamilos. Ele trouxe seus pés juntos, os calcanhares perto das nádegas, e eu enganchei minhas pernas em volta dele, as coxas bem abertas, minha boceta aberta tão amplamente do que eu jamais pensei que fosse possível. Apoiando os meus pés no colchão, eu empurrei, deslizando para cima de seu corpo, tirando seu pau para fora de mim, então pairava com sua ponta apenas mal perfurando minha fenda.

— Não se mova. — sua voz raspou em meu ouvido.

Eu deixei minha cabeça cair de volta para o travesseiro ao lado dele. Sua boca tocou meu ombro, um beijo e depois uma mordida. Eu choramingava com as pernas trêmulas enquanto segurava o meu peso suspenso. Ele moveu seus quadris, dando-me uma série de estocadas rasas que me deixaram ofegante, com a necessidade de mais. Assim que ele empurrou para dentro de mim, eu sabia que ele iria profundo, mais profundo do que nunca. Eu queria sentir cada centímetro da espessura dura dele dentro de mim, tanto quanto ele pudesse alcançar.

— Valentine... Vamos lá...

— Você o quer profundo, não é?

— Sim.

— Quão profundo?

— Todo o maldito caminho, baby. Tão profundo quanto puder.

— Todo o maldito caminho, hein?

— Sim. Por favor? — eu estava sem fôlego, implorando, totalmente abandonada, suplicando por tudo o que ele me daria. Eu não me importava em como soava, o que isso fazia de mim. Eu o queria - tudo o que ele tinha - e eu imploraria se era isso o que o levaria a dar para mim.

— Você pode manter essa posição? — eu assenti, focada em manter o meu peso, apoiando as mãos sobre os joelhos.

— Bom. Fique assim mesmo por tanto tempo quanto puder.

Roth começou a empurrar dentro de mim, a princípio lentamente, deslizando apenas a cabeça larga superficialmente entre meus escorregadios lábios inchados, mal me penetrando. E então ele começou a me dar mais, suas mãos apertando e amassando meus seios, sua boca no meu ombro, seu pau espetando mais profundo, distendendo minha boceta com sua espessura até que a senti queimar de tão esticada. Eu gemia em minha garganta, minhas pernas desabaram e cai totalmente em cima dele, me empalando nele.

— Oh, *porra*, Valentine! — ele ficou tão profundo que estava quase me machucando, me esticando, me enchendo, suas mãos segurando meus seios com força, os dentes mordiscando meu ombro. — Deus... *caramba*, você está tão profundo, baby, eu quase não posso levá-lo.

— Você vai levá-lo. Você quer tudo, lembra? — ele moeu em mim, não empurrando, apenas movendo seus quadris para impulsionar ainda mais profundo.

— Oh, Deus, oh, merda, oh, Deus.

Ele deslizou suas mãos pelo meu corpo, os dedos passando suavemente sobre minhas costelas. Ele explorou ainda mais para baixo enquanto eu arqueava minhas costas, desesperada pelo que sabia que iria acontecer. Ele enfiou os dedos dentro de mim, circulando meu clitóris endurecido. Não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser aceitar seu pau dentro de mim, tomá-lo todo e levá-lo profundamente, minhas coxas incapazes de me sustentar por mais tempo, e agora seus dedos estavam espalhando calor através de mim, construindo a pressão e ele ainda não havia se movido para realmente me foder ainda.

Ele ainda segurava, apenas seus dedos se movendo, trazendo-me cada vez mais perto daqueles tremores no limite do orgasmo. Quando meus quadris começaram a se mover por conta própria, ele parou. Ele vibrou seus dedos sobre a parte interna das minhas coxas, provocando perto do meu períneo, perto do meu ânus, e depois, em um movimento brusco, ele envolveu suas mãos nas minhas coxas por fora, trouxe minhas pernas juntas na minha frente e as empurrou contra meu peito.

— Ah. — eu poderia apenas ofegar essa única sílaba.

— Você quer tudo? — Roth exigiu. — Você o quer profundo?

— Sim... Sim.

— Então, *toma...* — ele pontuou suas palavras com um golpe duro, puxando para trás e batendo seu pau em mim.

— *Porraohmeudeus!* — eu ofeguei, entretanto, quaisquer outras palavras ou respiração foram expulsas de mim quando ele se afastou, mordeu meu ombro com força suficiente para causar dor e depois empurrou forte em mim.

— Assim. — ele grunhiu. — Forte e profundo?

— Sim. — eu ofeguei. — Foda-se, sim.

— Essa é minha garota... Eu amo o jeito que você toma meu pau, Kyrie. Você pega tudo e sempre quer mais. Tão foddidamente gostosa.

E, em seguida, ele ajustou o controle sobre minhas pernas, passando as mãos no vinco de meus joelhos, puxando minhas coxas separadas para esticar minha boceta aberta mais uma vez, desta vez mantendo meus quadris apertados contra meu torso. Eu estava completamente aberta para ele, dividida de tão ampla, completamente à sua mercê. Assim, eu não podia me mover completamente, mal podia respirar e o pouco oxigênio que eu tinha em meus pulmões foi expulso de mim quando ele começou a recuar lentamente antes de bater no fundo.

— Diga-me o que você quer, Kyrie.

— Eu quero o seu pau, Valentine.

— Diga-me como você quer.

— Mais forte. Mais profundo.

— Minha garota quer mais forte?

— Sim, baby. Dê-me mais.

Ele me deu mais. E eu tomei tudo, incapaz até mesmo de gritar, cada impulso dele fazendo meu corpo tremer e agitar, meus seios saltando para cima enquanto seu pau batia em mim. Ele estava tão profundo que eu podia sentir suas bolas batendo contra o meu períneo, que estava exposto pelas minhas pernas escancaradas.

— Eu quero que você goze agora, Kyrie. Agora.

Eu não achava que era possível obedecer ao seu comando, mas de alguma forma eu fiz. Suas palavras me atingiram como um raio, seu pau saindo lenta e suavemente, apenas para bater duro e rápido. Eu gozei com um grito estrangulado. Estiquei minha cabeça, curvando para frente e forçando os olhos abertos para ver seu enorme pau estocando em mim enquanto eu gozava. Quando ele puxou seu pau para fora, ele estava brilhando, reluzente com meus sucos e quando o meu orgasmo veio através de mim, vi o meu gozo esguichar e revestir seu comprimento latejante, e em seguida, ele bateu em mim e meus olhos fecharam apertados.

Ele balançou para frente, me deitando na cama e tirou seu pau da minha boceta com um som molhado.

— O quê? O - o que você está fazendo? — perguntei.

Ele não respondeu, se afastando para abrir a gaveta inferior de seu criado-mudo. Eu estava tremendo; meu corpo destroçado ainda com tremores secundários, minha boceta precisando dele de volta em mim. Seu pau estava alto e dolorosamente duro, molhado com meus sucos, balançando enquanto ele se movia. Não pude deixar de envolver minha mão em torno dele e acariciá-lo, minha mão escorregando para baixo pelo seu comprimento revestido.

— A-ha. — ele voltou com uma pequena caixa, fechada e ainda lacrada, sem abrir. Ele rasgou a parte superior para abrir e largou a embalagem para revelar um vibrador bala, novinho em folha. — Eu comprei isto alguns dias atrás. Tenho pensado em usá-lo em você.

A bala era de forma oval e pequena, gorducha de borracha cor de rosa macia com um laço de um fio fino preto na extremidade traseira. Havia também um controle remoto redondo com um símbolo do infinito triplo contendo os botões de configurações. Ele apertou um botão e a bala cantarolou para a vida.

— Mãos e joelhos, Kyrie.

Eu não hesitei, assumindo a posição que ele exigiu. Ele se ajoelhou atrás de mim, escorregou a bala entre as minhas pernas e a inseriu em minha fenda encharcada, a puxou para fora, e em seguida, a empurrou para dentro. Eu ofeguei com o zumbido dela em minhas paredes, mas minha boceta estava esticada para acomodar o pau de Roth, e o pequeno vibrador mal foi registrado. Então, ele varreu a ponta dele sobre meu clitóris, e eu definitivamente senti *isso*. Mas ele não tinha terminado. Um círculo sobre meu clitóris, duas, três vezes, apenas o suficiente para me fazer arquear as costas, gemendo, e então ele colocou em mim mais uma vez, ficando escorregadio com meus sucos.

— Está pronta, amor? — perguntou Roth.

Abri minha boca para responder, para dizer a ele que eu estava pronta para qualquer coisa, mas era uma pergunta retórica. Ele empurrou a bala contra a roseta cerrada do meu ânus e eu me forcei a relaxar os músculos, empurrando meus quadris para trás para levar o dispositivo que zumbia loucamente.

— Oh. Oh deus. Oh Deus. — eu abaixei minha cabeça, arqueando minha coluna e trabalhando meus quadris para me abrir para ele.

— Sim, Kyrie. Leve-o para mim.

Ele o empurrou progressivamente mais profundo, em seguida, o segurou lá. O senti se inclinar, olhei para vê-lo abrindo a tampa de um frasco de lubrificante, esguichando uma quantidade generosa sobre a bala e em torno de minha abertura. Ele tirou o vibrador para fora um pouco, espalhando lubrificante nele, em seguida, delicadamente, mas com firmeza o colocou para dentro.

— Jesus, Valentine, eu ainda nem tomei café.

— Você não precisa de café, querida. Você só precisa levar este vibrador em sua bunda para mim.

— Estou tentando. — eu disse, enquanto gemia e o sentia empurrá-lo mais profundamente, sentindo-me esticar e arder.

Ele o puxou para fora um pouco, aplicando mais lubrificante, e em seguida, empurrou com cuidado e lentamente, aprofundando-o

em mim. Ele começou uma pulsação rítmica, trabalhando dentro e fora, um centímetro para fora, e em seguida, para dentro, um passo para fora, dois passos dentro. Eu senti seus dedos deslizarem em minha boceta, mergulhando fundo, e em seguida, os retirando para espalhar meus sucos sobre meu clitóris. Um raio de prazer passou por mim, e a estimulação do clitóris súbita abriu minha entrada traseira muito mais, o deixando trabalhar a parte mais larga da bala em mim.

— Puta que pariu, Valentine, eu não tenho certeza se aguento mais isso. — eu murmurei, abaixando a cabeça, meu corpo tremendo e balançando os quadris para frente com o ritmo insistente de seus dedos circulando.

— Sim, você pode. Está quase pronta. Você pode tomar tudo isso.

O prazer de seus dedos em minha boceta fez o estiramento ardente do vibrador dentro de mim mais suportável, e depois, lentamente, a ardência desapareceu e foi substituída por um desejo profundo, sombrio e sujo. Eu senti isso antes, este terremoto nos ossos pela profundidade do êxtase, e eu sabia que era apenas um precursor vago do que estava por vir. Senti algo deslizar na minha entrada traseira, e eu sabia que o vibrador foi todo para dentro, apenas o curto laço do cordão permanecendo fora de mim.

— Sai da cama. — Roth comandou.

Devagar e com cuidado me movi para fora da cama, o gordo vibrador zumbindo enfiado na minha bunda me fazendo sentir pesada, sobrecarregada, desajeitada e desesperada. Eu estava com as pernas tremendo, de frente para ele.

— E agora?

— Incline-se sobre a cama. — seu olhar era quente, sombrio, quase com raiva. Não irritado, percebi. Apenas... Intenso. Violentemente excitado, enlouquecido com paixão. Virei-me para a cama, mas fui parada pela mão de Roth no meu ombro. — Espere. Eu tenho uma ideia melhor. Vamos.

Ele me cutucou para longe da cama, em direção ao seu closet. Como o meu, o cômodo era muito grande para ser realmente chamado de 'closet'. As paredes estavam cobertas de prateleiras e racks, camisas e ternos pendurados em filas, tudo organizado por cor, calças dobradas em prateleiras, sapatos alinhados contra a parede no chão. Em uma das paredes havia um espelho de três faces, do chão ao teto e foi para ele que Roth me dirigiu. Cada passo dado deslocava a bala dentro de mim e meus joelhos ameaçavam desabar.

— Pés afastados, curve-se e mãos no espelho. — a voz de Roth era baixa, um murmúrio de comando.

Eu fiquei na frente do espelho do centro, olhando para a nossa visão. Roth estava atrás de mim, 1,95m de um perfeito Deus Nórdico, seu rosto com todas as linhas marcantes, nítidas e ângulos firmes, olhos azul-claros piscando com sua excitação. Seu peito esculpido inchava com cada respiração profunda, sua pele bronzeada contrastando contra a minha pele um pouco mais pálida. Eu estava em plena exibição, por inteiro. Meu cabelo estava despenteado, emaranhado e sexy de pós-foda, meus olhos azul-escuros pesados com o prazer dolorido da bala dentro de mim. Minhas bochechas estavam ruborizadas, meus seios pesados e redondos com as aréolas e mamilos eretos duros e rosas. Minhas coxas abertas amplamente estavam visivelmente tremendo, minha boceta depilada espreitando, um pequeno espaço triangular se exibindo entre minhas coxas.

— Tal beleza perfeita. — disse Roth. Suas mãos descansavam sobre meus ombros, então escorregaram sobre meus braços, passeou por meus quadris, em torno de minha barriga, minhas costelas e para meus seios. — E toda minha.

— Toda sua. — eu concordei, pegando uma de suas mãos e a empurrando para baixo entre as minhas coxas para me tocar.

Ele puxou a mão livre, enfiou os dedos nos meus cabelos e me empurrou para frente para que eu ficasse curvada. — Abra suas pernas, Kyrie. Mãos no espelho.

Engoli em seco, colocando as palmas das mãos no espelho e deslocando meus pés afastados. Eu podia nos ver no espelho, virando a cabeça para nos observar de lado. Eu vi quando ele segurou seu pau na mão e cutucou a cabeça grossa contra os meus lábios vaginais. Minha boca se abriu e eu ofeguei enquanto ele acariciava a abertura de minha boceta e depois esmagava sua cabeça contra o meu clitóris, me fazendo gritar quando uma sensação se lançou em mim. Ele ainda tinha uma mão enterrada em meu cabelo, segurando um punhado grosso perto do meu couro cabeludo.

Ele usou o meu cabelo para puxar minha cabeça para trás. — Veja-nos, Kyrie.

— Eu estou vendo.

— Não feche seus olhos. Veja-nos.

— Tudo bem. — eu disse. — Estou vendo. Eu estou olhando.

Ele olhou para o lado e nossos olhos se encontraram no reflexo. Ele brincou com a minha abertura com a sua ponta mais uma vez e então, lentamente se empurrou para dentro de mim. Deixei escapar um longo gemido quando ele entrou, querendo pendurar minha cabeça enquanto ele deslizava profundamente, mas incapaz de fazê-lo por causa de seu domínio sobre o meu cabelo. Totalmente empalada, senti o vibrador zumbindo e seu pau dentro de mim, apenas uma fina membrana de pele os separando. Eu estava explodindo aberta, sem resistência, minha boceta esticada e dividida mais uma vez pelo seu enorme pau. Eu não conseguia respirar, não conseguia fechar meus olhos e não conseguia me mover. Eu só podia observar impotente, no espelho, quando ele recuou, eu não conseguia tirar meus olhos de seu escuro pau molhado e brilhando, quando o deslizou para fora de mim. Eu respirei estremecendo, finalmente, quando ele estocou em mim, minhas nádegas balançando com a força do seu impacto.

Como se esse único golpe quebrasse algo dentro de mim, eu ofeguei novamente e então soltei um grito, as palmas das minhas mãos no espelho suportando meu peso, seu aperto no meu cabelo segurando a minha cabeça erguida. De alguma forma, eu tinha perdido o fato de que ele havia colocado o controle remoto sem fio do vibrador nas minhas costas; ele o pegou, apertou um botão e o ritmo da vibração da bala aumentou. Outro botão foi apertado, e aumentou ainda mais e o terceiro tinha movimentado tão forte que eu podia senti-lo na minha barriga, mais uma vez a minha respiração foi roubada. Roth jogou o controle remoto em uma pilha de jeans que estava perto e fechou a mão agora vazia em volta do meu osso ilíaco. Eu queria xingar, gritar e implorar por misericórdia, mas não conseguia falar. Eu realmente não queria misericórdia deste louco êxtase selvagem.

E então ele começou a me foder para valer. Lentamente no início, usando a mesma retirada lenta e dura de antes. Eu encontrei a minha respiração novamente e o único som que fui capaz de fazer era um grito curto e agudo a cada estocada de seus quadris. Depois de

uma dúzia desses impulsos lentos e duros, Roth apertou ainda mais no meu cabelo e me empurrou para baixo, espalhando-me mais ampla, o levando mais profundo. Mexi meus pés para alargar a minha posição, abaixando minhas mãos no espelho e me encontrei feliz que eu era naturalmente bastante flexível. Estava desequilibrada, as minhas mãos no espelho não eram o bastante para me manter no lugar. Eu sentia como se estivesse prestes a cair, especialmente quando Roth iniciou num ritmo mais rápido, nivelado, dando-me um empurrão firme no momento em que seus quadris se chocavam contra minha bunda, me balançando para frente.

— Eu não, estou - eu vou... Cair, Valentine. — eu ofeguei, as minhas palavras quebradas pelo impacto de seu pau enterrando profundamente em mim.

Ele diminuiu o ritmo, deslizando lentamente, soltando meu cabelo para que ele pudesse reuni-lo em um rabo de cavalo em seu punho. — Eu não vou deixar você cair. Me dê suas mãos. — eu empurrei os meus quadris para trás contra o dele, tirei uma mão do espelho e a estendi atrás de mim. — As duas.

— Roth...? — eu protestei, mas levei minha outra mão para trás de mim também.

Ele agarrou meus pulsos juntos em uma mão, os segurando um sobre o outro na parte inferior de minhas costas. Foi quando eu entendi a posição: eu estava totalmente e completamente indefesa, não amarrada de qualquer forma, mas completamente em suas mãos. Ele tinha o meu cabelo em uma mão, meus pulsos na outra, seu pau empalado profundamente dentro da minha boceta trêmula, a bala vibrando descontroladamente em meu traseiro. Eu estava curvada quase dobrada e desequilibrada. Meus seios pendurados e balançando livres quando ele começou a estocar em mim. Ele me

puxou de volta com as duas mãos, batendo profundamente, e em seguida, me afastando, assim, seu pau quase escorregava para fora só para bater para dentro novamente.

Eu não conseguia gritar, só gemer. Eu queria lutar, odiando esse total controle dele. Mas não o fiz. Eu afastei meus pés ainda mais, o suficiente para sentir como se estivesse esticando os músculos da coxa, me curvando ainda mais, dando-lhe mais de mim. Foi uma decisão intencional de confiar nele, de deixá-lo me dominar, me possuir, me controlar. Inclinei minha cabeça para um lado e mais uma vez fiquei hipnotizada pela visão de suas poderosas coxas enrijecidas enquanto ele empurrava, seus músculos da bunda apertando com suas estocadas, seu pau brilhando quando o deslizava para fora, minha bunda tremendo quando ele batia em mim, meus seios balançando livres com cada golpe firme. Ele me pegou no ápice de cada impulso, me balançando para a frente com o impacto de seus quadris, puxando-me de volta para ele por meus braços e cabelos. Ele não puxava meus cabelos para causar dor no couro cabeludo, não empurrava meus braços flexionados, usava apenas a força suficiente para me manter equilibrada.

Eu senti que um orgasmo se construía dentro de mim. Era tudo isso ao mesmo tempo, tensão e energia se acumulando dentro de mim, o vibrador na minha bunda me fazendo crer que teria um orgasmo de intensidade violenta. Cada golpe de seu pau dentro de mim me empurrava mais alto, mais perto, e, no entanto, enquanto eu observava os nossos corpos se unirem, a sensação mais intensa de todas era a onda de emoção se afluando, minha vontade desinibida de me entregar a este homem, de deixá-lo me possuir totalmente de alguma forma, inacreditavelmente encontrando prazer que mudaria minha vida.

Eu soube, naquele momento, que eu nunca iria querer mais ninguém. Como eu poderia?

Minhas emoções estavam tão intensas que eu tive que empurrá-las para longe ou eu começaria a chorar, e eu não podia fazer isso ainda, não queria e não me atreveria. Pisquei com força e soltei meu peso, desistindo de qualquer pretensão de governar os meus próprios movimentos.

Um êxtase incandescente avançou através de mim, o desejo em meu corpo quebrando e se transformando para um êxtase nuclear. Ainda assim isso não era o clímax - isso era meramente a onda de abertura de detonações, a centelha que acenderia o inferno. As estocadas de Roth estavam ficando intensas, batendo mais forte e mais rápido, agora só me segurando no lugar enquanto me fodia.

Eu precisava gritar.

Eu puxei contra o domínio de Roth em meu cabelo, diminuindo o puxão no meu couro cabeludo para que eu pudesse abrir minha garganta o suficiente para soltar com um grito que ensurdeceu até a mim.

— É isso mesmo, Kyrie, grite. Grite enquanto eu te fodo. — ele aumentou o ritmo, batendo forte e rápido, um ritmo impossível, eu teria pensado. No entanto, ele o manteve. — Deixe-me ouvir novamente. Diga meu nome, Kyrie. Grite meu nome enquanto eu te fodo.

— *ROTH!* — o nome dele rasgou da minha garganta.

— Não este nome.

— Val - Val... entine... — eu mal consegui dizer todo o nome dele, as palavras quebradas conforme ele batia em mim. — Eu... Eu

preciso - gozar. Deixe-me gozar.

— Ainda não.

— Oh, Deus... Por favor...

— Espere por mim, Kyrie. Goze comigo. — suas palavras eram rosados baixos e ásperos.

— Não posso... Estou tão perto. — eu arfei. Senti a fragmentação de um clímax através de mim e tentei segurá-lo.

— Não se atreva. Ainda não. Ainda não, porra. — Roth estava batendo em mim descontroladamente, todo o ritmo abandonado, simplesmente frenético, poderoso, impulsos primitivos com suas pernas apoiadas abertas, todos os músculos tensos e delineados, maxilar cerrado, olhos perambulando para a visão de nossos corpos no espelho.

Nossos olhos se encontraram no espelho central. Sua expressão era sombria e fechada, mas eu sabia que ele estava escondendo emoções tão poderosas quanto as que ferviam dentro de mim. Ele podia ver a minha alma? Meu amor florescendo mostrado em meu olhar. Ele tinha que notar. De todos os absurdos e ridículos momentos mais inapropriados, foi neste, com Valentine Roth apoiado, grande, alto e guerreiro atrás de mim, me fodendo com ferocidade selvagem, que eu aceitei plenamente o fato de que eu estava me apaixonando por ele.

Ele escolheu aquele momento - o instante de minha epifania e minha aceitação da mesma - para desacelerar, moendo

profundamente em mim, as veias em seu rosto latejando. Então ele gozou.

— Agora, Kyrie. — ele gritou, depois gemeu e puxou para trás, hesitando um único instante e bateu para dentro novamente.

Eu gritei, sem palavras e estridente, quando eu, finalmente, permiti que a explosão do orgasmo rasgasse através de mim. Eu não consegui dizer seu nome quando gozei, Deus sabe que tentei, mas não consegui convocar nenhuma coerência, conseguia apenas enfiar minha bunda de volta para ele, gritando ainda mais alto quando senti seu jato quente e molhado em mim, fluxo após fluxo me enchendo e fazendo minhas paredes tensas se apertarem ao redor dele, meu ânus apertando e pulsando. Esse orgasmo foi a coisa mais poderosa que eu possivelmente poderia experimentar. Eu senti isso no descompasso das batidas do meu coração, no palpitar de meus seios, no aperto destruído do meu sexo e no pulsar explodindo por meu ânus se contorcendo. Eu o senti dos meus dedos dos pés até a raiz dos meus cabelos. Minha pele estava formigando e meus mamilos enrugando tão apertados que doíam e o meu clitóris como se queimando em chamas. Roth soltou minhas mãos e cabelos e se inclinou sobre mim. Levei minhas mãos contra o espelho tão alto quanto podia alcançar, apoiando o meu peso. Ele beliscou meu mamilo e empurrou os dedos contra o meu clitóris, torcendo e circulando, seus quadris rolando seu pau dentro de mim. O orgasmo quebrado de alguma forma se intensificou em seu toque e eu gritei mais uma vez, empurrando para trás forte e puxando para frente, deslizando seu pau dentro e fora de mim, meus músculos apertados em torno dele e não querendo liberá-lo. O movimento de seu pau era acentuado por um som de sucção molhado quando ele empurrava de volta e ele rosnou, gemeu, deixando soltar um último jorro de semente. No entanto, uma outra onda do orgasmo me atingiu e eu gemia com ele, e naquele exato momento Roth tirou a bala livre do meu traseiro, arrancando um grito chocado de mim quando a ausência súbita desencadeou mais uma torsão de êxtase agonizante.

Então eu estava acabada. Simplesmente acabada. Eu não conseguia ficar outro momento em pé. Eu caí para frente, pressionando meu rosto contra o vidro frio do espelho. Roth saiu de mim e envolveu um braço em minha cintura, me puxando de costas contra ele. De bom grado descansei contra a parede de seu peito firme, me virei desajeitadamente e murmurei algum ruído de prazer quando seu braço enrolou em volta de mim. Ele dobrou os joelhos e me levantou. Enganchei meus calcanhares ao redor de sua cintura e me segurei nele enquanto ele me levava de volta para a cama e me abaixava, me embalando com ternura.

Minha orelha descansava diretamente sobre o seu batimento cardíaco, e o ouvi, o senti: *thumpthump - thumpthump* louco e rápido, apaziguando enquanto nós descansamos juntos.

Eu senti uma necessidade louca naquele momento de admitir o que eu sentia. No entanto, não o fiz.

— Puta merda, Valentine. — foi isso o que eu disse ao invés. Débil, mas era tudo que eu podia convocar.

Eu estava com medo dos meus sentimentos. Naturalmente. Eu sabia que ele gostava de mim e eu sabia que tínhamos química juntos para fazer tremer o universo e para fazer sexo com uma sinceridade inacreditável. Mas eu só o tinha conhecido há alguns dias. Eu sentia este tempo como uma vida inteira, sim, mas ainda assim era apenas um pontinho no grande esquema das coisas. E ainda... Eu sabia o que eu sentia. Nada mais do que amor poderia explicar essa mistura infernal e intensa de emoções que eu sentia. O medo, a necessidade, a ternura, a ânsia de agradá-lo, a vontade de obedecer, apesar da minha natureza exigindo o oposto. Eu o queria. Eu queria essa vida. Eu queria ir com ele para Turks e Caicos, Inglaterra, França e Itália. Eu queria ser a única mulher em sua vida. Eu queria ir a qualquer lugar com ele. Eu queria conhecer seu pai

aparentemente assustador e descobrir o que Roth fazia para ganhar a vida, como ele ganhava o seu dinheiro. Eu queria saber todos os segredos sobre ele, não importava o que fossem.

Isto tinha se construído e intensificado a níveis maníacos pelo que tínhamos compartilhado na noite passada e nesta manhã.

Talvez fosse desaparecer. Talvez eu estivesse confundindo sexo fantástico com algo que não era.

— Fique aqui. — disse Roth, escorregando para fora de debaixo de mim e deixando a cama.

— Como se eu pudesse me mover. — eu murmurei.

Eu estava grata por sua ausência. Isso me deixou examinar a mim mesma, indagar meu coração e minha mente sem o poder vertiginoso de sua presença para me distrair.

Eu achei que não estava me iludindo. Eu não estava confundindo os meus sentimentos ou não entendendo minhas emoções. Eu o amava. Ou melhor, eu estava deslizando inexoravelmente em direção a isso. Apaixonando-me. Uma frase estranha, tão comum a ponto de ser quase inútil, como uma espécie de saturação semântica em um nível cultural. Só quando você sente que está se apaixonando é que percebe o significado desta frase e se permite compreender a precisão da descrição.

De bruços na cama, nua, toda dolorida e ainda vibrando de vez em quando com tremores secundários, eu sabia que teria que lhe dizer como me sentia, e logo. Mas eu não queria. Eu queria segurar o

sentimento e ver se eu conseguia descobrir o que ele sentia antes. Mas isso era covardia. Ele merecia a verdade de mim.

Eu diria a ele depois do café da manhã.

Naquele momento, Roth retornou ainda nu, carregando uma bandeja com alimentos. Bagels torrados carregados com uma espessa camada de cream cheese, uma garrafa térmica de café, um serviço de chá junto de xícaras, creme, açúcar e colheres. Ele colocou a bandeja sobre a cama entre nós dois, me serviu de café do jeito que eu gostava com açúcar branco e creme de leite. Eu me perguntava de braços cruzados, como ele sabia a maneira que eu gostava meu café.

Nós comemos em completo silêncio. Eu observava Roth cuidadosamente procurando por alguma pista de seus sentimentos, mas tudo o que obtive foi conflito.

Eu não gostava de conflito. Não depois do que tínhamos acabado de compartilhar, não depois de finalmente aceitar meus sentimentos por Roth.

Quando os bagels acabaram e nós dois servimos uma segunda xícara - café para mim e chá para ele - Roth desapareceu no closet e voltou vestindo short de ginástica vermelho com duas listras brancas ao lado. Ele tinha um roupão feminino em sua mão, com uma etiqueta ainda pendurada sobre a manga.

Ele tirou a etiqueta e me entregou o roupão. — Coloque isso.

— Tudo bem. — eu disse me levantando e amarrando o roupão em volta de mim e deixando um pouco solto no meu seio para deixar algum decote.

Ele me olhou de cima a baixo. — Deus, Kyrie. Tão malditamente sexy. Tão linda. Tão perfeita. Minha. — ele suspirou. — Por enquanto.

— Por enquanto? — eu senti meu coração apertar. — O que é que isso significa?

Ele bateu em um painel na parede perto da porta e as paredes de vidro ficaram transparentes novamente, revelando um céu azul claro e sol brilhante. Pegando a sua xícara de chá, ele atravessou o quarto e abriu as portas de sua varanda, gesticulando para eu segui-lo. Como a casa de Roth tomava todo o andar superior do arranha-céu, a varanda de canto significava que todo o canto do prédio era cortado na parte superior. O céu estava aberto acima de nós, o prédio subindo atrás de nós, Manhattan espalhada abaixo de nós, carros como brinquedos e pessoas como pontos.

— Deus. — eu disse encostada na grade. — Que vista.

— Sim. — Roth concordou, com a voz num murmúrio suave. — Que vista.

Eu me virei e seu turvo olhar azul me dizia que ele não estava falando sobre Nova York. No canto mais distante da varanda havia uma mesa de bistrô pequena, com duas cadeiras de ferro forjado com almofadas grossas. Roth se sentou em uma e eu tomei a outra. Tomei um gole de café e esperei que ele falasse.

Depois de vários longos minutos, ele soltou um suspiro trêmulo e encontrou meus olhos. — É hora de você saber a verdade.

Capítulo 13

A Verdade

Cuidadosamente, com medo de deixar minhas mãos trêmulas derramar meu café, coloquei a minha xícara para baixo.

— A verdade. Sobre o quê?

Apesar de sua aparente calma, vi uma torrente de emoções escondidas em seu olhar. Ele desviou o olhar, observando a cidade, tomando seu chá, olhando casualmente com sua majestosa musculatura e real beleza.

— Você se lembra do que eu disse para você?

Engoli em seco. Eu quase havia esquecido.

— Você tem um segredo que me afeta. — sentei-me ereta, empertigada e adequada, em uma vã tentativa de me manter contida. — Você disse - que quando me falasse, isso mudaria as coisas entre nós.

Ele assentiu, finalmente colocando sua xícara para baixo e olhando para mim. Ele descansou sua panturrilha no joelho, se inclinando para trás. — E quando você soubesse, o que foi que eu disse que você provavelmente faria?

— Iria embora. — eu disse num sussurro.

Acho que eu não vou lhe dizer como me sinto ainda.

— Sim. — seu pomo de Adão balançou quando ele engoliu. Eu nunca o tinha visto tão nervoso antes. — Antes de começar, saiba disso: Você é minha. Você sempre será minha. E eu cuido do que é meu. Então, mesmo se você for embora... Você não terá preocupações. Nunca mais, não importa o quê. Você entendeu?

Seu olhar exigiu uma resposta, então eu assenti. — Sim. Eu entendo. Mas não entendo o que possivelmente você poderia me dizer que iria mudar...

— Basta ouvir. Não interrompa. — ele se inclinou para frente, com os cotovelos sobre os joelhos, as mãos cruzadas na frente dele. — Você me reconheceu, Kyrie? Será que você me reconheceu, quer dizer, quando me viu?

Eu franzi a testa. — Eu - eu pensei que poderia tê-lo visto antes, mas não fui capaz de lembrar onde. Por quê?

— Eu conheci o seu pai. Você e eu... nos encontramos antes. Brevemente. Sete anos atrás.

O entendimento disso me atingiu como uma tonelada de tijolos. — Meu primeiro ano de faculdade. Eu estava visitando meu pai em seu escritório. — eu fiquei rígida, lembrando. — Eu simplesmente entrava em seu escritório como sempre, quando ia vê-lo. E, como minhas aulas eram no centro, perto de seu escritório, ia visitá-lo o tempo todo, então eu apenas entrava. Naquele dia, porém, a sua secretária tentou me parar. Ouvi vozes em seu escritório, vozes

raivosas. Eu entrei de qualquer maneira. Papai estava em pé atrás de sua mesa, de frente para a janela. E... Você. Você estava lá. De terno e gravata. Ambos pareciam chateados. Assim que papai me viu, porém, ele... Mudou. Agiu como se nada estivesse errado. E você também. Essa foi a única vez que ele agiu como se não tivesse tempo para mim. Ele - ele me disse para voltar mais tarde. — fiz uma pausa, meu estômago caindo. — Dois - dois meses depois, a polícia o encontrou... Em um estacionamento. Morto a tiros. Eles nunca descobriram quem o matou.

Eu não conseguia respirar quando os olhos de Roth, agora frios como gelo ártico, encontraram os meus.

Ele piscou duas vezes. — Fui eu.

Meu mundo girou e a minha visão entrou em um túnel de completa escuridão. — O - o quê? O que você quer dizer? Você o matou? Por que... Por que você diria algo assim, Valentine? — meus olhos piscaram, o meu coração batia forte e náuseas preenchiam o meu estômago.

Ele piscou de novo, mas não desviou os olhos de mim. — É verdade. Sinto muito, Kyrie. É... Foi em legítima defesa.

Eu balancei minha cabeça. — Não. *Não*. Isso não faz nenhum sentido. Legítima defesa? Quer dizer, como, meu pai tentou matar *você*? Por quê? Eu não - eu não entendo o que você está falando, Valentine.

Ele se levantou de repente e se inclinou sobre o parapeito. — Foi um negócio que deu errado. — sua voz era lenta, seu sotaque Inglês geralmente fraco agora engrossando para se tornar perceptível. — Eu era jovem, na época. Apenas começando aqui em

Nova York. Eu tinha várias empresas de sucesso no exterior, como eu já lhe disse. Uma empresa de pesca comercial, imobiliárias, empresas de tecnologia. E um negócio que não era... Lícito. Mas foi o que me trouxe a maior parte do dinheiro, infelizmente.

— Não era lícito? Como... Drogas? — eu tive que perguntar, mesmo que apenas para me distrair do que ele tinha acabado de admitir para mim.

Ele balançou a cabeça. — Comércio de armas. Entrei nisso por acaso, realmente, mas eu era bom. Era perigoso, mas eu era jovem, arrogante e achava que era invencível. Mas um negócio correu mal para mim e quase fui morto. Então, eu vendi meu estoque em partes e vim para Nova York, determinado a conseguir um negócio mais legítimo para mim. E, eu fiz. Tinha algum capital dos imóveis que possuía, e então comprei uma empresa de tecnologia que estava falindo. Levantei a empresa e depois a vendi novamente. Fiz isso com muitas outras. Fazia uma fortuna a cada vez. Isso se tornou o meu negócio. Comprar uma pequena empresa, levantá-la e depois vendê-la. Uma prática bastante comum, na verdade. A maioria iria à falência de qualquer maneira, por isso não era como se eu fosse um tubarão de aquisição. Eu era cruel, mas isso eram apenas negócios. E eu tentava olhar pelos funcionários, com pacotes de indenizações generosos e afins para aqueles que perderam seus empregos. Alguns lutaram contra mim, é claro, pensando que poderiam salvar suas empresas por conta própria.

— Seu pai era um desses. Ele tinha um negócio bem sucedido fornecendo autopeças para o Big Three. Ele tinha os dedos em outras coisas, também, é claro, coisas ao redor da cidade, oportunidades aqui e ali. Ele tinha poder de longo alcance, apesar da pequena aparência externa de sua empresa. Tudo o que eu vi foi outra oportunidade de negócio. Havia três outras empresas iniciantes, eu estava indo atrás delas e meu plano era fundi-las todas sob meu controle. Eu queria fazer um pacote. Seu pai era a chave para tudo. O

negócio dele era a chave de todo o negócio. Ele tinha a melhor rede de contatos e a linha mais forte para o Big Three. Sem ele, as outras duas empresas só iriam desmoronar. Eu precisava dele para mantê-las juntas. E seu pai era um maldito homem de negócios experiente. — Roth fez uma pausa seu aperto no parapeito torcendo em agitação. — Ele me viu chegando há um quilômetro de distância e estava lutando para me manter fora. Ele construiu a sua empresa a partir do zero e não estava disposto a perdê-la, não para um jovem idiota ganancioso como eu. Essas foram suas palavras, sabe. Isso era o que ele estava gritando para mim um pouco antes de você entrar naquele dia. “Eu trabalhei muito duro para esta maldita empresa para perdê-la para um jovem idiota ganancioso como você, Roth”. — ele falou em uma voz baixa, e soou estranhamente como o meu pai, até a pequena aspereza que ele tinha por causa dos seus anos fumando, antes de eu nascer.

Roth continuou. — Era apenas um negócio. Além disso, eu estava pensando deixá-lo a cargo de uma empresa muito maior. Aumento salarial, melhores regalias, um escritório maior. Mas ele não queria isso. Ele queria o que era *dele*, o que ele tinha trabalhado para construir. Eu respeitei isso, eu realmente fiz, mas eu não estava disposto a deixar isso me parar. E eu não ia usar táticas violentas para conseguir o que eu queria. Eu tinha vindo da Europa, lembre-se, onde subornos e coação eram comuns, especialmente nos países do bloco oriental, onde fiz a maioria do meu comércio de armas.

Ele fez outra pausa, voltando-se para pegar sua xícara e tomar um gole do que agora tinha que ser chá frio. Eu queria detê-lo, dizer a ele que não queria ouvir mais nada. Eu não acreditava nele. Não era verdade. Não podia ser. O homem que eu amava havia assassinado meu pai? De jeito nenhum.

Ele abaixou sua xícara e se recostou contra o parapeito, os braços cruzados sobre o peito poderoso. — Eu fiz algumas escavações. Descobri algumas coisas sobre seu pai e que ele não

queria divulgado. — eu não queria ouvir mais nada, mas eu era incapaz de parar o dilúvio de palavras dele. — Ele era um homem bom, Kyrie. Um bom pai. Mas ele era um homem de negócios impiedoso. E ele tinha a mão em algumas coisas desagradáveis. Uma rede de prostituição. Acompanhantes de alta qualidade em casinos, esse tipo de coisa.

Eu balancei minha cabeça, ignorando as coisas *hipotéticas* que estavam passando pela minha cabeça. — O quê? Não, Roth. Você está enganado. Meu pai vendia autopeças. Ele não tinha nada a ver com... Prostituição.

Roth suspirou sem desviar o olhar de mim, me deixando ver a dolorosa sinceridade em seus olhos. — Eu sinto muito, Kyrie. Eu a pouparia destas revelações, se eu pudesse. Eu tenho provas, se você realmente quiser. As mesmas provas que usei para forçar seu pai a vender. Ele amava você, eu sei que ele amava. Ele ainda amava sua esposa, de um modo estranho. Ele era o tipo de homem que poderia compartimentar os vários aspectos de sua vida. Ninguém sabia que ele corria neste círculo de acompanhante. Ninguém. Nem mesmo seus amigos mais próximos e membros da diretoria. E, certamente, não a sua família.

Levantei e me afastei, a raiva fervendo dentro de mim, a confusão me explodindo, a incerteza me balançando. — Ele apenas as dirigia, certo? Quer dizer... Ele nos amou. Mamãe, Cal e eu. Ele era... Fiel, certo? — por que isso era importante? Ele estava morto. Por causa de *Roth*. Por causa do *meu* Valentine Roth.

Roth ficou em silêncio por um momento. — Eu sinto muito. Eu gostaria de poder dizer o que você quer ouvir. Mas, apenas, não é a verdade. Como eu disse, ele era um bom pai. Ele cuidou de você. Eu vi isso. Sua maior preocupação quando me aproximei dele sobre a fusão foi que precisava tomar cuidado com você, para que nada disso

a afetasse. Mas, se ele foi maritalmente fiel? Não. Ele - bem, esse não é o assunto. Havia outras ligações no subterrâneo. Boatos de tráfico de drogas e ligações com cartéis sul-americanos.

— Nada jamais foi comprovado, mas foi o suficiente para me dar poder sobre ele. Algumas fotos dele com suas acompanhantes, alguns livros dos quais eu tinha conseguido me apossar e pessoas dispostas a delatá-lo por dinheiro. Ele ficou desesperado. Fez um pouco de sua própria escavação. Ele descobriu algumas coisas sobre mim, minhas velhas conexões com o comércio de armas. Nada substancial o suficiente para realmente me prejudicar, mas o suficiente para deixar claro que ele estava disposto a jogar pesado. Então eu vazei algumas informações a respeito de sua rede de prostituição para fontes apropriadas... O círculo foi preso, e ele, apenas por pouco, evitou uma incriminação direta. Foi o suficiente, no entanto. As autoridades foram bisbilhotar a vida dele, o deixando nervoso. A coisa era, ele sabia que eu tinha os meios para fazer isso parar. Era um pequeno círculo lucrativo para ele, mas pequeno em escala nacional. Alguns subornos bem colocados e a pressão iria embora. Basta vender, eu disse a ele. Assine a fusão.

Eu o enfrentei de longe, braços cruzados sobre meu peito, as lágrimas ardendo em meus olhos. Eu as engoli e as segurei, mas por pouco. — Você está mentindo! Você está inventando tudo isto. Isto... Isto parece algum romance de suspense estúpido. Meu pai vendia autopeças.

Roth se moveu para se aproximar de mim. — Por que eu faria isso, Kyrie? Por que eu diria isso se não fosse verdade?

Eu balancei minha cabeça, balançando o cabelo nas minhas costas. — Eu não - eu não sei. Você é louco. Isso tudo é um jogo.

Suas mãos descansaram sobre os meus ombros, e, pela primeira vez desde que nos conhecemos, fiquei tensa, vacilei e me afastei dele. Ele suspirou, mas me deu o meu espaço. — É tudo verdade, Kyrie. Sinto muito. Eu não faria algo assim. Eu *não poderia*.

Eu me virei com muita raiva agora. — Então você o matou? Porque ele não queria vender?

Roth balançou a cabeça. — Não. Não foi bem assim. Não foi. Isso não teria me ajudado. Eu precisava dele para executar as coisas em Detroit. Matá-lo não teria servido a este propósito. E, mais importante, eu não sou assim.

— Você era um *traficante de armas!* — eu disse. — Um criminoso. Por que diabos eu deveria acreditar em *qualquer coisa* do que você diz? Como sei que você não é um assassino? Como sei que você não matou dezenas de pessoas?

Roth gemeu. — Não, Kyrie. Isso foi apenas um negócio. Foi um *negócio*. Vendia caixas com armas para pessoas que as queriam. Isto é tudo. Era chato, a maior parte do tempo. Apareça, troque um caminhão cheio de caixas com armas por uma mala cheia de dinheiro. Vá para casa e fique bêbado. Simples. Eu não era... Algum tipo de criminoso perigoso, Kyrie. Eu não era assim e não sou agora. Era um negócio estúpido para entrar, eu percebo isso agora, mas eu estava sozinho no mundo, na época, apenas tentando sobreviver, e... Uma oportunidade lucrativa levava a outra, e então eu estava nessa e fazendo muito dinheiro bem rápido. Eu não saí por aí atirando nas pessoas, como uma espécie de James Bond vilão.

— Então o que aconteceu com meu pai? — eu precisava saber. Eu não queria, mas tinha que saber.

Ele se virou. — Como eu disse, ele estava ficando desesperado. A pressão era uma montagem. Eu o coloquei lá de propósito só para levá-lo a vender, e então, depois, eu teria a certeza de que tudo desapareceria. Se eu fosse outro homem, teria ameaçado que enviaria as fotos dele com sua amante, para sua esposa e à diretoria, ou o que fosse preciso para motivar a venda. Eu não tinha interesse em arruinar vidas, eu estava apenas... Singularmente focado. Mas seu pai levou isso como algo pessoal. E em vez de vender, ele me encurralou em uma garagem de estacionamento. Ele estava bêbado, drogado ou algo assim. Ele estava fora de si. Ele tinha uma arma e estava zangado. Gritando comigo, me ameaçando. Tentei acalmá-lo. Disse-lhe que iríamos dar um jeito. Prometi a ele que faria a suspeita disso ir embora. Mas... Ele não estava ouvindo. — sua voz baixou para um sussurro. Eu tive que me esforçar para ouvi-lo. — Ele colocou a arma na minha cabeça. Disse que ia me matar. Eu vi... O dedo no gatilho. Ele estava tremendo. Ele realmente ia me matar. Lembro-me de perceber isso. Tentei mantê-lo falando. Ele abaixou a arma um pouco, apenas o suficiente para me fazer saltar nele. Nós lutamos. Eu só estava tentando pegar a arma da mão dele. Eu não iria atirar nele, apenas... desarmá-lo. Eu já tinha baleado uma vez, e eu não queria repetir a experiência. Mas ele estava... Enlouquecido. Em seguida, a arma disparou. Eu pensei que ele estava chocado no início, tipo, “merda da arma disparou”. Mas depois ele desabou e eu senti... Algo molhado. Em meu peito.

Ele cerrou os punhos, se inclinou e apoiou a testa no parapeito. Finalmente, ele se endireitou, sugando uma respiração para se acalmar. — Foda-se. Nunca falei isso para ninguém. — seus olhos encontraram os meus. Azul como um céu de inverno, sério, até mesmo um pouco temeroso. No entanto, sua voz saiu tão forte e controlada como sempre.

— Eu o empurrei de cima de mim e ele estava sangrando. Deus. Havia sangue por toda maldita parte. Eu nem mesmo sei como isso aconteceu. Estávamos lutando pela arma e então ela simplesmente disparou. A bala por acidente lhe acertou no coração.

Ele morreu em segundos. — Roth respirou fundo e soltou o ar, andando para longe de mim, com as mãos passando em seu cabelo. — Eu deveria ter dito alguma coisa a alguém. Quer dizer, foi um acidente. Mas, então, haveria uma investigação, bem quando meu negócio estava totalmente legal e legítimo, e não queria que as coisas que fiz no meu passado viessem à tona. A natureza da coação que fiz em seu pai não teria sido bom, também. Então... Acho que entrei em pânico. O deixei lá e retornei para o andar superior. A garagem ficava no porão de um edifício em que eu estava alugando uma cobertura. Então, eu somente subi, me afastando e depois me livre das roupas. Não havia registro da minha estadia naquela cobertura, como eu conhecia o proprietário e o sublocava meramente por dinheiro. Sem câmeras, nenhum registro, e meu amigo não falou nada. Então eu fiz as malas e desapareci. Tive a certeza de que as suspeitas sobre o seu pai desaparecessem e de que, quando o corpo de seu pai fosse encontrado, parecesse que foi um assalto que deu errado.

— Isso foi o que eles disseram. A polícia. Um assalto que deu errado. No entanto, as coisas não se encaixavam. Era uma garagem segura, mas não havia qualquer prova em contrário, de modo que encerraram o caso, depois de um tempo. Nenhuma arma, nenhuma testemunha, nenhum motivo que alguém poderia encontrar. — eu olhei para Roth. A imagem dele nadou e turvou quando minhas lágrimas brotaram. — Eu não sei o que pensar. No que acreditar. Como me sentir.

— Não creio que você faça. — Roth deu um passo hesitante em direção a mim. — Eu sinto muito, Kyrie. Foi um acidente. Eu nunca quis que isso acontecesse. A partir do momento que nos conhecemos brevemente no escritório do seu pai... Eu não conseguia parar de pensar em você. Você estava tão bonita. Você me tirou o fôlego, ainda assim. Fiquei tentando descobrir uma maneira de conhecê-la, mas nada nunca veio à tona. Eu simplesmente não podia me aproximar de você, do nada, não com o negócio que eu tinha acontecendo com seu pai. E... Quando se tratava de mulheres, você estava longe do que eu estava acostumado. Estava acostumado a tomar as mulheres que

eu queria para a noite e, depois, as descartava. As mulheres sempre foram abundantes em minha vida e eu nunca tive que me preocupar em impressionar ou obter seus números ou fazer qualquer um dos jogos habituais que uma menina em sua posição estava acostumada. Eu pegava o que eu queria e pronto. Mas eu sabia, eu *sabia* que você não era esse tipo de garota. Eu não podia simplesmente levá-la para minha cama e depois descartá-la quando tivesse acabado. E, depois, aconteceu o acidente com o seu pai. Ele tinha um seguro de vida muito pequeno no momento da sua morte, não o suficiente para fazer a diferença para você, sua mãe e irmão. Um pouco mais de cem mil dólares, se tanto. Eu não me lembro exatamente o quanto.

Eu balancei minha cabeça novamente. — Não, ele tinha uma apólice enorme. Mais de um milhão de dólares.

Roth esfregou sua bochecha. — Não, querida. Eu alterei a apólice depois de sua morte. Internamente. Tive a certeza de que era o suficiente para ajudar, mas não tanto que causasse espanto.

Eu tropecei para trás, lágrimas de choque correram. — Você - você aumentou o pagamento? Por quê?

— Para ter certeza de que você ficaria amparada. Dei uma olhadinha depois do funeral. Apenas para verificá-la. Sua mãe estava... Indisposta. Seu irmão era apenas uma criança. Que inferno, *Kyrie*, você era apenas uma criança, apenas 19 anos de idade, mas você era a única pessoa capaz de tomar conta das coisas. Então, eu aumentei o valor do pagamento e paguei algumas de suas dívidas. Ele não tinha deixado vocês bem financeiramente. Dezenas de milhares de dólares em dívidas de cartão de crédito. Toda a hipoteca. Três pagamentos do carro atrasados. A apólice teria sido liquidada rapidamente. Então, eu suavizei as coisas.

Minha memória destes tempos era nebulosa, mas tentei me lembrar. Eu fui uma criança protegida. Eu tinha crescido num subúrbio agradável, não me faltava nada. Não era rica, mas confortável. Eu nunca paguei uma conta na minha vida. E depois que meu pai morreu, mamãe entrou em depressão, por isso, tudo caiu sobre meus ombros. Eu nem sabia por onde começar. Mamãe não ajudava em nada, se escondendo em seu quarto bebendo, quebrando móveis, machucando a si mesma. Perdendo a porra de sua mente. Contas continuavam chegando e eu não sabia o que fazer, nem como pagá-las. Então, eu peguei os cartões e talão de cheques da minha mãe e comecei a pagá-las. Forjando sua assinatura. Uma vez, quando ela estava no meio de um delírio paranoico, eu consegui que ela me dissesse suas senhas dos cartões e do banco para que eu pudesse ver o quanto de dinheiro que havia. Havia muito pouco, lembro-me de verificar isso. À primeira vista, um saldo de quinze mil dólares parecia muito, mas depois que comecei a somar o valor dos pagamentos do carro, da casa e de tudo mais, percebi que não iria longe. E, então, me lembrei de verificar na correspondência algo sobre alguma apólice de seguro. Eu havia procurado no escritório do meu pai e encontrei o número de seu advogado, Albert Emerson. Albert foi o único que me ajudou a resolver as coisas. Ele era um homem velho bondoso e me ensinou muito sobre como cuidar de mim financeiramente. Ele me aconselhou a colocar minha mãe em uma casa de repouso. Ele me ajudou a vender a casa e mudar para um apartamento com Cal e me ajudou a conseguir a tutela legal de Cal, para que eu pudesse cuidar dele.

Mas agora, pensando no que Roth estava me dizendo, eu percebi coisas que me fizeram questionar. A casa foi vendida em questão de dias, mas me lembrei da casa do outro lado da rua, que era maior e mais recente do que a nossa e que ficou a venda por meses. Contas, de repente, pararam de chegar e nunca questionei isso, também nunca quis descobrir, estava apenas grata. Ele tinha “suavizado as coisas” e eu nunca tinha percebido isso. Os carros. Jesus. Ele pagou os carros e eu nem percebi isso. Eu tinha que fazer o pagamento de três carros: de mamãe, do papai e do meu. Lembrei-

me das contas chegando e perceber o quão rápido as coisas ficavam grandes quando somadas. Mas, então, o funeral aconteceu e tive que colocar mamãe em uma casa de repouso. Tive que obter a tutela de Cal para que eu pudesse assinar por ele, dentro e fora da escola, levá-lo ao médico - merda, eu tive que aprender a lidar com tudo. Todas as coisas que vinham com a idade adulta desabaram sobre mim de uma só vez. E, então, quando descobri como as coisas estavam, cheguei à conclusão de que precisava vender a casa. E no momento em que consegui, Cal e eu tínhamos nos mudado para um apartamento de dois quartos, as contas dos carros, simplesmente desapareceram. Eu tinha pedido a ajuda de Albert na venda de todos os carros, exceto o meu, um Honda Civic de duas portas, o mesmo que eu ainda estava dirigindo. Eu precisava do dinheiro que eu tinha conseguido dos carros da minha mãe e do meu pai, um Lincoln MKZ e um Mercedes, respectivamente. Eu queria manter o do meu pai, obviamente, uma vez que era um carro muito bom, mas Albert havia me convencido da inviabilidade disso. Então, eu tinha vendido os carros caros e mantive apenas o mais barato e nunca questioneei o que havia acontecido com as dívidas pendentes sobre eles.

— Você pagava Albert? — eu perguntei.

Roth balançou a cabeça. — Não. Eu nunca contatei Albert. Ele foi contratado por seu pai, só para o caso de algo acontecer. Albert não estava envolvido nos assuntos do dia-a-dia de Nicholas. Embora, eu sei que ele a ajudou.

Eu assenti. — Ele foi inestimável nos primeiros dias após a morte do meu pai. Eu não sabia o que estava fazendo. Ele me ajudou a descobrir um monte de coisas. — eu soltei um suspiro. — E sobre a casa? Será que você teve algo a ver com sua venda?

Roth deu de ombros. — Sim, é claro. O mercado para vendas estava positivamente horrível naquela época. Você nunca teria

conseguido vendê-la. Então, eu comprei. Através de um conjunto de fachadas, é claro.

Eu pisquei para ele em choque. — *Você* a comprou? — você não teria pensado que eu poderia ficar mais surpresa naquele momento, mas os choques continuavam chegando.

— Sim. E depois revendi por um preço ridiculamente baixo para um funcionário meu. — Roth caiu de volta na cadeira. — Esses detalhes são realmente importantes agora, Kyrie?

Eu balancei minha cabeça e caminhei para longe, cruzando meus braços sobre meu estômago. Eu me sentia dormente. Chocada. Eu não sabia no que acreditar e no que pensar. Posso mesmo acreditar nele? Meu instinto dizia que ele estava dizendo a verdade. Mas o que isso significava para mim?

— Então, era por isso que você estava me observando? — eu perguntei, depois de um longo silêncio. Era a única coisa que eu conseguia pensar em perguntar. Muitos pensamentos estavam competindo por espaço na minha cabeça.

— Sim. Eu não conseguia tirar você da minha cabeça. Depois que suavizei sua situação financeira, voltei para Nova York e fui para cima de meus negócios de tecnologia. Eu tinha feito o que pude e mais do que qualquer um poderia esperar, provavelmente. Mas eu não conseguia parar de pensar em você. Então, eu chequei você algumas vezes. Você parecia estar indo bem, descobria algumas coisas. Isso é tudo o que era no início: verificar você. Isso é tudo que eu sempre quis que fosse. E então contratei Harris. As coisas estavam realmente complicadas para mim aqui, meu negócio ficando cada vez maior, então eu realmente não tinha mais tempo para ir pessoalmente a Detroit verificar você. Então mandei Harris. Disse a

ele para não fazer nenhum tipo de contato em qualquer circunstância e para se certificar de que você nunca suspeitasse de que estava sendo vigiada. Eu não queria te assustar, mas me sentia responsável por você. A culpa foi minha pela morte de seu pai e todas as consequências disso. Eu não podia simplesmente deixá-la com seus próprios recursos. Mas eu sabia que se você soubesse... Quem eu era, o que eu tinha feito... Você nunca teria falado comigo. E eu só não sabia como fingir um encontro casual. Com o passar dos anos, tornou-se... Um pouco de obsessão, suponho. Certificar-me de que você estava bem. Mantê-la segura. Mas eu não queria interferir muito. Eu disse à Harris para ficar de olho em você, para mantê-la segura. E ele fez. Uma vez por mês, ele viajava para Detroit e passava uma semana seguindo você, verificando seus assuntos, se certificando de que você estava bem. — ele engoliu em seco, olhando para o horizonte.

— Então, o dinheiro do seguro acabou e eu não sabia o que fazer. Eu esperava que você ficasse bem por conta própria. Porque... Eu sabia que, se você tivesse problemas demais, eu seria obrigado a ajudá-la. Você tinha tomado muito tempo fora da escola apenas para cuidar de Cal, trabalhando durante o dia para completar o seu dinheiro do seguro e cuidar de sua mãe... Cuidando de todos, exceto de si mesma. Você devia ter uma carreira agora. Uma família, talvez. Mas você não tem por minha causa. Foi um acidente e eu sei disso, mas se eu não tivesse tentado forçar a mão de seu pai... — ele balançou a cabeça. — Eu mudei minha tática depois disso, me concentrando no desenvolvimento do meu negócio de tecnologias, além de investimentos em capital de risco e afins. Eu nunca mais comprei outra empresa depois disso. Não como eu havia feito, de qualquer maneira. Eu ainda compro empresas e faço fusões, mas somente quando o negócio acontece... Naturalmente.

— Então, a minha vida ficou desesperada... — eu incitei. Eu precisava saber como ele tinha chegado até aqui. Qual era... Seu objetivo. O que ele queria de mim.

Ele assentiu. — Então, sua vida ficou desesperada. Eu fiquei de fora o máximo que pude. Mas ficou claro que você estava no limite, por assim dizer e eu havia descoberto, através de várias fontes, que estava prestes a ser demitida... Eu pensei em apenas dar-lhe um emprego, mas isso só teria consertado as coisas temporariamente. Então eu lhe mandei o primeiro cheque. Eu esperava... Estupidamente, talvez, que você apenas... De alguma forma fosse ficar bem. Mas você não ficou. Coisas estavam se acumulando e a pilha ficando muito alta e você parecia nunca chegar à frente. E mesmo se você tivesse conseguido realizar seus objetivos de carreira, isso não iria conseguir resolver seus problemas financeiros. Então, continuei enviando os cheques. E quanto mais eu observava você, mais eu folheava as fotos que Harris estava me enviando... Mais eu sentia que eu... Precisava conhecer você. Eu tinha que conhecer. Eu não podia fingir que estava apenas ajudando mais. Então eu mandei Harris para...

— Me recolher. — eu terminei para ele.

Ele assentiu com os dedos pressionados juntos na frente de seu rosto. — E eu sempre soube que esse dia chegaria. Que eu tinha que lhe dizer. E agora eu fiz.

Pisquei firme. O entorpecimento estava passando, e a realidade foi me batendo: Roth foi o responsável pela morte do pai. Eu tinha sofrido durante anos para sobreviver, por causa dele. Por causa de um *negócio*. Eu quase *morri de fome* e ele simplesmente se sentou lá, esperando que eu “ficasse bem sozinha”.

Ele matou o meu pai.

Roth matou meu pai. Um acidente. Legítima defesa. Meu pai ainda assim estava morto e Roth tinha, acidentalmente ou

intencionalmente, causado sua morte.

— Eu preciso - eu preciso pensar. Preciso de espaço. — eu me virei para Roth, puxando as pontas do meu roupão juntas, lutando para evitar que se soltasse totalmente. — Eu não sei de mais nada. Isso... Isso muda tudo. Assim como você disse que mudaria.

Roth deu um passo em minha direção e depois outro, perto o suficiente para que eu pudesse sentir o cheiro de nosso sexo ainda nele, o *meu* cheiro nele, enquanto eu olhava para seus olhos azuis tumultuados, seu peito era uma parede firme na minha frente, suas mãos na minha cintura. — Kyrie...

Eu bati meu punho em seu peito, me empurrando para longe dele. — Você o *matou*.

— Não. Foi um acidente. — ele insistiu com calma.

— Você o *matou*! — eu gritei, recuando. — Ele ainda está morto e ainda é culpa sua!

Ele não vacilou. — Sim.

— Como... Como chegamos aqui? Por que você me trouxe aqui? Por que este jogo? Por que... — eu balancei minha cabeça. Tudo dentro de mim estava louco, abalado e confuso. Meus sentimentos por ele permaneciam, mas agora eles estavam competindo com milhares de outras emoções que eu não poderia começar a resolver ainda. — Por que, Roth? Por quê? Por que você não podia ter simplesmente... Me deixado sozinha? Deixar-me morrer de fome? Deixar-me atrapalhar ao longo da minha vidinha de merda? Eu nunca saberia. Eu não teria conhecido você... Nada *disto* - aponte

para o quarto - teria acontecido. Eu estou tão... Tão *malditamente* confusa, Roth!

Ele deu um passo em minha direção. — Kyrie, por favor. Eu a trouxe aqui porque... Eu queria você. Eu tinha que conhecer você. Eu disse a mim mesmo que seria apenas por pouco tempo. Só para... Ver como as coisas estavam. Eu vendi seus olhos para que você não me reconhecesse, para que pudéssemos estabelecer uma conexão antes de colocar as coisas em conjunto. E então... Na primeira vez que a vi parada no meu hall de entrada, com medo, mas tão corajosa e determinada. Impetuosa. Eu soube naquele momento que você seria minha. Eu não queria que nada disso acontecesse.

— Nada disso o quê? — olhei para ele. Eu estava a segundos de entrar em parafuso, mas eu tinha que saber o que ele quis dizer.

— Nada *disso*. — ele apontou para a cama, como eu havia feito. — Isso foi uma coisa... Linda. Algo milagroso e incrível. Eu nunca esperei por isso. — ele segurou meu rosto. Mãos ásperas com seus olhos brilhando. Corpo próximo, firme e enorme. — Eu nunca esperei me apaixonar por você, Kyrie St. Claire. Mas eu fiz.

Eu me afastei de suas mãos tropeçando para trás, com lágrimas caindo. — *Maldição*, Valentine! *Agora* você me diz? Agora que... Deus, Jesus. PORRA! — eu girava em círculos, as emoções em ebulição, o desejo por Roth competindo com o amor por Valentine, ambos em guerra com a minha raiva para com o homem que matou meu pai acidentalmente e em confusão sobre o que fazer, o que pensar, o que dizer, o que sentir, para onde ir. — Eu tenho... Eu tenho que sair daqui. Eu não posso olhar ou estar perto de você. Não posso ficar e pensar direito.

— Você está indo embora, então? — Roth perguntou.

Engasguei com um soluço. — Você matou meu pai, Roth! Como eu deveria me sentir? O que eu devo fazer?

— Muito bem, então. — ele se endireitou, sua coluna ficando rígida, assim como seu maxilar, seus olhos ficaram frios e sua expressão fechada. — Eu vou mandar Harris levá-la para onde você precisa ir. — ele agarrou sua camisa do chão e atirou-a sobre ele, enquanto deixava o quarto.

Ele parou na porta, se virou enquanto o algodão caía para cobrir seu abdômen esculpido. — Eu vou deixar você ir embora, Kyrie. Mas não pense que pode ficar longe desta coisa entre nós. — ele sorriu, uma curva rígida em seus lábios exuberantes. — Porque você não pode. Eu possuo você.

E então ele se foi, o clique da porta se fechando atrás dele.

Vesti-me devagar, trêmula, puxando o vestido de verão sobre mim e o fechando em minhas costas. Eu fugi para os meus aposentos, arrumei minhas coisas nas malas. Recusei-me a olhar para o quarto a minha volta, em pensar em qualquer coisa a não ser na minha próxima respiração, no meu próximo passo. Levei apenas o que já era meu... De *antes*. Depois que tudo estava guardado, tomei um banho, me forçando a fazê-lo rápido e eficiente. Eu queria ficar. Eu queria me convencer a ir ou a ficar. Eu não sabia o que era verdade. Eu precisava ir, mas parte de mim queria ficar. Parte de mim sabia que eu nunca, nunca, encontraria nada parecido com o que tive com Valentine. Eu o tinha provado, experimentado seu mundo e eu não queria deixá-lo. Era mais do que uma casa palaciana e aposentos abastecido com todas as melhores roupas; era mais do que os carros de luxo e voos de helicóptero privados à ópera. Era mais ainda do que sexo. E o sexo era formidável, alucinante, foradeste-mundo, incrível. Era Valentine Roth. Eu nunca conheci um

homem como ele antes e sabia que nunca conheceria. Então, sim, eu queria ficar.

Mas o fato é que ele estava envolvido na morte do meu pai e no desenrolar posterior da minha vida. E eu não sabia como lidar com isso. Nem um pouco. Sobrecarga emocional e pânico brotaram dentro de mim, sufocando-me, tornando difícil de ver, de respirar, de desempenhar as funções mais básicas. Tudo o que eu queria fazer era entrar em colapso no chão e chorar, mas eu não podia. Não aqui. Não com *ele* ainda perto.

Então eu arrumei minha mala, tomei banho, vesti um velho jeans desbotados e uma camiseta WSU, reuni meu cabelo em um rabo de cavalo molhado e puxei minhas malas para o foyer. Harris estava esperando, assim como Eliza.

Eu quase chorei quando vi a expressão infeliz de Eliza. — Senhorita Kyrie. — disse ela. — Ele é um bom homem. Tente se lembrar disso. E eu acho que... Ele nunca vai cuidar de alguém do jeito que eu o vejo cuidar de você.

Engasguei. — Eu *tenho* que ir, Eliza.

— Eu sei. Eu vejo isso. Vai ser solitário aqui sem você. — ela se virou e se afastou.

Harris pegou minhas malas e liderou o caminho para a garagem ficando em silêncio durante todo o caminho. Não foi até que eu estava sentada na parte de trás do Mercedes no caminho para o aeroporto, que Harris falou.

— Eu nunca o vi tratar ninguém como ele trata você.

Dei de ombros. — Eu acredito nisso. — eu encontrei seus olhos no espelho retrovisor. — Você sabia?

Harris balançou a cabeça. — Eu não sei os detalhes. Eu tenho minhas suspeitas quanto à... A natureza de seu interesse em você. Como isso ocorreu, eu quero dizer. Em relação a... Seu pai. Mas ele nunca falou sobre isso e não tenho direito de perguntar.

Eu só assenti e fiquei em silêncio o resto do caminho para o aeroporto. Minha mente estava correndo, mil pensamentos distorcidos clamando e discutindo, emoções me revirando uma após a outra e isso era tudo que eu poderia fazer para manter a calma e a coerência. No aeroporto, Harris estacionou perto de um hangar. Dentro havia um pequeno jato particular, não o mesmo que eu tinha voado antes. Ele mesmo carregou minhas coisas para jato, teve uma breve conversa com um técnico de algum tipo, e, em seguida, me levou para dentro da cabine. Ele tomou o assento do piloto e começou o processo de verificação do plano de voo e preparar o avião para o voo. Sentei-me em uma das poltronas de luxo, prendi o cinto e esperei, pensamentos e emoções girando.

Eventualmente, nós decolamos, embora eu mal notasse. Não havia aeromoça desta vez, nem champanhe. Nem venda esperando por mim do outro lado.

O que me esperava quando pousássemos? Eu não sabia.

O voo passou em um borrão sem fim, minutos se arrastando como dias, mas as horas voando como num piscar de olhos.

Outro Mercedes estava, inexplicavelmente, esperando por nós na pista quando chegamos. Harris mudou minha bagagem do jato para o carro e ainda, em silêncio, me afastei.

— Para onde, senhorita St. Claire?

— Layla. — era tudo que eu pude pensar. Eu nem sequer me incomodei em perguntar se ele sabia onde ela morava.

Mas é claro que ele sabia. Eu tinha recuado na falsa dormência. Tudo ainda estava lá, agitando lá no fundo, mas eu consegui me segurar até que eu sabia que era seguro ter o meu colapso.

Eu bati na porta de Layla às seis da tarde, Harris parado atrás de mim, segurando minhas malas.

Ela abriu a porta, me viu e comecei a chorar. — Kyrie! Você está em casa! — ela me puxou para um abraço e depois recuou, examinando meu rosto. — Oh, merda. Isso não é bom.

— Não... — a palavra era quase inaudível, rouca com lágrimas mal contidas.

— Dê-me isso. — disse ela pegando as malas de Harris.

Harris fez uma pausa. — Você precisa de algo mais de mim, senhorita St. Claire?

Eu balancei minha cabeça. — Obrigado, Harris. — consegui dizer em uma voz firme.

Ele assentiu, desceu os degraus e depois voltou. — Kyrie? Dê-lhe uma chance. Se você puder. — foi a primeira vez que ele usou o

meu nome de batismo.

Eu não podia responder, então, eu apenas assenti e o vi partir.

Layla me puxou para dentro, me levou para o sofá e se sentou ao meu lado. — O que aconteceu, Key?

Eu só balancei minha cabeça, o coração na garganta, lágrimas ardendo em meus olhos. Finalmente, eu não precisava prendê-las por mais tempo. Comecei a chorar e não parei até dormir. Os soluços vieram longos, duros e implacáveis, diminuindo momentaneamente, cedendo apenas para começar novamente, me arruinando hora após hora.

Layla encolhida no sofá comigo, me segurando apenas como uma melhor amiga podia, sem fazer nenhuma pergunta, apenas me deixando chorar, me deixando dormir.

Capítulo 14

A História

Acordar não foi uma experiência agradável desta vez. Eu nem sequer obtive aquele fugaz momento de esquecimento feliz antes da realidade se afirmar. Eu acordei e meu primeiro pensamento foi: *Valentine matou meu pai*. Meu segundo e terceiro pensamentos foram, respectivamente: *Valentine me ama e estou apaixonada por Valentine*.

E depois, é claro, o inevitável, a pergunta irrespondível: *que MERDA eu devo fazer agora?*

Rolei, meu rosto esmagou contra o tecido áspero do sofá que fedia a maconha velha, fumaça de cigarro e poeira antiga. Tossi, rolei e me sentei, em seguida, esfreguei o rosto com as duas mãos, como que para empurrar para trás a nova onda de lágrimas que já estava borbulhando atrás de minhas pálpebras. O aroma de café e pães de canela fresquinhos finalmente infiltrou através da minha consciência. Eu olhei para cima e vi Layla se aproximando, segurando duas canecas de café em uma mão e um prato de pegajosos e brilhantes rolos de canela na outra.

— Eu sei o que a minha vadia precisa. — ela disse colocando tudo na mesa de centro de madeira surrada e vidro riscado. — Caféina e Rolos de canela.

Peguei o café e tomei um gole dele, em seguida, agarrei um rolo e dei uma enorme mordida, extremamente grosseira. — Você é

minha salva-vidas. — eu disse com a boca cheia.

— Eu sei. — ela me correspondeu enquanto mordida e nos adiantamos em devorar todos os rolos.

Empanturrada, me encostei e limpei os cantos da minha boca com o polegar. Eu pendei minha cabeça para o lado, encontrando os olhos castanhos questionadores de Layla. — Tudo bem. — eu disse. — Pergunte.

— OHMEUDEUS o que *aconteceu*? — Layla gritou. Ela era a mestra em perfurar orelhas com ataques de menininha.

Eu suspirei. — É uma história muito, muito longa.

— Ok, bem, eu li *Guerra e Paz*, por isso não pode durar mais tempo do que isso. Jesus, eu estou cheia. — Layla girou no sofá e estendeu seus pés nas minhas coxas, colocando a cabeça sobre o braço e as mãos sobre a barriga. — Eu *não* deveria ter comido esses últimos dois rolos de canela. Por que você me deixou comer como uma porca assim, Key?

Eu ri e bati em sua perna. — Eu questioneei a sua decisão de comer esse último, se você se lembra.

— É verdade. Mas estava *tão* bom. — Layla soltou um arroteo enorme e depois cobriu a boca com a mão, como se estivesse chocada. — Sério, Kyrie. Eu quero saber tudo.

Eu desfiz meu rabo de cavalo e passei meus dedos através dos fios emaranhados. — Tudo bem. Mas o que estou prestes a lhe dizer

permanece entre nós. Tipo, você não pode respirar uma palavra a ninguém, nem mesmo o Eric.

— O que é isso, algum tipo de crise de segurança nacional?

— Pode muito bem ser. — eu deixei minha expressão dizer a Layla o quão séria eu estava. — Ele leva sua privacidade muito a sério e mesmo que eu saia fora, não vou comprometer isso.

Ela ergueu as mãos em um gesto de *eu me rendo*. — Ok, ok. Mamãe, tem a minha palavra. Caramba.

Tomei um grande fôlego, o segurei e em seguida, soltei o ar. — Seu nome é Valentine Roth.

Os olhos de Layla se arregalaram. — Puta merda. Que nome.

— Sem brincadeira. E ele é... Honestamente? O homem mais insanamente lindo, de cair pra trás, que eu já vi na minha vida. Quer dizer, nem mesmo Alexander Skarsgård^{18} pode superá-lo. E, ele meio que se parece com o nosso garoto Alex. — eu tive que piscar de volta a emoção. — 1,95m e esculpido como um deus grego, cabelos loiros e olhos azuis. Deus, seus olhos. Ele tem aquele jeito de... Olhar *para* você. E a voz dele... Layla, você não tem ideia. Eu estava com os olhos vendados nos três primeiros dias, então cada vez que eu estava perto dele, tudo que eu tinha que fazer era acompanhar o som de sua voz. Tipo, ele pode seduzi-la apenas com sua voz. Suas palavras. Porra, Layla. As coisas que ele disse para mim...

— Espere. EspereEspereEspere. — Layla se sentou, tirou as pernas de cima de mim, e se inclinou para frente. — Você esteve com os olhos vendados? Por três *dias*?

Eu assenti. — Se eu estivesse perto de Valentine, eu ficava com os olhos vendados. E eu não soube o nome dele até que ele, finalmente, tirou a venda. Era... Um jogo. No entanto, não um jogo divertido tipo ha-ha. Um exercício muito sério de confiança. Eu não sei como descrever o que aconteceu. O que ele fez para mim. A maneira como me tocou, falou comigo. Ele podia me excitar apenas com algumas palavras, um beijo, um toque e depois ele me deixava em suspenso. Ele me deixou... Louca. Simplesmente maluca. Eu nem sabia como ele era e eu o queria. Do jeito que ele falava comigo. Sabe o que ele disse para mim, na primeira vez que nos encontramos? Bem, “encontramos” não é realmente a palavra certa. Quando ele me levou para sua torre...

— Sua *torre*?

Eu ri. — É assim que eu penso nisso. Ele é dono de um prédio em Manhattan e ele tem todo o andar superior construído sob medida para esta... Casa apenas ridiculamente palaciana. No entanto, não é um condomínio ou qualquer apartamento. Quer dizer, é uma mansão, mas está em um arranha-céu. Eu acho que ele deve ter customizado a construção do edifício para ele, porque havia, tipo, coisas naquele lugar que não deveriam ser possíveis em um arranha-céu. Como a biblioteca. Era, e eu digo isso muito literalmente, a biblioteca de *A Bela e a Fera*. Prateleiras cheias de livros indo até o teto, que tinha, *facilmente*, 15 metros de altura. Ele tinha trajes de armaduras reais que foram usadas em batalha no século XIV. Cópias da primeira edição de *Orgulho e Preconceito* e a cópia transcrita a mão do *Inferno de Dante*. Sem brincadeira. Livros loucamente raros. — eu acenei minha mão. — Esse não é o ponto. Sim, ele é insanamente rico. Isso não é realmente relevante.

Layla ficou boquiaberta para mim. — Não é relevante? Como na porra do inferno isso não é relevante?

Dei de ombros. — Não se trata apenas disso. Quer dizer, foi incrível. Eu não vou mentir. Ele fez algumas coisas verdadeiramente incríveis para mim. Ele me levou para a ópera no Met. E saca só: ele tinha um vestido Christian Dior feito para mim e joias que devem ter custado centenas de milhares de dólares. E seu pessoal motorista-barra-guarda-costas-barra-piloto, Harris, que você conheceu na noite passada, voou comigo para um jantar privado em um restaurante que foi fechado só para nós. Voei em seu helicóptero. E então ele me levou para o Met em seu Maybach^{19}. Fomos velejar, também. Ele é um velejador incrível e nós demos toda a volta em Long Beach e voltamos, e teve o jantar em um pequeno restaurante em Little Italy... — eu suspirei. — Eu sei que eu estive lá apenas por um curto período de tempo, mas parecia seriamente como uma vida, Layla. Tudo é diferente.

— Então, se ele era tão incrível, por que você está aqui? O que aconteceu? — ela agarrou meus ombros e me sacudiu. — E, mais importante, onde estão o vestido Dior e as joias?

Eu ri para ela. — Deixei tudo lá. Quer dizer, ele os deu para mim, mas... Nada disso importa.

— Não importa? Você está usando drogas? — Layla caiu para trás contra o sofá com um gemido. — Só você diria isso. Depois de tudo que passamos e você vai e faz algo louco como deixar para trás uma fortuna.

— Você não entende, Layla.

— Não, não entendo! — ela se sentou de novo e pegou minhas mãos. — No entanto, estou tentando. Explique isso para mim. O que eu estou perdendo? Quer dizer, eu sei que no grande esquema das coisas, vestidos e brincos não importam realmente. Eu não sou *tão*

superficial. Claro, era um vestido *Dior*, mas... Estamos falando de assuntos do coração aqui. Certo?

— Você poderia dizer isso. — eu disse, me levantando. — Eu acho que não posso fazer isso sem café.

Layla me entregou sua caneca. — Reabasteça-me, vadia.

Retornando com canecas cheias, retomei meu lugar ao lado de Layla. — Então. Ele fez todo esse esforço, certo? Enviou-me cheques anônimos de dez mil dólares a cada mês por um ano, então me recolheu e disse que me possuía. Vendou-me e começou a me fazer confiar nele, o que não é fácil. Disse-me que estava me observando por um longo tempo, mas não disse o porquê. Ele tinha que saber de mim. Mostrou-me pedaços de quem ele era, e Layla - este homem é *incrível*. Eu não posso nem mesmo dizer-lhe. Ele é enorme e lindo e dominador e apenas totalmente macho-alfa, mas ele é profundo, atencioso e gentil...

Layla se inclinou para mim, interrompendo. — Quando você diz “enorme”, o que exatamente você quer dizer? — ela sorriu mordendo o lábio, ansiosa para todos os detalhes picantes que ela sabia que eu estava mantendo.

Eu não pude evitar corar. — *ENORME*, Layla. Enorme. — peguei suas mãos e apertei. — Ele é um *deus* do caralho. E eu quero dizer isso muito literalmente.

Layla gritou, se inclinando para trás e rindo. — Eu sabia. Eu *sabia* que você estava escondendo de mim. Conte-me mais!

Eu tive que suspirar enquanto tentava descobrir por onde começar. — Ele é um mestre em preliminares. Ele passou dias, *dias* de verdade, me provocando e me torturando. Você me desviou antes. Uma das primeiras coisas que ele me disse foi que não faria sexo comigo, a menos que eu implorasse a ele. Quem ainda diz isso? Eu não acreditei nele, obviamente. Quero dizer, eu não *imploro*. Para ninguém, nem por qualquer coisa. Mas ele... Eu não vou chamá-lo de sedutor, porque isso implica um sentido de safadeza ou algo assim. Ele só sabia exatamente o que fazer e o que dizer para me deixar louca.

Fiquei contente com a oportunidade de esconder a verdadeira questão por alguns minutos. Eu não estava pronta para falar sobre a forma como as coisas tinham terminado. Fechei os olhos e revivi o jeito que ele me tocou. — Eu não posso nem contar quantas vezes ele me fez gozar, Layla. E isso tudo foi *antes de* tirar minha venda. Ele não me deixava tocá-lo. Se concentrava exclusivamente em me deixar insana, em me fazer gozar. E ele conseguiu. Eu *ainda* estou um pouco dolorida.

Layla gemeu de frustração. — Estou com tanta inveja de você agora, você nem sabe. Eu acho que realmente te odeio um pouquinho.

Eu assenti com seriedade. — Você deve. Você absolutamente deve ficar com muita, muita inveja.

— Eu ainda não entendo. Ele parece incrível. Mais sexy do que Alexander Skarsgård, mais rico do que Deus, dotado como um cavalo, capaz de fazer você gozar com meras palavras... O que poderia ter dado errado?

Eu me preparei para a verdade. Envolvi ambas as mãos em torno da cerâmica escaldante da caneca, aceitando a queimadura em minhas mãos para me distrair da dor dentro de mim. — Ele... Esteve envolvido na morte do meu pai.

Layla cuspiu café, praguejando e enxugando o rosto. — Ele o quê?

— Esse era o seu segredo. Essa foi a razão da venda, do sigilo, de todo o caminho louco que as coisas aconteceram. Ele pensou que eu iria reconhecê-lo. Quer dizer, eu reconheci, mas não coloquei as coisas juntas até que ele explicou o que tinha acontecido.

— Espere um maldito minuto. — Layla colocou sua caneca para baixo, agarrou a minha e a colocou de lado também. — Ele *contou*? Você não, tipo, descobriu acidentalmente?

Eu balancei minha cabeça. — Ele me disse. Ontem de manhã. Depois do mais - eu nem sei a palavra - após o mais... *sexo tipo abalo telúrico* que eu já tive, ele me sentou e me disse que estava envolvido na morte do meu pai.

Layla apenas piscou para mim por vários momentos. — Por quê? Por que ele lhe diria? Se você ainda não tinha descoberto até então, quais eram as chances de que você nunca saber?

Dei de ombros. — As chances de eu colocar dois e dois juntos, sozinha, eram muito perto do zero absoluto. Eu o encontrei uma vez, tipo, por cinco segundos, dois meses antes da morte de papai. Foi isso. Um vislumbre. E eu nunca soube o seu nome, nunca soube o papel que desempenhou nos negócios do meu pai. Não havia nenhuma evidência ligando a ele e ainda não há, eu acho. A polícia

disse que foi um assalto que deu errado e eles encerraram o caso quando nunca encontraram um único fragmento de evidência depois de uns dois anos de procura.

Layla franziu a testa. — Então... O que você vai fazer? Você encontrou o assassino de seu pai. Então, você vai entregá-lo?

Dei de ombros miseravelmente. — Não é assim tão simples.

— Não é assim tão simples? Jesus, Key! Ele *assassinou* seu pai!

Atirei-me de pé e caminhei para longe. — Eu sei que não é simples! Mas ele não matou meu pai. Não realmente. Foi um acidente. Roth estava tentando forçar meu pai a vender sua empresa. Ele tinha um plano para uma grande fusão, e a empresa do papai era um componente-chave no negócio, mas papai não iria vender. Então Roth... O manipulou para que, basicamente, ele *tivesse* que vender. Mas papai... Ficou um pouco louco, disse Roth. Ficou desesperado. Apareceu na garagem de Roth o ameaçando com uma arma. Papai apontou para Roth e eles acabaram brigando pela arma. Ela disparou, e... A bala atingiu o papai no coração. — eu estava na janela, olhando para o dia de verão ensolarado.

Layla permaneceu sentada, pensando. — Então ele não quis. Mas isso não muda as coisas. E... Você disse que ele manipulou seu pai para vender. O que significa isso?

Eu levantei um ombro e balancei a cabeça, fungando. — Aparentemente, de acordo com Roth pelo menos, papai era... Não totalmente lícito.

— Não era lícito? Ele vendia porra de autopeças!

— Eu sei. Isso foi o que eu disse. Mas, aparentemente, ele também estava envolvido com prostituição.

— Roth que disse isso.

Eu assenti. — Sim, diz Roth. Mas por que ele faria isso? Por que ele iria me dizer tudo isso se não fosse verdade? Eu jamais saberia de tudo isso. Quero dizer, eu era apenas uma menina. Crescendo, tudo o que eu sabia era que papai saía muito. Ele chegava em casa tarde da noite e saía muito cedo. Ele pode ter feito qualquer coisa. As pessoas levam uma vida dupla o tempo todo. Eu não sei o que pensar, Layla! Eu não quero acreditar nisso sobre o meu pai, mas... É plausível. — eu hesitei, pensando em uma memória distinta da minha infância. — Eu me lembro, quando eu tinha treze anos, papai chegou em casa tarde da noite. Super tarde. Eu estava na cama dormindo e ele veio para o meu quarto, puxou os cobertores em cima de mim. Eu acordei, ele se sentou e me deu um abraço. Eu me lembro... Ele cheirava engraçado. Como perfume. Mas mamãe nunca usava perfume, assim, eu me lembro de pensar que era estranho. Mas eu estava meio dormindo, então eu só... Achei que não importava. Eu não sei. Mas agora? Ou ele a estava traindo, como, tendo um caso, ou Roth está dizendo a verdade sobre meu pai ter um serviço de acompanhantes de luxo e... Provava os produtos.

— Louco. — disse Layla. — Então, você vai entregar Roth?

— Entregar? — eu ainda não tinha pensado nisso. — Eu não vejo o porque. Aconteceu há sete anos, e foi, de acordo com Roth, um acidente. Eu teria que... Reviver tudo. Passar por todas as evidências. Testemunhar, supondo que ele iria a julgamento e assumindo que

houvesse alguma maneira de conseguir provas contra Roth, o que eu não tenho certeza... Eu não sei. O que daria disso?

— Justiça? — Layla sugeriu.

— Seria isso? — me virei e encontrei seu olhar. — Eu não sei se seria justiça. Quer dizer, de tudo, Roth é realmente culpado de chantagem. Será que colocá-lo - e a mim - em uma grande confusão jurídica vale à pena? E seria justiça? Onde isso me deixa? Não trará meu pai de volta.

— Demonstra um monte de coisas você estar defendendo esse cara. — Layla olhou para os seus pés. — E por que você continua o chamando de “Roth”? Eu pensei que o nome dele era Valentine?

— É. Mas Roth foi o nome que ele me deu e é assim que eu penso nele. Ele é Roth. Valentine... Eu só realmente uso esse nome para ele em... Íntimas... Circunstâncias. — eu descansei minha testa contra o vidro. — E talvez eu o *esteja* defendendo. Eu não sei. Eu estou tão confusa. Por que você acha que fui embora?

— Você se apaixonou por ele, não é? — a voz de Layla estava baixa.

Eu pude apenas acenar.

Momentos de silêncio se passaram.

— Será que ele sabe disso? E como ele se sente?

Eu não queria responder. — Ele não sabe. E... Ele disse... Que nunca quis se apaixonar por mim.

— Então me deixe ver se entendi. Você está apaixonada por um homem rico, quente, poderoso, que apenas acontece de ter sido direto e indiretamente responsável pela morte de seu pai? E ele está apaixonado por você, mas não sabe que você o ama também, porque você fugiu.

— Isso é quase certo. — eu disse, piscando para conter as lágrimas.

— Isso é fodido, amiga. Sincera e severamente fodido.

— Eu sei. Acredite em mim, eu sei. — minhas pernas cederam e eu deslizei para o chão, segurando os soluços. Layla estava ao meu lado em um instante, me segurando. — O que eu faço, Layla?

— Eu não sei, querida. Você me deixou sem palavras.

A propósito, eu percebi que não tinha visto Eric desde que apareci na noite anterior. Eu funguei e olhei para Layla. — Onde está o Eric?

Ela gemeu. — Eu estava esperando que você não perguntasse. — ela acenou com a mão. — Nós terminamos. Não é grande coisa.

Eu franzi minha testa para ela. — Você esteve com ele por uns dois anos, Layla. Como não é uma grande coisa? Por que vocês terminaram?

— Tudo bem, vou distraí-la de seus problemas muito mais interessantes. — Layla soltou um suspiro. — Nós estávamos brigando durante meses sobre seu lance de fumar e negociar maconha. Eu queria que ele, pelo menos, parasse de vender e encontrasse um emprego de verdade, sabe? Aspirasse a algo. Ele nunca quis falar sobre isso, nunca quis pensar nisso. Tentei não pressioná-lo sobre isso, eu realmente tentei. Quer dizer, não sou uma resmungona. Eu nunca estive super empolgada com esse aspecto de sua vida, mas ele era bom e doce e tinha um pau grande.

Estremeci. — Eu não preciso saber isso sobre Eric.

Ela encolheu os ombros. — É verdade. Ele tem essa curva para cima nele, e tinha uma coisa que ele fazia, onde poderia apenas acertar no lugar perfeito...

— Ok! — eu gritei por cima dela. — Eu não preciso saber mais nada sobre o pau de Eric. De verdade. Pare. Por favor.

Layla riu. — Tudo bem, tudo bem. Mas isso era apenas quando ele estava drogado, ele podia transar por um tempo muito longo, é por isso que eu relevei todo o negócio durante tanto tempo como fiz. E eu não teria me importado que ele fumasse, se tivesse qualquer tipo de aspirações na vida. Algo. Literalmente *qualquer coisa*, como, ser um carteiro ou se juntar ao Exército ou servir mesas, *alguma* coisa. Mas ele se resumia a vender maconha e fumar maconha e jogar seu PS4 e fazer sexo comigo. Essa era a sua vida e isso era tudo o que ele parecia se preocupar. E essas coisas são boas, especialmente a parte do sexo comigo, mas eu queria que ele... Não mudasse, mas - nem sei como explicar. Eu queria que ele quisesse mais da vida.

— Eu sempre pensei que você poderia conseguir coisa melhor do que Eric. — eu disse. — Isso não é segredo. Eu já lhe disse isso. Ele era... Ele era uma espécie de perdedor, honestamente. Bom o suficiente e bonito o suficiente, mas ele não *fazia* nada. Eu nunca consegui imaginar o que você viu nele.

Layla deu de ombros. — Ele era fácil de estar perto. Ele era um bom ouvinte. Ele me tratava bem. Minha irmã está com esse cara que é exatamente como o meu pai, todo duro e sem sentimentos, e ela é infeliz, mas é tudo o que ela conhece. E eu quero algo diferente disso. Eric é totalmente disposto a dizer o que ele está sentindo, quando estamos somente eu e ele e eu gosto disso. Além disso, ele era bom em garantir que eu gozasse durante o sexo. Isso é importante. Um monte de caras simplesmente não se importam.

— Eu entendo. Isso faz sentido. — a abracei para mim. — Como você está lidando com isso?

Ela tentou dar de ombros e não chegou a conseguir. — É uma merda. Eu tentei explicar as coisas para ele, como ainda gostava dele e que não estava rompendo, eu só queria que ele quisesse mais coisas na vida, para si e para nós. Ele assumiu que eu estava querendo mudá-lo, transformá-lo em outra pessoa. E talvez isso seja verdade. Talvez eu quisesse que ele fosse alguém que não fosse um traficante de erva. Mas não porque ele era, mas porque isso era ruim. — ela fungou. — Ele não quis me ouvir. Ele ficou louco, eu fiquei com raiva. Ele fez as malas e partiu antes de ontem e eu não tenho notícias dele desde então.

— Sinto muito, querida. Isso é péssimo.

— Somos uma dupla e tanto, não somos?

Eu funguei e ri com ela. — Nós somos. Eu estou apaixonada pelo sexy, bilionário recluso que matou meu pai e você acabou de terminar com seu namorado maconheiro traficante que tem um pau que é curvado como uma banana.

— Não é essa curva. — ela levantou a mão e inclinou seus dedos um pouco para demonstrar. — Mais como esta.

— Eu pensei que nós não estávamos fazendo mais nenhuma descrição do seu pau?

— Você trouxe o assunto. — ela fez uma pausa e então olhou para mim. — Ele é realmente um bilionário?

— Eu não tenho ideia. Ele tem um monte de dinheiro, isso é tudo que sei.

Ela se sacudiu, levantou e me puxou para os meus pés. — Isso exige manicure, pedicura e um jarro de cerveja no Duggan's.

Deixei que ela me empurrasse para o quarto dela. Eu peguei emprestado um maxi dress^{20}, escovei meu cabelo e deixei que ela me levasse para o salão de beleza, e, em seguida, para jantar e uma noite de bebedeira tentando esquecer.

Exceto que, mesmo quando ela me carregou para fora do velho táxi desagradável que nos trouxe de volta para seu apartamento, eu não conseguia esquecer o peso em meu coração.

Nem conseguia esquecer a tristeza que vi num flash nos olhos de Roth quando eu lhe disse que estava indo embora. Aquele olhar

me assombrou nos dias que se seguiram, ainda mais do que a memória da máscara que ele deslizou no lugar antes de se afastar de mim.

Capítulo 15

Andando em círculos

Um mês se passou. A dor nunca foi embora. Eu revivia, mais e mais e mais, cada momento com Valentine. Eu o via em meus sonhos. Eu acordava com a calcinha úmida de sonhos molhados com seu toque, sonhos e memórias que não poderiam se comparar com o que a realidade era com Valentine. Ia para a cama entorpecida; acordava chorando.

Eu lutava comigo mesma em uma base diária. Eu fiz a coisa errada. Eu deveria ter ficado. Eu me encontrei à beira de comprar um bilhete de avião para Nova York, apenas me impedir no último segundo. Papai tinha morrido por causa de Roth. Minha vida tinha sido indescritível e irrevogavelmente alterada por causa das gananciosas táticas violentas de Roth. Ele arruinou a minha vida. Mas então, eu me tornei a pessoa que sou por causa de tudo isso. Eu tive que crescer rápido e tive que aprender a ser forte. Era um ciclo, voltas e voltas. O tipo de guerra que não tem fim. Se ele não tivesse feito o que fez, eu não teria perdido meu pai. Mas, novamente, sem a série de eventos resultantes das tentativas de Roth, eu nunca o teria encontrado. E mesmo que eu estivesse singularmente fodida na cabeça e no coração por ele, não poderia me ressentir ou me arrepender do meu tempo com ele.

E eu não conseguia parar de desejá-lo. Não podia deixar de ter esperança que alguma justificativa surgisse e me deixasse voltar para ele. Eu me encontrei à espera de uma batida na porta, como em um final de filme de Hollywood em que o nosso herói, o tumultuosamente sexy Valentine Roth, aparecia na porta. Ele estaria encharcado de chuva e pleitearia comigo para aceitá-lo de volta, e é

claro que eu soluçaria um aliviado “*Sim!*”. E nós cairíamos no chão fazendo um amor desesperado.

Isso nunca aconteceria. Roth nunca iria implorar. E eu o deixei. Eu fui uma idiota por ter fugido? Sim. Uma idiota sem esperança. Mas eu não conseguia superar o que ele me disse. Eu vacilei sobre a veracidade das afirmações de Roth, mas eu não podia superar a minha convicção profunda de que ele estava dizendo a verdade. O que, naturalmente, trouxe a questão de saber por que ele me contou, em primeiro lugar.

Para isso, a única resposta foi que ele se sentiu obrigado a ser honesto comigo, não importando as consequências.

Depois de chegar à casa de Layla, deixei-me chafurdar por três dias e então desfiz minhas malas no segundo quarto de Layla, me levantei, me vesti e comecei a procurar trabalho. Comecei a correr atrás do que perdi em classe - e me senti horrivelmente, terrivelmente banal e sem sentido. Eu encontrei um emprego como funcionária em um escritório nas profundezas de um parque industrial. Eu não tinha certeza qual era o negócio, mas pagava \$ 11,50 a hora para atender telefones e arquivar documentos e isso manteve minha mente fora de Valentine.

Ok, não totalmente, isso não aconteceu.

Pensei nele semana após semana, enquanto eu preenchia a mesma porra de documento um trilhão de vezes, respondia a exata mesma porra de telefonema um trilhão de vezes. Eu pensei sobre ele no chuveiro e até mesmo me toquei pensando nele. Meus dedos não podiam possivelmente fazer jus à minha memória física dos dedos de Valentine dentro de mim, me fazendo tremer, arrepiar e desmoronar

em poucos minutos. Eu nunca fui uma masturbadora ávida e Roth tinha arruinado isso para mim.

Layla me deixou fazer o meu próprio caminho através disso. Ela nunca me pressionou de uma forma ou de outra. Eu não perguntei o que ela achava que eu deveria fazer ou o que ela faria se estivesse no meu lugar e ela não se ofereceu para me dizer. Éramos, mais uma vez, duas garotas solteiras fazendo o nosso caminho através da vida, juntas, companheiras de quarto, melhores amigas e única companhia constante uma da outra. Bebíamos nas noites de sexta-feira e reinstituímos a nossa política de comédias românticas aos sábados, o que exigia um mínimo de três garrafas de vinho tinto barato, um pote de sorvete Rocky Road e um saco de batatas Ruffles.

E eu nunca ouvi um pio de Roth.

Depois de estar de volta a Detroit por cerca de seis semanas, encontrei-me no balcão de bilhetes da Delta no Aeroporto Internacional de Oakland County, prestes a pedir um bilhete só de ida para La Guardia^{21}.

Eu me acovardei e fui para casa.

Eu não sabia onde seu prédio era, para uma referência. Eu não tinha um número de telefone, um endereço, nada.

Tentei esquecer. Tentei parar de pensar nisso. Eu não conseguia chegar a uma decisão, não conseguia descobrir. Não importa o quanto tentasse, eu estava em um impasse. Não era possível voltar ao modo como as coisas eram, não poderia tê-lo e não conseguia descobrir como viver sem ele.

Numa sexta-feira à noite, dois meses após meu retorno de Nova York, eu recebi uma multa. Dois pontos e 175 dólares. Na segunda-feira seguinte eu fui ao tribunal pagá-la. Eu entreguei a funcionária a minha cópia da multa e meu cartão de débito. A funcionária, uma mulher obesa, de meia-idade com cabelos louros desbotados olhou para o bilhete, digitou o número e então olhou para mim com uma expressão vazia.

— Está tudo resolvido. — disse ela.

— O quê? — eu franzi a testa para ela. — O que quer dizer, tudo resolvido?

— Já foram pagas. — ela parecia pronta para me dispensar.

— Por quem?

Ela encolheu os ombros. — Eu não sei, querida. Tudo o que meu sistema me diz é que está pago. — ela olhou para trás de mim. — PRÓXIMO!

Então eu saí do tribunal e fui para casa. Eu não podia alegar de estar mistificada, porque era óbvio quem estava por trás disso. No entanto, não havia nada no correio e não houve outras sugestões de Roth depois disso.

Pelo menos, não até o início do próximo mês.

Layla estava sentada no chão em frente à mesa de centro triando as contas. Voltei de uma classe tarde da noite e ela olhou para mim. — Ei. Por sinal, obrigada por cuidar do aluguel.

Eu coloquei a minha bolsa para baixo lentamente. — O quê?

Ela não olhou para cima sobre o cheque que estava escrevendo para a companhia elétrica. — O aluguel. Você pagou o aluguel de novo.

— Não, eu não.

Isso chamou a atenção dela. — Você não pagou?

— Não.

— Bem, eu não paguei.

— Não?

Ela piscou para mim como uma coruja. — Valentine?

Eu assenti. — Valentine. Eu tive uma multa no mês passado e ele pagou isso, também.

— Ele entrou em contato com você?

Eu balancei minha cabeça. — Nem uma palavra. — eu fui até a cozinha e peguei duas cervejas e a caixa de restos de pizza da noite anterior e me sentei no chão ao lado de Layla. — Antes que ele me contasse o que aconteceu, ele me disse exatamente isso: “Você é minha. Você sempre será minha. E eu cuido do que é meu. Então, mesmo se você for embora... Você não terá preocupações. Nunca mais, não importa o quê”. — eu torci a tampa da minha cerveja e

tomei um gole. — Então, eu acho que essa é a sua maneira de me lembrar disso. — eu franzi a testa quando percebi uma coisa. — Espere. Você disse, “de novo”.

Layla pegou sua cerveja e uma fatia fria de Little Caesar^{22}. — Sim. No mês passado e este mês.

Eu suspirei. — Eu não paguei em nenhuma das vezes. No entanto, eu estava pensando em ajudar este mês.

Alguns momentos depois, Layla olhou para mim com uma expressão curiosa. — E a sua mãe e Cal?

Eu escolhi um pepperoni da minha fatia e comi. — Ele está lá, também. Eu verifiquei sobre minha mãe no outro dia e eles disseram que houve uma “doação considerável” para a minha conta, o que significa que ela está resguardada para... Basicamente para sempre. O que isso significa, eu acho, é que ele comprou a casa de repouso e está se assegurando de seu cuidado. As mensalidades de Cal foram pagas também. Tudo isso, resolvido. No entanto, ele não sabe. Eu nem sei por onde começar a contar a Cal sobre isso.

— Então ele está, basicamente, cuidando de você. E de mim. E da sua mãe e do seu irmão.

— Sim. — eu limpei minha boca. — E da vovó e vovô.

— Mas ele não ligou, não mandou uma mensagem para você, nada. Ainda assim, se formos acreditar nele, o que aconteceu foi um acidente. E você se afastou dele.

— Sim.

— Depois que ele disse que tinha se apaixonado por você.

— Sim.

Layla olhou para mim com uma expressão fixa. — E você, é claro, ainda está apaixonada por ele.

— Por que é claro?

Ela encolheu os ombros. — Porque é óbvio. Você está deprimida.

— Eu não estou deprimida!

Ela me deu um olhar *você está brincando comigo?* — Sim. Você está. Eu estive com você nos últimos três meses e a deixei fazer do seu jeito. Mas agora isso está me afetando. — ela colocou a garrafa no chão, o que significava que ela estava falando sério. Ela nunca colocava a garrafa no chão até que estivesse vazia. — Eu não gosto de estar em dívida com alguém. E agora ele está pagando meu aluguel.

— Eu não sabia que ele faria isso.

— Eu sei disso. — ela agarrou meus dedos. — Você precisa descobrir sobre sua merda, querida.

— Eu estou tentando.

Ela balançou a cabeça. — Não, você não está. Você está tentando pensar sobre isso, tentando fazer sentido. A coisa é, não faz sentido. Nunca fará. Você não pode o igualar. O que ele fez e como você se sente por ele, nunca pode... Sumir, eu acho. Você apenas tem que tomar uma decisão e cumpri-la. Agora mesmo, você está, basicamente, apenas enterrando sua cabeça na areia e esperando que isso vá embora. — ela esvaziou a garrafa e em seguida se levantou. — E pelo que você me contou sobre Roth, um homem como ele não vai embora.

Eu limpei o meu rosto com uma das mãos. — Você está certa. Eu sei que você está certa. Mas eu ainda não sei qual é a coisa certa.

— Às vezes... Eu acho que, às vezes, Key, não existe coisa certa. Há apenas... A melhor coisa. A única coisa. Não estou dizendo que eu sei o que é isso para você, mas acho que você sabe. Você só está... Evitando isso.

Maldita Layla. Era por isso que ela era minha melhor amiga: ela estava disposta a dizer a merda que eu não queria ouvir. Ela beijou o topo da minha cabeça em uma exibição muito rara de afeto, em seguida, entrou em seu quarto, me deixando sozinha na sala de estar com meus pensamentos girando e soando, desejo, medo, raiva e confusão encharcando meu crânio.

Eu estava dividida em três partes, veja.

Uma parte, a minha cabeça, era uma bagunça confusa, uma fossa fervente de tumulto e memória. Eu perdi meu pai, perdi a minha mãe como era antes de seu colapso. Deixei de ser uma menina inocente sem preocupações, exceto com as minhas notas. No entanto, eu também desesperadamente perdi Roth. Eu odiava que ele fosse o responsável pela morte do meu pai, mas eu também

entendi que foi um acidente, em vez de homicídio. Mais uma vez, se Roth não tivesse sido tão dissimulado em suas táticas... E assim se foi.

Meu coração era menos complicado. Eu estava apaixonada por Roth e queria desesperadamente ir a ele, deixar uma nota para Harris me encontrar, fazer qualquer coisa que pudesse para conseguir ter Roth de volta na minha vida. Meu coração não se importava com o que tinha acontecido. Eu tinha chegado a uma espécie de paz com a morte do meu pai muito antes de conhecer Roth. Quer dizer, eu não acho que você se recupera verdadeiramente da perda de um pai, não quando ele é levado tão de repente e não, especialmente, quando, no meu caso, ele foi levado de forma tão violenta e misteriosa. Então, eu sinto falta dele, mas ele se foi. Eu tinha boas lembranças dele. Eu sabia que ele me amava. E nada do que fez ou disse Roth poderia mudar isso.

E depois havia o meu corpo. Não havia uma dúvida nenhuma nesse departamento. Eu estava sozinha, com tesão e frustrada. Eu queria Roth. Eu queria sua boca em mim. Eu queria seu pau dentro de mim. Eu queria suas mãos, seus músculos, sua língua, seus olhos, suas palavras e o perfume picante que ele usava.

O problema era conciliar cabeça, coração e corpo em uma decisão que afetaria o resto da minha vida. Contatar Roth e dizer a ele para me deixar em paz, deixar-me viver minha vida e pagar as minhas contas? Contatar Roth, e voltar com ele? Ignorá-lo e tentar seguir em frente? Eu pensei em uma coisa, depois da outra, girando em ciclos de momento a momento. A ideia de escolher uma coisa e apenas seguir com isso me aterrorizava e paralisava. E se eu escolhesse a coisa errada? E se eu erradicá-lo da minha vida e não puder superá-lo, nunca deixar de querê-lo, de amá-lo e de sentir falta dele? E se eu voltasse para ele e o houvesse julgado mal ou interpretado mal meus sentimentos por ele, ou se ele mudou e não me quer mais? Ou se eu tentasse ignorá-lo e esperasse que ele fosse

embora, mas se ele nunca fosse e eu nunca o superasse e não seguisse ir em frente e só vivesse minha vida em uma espiral confusa indo a um miserável lugar nenhum?

ARGH.

Imagine a minha ansiedade, então, ao final de três meses encontrei um envelope. Caligrafia inconfundível de Roth. Meu nome.

Eu caí de bunda, simplesmente sentada na escada dentro do hall de entrada do nosso prédio. Enfiei um dedo trêmulo sob a aba do envelope, conseguindo cortar meu dedo no papel no meio do processo.

Nenhum cheque desta vez.

Uma carta. Escrita por sua distinta e firme mão masculina.

Capítulo 16

A Carta

Kyrie:

Eu lhe dei três meses. Eu permiti que você se afastasse de mim, porque sabia que precisava de tempo para processar o que eu tinha revelado a você. Mas devo lembrá-la, meu amor, que você é minha. Eu a possuo. Sempre possuirei.

E você me possui. Esse é o segredo mais profundo que tenho.

Eu posso não conhecer seu coração, mas vou lhe mostrar o meu:

Eu te amo.

Eu não sei como isso aconteceu. Foi inesperado, para dizer o mínimo. Eu esperava passar alguns dias saboreando a doçura do seu corpo perfeito, mas nunca esperei me encontrar envolvido na beleza de sua alma. Eu lhe disse, quando revelei a minha culpa que eu sabia que você merecia mais de mim do que alguns encontros sem sentido. No entanto, quando eu mandei Harris para trazê-la para mim, isso era tudo o que eu pretendia. Eu lutei contra o meu desejo por você durante sete anos. Eu nunca permiti que Harris tirasse fotografias reveladoras ou indecentes sua, porque eu sabia que se tivesse um único vislumbre de seu corpo nu, eu seria incapaz de resistir a fazê-la minha. Então, eu mantive distância.

Durante sete anos, eu lutei esta batalha.

Meus sentimentos foram baseados em uma única visão sua. Aquele momento em que você entrou no escritório de seu pai foi quando você me fisgou. Eu me lembro vividamente. Você usava um vestido verde-limão. Ele terminava acima dos joelhos e abraçava seus quadris. Ele era decotado entre seus seios perfeitos, que balançavam e seduziam a cada passo que você dava. Eles me hipnotizaram. Eu me senti como um colegial excitado de novo, incapaz de parar de olhar para você, ficando duro como uma pedra na minha calça com um olhar. Você olhou para mim e me dispensou, com foco em seu pai, mas eu não fui tão capaz de seguir em frente. Logo em seguida, eu queria jogá-la por cima do meu ombro e arrastá-la para o meu quarto de hotel. Eu fantasiava sobre rasgar o vestido de seu corpo e lamber sua pele bronzeada perfeita por toda parte, fazer você gozar e fazer você minha.

Mas isso era mera luxúria. Eu possuía mais autocontrole do que isso. Eu não iria sucumbir ao desejo, não quando eu sabia que você merecia mais do que o desejo de um homem como eu.

No entanto, eu não pude jamais tirar você da minha mente. Eu usei a desculpa de cuidar de você para mantê-la na periferia da minha vida. Você me atormentou, Kyrie. Todos os dias, durante sete anos, você me atormentou.

No entanto, cada um desses 2.555 dias (no dia em que chegou ao hall de entrada da minha casa em Manhattan fazia exatamente sete anos desde o dia que eu coloquei os olhos em você pela primeira vez, naquele escritório em Detroit) também foi cheio com a lembrança da minha culpa.

O que aconteceu com o seu pai foi um acidente, mas eu ainda estou em falta. Eu não sou um homem para me absolver com desculpas do tipo “Eu não tive a intenção”. Eu não espero que você me perdoe.

No entanto, eu tenho esperança que você possa.

Se, minha doce, adorável, perfeita Kyrie, você se achar capaz de uma coisa dessas, tem apenas que sair pela sua porta.

Valentine Roth.

Capítulo 17

Em Algum Lugar

Minhas mãos tremiam, vibrando a carta como uma folha ao vento.

Diretamente na minha frente tinha uma porta. Verde desbotada e de metal agredido. Em ambos os lados da porta havia uma estreita janela de vidro de segurança reforçada. Tão suja a ponto de ser quase opaca. No entanto, mal podia ver através dele e eu não tinha certeza se era capaz de acreditar no que eu vi do outro lado. A forma baixa, longa. Um carro.

Eu me levantei devagar, a carta vibrou no tapete puído da escada. Um passo para baixo, um segundo, um terceiro e um quarto. A maçaneta de metal fria em meu punho. Hesitação, uma profusão de emoções conflitantes me dando uma pausa.

Atrás de mim uma porta se abriu. — Key? Você se perdeu aí fora? Eu vi o seu carro parar, mas você não entrou. — a voz de Layla não poderia romper meu transe, mas a ouvi. Ouvi seus passos na escada, ouvi o farfalhar de papel quando ela pegou a carta. Momentos se passaram, tempo suficiente para ela a ler. — *Pu-ta Merda*. “Envolvido na beleza de sua alma”. Quem diz uma coisa dessas?

Eu a ouvi descer as escadas, a senti ao meu lado. Minha mão tremia quando eu agarrei a maçaneta, mas eu não conseguia abrir a

porta. — Roth. — eu sussurrei. — Esse é o tipo de coisa que Valentine me diz.

— Porra. Isso é a coisa mais romântica que eu já ouvi. — ela olhou para fora da janela. — É aquele...? É isso! Aquele cara! Harry! Ele está lá fora. — Layla olhou para mim com horror. — Garota, eu te amo. Você é minha irmã, a única família que eu dou a mínima. Mas se você não colocar a sua bela bunda branca por aquela porta, eu juro por Jesus, Maria e todos os santos que nunca vou perdoá-la.

— Você acha que eu deveria ir com ele?

Layla colocou a mão na minha testa como se verificando uma febre. — Kyrie. Querida. Ele está *envolvido na beleza da sua alma*. Claro que você deve ir com ele. Você seria uma tola se não fizesse isso.

Ela abriu a porta e me empurrou por ela. Fui forçada a marchar pela minha melhor amiga para a limusine Bentley branca. Ela acenou para Harris. — Ei, Harry. Ela está apenas nervosa.

Harris franziu a testa. — Senhorita St. Claire. Senhorita Campari.

Layla me manteve marchando diretamente para a porta do passageiro. Harris mal chegou lá a tempo de abrir a porta para nós. — Senhorita Campari, eu não acho que você deveria...

— Está tudo bem, Harry. Eu só quero despedir da minha garota.

— Meu nome é Harris.

Layla o olhou de cima a baixo. — Claro que é. — ela pegou meu rosto entre as mãos, esmagando minhas bochechas. — Isto é o que você quer. Se dê permissão para tê-lo.

Eu olhei nos olhos de Layla por um longo momento, então, me soltando, eu a puxei para um abraço. — O que eu faria sem você, Layla?

— Eu realmente não sei, mas é uma coisa boa que você não tem que descobrir, não é? — Layla me apertou mais uma vez, em seguida, me empurrou. — Agora vá. Antes que eu bata na sua cabeça e tome o seu lugar, sua puta sortuda.

Lambi meus lábios, hesitando ainda, sabendo que se eu entrasse no carro, tudo iria mudar novamente. Sim... Já tinha mudado. Apenas me levou muito tempo para perceber. Mas, realmente, não havia outra escolha.

Agarrei a mão de Layla. — Obrigada.

Desta vez, ela não fez um comentário sarcástico. Ela apenas sorriu para mim e assentiu.

Eu encontrei os olhos de Harris brevemente, vendo alívio neles. — Senhorita St. Claire. Fico feliz em vê-la. — ele acenou para mim.

Eu não sabia o que dizer sobre isso, então eu apenas sorri para ele tão firmemente quanto pude. Eu não sabia o que estava

acontecendo. Roth estava realmente neste carro? Ou eu estava prestes a embarcar em outra viagem misteriosa quem sabe para onde? Era perto do final de setembro e eu me lembrei dele dizendo que viajaria de setembro a novembro.

No final, tudo o que eu podia fazer era abaixar minha cabeça e deslizar no couro creme macio. Eu sinceramente não esperava ver Roth. No entanto, lá estava ele, no outro extremo do carro, de tirar o fôlego em calças cáqui e pulôver Henley verde-floresta, as mangas puxadas para cima ao redor dos seus cotovelos, o tecido esticado sobre seu peito e moldado em seus largos braços.

— Valentine... — eu respirei. Meu peito estava apertado, meus pulmões se recusavam a funcionar corretamente, meu coração batendo forte como um tambor tribal.

Vi Layla com o canto do meu olho, espreitando para conseguir um vislumbre de Valentine. — Puta merda. Você estava certa, Key. — ela me bicou na bochecha e depois piscou para Valentine. — Não se preocupe, lindo. Eu posso guardar um segredo. — e então ela se foi, mas não antes de deixar a minha carta de Roth no meu colo.

Roth não se moveu por alguns segundos. A porta se fechou e então ouvi a porta do lado do motorista se fechar. O motor era um suave ressoar distante, a sensação de movimento era vaga. Seus olhos eram janelas para o céu, azuis e pálidas, mas eles estavam contidos.

Nenhum de nós falou por quase cinco minutos.

Finalmente, eu não podia aguentar por mais tempo. Eu levantei a carta. — O que você escreveu aqui... Você realmente quis dizer isso?

Sua testa franziu. — Claro.

— Você disse... Você disse que me ama. — eu não ousei olhar para longe dele, não me atrevi a mover ou respirar.

— Eu amo. Profundamente. — ele disse tão casualmente, como se isso não fosse a coisa mais inexplicável e impossível do mundo. Como se ouvi-lo dizer isso não balançasse meu interior.

Seus olhos eram quentes e intensos sobre os meus, passando rapidamente de um lado para o outro, procurando, esperando. No entanto, sua linguagem corporal era rígida e fechada, braços cruzados sobre o peito, uma perna enganchada sobre a outra.

— Eu não... Eu não sei o que dizer, o que fazer. — eu tentei respirar fundo, exalando trêmula. — Eu estive... Tão confusa, Roth. Nada faz sentido. Eu não posso superar o que... O que aconteceu. O que você me disse. No entanto, eu não posso superar você também. — eu parei, esperando que ele dissesse alguma coisa.

— Vá em frente. — foi tudo o que disse.

Limpei minha garganta, dobrando a carta e deslizando o dedo ao longo das dobras. — Há algo que eu provavelmente deveria dizer. Algo que... Que era verdade antes de você me dizer sobre o meu pai. — eu mantive o meu olhar fixo no dele, me recusando a sequer piscar. — Eu te amo.

Ele soltou um longo suspiro. — Você me ama.

Eu assenti. — Sim. Mas eu-eu não sei como conciliar isso com todo o resto. Eu perdi o meu pai, porque... Por sua causa. Eu sei que foi um acidente, e eu acredito em tudo o que você me disse. Mas eu ainda estou... Confusa sobre isso. Um pouco irritada, eu acho. Quer dizer, eu me esforcei. Eu sofri, Roth. Sozinha, com medo, mal conseguindo. Tentando ser uma adulta quando eu deveria ter sido uma menina sem noção da faculdade, ficado bêbada com a minha irmandade e ficado com garotos de fraternidade. Mas nada disso muda o que sinto por você. — eu coloquei a carta de lado. — Eu estive refletindo sobre isso mais e mais. E a única conclusão que posso chegar é que... Eu pertenço a você. Eu só não sei para onde vamos a partir daqui. Eu... Eu não sei como resolver isso. Eu te amo, Valentine. Eu amo. Eu quero estar com você, mas eu só não sei se - se eu posso.

Roth não respondeu por um longo momento. Finalmente, ele deslizou pelo assento até que estivesse ao meu lado. — Eu não vou deixar você ir de novo, Kyrie. Eu *não vou*. Eu não posso mudar o passado. Eu faria se pudesse. Eu daria cada centavo da minha fortuna se isso significasse lhe poupar a dor que sofreu. Mas eu não posso fazer isso. Tudo o que posso fazer é uma promessa. — ele fez uma pausa para o efeito, seu olhar turvo de emoção. Ele pegou meu rosto em suas mãos. — Eu te amo. Essa não é a promessa, isso é apenas uma declaração. A promessa é esta: Eu farei tudo ao meu alcance para fazer isso dar certo entre nós. Para fazer funcionar. Eu não posso mudar o passado, mas posso moldar o futuro. Eu posso moldar *o nosso* futuro. De qualquer forma, custe o que custar, onde quer que nos leve, eu vou te amar e vou estar lá para você. — seus lábios encontraram os meus, me beijou suavemente, profundamente.

Quando nos separamos, eu olhei nos olhos de Roth e não vi nada além de sinceridade. Verdade. Honestidade. Vulnerabilidade. Eu estive com os olhos vendados à primeira vez que encontrei Valentine. Eu não tinha ideia no que eu estava me metendo. Desta vez foi diferente. Desta vez, eu tinha os olhos bem abertos.

Fim

Capítulo Extra

Valentine

Enquanto Harris puxava o Bentley para o fluxo de tráfego, eu assistia Kyrie quando ela se sentou com os joelhos pressionados e seus saltos atravessados nos tornozelos, a saia preta na altura do joelho esticada em suas coxas. Suas mãos estavam dobradas no colo, um dedo arranhando nervosamente sua saia. Seu peito inchou quando ela respirou fundo, o linho fino da blusa de botão se esticou para revelar as linhas de seu sutiã e as ondulações duras de seus mamilos.

Eu permiti que meus olhos vagueassem sobre seu corpo. Meu olhar viajou por suas pernas, fazendo uma pausa em seus seios magníficos. Suas bochechas estavam coradas, os dentes mordendo o lábio inferior, respirando uniformemente em inspirações profundas, estáveis. Nossos olhares se encontraram, seus olhos azul-celeste como o Egeu^{23}. Ela estava esperando por mim.

Eu alcancei e ajustei o som, trazendo a música de fundo alta o suficiente para evitar que Harris ouvisse o que estava prestes a acontecer.

— Tire sua calcinha. — eu a instruí.

Os cantos de sua boca se curvaram em um breve e ansioso sorriso.

Minha linda, menina com tesão não hesitou. Assim que o comando tinha deixado minha boca, ela estava levantando seus quadris, chegando sob a barra da saia e tirando a tanga preta. Ela tirou a calcinha passando pelos sapatos de salto altos e a balançou na minha frente em seu dedo indicador. Peguei a pequena peça de roupa e a enfiei no bolso do quadril. Ela retomou seu assento e olhou para mim para outras instruções.

— Eu quero ver você. Puxe sua saia para cima. — eu descruzei meus braços, querendo alcançá-la, tocá-la, levá-la.

Seus olhos escureceram e se estreitaram quando ela obedeceu, levantando a bainha de sua saia para que ela estivesse completamente nua da cintura para baixo. Ela se encostou no assento e lentamente, provocando espalhou os joelhos afastados, mostrando-me sua boceta. Ela a manteve bem aparada, mas não raspada. Do jeito que eu gostava. Eu enrolei minhas mãos em punhos para evitar tocá-la. Três meses que eu tinha ficado sem ela, três meses de puro inferno, três meses de doloridas bolas azuis. E agora que eu a tinha, eu ia prolongar e saborear cada momento.

— É isso que você queria ver? — Kyrie me perguntou, traçando seu dedo até a sua fenda.

— Sim. — eu disse. — Toque-se. Deixe-me ver você.

Ela engoliu em seco, e em seguida, levou seu dedo do meio para o clitóris. Kyrie suspirou baixinho quando se tocou, a boca se abrindo, os olhos ficando com as pálpebras pesadas, quadris deslizando para baixo do assento.

— Você tocou a si mesma desde que foi embora, Kyrie?

Ela balançou a cabeça. — Não... Eu queria, mas eu... Eu simplesmente não conseguia. Eu não podia.

— Bom. — eu disse. — A sua boceta é minha. Nunca mais toque em si mesma a não ser que eu diga para você. Você pertence a mim. Seu corpo, seu prazer, é todo meu. Seus orgasmos me pertencem. Você entendeu?

Kyrie assentiu, seus olhos se fechando com força quando ela pressionou dois dedos em seu clitóris, circulando, massageando, fazendo-se molhada. Eu tive que voltar a cruzar os braços para permanecer imóvel, enlouquecido com os sons escorregadios e molhados que seus dedos faziam com cada golpe contra sua boceta. Eu assisti com atenção, deixando-a levar para o limite. Quando eu pensei que ela estava a poucos segundos de gozar, avancei e agarrei seus pulsos.

— Merda... Roth, eu estava...

— Eu nunca disse que você poderia se fazer gozar, Kyrie. Eu só disse para se tocar. — eu deslizei para frente do banco para deitar de costas no chão entre os assentos. — Monte meu rosto, Kyrie. Deixe-me provar você.

Lentamente, hesitante, Kyrie se afastou do assento e montou minha cintura. Agarrei seus quadris nus e a puxei para frente. Ela se arrastou em seus joelhos passando meu peito e eu conectei meus braços sobre suas panturrilhas, segurando sua bunda e embalando seu corpo, trazendo sua boceta macia e úmida sobre a minha boca. Eu deslizei meus dedos contra seus lábios e os separei, enterrei minha boca em sua abertura, a minha língua espetando em sua umidade, saboreando sua essência. Eu lambia seus sucos pingando,

deslizando minha língua o máximo possível, e então eu varri sua fenda para apertar contra seu clitóris.

— Ah... Oh, Deus... — ela ofegou, balançando os quadris para frente.

— Sim, Kyrie, me monte. Monte meu rosto. Monte minha língua.

Ela apoiou as mãos nos assentos, os joelhos apoiados no chão de cada lado da minha cabeça, seus quadris moendo enquanto eu lambia e lambia e lambia, provando a acidez almiscarada ainda fumegante na minha língua. Eu senti o meu caminho até seu torso, desabotoando sua camisa, e quando as bordas da camisa se agitaram abertas, puxei as taças do sutiã para baixo, seus seios roliços, pesados pendurados livres para descansar nas minhas palmas. Eu a acariciava, manuseando seus mamilos, apertando, torcendo e dedilhando até que ela arqueou sua coluna. Todo o tempo, eu defini seus quadris para se contorcem em um círculo com a minha boca, a levando para o limite em poucos minutos. Quando senti seu corpo tenso e sua respiração ficar irregular, sua boceta moendo contra a minha boca, eu segurei seu clitóris entre meus lábios e suguei com força, beliscando seus mamilos até que ela gritou, arqueando, sua cabeça pendendo entre os ombros, todo o seu perfeito corpo destruído quando ela se desfez. Eu provei seu gozo uma vez que jorrou, lambendo cada gota, a lambendo até que ela não conseguiu suportar seu peso por mais tempo.

— Deixe-me levantar. — eu disse. Ela deslizou para o banco, tirando o cabelo de seu rosto, ofegante. Estendi a mão para ela. — Minha vez agora.

Ela se mudou para o chão, de joelhos entre as minhas pernas. Suas mãos acariciaram meu peito, vibraram até a minha cintura e retornaram, com os olhos nos meus, luxúria brilhando em suas feições. Trabalhando para abrir o botão da minha calça com uma mão, ela traçou a base do meu pau com a outra, me fazendo ficar ainda mais duro, se tal coisa fosse possível. Então ela deslizou o zíper para baixo, apalpando meu comprimento sobre o algodão da minha cueca boxer. Revirei meus quadris, moendo em seu toque, querendo suas mãos ao meu redor. Finalmente, como se estivesse lendo a minha necessidade, ela enganchou os dedos no cóc da minha boxer, puxou o elástico longe do meu corpo e puxou tanto calças como boxer para baixo em torno de meus tornozelos.

Meu pau se projetava latejante e dolorido. Com um sorriso de fome, Kyrie envolveu suas mãos pequenas e macias ao meu redor. Eu suspirei de alívio, sentindo finalmente a perfeição celestial de seu toque, gemendo enquanto ela deslizava as palmas das mãos para baixo do meu comprimento, torcendo uma mão ao redor da cabeça do meu pau, e mergulhou a outra mão para baixo até a minha raiz. Eu empurrei em seu toque, meus olhos se fechando.

— Peça-me. — ela sussurrou, lambendo a gota de pré-sêmen perolada na ponta.

— Coloque sua boca em mim. — eu disse. — Chupe-me, Kyrie. Você vai?

— Sim, Valentine. — ela inclinou a cabeça para um lado e baixou a boca em mim, envolvendo os lábios para os lados em torno de mim, seus olhos nos meus, deslizando para baixo até que seu rosto descansou contra minha coxa, então se afastando e endireitando a cabeça para levar o meu pau em sua boca.

Ela cantarolava enquanto meu pau enchia sua boca, o queixo esticando para me levar, seu gemido enviando vibrações em mim. Eu arqueei minhas costas, movendo os quadris, incapaz de parar. Ela pegou meu impulso de bom grado, balançando a cabeça para baixo em meu movimento para cima e eu senti o aperto de sua garganta ao redor da cabeça do meu pau, a senti engolir o fluido escapando da minha ponta, a senti chupar até que eu gemi.

— Jesus, Kyrie. Sua boca é tão boa. Tão boa. — eu a deixei trabalhar em mim com a boca até que senti a ascensão do orgasmo dentro de mim, e então, a puxei para cima. — Tão boa, baby, mas não vou gozar em sua boca. Não desta vez.

Ela subiu até o meu corpo, as mãos descansando sobre os meus ombros enquanto ela se movia montado em mim. — Não?

Eu deslizei minhas mãos até suas costelas, segurei seus seios enquanto eles balançavam lindamente com o seu movimento. — Não. Agora você vai montar em mim. Você vai levar o meu pau profundamente nessa sua boceta doce e apertada, e você vai me montar até que ambos gozemos.

Ela se levantou, com o rosto inclinado para baixo do meu, seus quadris pressionados contra o meu peito, meu pau deitado contra o meu corpo. Kyrie alcançou entre nós, agarrou meu pau em seu punho e me guiou para sua entrada. Eu gemi quando a cabeça afastou os lábios inferiores, então envolvi minha boca em torno de um de seus mamilos e joguei minha língua contra o nó ereto, extraindo um suspiro dela.

Os dedos de Kyrie cravaram nos músculos do meu ombro enquanto ela se segurava no alto, apenas minha ponta dentro dela. — Porra, Roth. Eu quase me esqueci quão malditamente enorme você é.

— Leve-me, Kyrie. Deixe-me sentir você esticar em volta do meu pau.

— Oh, Deus. Oh, Deus. — seus seios se expandiram quando ela puxou uma respiração profunda, arqueou sua coluna, e então, com um grito choramado, ela empalou totalmente em mim, tomando todo o meu comprimento dentro dela em um impulso rápido. — Oh, *porra*, Valentine... Não se mova, não - não se mova ainda. Foda-se... *Você é tão grande.*

Eu amava sua boca suja. Eu amava o jeito que ela simplesmente não podia evitar, não conseguia deixar de xingar quando eu a enchia. Ela estava quase dolorosamente apertada, seu calor úmido se estendeu ao meu redor e apertou o cerco tão forte que eu não podia me mover. Nós dois gememos juntos quando ela finalmente começou um rolar suave de seus quadris.

— Deus, Kyrie. Você é tão apertada... Tão malditamente apertada.

Sem aviso, ela se levantou, assim, eu estava quase fora dela. — Eu não me toquei em três meses. — Kyrie admitiu, revirando os quadris para a ponta do meu pau vibrar dentro e fora entre os lábios de sua boceta.

Eu assobiei pelo o quão bom isso me fazia sentir. — Eu não me toquei, também. — eu disse.

— Você não se tocou? — seus olhos refletiam sua surpresa.

Eu balancei minha cabeça. — Eu tentei. — eu disse a ela acariciando seus seios com ambas as mãos. — Poucos dias depois que

você saiu. Mas eu simplesmente não podia terminar. Eu não queria. As únicas mãos que eu quero no meu pau são as suas. Eu nem quero gozar, a menos que eu esteja dentro de você.

Os olhos de Kyrie derreteram, peito inchando quando ela puxou uma respiração emotiva, descansando sua testa na minha. — Puta merda, Valentine. Isso é realmente muito romântico.

— É apenas a verdade. — eu disse.

— Bem, é uma verdade que passa a ser a coisa mais doce e mais sexy que eu já ouvi. — ela arqueou para trás, e eu abaixei minha cabeça para seus seios. — Sim, Valentine... Por favor. Chupe meus seios.

Eu raspei seu mamilo com os dentes, rosnando com o riso. — Oh, Deus, baby. Você não sabe o quanto eu senti falta disso.

Senti seu corpo responder ao meu, seus sucos fluindo, escorrendo para revestir meu dolorido e latejante pau. — Eu acho que sei. — disse ela, e então se sentou, se empalando mais alguns centímetros em mim. — Eu senti tanta falta. Eu sonhei com isso. Seus lábios nos meus seios, seu bonito grande pau dentro de mim.

— Você sonhou com isso? — eu perguntei, movendo a minha boca de um seio para o outro.

— O tempo todo. — ela murmurou. — Noite após noite eu acordei toda molhada, sonhando com você.

— Caramba, você está apertada, Kyrie. — chupei seu seio em minha boca, sacudindo o mamilo com a língua. — Eu sonhei com você, também. Acordei tão duro que doía. Acordei precisando de você, mas eu não podia tê-la.

— Você me tem agora. — ela disse e afundou completamente para baixo. — Eu sou sua. Você me possui.

Recuei para descansar minha cabeça no banco de trás, agarrando-a pela cintura. — Jesus, Kyrie. Mal posso segurar.

Ela cravou os dedos ainda mais forte em meus ombros e empurrou, levantando. — Então, não segure. — eu tentei puxá-la para baixo, mas ela resistiu. — Não segure. Apenas goze.

Eu balancei minha cabeça. — Não. — eu alcancei entre nossos corpos, tocando dois dedos em seu clitóris. — Mantenha-se assim, enquanto você puder.

Kyrie baixou a cabeça para descansá-la contra a minha. — Depressa. Eu não consigo ficar assim por muito tempo.

Com a mão livre, belisquei o outro mamilo. — Então é melhor você se apressar e gozar. — eu disse a ela. — Porque você não começa a me sentir dentro de você até que você goze, pelo menos uma vez.

Ela gemeu quando os meus dedos circularam e ofegou quando eu belisquei seu mamilo, choramingando quando minha boca fechou na outra mama. Tudo de uma vez, então, eu chupava, torcia, e circulava. Eu senti suas coxas tremendo e ameaçando falhar. Ela se abaixou um pouco e eu parei tudo.

— Eu não consigo... Não consigo ficar assim. — ela se levantou de novo, mas eu sabia que ela não seria capaz de se manter no alto por muito mais tempo. — Por favor. — ela implorou.

Eu mordi seu mamilo com força suficiente para que sua respiração ficasse presa. — Uma vez. — eu rosnei.

Ela se sentou, suspirando de alívio, e em seguida, gemendo quando nossos quadris bateram juntos. — Deus, oh, Deus... Oh, Deus, apenas tendo você dentro de mim assim... Eu poderia gozar apenas pela sensação de você dentro de mim.

Envolvi minhas mãos em torno de seus quadris, agarrando firme quando o meu próprio clímax agitava e ameaçava. — Kyrie. — eu gemi, a levantando e colocando sua bunda em minhas mãos para segurá-la no alto. — Eu tenho tentado saborear isso, fazer isso durar. Mas eu não posso esperar mais.

Dizendo uma maldição, eu empurrei seus quadris para baixo e os meus para cima, enfiando meu pau profundamente dentro dela. Ela gritou de surpresa, e em seguida, se agarrou ao meu pescoço, seu rosto enterrado ao lado da minha garganta, farejando minha pulsação. Ela revirou seus quadris enquanto nossos corpos se encontraram novamente, e então nós estávamos nos movendo, Kyrie levantando, hesitando, e depois mergulhando para baixo, gemendo quando cada centímetro do meu pau deslizava dentro dela, seu gemido sumindo em um suspiro quando eu estava completamente dentro dela, respirando a medida que nos afastamos.

— Estou perto, Kyrie. Eu não posso segurar por mais tempo.

— Bom. — ela sussurrou, afastando sua cabeça para olhar para mim, os olhos semicerrados no prazer concentrado, sobrancelhas

franzidas. — Dê-me isso. Deixe-me sentir você gozar. Eu quero isso agora.

—Agora? — eu perguntei. — Você quer isso?

— Sim, Valentine. — ela gemeu. — Eu quero. Eu preciso disso. Eu preciso sentir você gozar.

Meu pau latejava, pulsava, queimava conforme eu continuei a forçar todos os músculos na tentativa de segurar por mais um segundo. E então, no momento em que eu sabia que não poderia segurar por mais tempo, eu esmaguei a minha boca na dela em nosso primeiro beijo em três meses. Ela gemeu na reunião de nossas bocas, um gemido choroso.

— Diga-me que você me ama, Kyrie. — eu rosnei com os dentes cerrados. — Eu preciso ouvir isso.

Ela se levantou, puxando-me para fora dela, seus quadris se agitaram rolando meu pau através de seus espessos lábios molhados.

Seus olhos azul-celeste encontraram os meus, molhados de lágrimas. — Eu te amo, Valentine. — ela sussurrou e se afundou.

Então, eu gozei, e as palavras foram arrancadas de mim enquanto eu explodia. — Kyrie... Oh, Deus, Kyrie. Eu te amo. Eu te amo tanto. — as palmas das mãos dela agarraram meu rosto, mantendo os nossos olhares trancados, quando gozamos juntos, detonando no mesmo momento. — Eu te amo pra caralho.

Senti suas paredes me espremer, ordenhar cada gota saída de mim.

Sua boca se movia contra a minha, ambos ofegantes conforme onda após onda de clímax lavava através de nós, desvanecendo para nos deixar flácidos e esgotados.

— Eu te amo, Valentine. — ela sussurrou mais uma vez.

Alguns momentos mais tarde, depois que eu a tinha limpado e ajustamos nossas roupas, ela se acomodou no assento ao meu lado.
— E agora?

Dei de ombros, olhando pela janela para ver o aeródromo privado ficando à vista. — Agora? Agora eu vou te levar em algum lugar distante, em algum lugar onde eu possa mantê-la amarrada à minha cama e fazê-la gritar.

Playlist

“You Could Be Happy” by Snow Patrol

“More Than Life” by Whitley

“You Really Got a Hold On Me” by She & Him

“I Love the Way You Lie Pt III (original demo)” by Skylar Grey

“After the Storm” by Mumford & Sons

“Bruised (Acoustic Version)” by Jack’s Mannequin

“You’re the Reason I Come Home” by Ron Pope

“I Was Broken” by Marcus Foster

“Over the Rainbow/What a Wonderful World” by Israel 'IZ' Kamakawiwo'ole

“A Fuoco” by Ludovico Einaudi

“Paris” by Rodrigo y Gabriela

“Diablo Rojo” by Rodrigo y Gabriela

“Pavanorama” by Deviations Project

“David’s Jig” by Natalie McMaster

“Elysium” by Lisa Gerrard

“Romance” by Apocalyptica

“Carmina Burana, Scenic Cantata for Soloists, Choruses & Orchestra” composed by Carl Orff, performed by the Boston Pops Orchestra, and conducted by John Williams

“Mission” by Beats Antique

“Racing Against the Sunset” by Philip Wesley

“Soon or Never” by Punch Brothers

“Tip of the Tongue” by The Donnis Trio

“You’re True” by Eddie Vedder

“Dream a Little Dream” by Eddie Vedder

“I Had Me a Girl” by The Civil Wars

“Safe and Sound” by Taylor Swift

“Out Loud” by Dispatch

“Ten Cent Pistol” by The Black Keys

“The Girl” by City and Colour

“Ballad of Fuck All” by Malcolm Middleton

“We’re Going to Be Friends” by The White Stripes

“I Will Follow You Into the Dark” by Death Cab for Cutie

“Skinny Love” by Birdy

“Collide (Acoustic Version)” by Howie Day

“You and I” by Ingrid Michaelson

“Count on You” by Bruno Mars

Parceria:



- {1} Original “Prick” que tanto pode significar pênis como um homem estúpido, desagradável, etc.
- {2} Referência americana a Jack, O Estripador.
- {3} Luta entre mulheres.
- {4} Fabricante de jatos para o mercado corporativo, privado, governamental e militar.
- {5} Parede pintada de cor diferente das outras.
- {6} Johannes Vermeer, pintor holandês – a obra citada; Moça com brinco de pérola, de 1665.
- {7} Uma sala onde artes marciais são praticadas.
- {8} The Metropolitan Opera
- {9} Elite do Exército do EUA.
- {10} Estilo lírico de cantar ópera comum tom rico, amplo e fraseado suave.
- {11} Grife de roupas e acessórios.
- {12} Um pão em forma de anel.
- {13} Sementes de gergelim.
- {14} Marca francesa de água mineral.
- {15} Tipo de massa com o formato de tubos curtos, em que se incluem os penne, ravioli e outros.
- {16} São tiras de massa finas, achatadas e com um comprimento semelhante ao espaguete.
- {17} Arquipélago formado por 40 ilhas no Caribe.
- {18} Ator e diretor sueco. É mais conhecido pelo seu papel em True Blood, como Eric Northman.

{19} A Maybach é uma fabricante de automóveis de alto luxo pertencente ao grupo industrial Daimler AG

{20} Vestido longo e ‘soltinho’.

{21} Aeroporto de Nova York

{22} Rede de pizzarias americana.

{23} Fazendo referência ao mar Egeu, no Mediterrâneo, que possui água extremamente azul.